

Alexandre Vieira  
(Organizador)

# Como obter educação através do ensino?

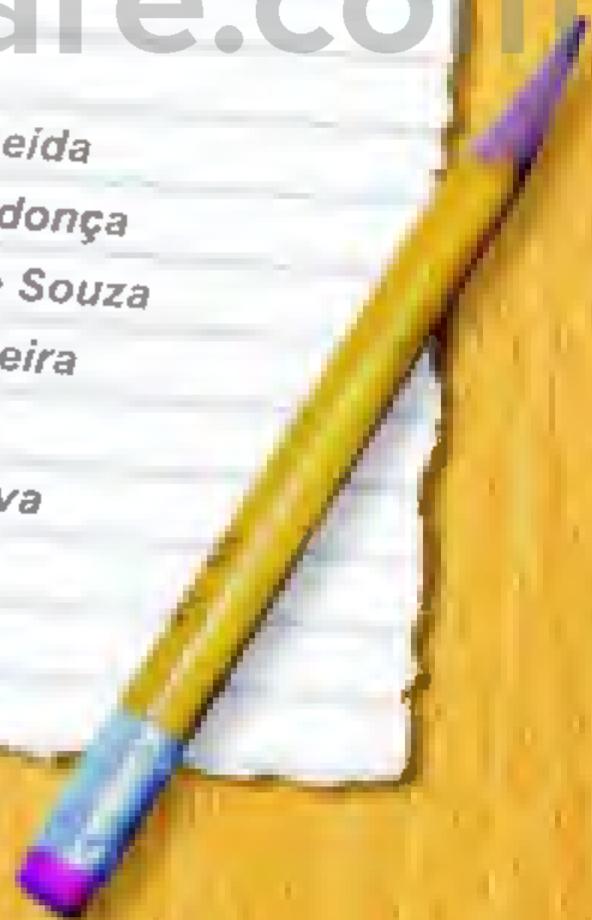
Uma análise sobre  
as diversas vertentes educacionais

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

Adriana da Silva Soriano • Angela Adriana Almeida  
Bianca Guidini Santaguita • Daniela Ruiz de Mendonça  
Francisco Djacyr de Souza • Maria Rute Pereira de Souza  
Neurisângela Maurício • Raquel de Arruda Siqueira  
Rivaldo Neri de Araújo • Rodolfo Nakamura  
Rodrigo Avelar • Sônia das Graças Oliveira Silva  
Vicente Cândido • Walérya Caminha



**FAROL  
DO FORTE**



# ***Como obter educação através do ensino?***

Uma análise sobre as diversas vertentes  
educacionais

Volume I

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

## **Farol do Forte Editora**

www.faroldoforte.com.br - F: (11) 3013.2083

*Este livro pode ser distribuído via Internet, sob licença Creative Commons.*



**<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>**

Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas.

Referência ao autor conforme ficha catalográfica.

O compartilhamento desta obra na Internet, por quaisquer meios ou recursos, deve manter o volume na íntegra, sem alterações ou edições de qualquer forma.

*O arquivo original está disponível, na íntegra, para download gratuito no site da nossa livraria eletrônica **Farol Digital** ([www.faroldigital.com.br/loja](http://www.faroldigital.com.br/loja)).*

### **Praticidade e versatilidade**

Este livro pode ser adquirido na loja virtual da editora:

**Farol Digital** – [www.faroldigital.com.br/loja](http://www.faroldigital.com.br/loja)

---

*Ao comprar o livro em formato impresso, você estará colaborando com a editora e remunerando os esforços do autor, de acordo com a Lei de Direitos Autorais vigentes no país. Incentive a produção cultural e receba a praticidade e versatilidade que só um livro impresso proporciona.*

*Caso você esteja com um livro presencial, físico, certifique-se de que este é um volume original, observando:*

- *Selo holográfico de segurança, com a inscrição "Original Farol do Forte Editora"*
- *Impressão metulizada com o logotipo da editora na contra-capa do livro (hot-stamping)*

**Alexandre Arante Ubilla Vieira (Organizador)**

# ***Como obter educação através do ensino?***

Uma análise sobre as diversas vertentes  
educacionais

Volume I

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

São Paulo - 1ª Edição - 2010



**FAROL  
DO FORTE**  
EDITORA

## Ficha Catalográfica

Catálogo padrão AACR - Anglo-American Cataloguing Rules

Como obter educação através do ensino? : uma análise sobre as diversas vertentes educacionais / Alexandre Arante Ubilla Vieira (organizador). -- São Paulo: Farol do Forte, 2010.

348 p. : 21 cm.

- 1. Ensino. 2. Educação I. Título.

CCD 370

Ficha catalográfica elaborada por Isabel Cristina Hipólito.

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

Imagens da capa: Billy Alexander (StockXchange)

# foxit

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

## **Dedicatória**

Dedico esta obra aos meus pais e a minha família, sendo em especial a minha esposa

Marcela que me incentiva a cada projeto realizado e a se realizar; e ao meu filho Breno, que mesmo não entendendo o complexo educacional devido sua idade, mostra com muito carinho e simplicidade, como educação e respeito devem caminhar lado a lado.

## **Agradecimentos**

Não há dúvidas de que Deus está presente em minha vida e é a Ele que agradeço pelo que faz por mim e as pessoas que coloca em meu caminho.

Quero agradecer também a todos que direta e indiretamente fizeram parte desta obra tão importante relacionada à Educação, em especial à Farol do Forte Editora e ao Sr. Rodolfo Nakamura, que acreditou neste projeto como fonte de informação e conhecimento: profa. Márcia Greguol, que apresentou sugestões mais que necessárias para que conteúdos significativos fossem abordados nesta obra e Srta. Isabel Cristina Hipólito, uma pessoa com caráter e dedicação a tudo que realiza e pelo seu apoio a este projeto!

Jamais posso esquecer algumas pessoas que realmente se dedicaram e lutaram ao máximo para que tais conteúdos fossem os mais valiosos e fidedignos do contexto Educacional e Social, a qual a aceitação em escrever esta obra foi imediata!

São eles: Prof<sup>ª</sup>. Adriana Soriano, Prof<sup>ª</sup>. Angela Adriana, Prof<sup>ª</sup>. Bianca G. Santaguita, Dra. Daniela Ruiz, Prof. Francisco Djacyr, Prof<sup>ª</sup>. Maria Rute P. de Souza, Prof<sup>ª</sup>. Neurisângela Maurício, Prof<sup>ª</sup>. Raquel Arruda, Prof. Rivaldo Neri, Prof. Rodrigo Avclar, Prof<sup>ª</sup>. Sônia Oliveira, Prof. Vicente Cândido, Prof<sup>ª</sup>. Walérya Caminha. Dizer “obrigado” a todos vocês ainda é pouco, seja pela dedicação, pelo incentivo, pelo carinho, por acreditarem em mim, por isso não posso considerá-los como simples colaboradores, mas sim como amigos!

# foxit

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

*O temor do Senhor é o princípio  
do conhecimento; os loucos desprezam  
a sabedoria e a instrução.  
Filho meu, ouve a instrução de teu pai,  
e não deixes o ensinamento de tua mãe.  
Porque serão como diadema gracioso  
em tua cabeça, e colares ao teu pescoço.*

Provérbios 1:7-9

## Sobre os Autores

### **Prof. Alexandre Arante Ubilla Vieira** **Autor e Organizador**

- Autor do livro: “Atividade física: Tudo o que você queria saber sobre Qualidade de vida e Promoção da Saúde em Diversos Aspectos” – Ed. Farol do Forte, 2010.
- Mestrando em Reabilitação do Equilíbrio Corporal e Inclusão Social pela UNIBAN Brasil.
- Pós Graduado em Bases Fisiológicas e Metodológicas do Treinamento Desportivo pela UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
- Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela UNISA – Universidade de Santo Amaro/S.P. e Aluno Especial pela USP – Universidade de São Paulo

- Docente no curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela UNIBAN – Universidade Bandeirante do Brasil: Metodologia e Prática do Ensino I – II – III; Didática I – II – III; Filosofia, Sociologia e História; Ed. Física Adaptada: Atividade Física p/ Saúde.
- Possui experiência na área de Educação Física e no Ensino Superior na área de Educação e Educação Física, com ênfase em Filosofia, Sociologia e História; Educação física Adaptada e Atividade Física para Saúde.
- Possui trabalhos, orientações acadêmicas e publicações nacionais e internacionais direcionadas aos temas Educação e Educação Física.
- Palestrante pelo Brasil nos temas relacionados à Educação e Saúde.
- Autor em mais de 500 artigos e matérias em revistas, jornais e sites da Internet.
- Membro do “Núcleo Operacional Acadêmico” da UNIBAN.

## **Colaboradores**

**Profa. Adriana da Silva Soriano** - Graduada em Educação Física pela Universidade de Mogi das Cruzes/SP; Pós graduada em Educação Física Escolar e em Educação do Deficiente da Áudio Comunicação pela UNIFMU; Intérprete em LIBRAS pela FENEIS/ São Paulo; Docente da Universidade Bandeirante e no Instituto das Filhas de São José de Vila Matilde; Ministra cursos na área de LIBRAS, Recreação e Inclusão. Realizou trabalhos no Instituto Mater Dei – Deficientes Intelectuais e Doentes Mentais, Instituto Severino Fabriani – Para Crianças Surdas, EECS Escola Especial de Crianças Surdas – Fundação de Rotarianos de São Paulo.

**Profa. Angela Adriana Almeida** – Professora Especialista em Psicopedagogia Institucional – pela Universidade Castelo Branco - UCB; Especialista em Docência Universitária - pela Universidade de Uberaba – UNIUBE; Especialista em Inspeção Escolar pela Faculdade do Noroeste de Minas - FINON.; Graduada em nível pós-médio no curso de Magistério das séries iniciais; Graduada em Pedagogia com Supervisão Escolar – pelo Centro de Ensino Superior de Uberaba – CESUBE; Trabalha como professora em escola da Rede Estadual de ensino. e como Coordenadora pedagógica de uma creche comunitária em Uberaba/MG; Ministra palestras e minicursos sobre os temas, Educar para a paz. Bullying - em diversos contextos sociais e Respeitando e Convivendo Com as Diferenças.; Escreve e orienta artigos e trabalhos científicos e publica textos na internet.

**Profa. Bianca Guidini Santaguita** - Graduada em Educação Física pela UNIP; Pós graduada em Administração e Marketing Esportivo e pós-graduanda em Atividade Física Adaptada e Saúde pela Universidade Gama Filho; Professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da UNIBAN, lecionando as disciplinas de Educação Física Adaptada e Atividade Física e Saúde e personal trainer com trabalho especializado para grupos especiais. Professora de Educação Física com classes inclusivas e especiais. Atuou como professora de natação da Associação de Desportos para Deficientes (ADD) durante 6 anos. Atuante do grupo de estudos da UNIFESP/ESEF com o projeto sobre propriocepção em atletas com Síndrome de Down.

**Dra. Daniela Ruiz de Mendonça** – Psicóloga, psicopedagoga, orientadora educacional e consultora pedagógica; Especialista em psicopedagogia pela Universidade São Marcos; Graduada em psicanálise pela AMHPE (Associação Médica Holística de Psicanálise); Graduada em psicologia pela Universidade São Marcos; Especialista em processos de aprendizagem; Realiza atividades investigatórias no Diagnóstico Psicológico da criança e do adolescente; Aplica Treinamento de professores no processo de autoria, relacionamento professor-aluno, dinâmicas para reuniões de pais e orientação sobre TDAH; Realiza diversas palestras no Brasil sobre os temas curriculares.

**Prof. Francisco Djacyr de Souza** – Professor Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará - Faculdade de Educação; Atua como professor das disciplinas de estrutura e funcionamento da educação básica do curso de educação física da faculdade integrada do Ceará e na disciplina de Responsabilidade Social e Ambiental de Processos Gerenciais; Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará; Professor da Rede Pública e Privada de Ensino; Atua na área de Educação Ambiental e Educação Patrimonial.

**Profa. Maria Rute Pereira de Souza** - Pedagoga, Advogada, Mestranda pela UNIBAN do Mestrado Profissional: "Adolescente em conflito com a lei". Docente do Instituto de Educação (Estrutura e Funcionamento da Educação Básica e Princípios e Métodos de Gestão Educacional). Supervisora de Ensino na rede pública estadual há trinta anos na qual organiza e promove cursos de aperfeiçoamento para gestores e professores. Dirigente Regional de Ensino na Diretoria de Ensino Região Osasco (Gestão de 2003/2005). Consultora na elaboração do projeto de lei que instituiu o Sistema de Educação Municipal de Osasco (2009). Conselheira membro do Conselho Municipal de Educação do Município de Osasco (desde 2003). Palestrante e consultora no campo da Educação e Gestão de Políticas Públicas voltadas para a infância e adolescência.

**Profa. Neurisângela Maurício** - Membro do Conselho Municipal de Acompanhamento e Controle Social do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB); Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Guanambi – Bahia; Coordenadora Pedagógica da Rede Pública de Ensino de Palmas de Monte Alto; Graduada em Teologia e acadêmica do curso de Licenciatura em Letras; Possui experiência na área de Educação nas instituições públicas, estaduais, municipais e particulares, com ênfase em docência, atuando principalmente na orientação de trabalhos de conclusão de curso e diversas pesquisas; Atua como docente de Língua Portuguesa e Química nos níveis Fundamental e Médio; Organizadora, Articuladora e coordenadora geral de eventos educacionais e culturais de pequeno e

grande porte (oficinas/conferências/Fóruns) no município de Palmas de Monte Alto/BA.

**Profa. Raquel de Arruda Siqueira** - Graduada em Pedagogia: Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e Pedagogia Empresarial, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) Canoas/RS; Realiza palestras e cursos sobre "Violência Escolar - Bullying" em escolas; Realiza projetos educativos direcionados ao tema Bullying; Possui artigos em diversos sites sobre os temas educacionais e violência escolar.

**Prof. Rivaldo Neri de Araújo** – Professor de Língua Portuguesa da Rede Pública de ensino no Distrito Federal; Graduado em Letras com especialização em Docência do Ensino Superior e Bacharelado em Teologia pela Faculdade El Shadai/Paraná; Supervisor, Instrutor e coordenador Educacional do SESI (2000).

**Prof. Rodolfo Nakamura** - Professor universitário na Universidade Bandeirante de São Paulo; Especialista em E-Business e em Ciências da Administração pela Faculdade Tancredo Neves; Realizou pesquisas e Coordenou os Laboratórios de computação Gráfica na Universidade do grande ABC e lecionou no Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul/SP (UNIMES); Conferencista em temas relacionados a Marketing e Comunicação; Bacharel em Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda pela Universidade Metodista de São Paulo; Autor dos livros: "E-Commerce na Internet - Fácil de Entender" (Editora Érica: 2001); Sete Missões - O caminho do desenvolvimento pessoal passando pela região dos 7 Povos das Missões (Editora Farol do Forte, 2009); Moodle - Como criar um curso usando plataforma de ensino à distância (Editora Farol do Forte, 2009); Consultor em Marketing Digital, Esportivo e Educacional; Diretor da Dozen/Farol do Forte; Diretor e Membro fundador do Congresso Permanente Second Life na Educação.

**Prof. Rodrigo Avelar** – Pedagogo e Educador; Graduado pela Universidade Candido Mendes (UCAM); Atua na modalidade de educação infantil pela Prefeitura Municipal de Teresópolis/RJ. Desenvolve trabalhos de pesquisas sobre as relações entre leitura, sociedade e escola e sua influência na formação do indivíduo; Recebeu o

Prêmio Paulo Freire na categoria estudante durante a Conferência Estadual de Educação realizada em Nova Friburgo (2007); Pós-graduando em Língua Inglesa pelas Faculdades Integradas de Jacarépagua (FIJ), onde desenvolve pesquisa que busca elucidar as implicações da leitura na perspectiva existencialista no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.

**Profa. Sônia das Graças Oliveira Silva** - Professora Pós-Graduada em Educação Infantil, Mídia e Deficiência e Arte, Cultura e Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Graduou-se em Magistério em Ribeirão Preto/São Paulo e Licenciada em Ciências Exatas pela Unifeg/Guaxupé - Minas Gerais. Possui diversos artigos publicados em revistas, jornais e sites da Internet.

**Prof. Vicente Cândido** - Pós-graduado em Coordenação Pedagógica pela Universidade Veiga de Almeida. Graduado em Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar. Professor de Didática e Estrutura e Funcionamento da Educação Básica para os cursos de Pedagogia e Licenciaturas na UNIBAN - Universidade Bandeirante de São Paulo. Vasta experiência na área de formação de professores e uso de tecnologias. Professor de Educação Tecnológica das séries iniciais (Educação Infantil), Ensino Fundamental I e II no Colégio Ofélia Fonseca, em São Paulo. Vivência docente com uso de tecnologias na educação desde 1994, passando por vários colégios como o São Luís e o Colégio Rio Branco, dentre outros. Desenvolveu cursos de Formação de Professores e uso de novas tecnologias na Prefeitura de Santo André e no SINPRO - Sindicato dos Professores de São Paulo. Mestrando pela UNIBAN do Mestrado Profissional: "Adolescente em conflito com a lei".

**Profa. Walérya Caminha** - Graduada em Letras e Pós Graduada em Gestão e Coordenação Escolar pela Faculdade do Vale do Jaguaribe. Colunista dos Diretórios de Artigos Eletrônicos: Webartigos e Artigonal com os seguintes artigos: Novas tecnologias da educação: o computador como ferramenta de transmissão do conhecimento/A aquisição da linguagem e O papel do gestor escolar: educar para a cidadania ou para a liberdade?; Possui trabalhos postados também nos sites de Educação da Fundação Verde Herbert Daniel; no Portal Ada Souza Soft; no Directory

M; no NetSaber Artigos e no Só Pedagogia: Aplicadora das provas do Governo do Estado do Ceará o (SPAECE) Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará, no Ensino Infantil e Médio; Expositora em Seminários de Iniciação Científica e em Simpósios de Pesquisa Científica na Faculdade do Vale do Jaguaribe -FVJ.

**foxit**

**[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)**

## Prefácio

**“Tecendo tramas; construindo pontes”.**

Este livro apresenta diversos textos tendo a educação como o fio condutor em todos os aspectos por ele tratados. Os autores, de forma magistral, apresentam múltiplas, porém, coesas ideias sobre a grande e responsável tarefa de educar, de inserir, de integrar crianças e jovens provenientes de diferentes situações geográficas, políticas, sociais, econômicas, perpassando pelas questões culturais, históricas e de gênero, com vistas a uma sociedade mais justa. Para tanto, discutem a relação família e escola, formação profissional, políticas públicas, e a enorme responsabilidade de se educar segundo padrões estéticos, éticos com a necessária sensibilidade que deve permear todas as relações humanas em qualquer instância e tempo.

Valendo-se de referências da atual legislação, planos de metas governamentais brasileiras, de obras de autores consagrados, de textos contemporâneos, inserindo citações de compositores da música brasileira, os pesquisadores levam o leitor a uma análise sobre o panorama atual de nosso país. Utilizando a história da colonização e da educação brasileira

revela-se o “estado da arte” que pode e deve ser alterado de modo atender as demandas dos tempos atuais.

Temas tais como medicalização da infância, hiperatividade, *bullying*, jogos interpessoais, a necessidade do brincar e a leitura do mundo; os questionamentos e as metodologias, a cultura como suporte civilizatório, o regionalismo e a globalização, as novas tecnologias, o exercício de diferentes papéis e as competências para o mundo do ser e do atuar socialmente, são itens cuja discussão pertinente nos leva, por certo, a revisão das nossas crenças e pensamentos.

Também o entendimento acerca de ensinar e de aprender pode favorecer a necessária mediação entre todas as pessoas seja no ambiente formal como nas estruturas com relações não sistematizadas.

Valendo-se de clareza conceitual e de linguagem adequada, o livro que o Prof. Alexandre Vieira tão bem soube organizar, em seu conjunto, pode ser utilizado tanto em cursos de graduação como para a educação continuada; tanto para uma análise filosófica como para utilização pontual e objetiva.

Assim sendo, recomendo a obra àqueles que se dedicam a educação e a construção de relações interpessoais de qualidade. Por se tratar de um texto amplo e sério, merece inserção nos meios acadêmicos e meritória divulgação.

*Ana Cristina Arantes.*

*Profa. Dra. História e Filosofia da Educação FEUSP.  
Avaliadora Nacional de Cursos MEC/INEP/SINAES.*

# **Apresentação**

Podemos destacar que a Educação é a principal fonte de cidadania de uma sociedade, porém como ela está sendo realizada? Quais são os fatores que dificultam a prática educacional numa sociedade?

Ao iniciar esta obra junto com outros colaboradores, pude verificar o quanto a educação e suas possibilidades são ricas em informação e conhecimento.

Através deste, o leitor poderá usufruir de temas do cotidiano com uma leitura simples, objetiva, agradável e de fácil entendimento, afinal são especialistas em cada área.

Sob este aspecto, o livro “Como obter Educação através do ensino” oferece aos profissionais da Educação, Educação Física, Pedagogia, Sociologia, Filosofia, dentre outras áreas a interagir de maneira clara e significativa o fator educacional.

Sabendo das inúmeras etapas da educação, procuro citar aqui temas de extrema importância à sociedade, como Educação na Infância, Adolescência e Idade Adulta, a Violência Social, o Processo Cultural, a Educação Escolar e Universitária, o professor como centro do fator ensino

aprendizagem, a Educação Brasileira, a Família e o processo de Educação, a psicologia como fonte primordial de entendimento de um sistema educacional, a leitura como bagagem fundamental para o ensino e a Educação Especial, tão necessária em toda a humanidade.

Através destes aspectos a Sociedade deve compreender a importância da Educação, para que se obtenha cidadãos justos, críticos, conscientes e coerentes de suas atitudes em sociedade.

**foxit**

**[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)**

# Índice

Capítulo 1 - EDUCAÇÃO E INFÂNCIA .....	25
1.1 - Educação e infância .....	26
1.1.1 - Infância .....	26
1.2 - Educação, escola e família .....	32
1.2.1 - O comportamento dos pais e sua influência .....	38
1.3 - A caminho da primeira escola.....	41
1.4 - Entrando na primeira série .....	45
1.5 - A escola na formação do cidadão .....	46
Capítulo 2 - EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA.....	53
2.1 - Importância do diálogo entre a educação e psicologia.....	55
2.2 - A psicologia e a relação professor-aluno .....	58
2.3 - A psicologia e a exigência escolar e familiar nos dias de hoje .....	60
2.4 - A psicologia e os rótulos.....	63
2.5 - O educador, o autoconhecimento e a construção do conhecimento .....	66
2.6 - O comportamento escolar da criança e do adolescente à luz da psicologia.....	69
2.7 - Um olhar para o Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade .....	72
2.7.1 - Uso do medicamento .....	73
2.7.2 - Atenção, o que é? .....	74
2.7.3 - O olhar da família.....	75
Capítulo 3 - EDUCAÇÃO COMO PROCESSO CULTURAL .....	82
3.1 - Envolvimento da sociedade na educação .....	84
3.2 - Educação e mídia na contemporaneidade .....	87
3.3 - Cultura no processo de ensino .....	91
3.4 - A cultura popular e a Educação .....	93
3.5 - Escola, cultura e cidadania – passos a um crescimento na formação. ....	95
3.6 - Educação para todos (uma cultura de exigência).....	97
3.7 - Reflexões sobre analfabetismo e incultura.....	99
Capítulo 4 - EDUCAÇÃO BRASILEIRA .....	105
4.1 - CONAE – Um sonho para a Educação Brasileira.....	107

4.2 -	Novos rumos para a Educação Brasileira .....	111
4.3 -	Democratização do Ensino Público .....	115
4.4 -	O conceito de aprendizagem.....	119
4.4.1 -	Mas o que é aprendizagem?.....	120
4.4.2 -	A aprendizagem significativa .....	121
4.4.3 -	Uma Pedagogia centrada no professor.....	122
4.5 -	O ensino transformador numa visão construtivista .....	124
4.6 -	O professor e o aluno universitário .....	127
4.7 -	Princípios básicos de aprendizagem. ....	129
4.8 -	O aluno é o sujeito da ação .....	131
4.8.1 -	Cinco regras que podem funcionar.....	133
4.9 -	Uma experiência criativa .....	136
4.9.1 -	Uma experiência produtiva.....	137
Capítulo 5 -	EDUCAÇÃO E PROFESSOR .....	149
5.1 -	Qual a função do professor? .....	150
5.2 -	A arte de ensinar .....	153
5.3 -	O que um professor deve saber para ser um ótimo profissional?.....	154
5.4 -	Problemas pessoais e financeiros .....	156
5.5 -	O que é ser professor?.....	157
5.6 -	Professor: Exemplo ou modelo? .....	158
5.7 -	Motivação na profissão.....	160
Capítulo 6 -	EDUCAÇÃO E MARKETING .....	165
6.1 -	Marketing.....	166
6.2 -	Necessidade .....	167
6.3 -	A Reflexão.....	167
6.3.1 -	O cliente da instituição .....	168
6.3.2 -	Elite do país.....	169
6.3.3 -	Avaliação dos alunos.....	170
6.3.4 -	Sistema de avaliação.....	171
6.3.5 -	Superar a expectativa.....	173
6.3.6 -	Linguagem.....	174
6.3.7 -	Postura.....	175
Capítulo 7 -	EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA.....	178
7.1 -	Desenvolvimento .....	179
7.1.1 -	Conceito.....	180
7.1.2 -	Histórico .....	181
7.1.3 -	Agressão, agressividade e violência: quando a agressividade passa a ser <i>Bullying</i> .....	184
7.1.4 -	Como o <i>Bullying</i> se desenvolve.....	190
7.1.5 -	Protagonistas do fenômeno.....	192
7.1.6 -	Identificação dos envolvidos .....	193
7.1.7 -	Consequências e efeitos.....	195

<b>Capítulo 8 - EDUCAÇÃO E FAMÍLIA</b> .....	202
8.1 - A escola e suas responsabilidades de família.....	203
8.2 - Carência afetiva pode gerar insegurança e agressividade.....	204
8.3 - Agressividade – prenúncio de Bullying.....	208
8.4 - Bullying – conhecer para prevenir.....	210
8.5 - Outros aliados à atual inversão de valores vivenciada por crianças, jovens, suas famílias e escola.....	213
<b>Capítulo 9 - EDUCAÇÃO E ADOLESCÊNCIA</b> .....	221
9.1 - Interesse pela Educação.....	223
9.2 - Níveis Sociais, Culturais e Financeiros.....	227
9.3 - Objetivos e Metas com a Educação.....	231
9.4 - Valores educacionais na adolescência.....	232
9.5 - Educação e adolescência na contemporaneidade.....	236
9.6 - Educação, adolescentes e o limite.....	240
9.7 - Educação, adolescência e cidadania.....	244
<b>Capítulo 10 - EDUCAÇÃO ESCOLAR</b> .....	251
10.1 - Importância de uma educação escolar.....	252
10.2 - Educação escolar e o conhecimento.....	254
10.3 - Vamos refletir um pouco mais.....	256
10.4 - Qualidade de ensino nas escolas.....	258
10.5 - Questionando a prática dos professores.....	259
10.6 - Educação e sistema escolar: existe diferença?.....	262
10.7 - Sistema de ensino e escola privada.....	263
10.7.1 - Educação formal e informal: como acontece?.....	264
10.8 - Educação escolar e responsabilidade social.....	265
10.9 - Interesse dos alunos.....	266
10.10 - Qual o sentido da educação escolar?.....	267
<b>Capítulo 11 - ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO</b> .....	270
11.1 - À luz de grandes pensadores: breve histórico crítico reflexivo.....	272
11.1.1 - Novo (velho) olhar com foco para o futuro: princípio da mudança.....	276
11.1.2 - Entre formas, deformas e reformas do Ensino Superior brasileiro: o princípio da reinvenção.....	280
11.1.3 - Considerações Finais: a guisa de desfecho com foco na transcendência.....	286
<b>Capítulo 12 - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</b> .....	289
12.1 - Educação e alfabetização.....	292
12.2 - Objetivos e metas com a Educação.....	295
12.3 - História da EJA / fatores legislativos e os níveis sociais e culturais dos jovens e adultos.....	296
12.4 - Ao professor de EJA.....	300

Capítulo 13 - EDUCAÇÃO E LEITURA .....	309
13.1 - A leitura e a escola.....	310
13.1.1 - Leitura: uma nova ação educativa .....	317
Capítulo 14 - EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	327
14.1 - A educação especial no Brasil – dimensões históricas e legais .....	329
14.2 - Aspectos legais da educação especial no Brasil.....	331
14.3 - Condições necessárias para a inclusão nas escolas – Atendimento Educacional Especializado da Secretaria de Educação Especial do MEC (SEESP/SEED/MEC).....	335
14.3.1 - Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência visual. ....	336
14.3.2 - Atendimento Educacional Especializado para alunos com surdez. ....	339
14.3.3 - Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência intelectual .....	341
14.3.4 - Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência física. ....	343

## Capítulo 1 - EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

*Profa. Sônia das Graças Oliveira Silva*

### INTRODUÇÃO

Num processo de leituras e pesquisas pretende-se repensar a educação ao longo da vida e a difícil tarefa de educar os filhos que, nos dias atuais, torna-se cada vez mais complicada. Estimular a reflexão sobre o tema, assim como o levantamento de possíveis dúvidas, bem como, a tentativa de elucidá-las da melhor maneira possível é a intenção deste texto.

Educar é algo desafiador e complexo e é necessário que os pais caminhem junto com os filhos e cresçam com eles. Esse caminhar deve acontecer desde o nascimento até a fase adulta, onde começa a independência do filho.

No entanto, nós, pais, não temos muita experiência. Na bagagem que temos de vivência, o que podemos levar para educar nossos filhos não está nas leituras, no trabalho apenas. Está no nosso sentimento, nas emoções, nas intuições, na sensibilidade. É isso que precisamos para exercitar a arte de educar com amor.

Ouso fazer uma tentativa de esclarecer o mais possível este assunto, que para muitos pais gera uma enorme insegurança, principalmente, quando são mais jovens e se trata do primeiro filho. Para isso, procuro usar bem mais que conhecimentos bibliográficos, mas conhecimentos práticos da vivência de quem também já passou por etapas difíceis, outras mais fáceis e prazerosas, mas que no final nos levam, a nós todos, pais e mães, a esta bagagem gratificante e única que é a convivência com os nossos filhos.

## **1.1 - Educação e infância**

### **1.1.1 - Infância**

Quando se fala em educação infantil é comum se lembrar dos tempos de criança. A infância é um tempo que marca a vida das pessoas. Época de muitos momentos maravilhosos que passaram, alguns marcaram mais, talvez por terem causado alguma dor, outros não foram muito fáceis e tem também aqueles momentos que foram totalmente esquecidos, perdidos na memória, ou simplesmente porque ninguém quer lembrar-se deles.

Muitos fatos destes momentos esquecidos referem-se a coisas ruins e negativas que aconteceram na escola e que fizeram as crianças esquecerem parte de seu aprendizado. Mas, muitas coisas boas da infância na escola são sempre lembradas, por mais que passe o tempo.

É inesquecível a mão da mãe ou do pai, que levava a criança todo o trajeto da escola com firmeza e passava para ela toda a segurança do mundo, os amigos, a hora gostosa do recreio, as brincadeiras, as cantigas, aquela professora carinhosa...

É muito importante que a escola jamais deixe de ser um tempo de eternas e maravilhosas lembranças, especialmente do tempo que passamos dentro dela. Seria bom que todos reconheçêssemos a escola como um lugar de buscar conhecimento, um lugar de procurar crescer, um lugar onde o ser humano fosse levado a questionar e responder perguntas, a aprender e apreender conhecimentos que vai levar para a vida toda.

No entanto, não é o que acontece na maioria das vezes. Muitas crianças vão à escola por imposição dos pais, da sociedade, ou porque todas as crianças vão... Porque têm que se formar, ter uma profissão. Tem também os que vão à escola porque lá podem se alimentar, pois falta alimento em casa, ao menos uma refeição, poderão conseguir no ambiente escolar. Infelizmente, o intuito de crescimento como cidadãos dificilmente está em primeiro plano.

Façamos agora um paralelo da infância com a escola.

Sabe-se que a infância é algo em permanente construção. A concepção que nossos pais tinham quando éramos crianças é muito diferente da concepção que nós, hoje, temos de nossos filhos. Já na história sobre a infância, em estudos de Philippe Ariès (1981)<sup>1</sup>, percebe-se claramente que a ideia de infância, diferenciada do adulto é uma construção moderna, que surgiu em fins do século XVII.

Nessa época e conforme relata Ariès, logo que a criança deixava de ser dependente dos cuidados da mãe ou da ama, tornando-se mais autônoma, já podia ser inserida no mundo dos adultos e começava a participar de seus trabalhos e jogos. A criança participava de tudo junto com o adulto, até as roupas eram iguais, só variando em tamanho. Pareciam adultos em tamanhos menores. Nas sociedades antigas não existia a consciência de infância, o que não quer dizer negligenciar ou abandonar as crianças. Não ter a consciência de infância não é o mesmo que não ter afeição. O que se quer relatar é que a criança não tinha suas particularidades, justamente porque não havia o sentimento da infância. Para o autor, as crianças, incorporadas no mundo do adulto e da família, não eram vistas de modo diferenciado, de modo especial como o são hoje.

Ariès transcreve um trecho de Molière, no século XVII quando diz que a criança muito pequenina, demasiado frágil ainda para se misturar à vida dos adultos, “não contava”, demonstrando a persistência de uma

---

<sup>1</sup> ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

mentalidade antiga. A criança pequena não contava porque podia morrer, era preciso superar esse período de alta mortalidade, onde a sobrevivência era improvável. Passado esse tempo, aí sim, ela poderia ser introduzida no mundo dos adultos.

A socialização dessas crianças não era importante nem era controlada pela família, assim como a transmissão de conhecimentos e de valores sociais. O vínculo afetivo entre pais e filhos, tão importante hoje em dia, era muito pequeno, considerando-se a alta taxa de mortalidade infantil.

Segundo Ariès (1981) a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito rápida e até insignificante, não deixava rastros na memória, nem tocava profundamente a sensibilidade dos adultos. As famílias da época não se apegavam muito à criança, já consideravam a possibilidade de perdê-la, visto esse alto índice de mortalidade infantil. Caso a criança morresse, como muitas vezes acontecia, ficavam tristes, aborrecidos, mas não havia desespero, pois se pensava que logo outra criança a substituiria.

Havia certo conformismo com a morte das crianças, apenas uma tristeza passageira. Até o século XIII fica evidente essa indiferença em relação à infância, em relação às suas características próprias, principalmente, quando se repara nos trajes usados pelas crianças. Assim que abandonava os cueiros, aquela faixa que era enrolada em seu corpo, a criança era vestida como os adultos, como os homens e mulheres da época. Inclusive os conhecimentos adquiridos pelas crianças aconteciam junto aos adultos, pois, muitas vezes, elas eram entregues a famílias estranhas para serem educadas, para prestarem serviços domésticos ou para aprenderem algum ofício.

Na Idade Média, a escola não era dirigida especialmente para as crianças, como temos hoje em dia, a escolinha infantil, o Ensino Fundamental, tudo dirigido às crianças. Ariès relata que só através de várias mudanças que ocorreram na sociedade, como a ascensão da burguesia, a difusão do impresso e o crescente interesse pela alfabetização e moralização que a separação acontece. Desse modo, a criança para de aprender a vida diretamente com os adultos, estando constantemente

misturada a eles e vai sendo separada do mundo de gente grande, mantida à distância, numa espécie de quarentena, só depois seria solta no mundo.

Esta quarentena de que fala Ariès é a escola. Foi o início da separação das crianças de suas famílias. A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. A criança deixou de ser colocada junto aos adultos e deixou de adquirir conhecimentos de modo direto através do contato com eles.

Ariès<sup>2</sup> faz uma comparação com os dias de hoje e acrescenta: “Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias e ao qual se dá o nome de escolarização.”

As crianças indo à escola foi como uma chamada à razão, que pode ser entendida como uma das faces do grande movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados à Igreja, às leis ou ao Estado<sup>3</sup>. Para isso contou-se com a cumplicidade das famílias, pois a família acabou se tornando o lugar de uma afeição necessária entre cônjuges e entre pais e filhos, algo que não era visto antes. Ariès considera que essa afeição surgiu, sobretudo através da importância que se passou a atribuir a educação. Surgiu um sentimento novo, de interesse dos pais pelos estudos dos filhos, como acontece hoje.

Foi nessa época que a criança começou a aparecer realmente, saiu do anonimato, como disse Ariès. A criança passou a ter tanta importância que se tornou um grande sofrimento o pensamento de perdê-la. Não se poderia substituí-la por outra. Os pais queriam dar um estudo melhor aos filhos e então, não teriam condições de fazer isso com uma família tão numerosa como era antes. *Portanto, não surpreende que essa revolução escolar e*

---

<sup>2</sup> Ariès, 1981, p. 11.

<sup>3</sup> Idem

*sentimental tenha sido seguida, com o passar do tempo, de uma redução voluntária da natalidade, observável no século XVIII<sup>4</sup>.*

No século XVIII as famílias já se preocupavam muito com a higiene, a saúde física e a educação de seus filhos. Tudo que se referia às crianças e à família tomara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família.<sup>5</sup>

A concepção de infância foi mudando ao longo dos séculos. Atualmente, a criança é considerada alguém que tem a sua identidade, seus direitos.

Voltando agora para épocas mais recentes, há que se considerar também que a infância rural é muito diferente da infância urbana. No mundo rural, sítios ou fazendas, longe das cidades, de modo geral, o tempo da infância é muito curto, a criança entra rapidamente para o mundo do adulto, aprendendo coisas e assimilando conhecimentos novos que a maioria das crianças que moram na cidade não possui; a criança da roça começa a ajudar nas tarefas caseiras mais cedo.

Logo que a criança começa a entender mais, já pode ir ajudando seus pais. Leva alguma ferramenta para a roça, leva o almoço para o pai ou para os irmãos mais velhos, toma conta do irmão caçula, ajuda a sua mãe em casa, tudo com naturalidade, sem explorações.

Acontece exatamente o contrário na cidade. O tempo da infância se prolonga, visto que os pais não levam as crianças para o trabalho. Deixam-nas em escolas ou creches. O trabalho dos pais fica cada vez mais distante do ambiente da família. E, quando ainda sobra um pouco do tempo das crianças, mas não podem ficar sozinhas em casa, na maioria das vezes, os pais, de melhor poder aquisitivo, as colocam em aulas especiais como balé, música, violão, línguas estrangeiras e outras coisas.

---

<sup>4</sup> Ariès, 1981, p. 12.

<sup>5</sup> Ariès, 1981, p. 164.

A criança passa a ter uma vida como de um “executivo”, têm todo o tempo ocupado.

Quantas crianças de hoje, dos grandes centros urbanos, não sabem o que é jogar bolinhas de gude, bolinhas nas tocas, passar anel, jogar betis, pular corda, não sabem as cantigas de roda, nem pular amarelinha e muito menos soltar uma pipa. Não brincam na terra, não fazem bolinhos de barro, pois raramente se sujam, não molham os pés na água fria da chuva. O que elas sabem e conhecem muito é de computador, televisão, vídeo games, filmes, desenhos animados, celulares e outras coisas que só nos pode dar a tecnologia avançada dos tempos modernos.

Aí entra a escolaridade precoce das crianças. Essa concepção de submeter as crianças o mais cedo possível à escola está dominando a sociedade. Muitas crianças não estão vivendo a infância completa porque precisam ser escolarizadas muito cedo.

As crianças têm direito de vivenciar a sua infância e não deixá-la passar rapidamente sem as cantigas de roda, sem os jogos e brincadeiras, sem as histórias de fadas, príncipes e bruxas. Isso é inerente à criança.

É preciso lembrar também que a globalização trouxe mudanças à identidade da infância. Essa identidade é hoje resultante de vários processos políticos, econômicos, culturais e sociais. Hoje temos lojas especializadas em roupas para crianças de todas as idades, lojas de calçados, de brinquedos, de eletrônicos, enfim, tudo especializado para as crianças. Elas não precisam usar as roupas idênticas as dos adultos, em tamanho menor.

Durante anos a escola foi responsável por construir a identidade da infância e hoje essa escola tem diante de si uma infância que vem de camadas sociais heterogêneas, onde em alguns lugares, impera a indisciplina, o medo, a violência, a criminalidade.

A partir daí, torna-se mais forte a necessidade de aperfeiçoamento constante e permanente dos profissionais da educação infantil. Para que seja possível enfrentar os desafios dessa sociedade globalizada, não

podemos abrir mão de valores importantes como o respeito, a solidariedade e a ação conjunta em favor das crianças.

É preciso lutar contra os erros e a exclusão, com intuito de juntos construirmos um novo futuro. Há necessidade de se vencer a distância entre a realidade da escola e o contexto social.

Para valorizar os conhecimentos que as crianças possuem e garantir a aquisição de novos conhecimentos, é necessário que o profissional reconheça as características da infância.

Que a escola infantil dê condições materiais, pedagógicas, culturais, sociais, humanas, alimentares; onde a criança seja sujeito de direitos e experimente esses direitos.

Para que a escola seja possível é necessário que não nos preocupemos apenas com as habilidades e conhecimentos que a criança irá adquirir com os conteúdos preparando-a para a fase adulta, mas com a vivência da criança, no hoje, no agora.

## **1.2 - Educação, escola e família**

Em seu lar a criança experimenta o primeiro contato social de sua vida, convivendo com sua família e os entes queridos. As pessoas que cuidam das crianças, em suas casas, naturalmente possuem laços afetivos e obrigações específicas, bem como diversas das obrigações dos educadores nas escolas. Porém, esses dois aspectos se complementam na formação do caráter e na educação de nossas crianças.

A participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e consciente. A vida familiar e escolar se completa.

Torna-se necessária a parceria de todos para o bem-estar do educando. Cuidar e educar envolve estudo, dedicação, cooperação, cumplicidade e, principalmente, amor de todos os responsáveis pelo processo, que é dinâmico e está sempre em evolução.

Os pais e educadores não devem se esquecer que, apesar das transformações pelas quais passa a família, esta continua sendo a primeira fonte de influência no comportamento, nas emoções e na ética da criança.

É fato que família e escola representam pontos de apoio e sustentação ao ser humano e marcam a sua existência. A parceria, família e escola precisa ser cada vez maior, pois quanto melhor for o relacionamento entre ambas, mais positivos serão os resultados na formação da criança. Essa parceria é que vai ser o diferencial na formação do educando.

A vida na instituição escolar deve funcionar com base na tríade pais – educadores – crianças, como destaca Bonomi<sup>6</sup> (1998). A boa relação entre os pais e a escola é fundamental durante o processo de inserção da criança na vida escolar.

A Professora Di Santo (2007)<sup>7</sup> lembra que a fundamentação para a relação educação/escola/família foi publicamente amparada pela legislação nacional e diretrizes do MEC, aprovadas no decorrer dos anos 90. Podemos citar o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55º que diz:

*Art. 4º “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.”*

*Art. 55. “Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.”*

---

<sup>6</sup> BONOMI, Adriano. O Relacionamento entre Educadores e Pais. IN: BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos.**

<sup>7</sup> DI SANTO, Joana Maria R. Centro de Referência Educacional – Consultoria e Assessoria em Educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), nos artigos 1º, 2º, 6º e 12º, onde diz que:

*Art. 1º "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais."*

*Art. 2º "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."*

*Art. 6º "É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental."*

*Art. 12º "Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; VII – informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola."*

O Plano Nacional de Educação (aprovado pela Lei nº 10172/2007), que define como uma de suas diretrizes a implantação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família) e local na melhoria do funcionamento das instituições de educação e no enriquecimento das oportunidades educativas e dos recursos pedagógicos. Citamos ainda, a Política Nacional de Educação Especial, que tem como uma de suas diretrizes gerais: adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno.

De modo geral a família é o primeiro grupo de pessoas com quem a criança tem contato assim que nasce. Sabe-se que o bebê logo apresenta suas preferências, seus gostos e suas diferenças individuais, então ao se integrar na família que já tem os seus hábitos, regras e seu modo próprio de viver, a criança aprenderá a se comportar e a modificar suas preferências, comunicando-se então com esta família. Está aí, neste círculo de pessoas que rodeiam a criança, a fonte original da identidade da criança.

Aos pais cabe cuidar do crescimento dos filhos, da sua saúde física, psíquica e emocional, do seu desenvolvimento, enfim, de sua felicidade. Na tarefa de educar seus filhos, os pais percorrem a trajetória que vai da dependência quase total do bebê até a crescente autonomia e futura independência do filho adulto.

A bagagem de aprendizado que vem para a criança logo que ela nasce é elemento extremamente importante para sua vivência e convivência com outras pessoas. A família, então é a primeira escola da criança. Educar é um trabalho de amor e consiste, sobretudo, na possibilidade dos pais de crescerem junto com seus filhos, respeitando e acompanhando seus caminhos.

Desde cedo, os pais precisam transmitir à criança os seus valores, como, ética, cidadania, solidariedade, respeito ao próximo, autoestima, respeito ao meio ambiente, enfim, pensamentos que leve essa criança a ser um adulto flexível, que saiba resolver problemas, que esteja aberto ao diálogo, às mudanças, às novas tecnologias.

A criança já aprende desde pequena o que a mãe não gosta, o que é perigoso, o que pode e o que não pode fazer. Percebe-se, então, a importância da orientação dos pais.

À família cabe entender que a criança precisa de liberdade, mas por si só não tem condições de avaliar o que é melhor ou pior para ela mesma. A família é o suporte que toda criança precisa e, infelizmente, nem todas têm. É o sustentáculo que vai ajudar a criança a desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de interrelação

pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.

A receita de como melhor educar os filhos não existe. Muitas variáveis existem no relacionamento entre pais e filhos que precisam ser consideradas. A idade, o nível de compreensão, o ambiente doméstico, o grau de entendimento entre os pais, são algumas delas. Sem contar o fato de que os filhos não são iguais, uns são tímidos, introvertidos, calados, briguentos, zangados, ou ainda alegres e extrovertidos, enfim, como os filhos são tão diferentes uns dos outros, a maneira de lidar com eles, de cuidar, também deverá ser diferente. Muitas vezes, os pais até dizem: *Você está agindo igualzinho ao seu irmão...* Ou ainda: *você se parece em tudo com o seu irmão.* Mas tem casos inversos também, como por exemplo, quando os pais dizem: *Você precisa fazer como o seu irmão...* Ou ainda: *gostaria que você fosse estudioso como seu irmão...*

Muitos irmãos chegam a ter as mesmas dificuldades, ou gostam das mesmas coisas, mas não são iguais. Um pode ser mais dependente do que o outro, para tudo ele solicita a presença da mãe e não precisa ser o caçula não (muitas vezes, os mais velhos é que são os bebês chorões), enquanto o outro é independente e se vira sozinho em qualquer situação, é mais falante, capaz de enfrentar situações que o outro irmão não enfrentaria. Enfim, os irmãos, e é claro, me refiro em tudo as meninas também, são diferentes, nem melhores, nem piores, apenas diferentes.

Cabe aos pais encontrar a melhor maneira de se relacionar com cada um. De modo geral, a mãe sempre encontra um jeitinho próprio de falar com aquele que tem o "gênio mais difícil", procurando não comparar um com o outro, tentando conhecer todas as suas particularidades, pois, quanto mais os filhos sentirem o afeto e a segurança passados por seus pais, mais facilmente aceitarão a ajuda deles. É conhecendo os filhos que se reconhece se houve ou não mudanças em seu comportamento, apontando alguma dificuldade ou problema que está ocorrendo. Precisamos saber por que hoje aquele filho está tão alegre, tão entusiasmado, ou porque se trancou no quarto e está chorando, ou ainda, não chora, mas agride a todos com palavras e não quer conversar com ninguém.

Essas observações que os pais fazem de seus filhos são importantíssimas, principalmente, se eles são adolescentes. Aí entra a “psicologia dos pais”, saber como falar com eles, usando uma linguagem apropriada para a idade, para a ocasião, sendo francos e sinceros, olhando nos olhos quando falam e não de costas, fazendo alguma tarefa, usar as armas mais fáceis e infalíveis: o amor e o diálogo. É isso que, certamente, levará os pais a abrir caminhos para um maior entendimento com seus filhos.

Há quem diga que educar um filho nos dias de hoje é uma tarefa de Hércules. Tenho ouvido muito esse comentário. São muitas as alegrias, mas são tantos os conflitos e aflições ao assumir os papéis de pai e mãe que o casal, muitas vezes, entra em pânico. Muitas perguntas passam pelas cabeças dos pais, sentem-se inseguros, precisando de orientação e não conseguem definir qual o seu papel, se pais ou educadores.

A própria estrutura da família tem passado por alterações radicais, principalmente, no que se refere à distribuição de tarefas para o homem, para a mulher e para os filhos.

Segundo Venturi<sup>8</sup> (2003), um dos grandes problemas, bem visível na criação e educação dos filhos é a imposição de limites. Conseguir impor limites e ter autoridade, sem ser autoritário. A autoridade torna-se uma manifestação de amor e afeto quando exercida com equilíbrio. Ela transmite segurança. A criança ou adolescente não amará mais os seus pais porque eles lhe dão total liberdade, porque pode fazer o que bem entender. Ela perceberá a falta de estrutura e de segurança, sentindo-se menos protegida para a vida. É importante os pais perceberem que a criança precisa de liberdade, mas que sozinha não tem condições de avaliar o que é melhor ou pior para ela mesma.

Educar os filhos não é fácil, é uma tarefa muito complexa. O seu desenvolvimento passa por várias fases e a cada momento novo

---

<sup>8</sup> Venturi, Jacir J. Diretor, professor e escritor.

precisamos ter criatividade e mudar a conduta com muita disposição para entendê-los e atendê-los.

É de vital importância os pais darem aos filhos a segurança do seu amor. É mais importante a qualidade do afeto que a quantidade de tempo disponível aos filhos. A vida profissional dos pais nos dias atuais, apesar de suas elevadas exigências, pode ser ajustada a uma vida particular equilibrada, onde se possa dar o mínimo de atenção que os filhos requerem.

É necessário conceder tempo às crianças, para que sejam crianças. Muitos adultos sobrecarregam a agenda dos filhos como se fossem pequenos executivos. Horário para tudo: escola, balé, futebol, língua estrangeira, música, excesso de lições, outras atividades sociais, etc. E se esquecem que são, ainda, apenas crianças. Precisam brincar, partilhar, ter amigos, e, desse modo desenvolver a socialização, a convivência.

Os pais precisam transmitir valores aos filhos. Valores como respeito ao próximo, ética, cidadania, solidariedade, respeito ao meio ambiente, autoestima, que levarão as crianças a serem adultos tranquilos, carinhosos, flexíveis; adultos que sabem resolver problemas e são abertos ao diálogo e às mudanças do mundo.

Os caminhos de nossa evolução pessoal são difíceis e tortuosos, deparamo-nos com muitas frustrações, adversidades e desilusões, mas, quando superamos as dificuldades surgem as alegrias e desenvolvemos a nossa autoconfiança. Não existem pais perfeitos, nem filhos perfeitos. Educando, convive-se com muitos erros e muitos acertos. O importante é dar exemplos certos, coisa que só se consegue educando com o coração.

### **1.2.1 - O comportamento dos pais e sua influência**

Realmente, a criança sofre influência das pessoas que a cercam. Essa influência acontece de forma natural e, geralmente, inconsciente. Para as crianças, os adultos são modelos de comportamento e a forma como agem diante de situações boas, prazerosas ou situações difíceis, complicadas, é um referencial fundamental para sua formação. A prova disso é que

muitas vezes nós, pais e mães, “nos enxergamos” nas atitudes de nossos filhos.

O que se torna um grande problema é quando os pais tentam fazer dos filhos uma continuação de si mesmos, ou ainda, tentam dar na vida dos filhos uma reviravolta que gostariam de ter dado em suas próprias vidas.

Aí, os adultos passam a ser “ditadores” do destino de seus filhos, causando, muitas vezes, discórdia e sofrimento, pois pensam que podem controlar o presente e o futuro das crianças e adolescentes.

Os pais, de modo geral, fazem somente planos bons para os filhos, sonham coisas maravilhosas para a vida deles. Mas, é importante levar em conta que nem sempre esse sonho é o melhor para eles.

Muitos exemplos podem ser considerados, como aqueles pais que querem escolher a carreira profissional que os filhos devem seguir. Por vezes, essa carreira é a que eles, os pais, por um motivo ou outro, não conseguiram seguir. Tem-se a impressão que querem ver nos filhos a si próprios, quando mais jovens, interferindo até mesmo na aparência física, opinando sobre os cuidados com o corpo dos filhos, o que devem fazer, revelando nesse modo de agir os ideais de sua própria beleza.

A criança e o adolescente precisam ter os próprios sonhos, precisam idealizar a própria vida. A influência desse modo pode acarretar insegurança e medo de não se dar bem em uma profissão que não foi a escolhida pelos pais e isso pode fazer com que os filhos acabem escolhendo e se ajustando a sonhos que não eram os seus.

Percebe-se, então que, muitas vezes, semelhanças existentes entre pais e filhos, pode ser fruto da convivência, do comportamento dos adultos. E aí está um grande desafio nas relações familiares: aprender a aceitar as diferenças, as opiniões de outras pessoas, aceitar que os desejos dos filhos podem ser diferentes dos desejos dos pais.

Considera-se que é para a vida que um filho é criado e há que se considerar, então, que regras ou receitas não existem para seguir, nem rígidas e nem pré-estabelecidas na tentativa de se obter êxito na boa educação de uma criança.

De modo geral, uma mulher chega a ser mãe sem ter se preparado fundamentalmente para sê-lo, dessa maneira, as receitas também de nada serviriam para tentar moldar os descendentes de quem se encarrega desta louca e maravilhosa tarefa.

Em muitos casos, a falta de tempo dos pais causa graves problemas dentro do lar. Alguns pais não sabem nada sobre seus filhos, vivem ausentes de casa. Não têm tempo para conversar com as crianças. Os filhos não percebem a casa como um lar, apenas moram nela.

Outros pais, não percebem que protegem demais. Eles tentam resolver todos os problemas dos filhos, se apegam excessivamente eles e, às vezes, consideram que os filhos não conseguirão enfrentar determinadas situações ajudando mais do que precisariam. Isso torna os filhos dependentes, precisando de atenção e ajuda constante de outras pessoas.

Há também aqueles pais autoritários, dominadores, exigentes. Esses ajudam a criar filhos impulsivos e agressivos, desenvolvendo neles uma personalidade insegura e instável. Desse modo eles terão dificuldades para se adaptarem aos grupos de amigos, às brincadeiras, dificultando suas amizades.

Outro caso é o de pais que tudo permite. Estes pais mimam demais os filhos e admitem seus caprichos. As crianças tornam-se egoístas e ficam esperando dos outros uma atenção contínua, não conseguem aceitar frustrações e reagem com impaciência e agressividade.

A indiferença de alguns pais para com os filhos é um fato impressionante. Esses pais não dão mostras de carinho e afeto. As crianças ficam tristes e fogem da convivência com os outros, têm dificuldades em relacionar-se porque não tiveram a base de afeto necessária para isso. Agem com os companheiros com a mesma frieza com que são tratados. Muitas vezes, essa indiferença significa uma rejeição aos filhos e os pais os tratam com prepotência e insensibilidade. Isso diminui a autoestima das crianças e resulta, mais tarde, em atitudes antissociais e agressivas.

Está comprovado que, se as relações familiares, entre pai e mãe, entre pais e filhos e entre irmãos forem adequadas, os filhos conseguirão adaptar-se mais facilmente à convivência social fora de casa.

Para os pais demonstrarem carinho com os filhos não precisam renunciar a exigir coisas deles. As próprias crianças demonstram que querem que os pais exijam delas, quando recebem menos atenção sentem-se menos queridas. Com carinho, os pais devem ter para com os filhos uma exigência compreensiva, ou seja, ser ao mesmo tempo compreensivos e exigentes. A compreensão sem exigência cria pais permissivos, e a exigência sem compreensão cria pais autoritários.

Educar envolve a consciência. Os pais precisam se questionar se estão educando para a autoconfiança e autoestima dos filhos. Precisam ter clareza mental, ter equilíbrio, o que levará a harmonia, serenidade, flexibilidade e espontaneidade.

### **1.3 - A caminho da primeira escola**

O ser humano está o tempo todo aprendendo. Nesse sentido é papel fundamental da família decidir, desde cedo, o que sua criança precisa aprender e qual escola deverá frequentar.

O ingresso na escola é um evento muito importante na vida de uma criança, pois é o primeiro passo rumo à independência em relação aos pais. Trata-se da preparação de um espaço próprio, que marcará sua trajetória para o futuro.

Para os pais também se trata de um tempo decisivo, principalmente se é o primeiro filho. É um momento de separação, tem-se a impressão de que aquele bebê cresceu e está se tornando menos dependente, e nós, pais, não gostamos disso, pois queremos nossos “filhotes” sempre ao nosso redor.

Quando este novo espaço surge, vários sentimentos se entrelaçam em função da “separação” que acontece com a ida da criança para a instituição

de educação infantil. Estes sentimentos evidenciam o desejo que a mãe tem de que a criança se adapte na escola ou não. Quando se menciona a questão de não querer que o filho fique na escola, não é um pensamento premeditado e sim um sentimento que foge ao controle dos pais.

Segundo a psicopedagoga Di Santo, alguns pais sentem-se culpados por colocarem os filhos muito cedo na escola. No entanto, nos dias de hoje, em que as famílias são cada vez menores o que dificulta as relações das crianças com outras da mesma idade, o fato de muitas delas ingressarem na escola nos primeiros anos de vida pode representar um ganho, favorecendo o desenvolvimento infantil.

Alguns cuidados são importantes para o ingresso da criança na primeira escolinha, pois é um ambiente novo, muitas pessoas estranhas, com outras regras diferentes a seguir. É necessário preparar a criança para sua entrada na escola. Levá-la para conhecer as instalações, mostrando tudo com entusiasmo, pode ser o primeiro passo.

Quanto mais nervosos os pais parecerem, mais apavorada ficará a criança. Ela poderá entender que, se sua mãe está tão ansiosa, parecendo triste ao despedir-se dela é porque não deve ser muito bom ficar neste colégio. Daí para começar o choro é rapidinho. E, não raras as vezes, que choram as duas, a mãe e a criança.

Por isso, é tão importante os pais ficarem calmos e naturais, transmitindo, assim, essa calma e naturalidade para sua criança. A escola deve ser um lugar de prazer para seu filho e um ingresso tranquilo na vida escolar ajudará a criança a se relacionar com o novo ambiente e a enfrentar alguma dificuldade que porventura surgir.

Depende muito da habilidade e eficiência dos pais escolherem a escola adequada às expectativas da família, e, é claro, que vá agradar a pessoa mais interessada: a criança. Os pais deverão estar atentos às diversas propostas oferecidas na cidade. E são tantas! São muitas propagandas recebidas em casa ou veiculadas pelos meios de comunicação. Cada uma apregoando mais e mais maravilhas que sua criança irá vivenciar se estudar naquela escola!

Cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. São muitos os aspectos a considerar. É importante saber se os pais entendem a escola de educação infantil como um lugar para passar o tempo da criança ou como um lugar onde deixá-la por algumas horas. Ou se acham que é bom que o filho vá para a escola para conviver com outras crianças de sua idade, não importando qual é a proposta pedagógica da escola. Será que eles se preocupam em saber quais os princípios de ensino-aprendizagem seguidos pela escola? Ou de que valores humanos e sociais eles falam?

Alguns valores considerados importantes devem ser analisados pelos pais. Por exemplo: se a escola considera importante a participação dos pais e da comunidade na vida escolar. Essa escola respeita as diferenças individuais e culturais de cada criança? Os professores trabalham em conjunto? Eles acreditam na capacidade e no desejo de aprender das crianças? A escola está empenhada na formação de seres humanos melhores e está ensinando valores compatíveis com essa formação?

A escola entende que é necessário à criança brincar muito, visto que isso ajuda em seu desenvolvimento? Valoriza o tempo de brincadeiras, incentivando-as e ensinando a criança a brincar?

Essa escola respeita a idade da criança de 4 ou 5 anos, não a obrigando a se alfabetizar se não for de sua vontade? Isso poderá acontecer automaticamente desde que a criança participe por sua livre vontade de atividades voltadas para a alfabetização.

Na visita à escola deve-se observar tudo, perguntar tudo que tiver vontade, não levar dúvidas para casa, pois você entrará em pânico se houver dúvida. Perceber a forma de atendimento, observar algumas atividades, ver se há facilidade para estacionamento, ver como é a entrada e a saída de crianças, se existem porteiros ou pessoas responsáveis pela saída das crianças.

Outro ponto a ressaltar é quanto ao espaço físico. É primordial ter um espaço bom, tanto interno quanto externo, ao ar livre, de preferência, com áreas verdes.

É preciso haver muita limpeza, ordem, organização dos espaços. Os objetos escolares precisam ser do tamanho adequado às crianças. *Playgrounds* modernos, com brinquedos próprios para evitar que as crianças se machuquem.

No caso de escadas, verificar se há o uso de material antiderrapante. A cozinha precisa estar em perfeitas condições de higiene, com funcionários preparados para este serviço. Verificar tudo em relação à segurança da criança. Havendo tanque de areia, verificar se é coberto para não haver contaminação com fezes de animais e se há troca e lavagem da areia periodicamente.

Enfim, são muitos pontos, que podem fazer com você seja até considerado “chato” por algumas pessoas da escola, mas se isso acontecer, será um bom motivo para você perceber que essa escola não será boa para seu filho. Você deve estar sim, preocupado com o lugar onde seu filho passará grande parte do dia.

Desse modo, as instituições de educação infantil precisam oferecer às crianças um ambiente físico e social onde elas se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmos, dos outros e do meio em que vivem.

Os pais precisam verificar se a escola está preocupada em desenvolver as capacidades dos alunos, se os conteúdos vão ajudar as crianças nas suas vivências e se leva em conta os conhecimentos e capacidades que a criança já tem procurando aumentá-las. A escola precisa pensar naqueles alunos que tem mais dificuldades em desenvolver as capacidades básicas.

Embora os indivíduos tenham a tendência, em função de sua natureza, a desenvolver capacidades de maneira heterogênea, é importante salientar que a escola tem como função potencializar o desenvolvimento de todas as capacidades, de modo a tornar o ensino mais humano, mais ético.

## **1.4 - Entrando na primeira série**

Em época de final de ano, as preocupações dos pais se voltam para o término do ano escolar dos filhos. É preciso aumentar o tempo de estudo e diminuir o tempo de brincadeiras. Esta preocupação, de modo geral, vai dos filhos pequenos até os jovens, que já estão se preparando para o vestibular.

Os pequenos, que estão se encaminhando para o primeiro ano do ensino fundamental, acrescentam em suas vidas um primeiro marco importante. Eles estão cheios de expectativas em relação a essa entrada na primeira série, parece que agora sim, é que começa a escola de verdade! Sabem que essa passagem é um momento especial, com certeza, entrar no ensino fundamental não é apenas iniciar a escolaridade obrigatória, mas também começar um trabalho mais sistemático de leitura e escrita.

A família tem aí um papel decisivo. Juntamente com os professores, os pais estarão agindo como mediadores culturais no processo de formação humana das crianças. É muito importante que a escola esteja atenta às situações envolvidas no ingresso dos pequenos no Ensino Fundamental, não importando se vieram diretamente da família, ou de uma pré-escola. Desse modo será mais fácil manter os laços sociais e afetivos, assim como as condições de aprendizagem que vão dar à criança segurança e confiança.

Cabe à escola dar continuidade e ampliação ao contexto sócio afetivo e à aprendizagem, ao invés de fazer uma ruptura. Isso vai garantir a criança que está entrando na primeira série, o ambiente acolhedor para enfrentar os desafios da nova etapa. Pois, se sabe o quanto é importante este primeiro ano para que as crianças tenham sucesso por toda a sua vida de estudante.

O acompanhamento dos pais neste início é primordial. A tarefa de alfabetizar é da escola, mas os pais podem ser aliados neste processo, podem acompanhar a vida escolar das crianças, valorizar seus esforços, incentivá-los, pois quando há o envolvimento da família, os resultados são bem melhores.

É importante para a criança saber que os membros de sua família valorizam tudo que diz respeito a sua escola, como por exemplo, suas tarefas de casa. Quando a criança percebe que isso é importante para sua família, sente que existe uma boa razão para fazer e entregar tudo direitinho. Ainda mais se os pais reforçarem para a criança a importância de aprender a ler e escrever. Mostrar o quanto será útil este aprendizado para resolver os problemas do dia-a-dia, por exemplo: fazer uma receita, ler revistinhas, livros, informar-se, aprender um jogo, ler para se divertir, escrever cartas, bilhetes, ler as placas nas ruas, etc.

É importante que os pais respeitem a fase em que sua criança está vivendo para que não seja exigido demais, nem de menos. Cada criança tem seu tempo, seu jeito de ser, seu ritmo. As suas conquistas virão com o tempo, com calma e não de um dia para o outro.

Muitos erros acontecerão, eles fazem parte do aprendizado e são apenas tentativas de acerto. Mas, para isso estarão lá os professores, coordenadores, enfim, uma equipe para ajudar quando for preciso, e em casa, as crianças, mesmo que silenciosamente, estarão contando com o apoio dos pais e familiares.

## **1.5 - A escola na formação do cidadão**

O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos (PCNs, 1998).

Na escola, durante processos de socialização, a criança tem a oportunidade de desenvolver a sua identidade e autonomia. Interagindo com os amigos da escola se dá a ampliação de laços afetivos que as crianças podem estabelecer umas com as outras e com os adultos. Isso poderá contribuir para o reconhecimento do outro e para a constatação das diferenças entre as pessoas.

As escolas são, realmente, espaços de socialização, oferecem as crianças o contato e o confronto com adultos e outras crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado da experiência educativa.

Desse modo, na escola, criam-se condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais.

A escola deve dar total atenção à criança como pessoa, que está num contínuo processo de crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades.

A atenção recebida na escola reflete na criança fazendo com que tome consciência do mundo de diferentes maneiras em cada etapa de seu desenvolvimento. As transformações que ocorrem em seu pensamento se dão simultaneamente ao desenvolvimento da linguagem e de suas capacidades de expressão.

A criança bem atendida, considerada um cidadão, enquanto cresce se depara com fenômenos, fatos e objetos do mundo: pergunta, reúne informações, organiza explicações e arrisca respostas. Desse modo, ocorrem mudanças fundamentais no seu modo de conceber a vida, a natureza e a cultura.

Além de promover a educação da criança, mostrando o correto, muitas vezes a escola terá que propiciar situações para que os pais reflitam sobre seus papéis e atribuições, tendo em vista que seus filhos permanecem mais tempo com os profissionais da escola do que com eles mesmos.

A criança é movida pelo interesse e curiosidade, e, motivada pelas respostas dadas pelo profissional da escola, através de informações vindas dos livros, notícias, reportagens, televisão, rádio, etc. ela ficará segura, sentindo-se protegida naquele espaço onde é cidadã.

A infância é um período de desenvolvimento cultural do ser humano, cuja importância vai ficando cada vez mais clara e precisa à medida que avançam os conhecimentos sobre o desenvolvimento do cérebro.

As descobertas nesta área já são tão importantes que chegam a afetar a natureza de currículos da Educação Infantil em alguns países. É o caso, por exemplo, da França, que introduziu um currículo para a infância apoiado em pilares diferenciados dos que nortearam a educação da infância durante a maior parte do século XX.<sup>9</sup>

Neste novo currículo, as práticas culturais da infância ganham relevo e o tempo é distribuído de forma que atividades que envolvam música e movimento sejam equiparadas em importância às atividades mais especificamente voltadas à apropriação da leitura e da escrita. Busca-se, assim, uma escolarização que vise à formação da criança enquanto ser de cultura em desenvolvimento.

Se acreditarmos que o principal papel da escola é o desenvolvimento integral da criança, devemos considerá-la em suas várias dimensões: afetiva, ou seja, nas relações com o meio, com as outras crianças e adultos com quem convive; cognitiva, construindo conhecimentos por meio de trocas com parceiros mais e menos experientes e do contato com o conhecimento historicamente construído pela humanidade; social, frequentando não só a escola como também outros espaços de interação como praças, clubes, festas populares, espaços religiosos, cinemas e outras instituições culturais; e finalmente na dimensão psicológica, atendendo suas necessidades básicas como higiene, alimentação, moradia, sono, além de espaço para fala e audição, carinho, atenção, respeito aos seus direitos (MEC, 2005).

Podemos então observar que os Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação (MEC), em 1998, ressaltam tudo isso do seguinte modo: são objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

- *compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade,*

---

<sup>9</sup> Revista CRIANÇA, publicação do MEC.

- cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;*
- *posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;*
  - *conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;*
  - *conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;*
  - *perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;*
  - *desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;*
  - *conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;*
  - *utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e*

*privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;*

- *saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;*
- *questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.*

O que temos ainda hoje é um caminho a ser percorrido. Um caminho de cooperação que só será efetivo se os pais compreenderem que à escola não cabe exercer a função moral da família. E, se a escola promovesse ações de conscientização junto a essas famílias para que ficasse clara a importância do dever de cada um no desenvolvimento do aluno/filho, e que, embora essa parceria escola-família seja essencial, cada um desses setores deve conservar suas particularidades (DI SANTO, 2007).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer deste texto percebe-se que há mudanças nos conceitos de infância. As formas de organização das sociedades e a inserção da criança nas mesmas, em todos os contextos, tanto social, econômico, político e cultural é que vão dar o formato às diferentes concepções de infância.

Neste século, onde aconteceram muitas mudanças nas relações humanas e também mudanças nos papéis da mulher e da família, percebe-se que houve muitos estudos buscando conhecimentos sobre o desenvolvimento, as necessidades e as competências das crianças. Atualmente, as questões que envolvem a criança tem sido tema de várias discussões, em diferentes áreas, principalmente na mídia, atribuindo a atenção especial que a criança vem recebendo às novas circunstâncias e condições de vida das crianças e à inserção social da infância.

O papel de cuidar e educar, tradicionalmente pertencente à mulher, deixou de ser assim. Talvez porque a mulher queira uma realização profissional ou por necessidade financeira, porque precisa ajudar nas despesas do lar, talvez por querer ser mais independente, ter autonomia,

enfim, esse papel não cabe mais somente à mulher e mãe. Em alguns casos, mesmo sabendo que a criança não deveria ficar desde pequenina sem a presença da mãe, essa mãe acaba deixando a criança para trabalhar, justamente pensando em dar o melhor de si para atender a demanda de necessidades de sua criança.

Segundo Corsino<sup>10</sup>, principalmente nos centros maiores, tanto as classes populares como também as camadas médias e altas da sociedade procuram pela Educação Infantil para seus filhos. As classes média e alta costumam pagar, ou seja, colocar seus filhos em escolas particulares, já as classes populares esperam pelas escolas públicas, que, em muitos casos, não tem vagas para todos. *A frequência das crianças a creches e pré-escolas, além de ser um direito da criança e dos pais trabalhadores, tem razões e significados diferentes para cada grupo e/ou família, fazendo diferença na sua estruturação e forma de ver a criança.* De qualquer modo, as escolas de Educação Infantil tornaram-se indispensáveis para as famílias e para as crianças.

A atual realidade brasileira pede que se leve em conta a injusta distribuição de renda, que causa entraves, não permitindo que uma grande parte da população faça valer seus direitos e interesses fundamentais. É papel de o Estado democrático investir na escola, para que ela prepare e instrumentalize crianças e jovens para o processo democrático, forçando o acesso à educação de qualidade para todos e às possibilidades de participação social.

É uma necessidade, dever e obrigação de todos trabalhar em conjunto em prol da educação. A escola com o apoio da comunidade e esta com o apoio da escola, tem que trabalhar no sentido de levar os pais à escola. A qualidade da educação, cada vez mais depende da parceria entre a escola e a família. É necessário a comunicação, o respeito e o acolhimento entre a família e a escola, pois assim, os maiores beneficiados serão as crianças.

---

<sup>10</sup> Patrícia Corsino. Tese de Doutorado. Departamento Educação, Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientadora: Sonia Kramer. 2003.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Quem educa quem?** São Paulo: Summus, 1985.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BRASIL. MEC – Coordenação de educação Infantil – DPEIEF/SEB – **Revista CRIANÇA** – do professor de educação infantil. Brasília, DF, nº 42, dez/2006.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do adolescente** – Lei 8.069/1990. Brasília, DF, 1990.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BONOMI, Adriano. **O relacionamento entre educadores e pais**. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. **Manual da educação infantil de 0 a 3 anos**. POA: Artmed, p. 161-184, 1998.
- CORSINO, Patrícia. **Infância, linguagem e letramento: Educação infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**. [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- COSTA, Anna MARIA. **Conheça o seu filho**. Editora Quadrante.
- DI SANTO, Joana Maria R. Centro de Referência Educacional – Consultoria e Assessoria em Educação. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br>>. Acesso em outubro/2007.
- STENSON, James B. **Filhos: Quando educá-los?** São Paulo: Quadrante.
- TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** Editora Gente, 2002.
- VENTURI, Jacir J. **Educar um Filho: Trabalho de Hércules?** (World Wide Web, Disponível em: <http://blog1.educacional.com.br/articulistaOutros/p70572>. Acesso em: 09/11/2009).

## Capítulo 2 - EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*Dra. Daniela Ruiz de Mendonça*

### INTRODUÇÃO

A proposta deste item é correlacionar as questões psicológicas às educacionais traçando uma linha que, tem por objetivo, unir estas duas dimensões tão essenciais e presentes em nossas vidas. Para tal, recorro a exemplos do dia a dia escolar, momentos do consultório e da dinâmica familiar do aluno.

No Item 1 as questões psicológicas intrínsecas nas educacionais são tratadas de maneira simples e objetiva na tentativa de validar essa parceria e na busca de criar outros pensamentos correlacionados ao tema.

Há intenção clara de instrumentar o professor para que ele tenha êxito em sua tarefa de ensinagem. Para tal, proponho a reflexão da importância de se estudar o funcionamento mental e biológico das crianças a fim de conhecê-la em sua totalidade, minimizando assim, possíveis problemas na relação professor-aluno.

No **Item 2** a proposta é aprofundar o tema da relação professor-aluno, ressaltando que as duas figuras que compõem essa díade são pessoas com desejos e sentimentos e, portanto, portadoras de afetividade. A afetividade é mola propulsora das relações e propiciadora de grandes encontros na educação. Prestar atenção nisso é de extrema importância, pois valida as questões de subjetivação e singularidade tanto do professor, como do aluno.

No **Item 3** apresento as posições e exigências das famílias no que se refere às questões escolares e das escolas e os possíveis desencontros destas duas entidades. É preciso refletir sobre estas questões para que assim se possa entender os direitos e deveres de cada uma, desta forma, beneficiando o aluno inserido neste contexto.

Na preocupação de apontar os problemas que carrega um aluno rotulado com um diagnóstico, proponho no **Item 4** a reflexão sobre diagnósticos precipitados e as consequências de um rótulo-diagnóstico na vida escolar de uma criança. Esse tema é muito importante na medida em que traz sérias contribuições sobre as perturbações causadas em crianças em idade escolar.

No **Item 5** há intenção clara de propor um posicionamento de autoconhecimento do professor para que em sua tarefa de ensinagem, possa ele refletir sobre suas posturas, seus medos, seus desafios, seus acertos e suas reações sobre seus pensamentos e sentimentos. A essa tarefa de pensar sobre seus próprios pensamentos é dado o nome de Metacognição.

Também neste Item esclareço como se dá a construção do conhecimento e proponho um diálogo entre alguns autores da psicologia e pedagogia que nos amplificam sobre o saber, o desejo e as possibilidades de aprendizagem.

No **Item 6** faço uma quebra de paradigmas sobre o comportamento infantil. Trago a ideia de que nós psicólogos, ao recebermos uma criança no consultório, não podemos classificá-las com esse ou aquele diagnóstico, mas entendermos a dinâmica familiar para compreendermos as motivações de certos comportamentos infantis.

Não é o trabalho da reeducação comportamental, nem muito menos educacional. É acima de tudo, respeito à singularidade de cada criança. E também à crença de que a criança tem a capacidade de transformações, bastando creditarmos nela.

Para finalizar, o **Item 7** traz grandes contribuições sobre um transtorno (TDAH) da infância e adolescência que abarca sérios problemas na aprendizagem e na autoestima. Entretanto, apresento outro olhar sobre esse transtorno, buscando em Jean Bergès o apoio fundamentado que aponta para as relações familiares o berço dos sintomas apresentados pelas crianças.

## ***2.1 - Importância do diálogo entre a educação e psicologia***

Quando buscamos os estudos psicológicos, encontramos a ciência da alma, aquela que estuda o ser, seus sentimentos, pensamentos e emoções. Suas atitudes, suas fraquezas, sucessos e seu jeito de ser no mundo. O ser humano é puramente subjetivo, uma vez que cada um de nós tem uma maneira singular de nos apresentarmos ao mundo ou de nos interagirmos com ele.

Nós, professores, sabemos, sem sermos especialistas no comportamento humano, características de personalidade quando olhamos nosso aluno. Não é preciso ter um olhar clínico próprio do psicólogo, para apreendermos sobre uma criança, seu jeito de ser e sua atuação social. A professora consegue dizer como é seu aluno, o que pensa, como reage e pode até prever comportamentos, isto é, ela já tem a compreensão das características psicológicas de seus alunos, sem ser especialista das etapas do desenvolvimento humano.

Então encontramos aí um belo exemplo de uma concepção de psicologia na educação. Essa primeira visão simplista da psicologia e educação foi trazida para suscitar no leitor a ideia de que o fazer psicológico está em todas as relações, sejam elas profissionais, familiares

ou sociais. A educação não pode ser considerada uma ciência isolada e fechada. É nela que acontecem os grandes encontros sociais, emocionais, históricos e claro, psicológicos dentre outros.

É certo que não podemos desconsiderar que a psicologia abarca inúmeras técnicas e seu estudo aprofunda o conhecimento no comportamento e nas emoções humanas. E, claro, somente o profissional psicólogo pode usar testes psicológicos e realizar atendimentos e tratamentos psicológicos, estando, portanto, limitada em sua aplicação no âmbito escolar.

Quero aqui enfatizar que a psicologia está presente na educação, assim como o ar está presente nos pulmões. Mas o que ocorre por muitas vezes é separar, afastar ou anular a questão psicológica nas relações, como se um ser fosse isso ou aquilo e não uma totalidade, como se psicologia fosse só observação de comportamento ou resolução de conflitos.

Vejam, numa sala de aula quando uma professora deixa que seu aluninho de 3 anos permaneça com seu paninho agarrado a ele o tempo todo, demonstra que compreende a necessidade da criança em ter o objeto nas mãos, porque ele se sente melhor, mais calmo. Ora, estamos usando a teoria winnicottiana que nos explica que esse objeto pode ser chamado de objeto transicional, faz parte do desenvolvimento normal da criança e funciona mais ou menos como um objeto de substituição para a criança, que na ausência da mãe deposita no objeto segurança e conforto.

A educação se esvazia de psicologia quando o profissional não se apoia em nenhum dos teóricos do desenvolvimento humano para realizar seu trabalho e crê que é apenas um depositário do saber e o aluno apenas um receptor deste conhecimento. Pode ser falha na formação deste, entretanto a reflexão a que me proponho é que, por muitas vezes, o professor crê que não há tempo para aprofundar as relações estabelecidas em sala de aula, mantendo desta forma, um contato distante e impessoal com os aprendizes. Entretanto, essas relações já existem por si próprias, sendo necessário que o professor tenha essa consciência para que possa sustentar a relação com o aluno.

Essa incompreensão é grande causadora de tragédias na educação. Achar que cada disciplina é separada em estanques e a função do professor é somente distribuir seus saberes é com certeza um assunto para um precioso debate.

Penso que psicologia e educação precisam andar de mãos dadas. Não é preciso ser psicólogo na sala de aula, mas é preciso ter olhos sensíveis. Nomeio assim porque só o olhar sutil, aquele olhar nas entrelinhas vê o que não está sendo revelado claramente. É preciso que o educador tenha embasamento teórico para que se compreenda o aluno de uma maneira global, isto é, entender fases do desenvolvimento humano, características peculiares de cada idade, emoções e pensamentos das crianças segundo o estudioso de sua preferência. Isso significa respeito às crianças e facilidades na sala de aula. Não creio ser a metodologia, mas a prática pedagógica pautada na possibilidade de desenvolver nos alunos todas as suas potencialidades.

O professor que escolhe um ou dois estudiosos do comportamento humano como um alicerce profissional e o atrela ao conhecimento acadêmico a ser trabalhado na escola encontra motivação em si e na sala de aula, pois se sente mais seguro, mais confiante. Também encontra muitos alunos dispostos a aprender e um ambiente favorável para a aprendizagem, uma vez que o professor compreende a criança na sua totalidade e nas suas particularidades, sendo, portanto assertivo em sala de aula.

Um exemplo disto é uma professora que, em seu compromisso pedagógico, se utiliza das teorias piagetianas e prepara atividades próprias para a idade dos seus alunos. Ela confecciona uma caixa com vários objetos, de diferentes formas, tamanhos e texturas para crianças de 1 ano e meio manipularem, porque sabe que nesta idade, as crianças estão no que Piaget (1997) chama de período sensório-motor, fase em que o conhecimento infantil sobre o mundo é feito através do tocar com as mãos ou levar à boca.

Enfim, estar munido de conhecimento (fazer pedagógico) para ter consciência do que se está fazendo na sala de aula, de que jeito, como e para quê, correspondendo, assim, a boa consciência pedagógica.

## 2.2 - A psicologia e a relação professor-aluno

Que esta relação existe e não pode ser ignorada já sabemos. Quando não há comprometimento do professor nesta relação, quando não estabelece boa e verdadeira relação positiva com seu aluno, acaba por acionar o que a psicanálise chama de mecanismos de defesas, tanto da sua parte quanto da parte do aluno. É o aluno que rejeita o professor, porque se sente rejeitado por ele, pelo menos é o que às vezes sente o aluno. É o aluno que rejeita a disciplina, porque não tolera o professor que a ministra. É o professor que acha a turma "difícil" e já entra na sala mal-humorado. Esses mecanismos, como o próprio nome designa, se constituem em um modo de nos defendermos de uma situação em que nos sentimos desmoronar ou quebrar em pedacinhos e para que isso não ocorra, criamos maneiras de agir e reagir, de modo a nos defendermos, perante a atitude do outro. Ambos sofrem, professor e aluno.

Há uma pessoa por trás do professor e também do aluno! Pessoa com sentimentos, desejos, medos e opiniões. Tomemos como exemplo uma sala de aula de alunos no último ano do Ensino Fundamental. Uma turma que era muito agradável nos anos anteriores, agora inferniza a vida dos professores com falatório, desinteresse e muita, mas muita bagunça. Se a escola ativar somente o mecanismo da ordem e regras provavelmente não terá uma turma controlada, calma como antes. É preciso se perguntar: o que está acontecendo? Por que estão diferentes este ano? O que motiva essa turma a agir assim? É através de possíveis questionamentos que caminhos se abrem e novas respostas e percepções afloram. Será que esta turma não estava se sentindo mal porque era o último ano deles juntos? Será que não estavam assustados com novos caminhos que estavam por vir? Será que era sofrido demais levar a lembrança de uma turma amiga, unida, calma, então bagunçavam para não sofrerem muito depois? Os comportamentos humanos, sozinhos ou em grupos, são incríveis. Sentimentos não ou mal compreendidos podem se tornar catastróficos. Essa é a leitura que o educador pode fazer da sua turma. Isso é olhar nas entrelinhas e ver o que está por trás de alguns comportamentos que não correspondem aos reais sentimentos.

Cada um de nós tem um jeito particular de se apresentar ao mundo e de reagir aos acontecimentos. Também temos nosso jeito para aprender algo. Uns precisam de imagens, outros de movimento, outros aprendem relacionando com algo que já sabe. É também a singularidade da aprendizagem! Assim também somos nos relacionamentos. Com um é preciso ter mais paciência, com outro é só chegar perto e explode uma bomba de cutucões e alfinetadas.

Entender as diferenças na sala de aula, o jeitinho que cada aluno usa para aprender e o modo de ser de cada um, já é um bom início para o professor que ousa mudar-se. A mudança é do professor sim, pois é ele que tem condições intelectuais de repensar a relação e buscar ajuda, para que a relação se harmonize. É o professor que pode olhar o aluno de maneira diferente. São percepções sutis daquele que olha e vê.

Penso que são duas coisas diferentes: olhar o aluno nos olhos é ter o que chamo de *atencionalidade*<sup>11</sup>, ação daquele que lhe dá atenção. Recordamo-nos com afeto daquele professor que nos olhou, que nos deu atenção e que falou conosco num diálogo amigável, mesmo nos dando uma bela bronca. Entretanto, aquele professor que nos olhou, mas não nos viu, nem ouviu, guardamos mágoa ou raiva, porque estava embutido no olhar dele o sentimento da rejeição. Veja bem, o professor pensa que não está rejeitando o aluno, porque se dirige a ele sempre que possível. Mas de que forma? Perguntando se hoje ele fez sua tarefa? É isso que o aluno espera ouvir do professor, somente? Todos nós sentimos quando não somos queridos ou quando nossa presença é desagradável. E ao sentirmo-nos rejeitados sofremos e atuamos de diferentes modos. Há o aluno que se comporta mal na sala de aula, atrapalha, levanta o tempo todo ou aquele que está presente-ausente, isto é, o corpo está ali pesado sobre a cadeira, mas o pensamento está em outro lugar senão aquele lugar que lhe dá prazer, seja com o vídeo-game ou no jogo de futebol.

---

<sup>11</sup> Este termo é utilizado pela psicopedagoga argentina Alicia Fernández quando em seu discurso busca se referir a real e significativa atenção dada às crianças, jovens e anciãos.

Segundo Marchand (1985: 19): “A educação supõe, desde o primeiro contato com determinada criança, o aparecimento do par-afetivo, cuja harmonia ou desacordo leva todo o ensino para os numerosos (des) caminhos possíveis.”

No século passado havia um grande distanciamento do professor com o aluno. Hoje muitos professores ganham amigos na sala de aula. Entretanto, ainda há, metaforicamente, apagadores de lousa sendo jogados nas cabeças dos alunos e reguadas nas palmas das mãos, porém de um jeito mais desumano ainda: a indiferença. Esta, quando presente nas relações, dilacera a alma e provoca angústia. A indiferença ocorre nos dois lados, tanto do professor para com o aluno, como deste para com o professor. Infelizmente, há muitos alunos que são indiferentes a presença do professor. Fica esquecido que sala de aula é lugar de compartilhar conhecimento, lugar de ouvir opiniões, lugar de respeito ao pensamento do outro. Mas, porque a escola está assim?

### **2.3 - A psicologia e a exigência escolar e familiar nos dias de hoje**

O pensamento sobre a escola e o que se espera dela tem mudado muito nas últimas décadas. A escola antigamente era o lugar para se ter a formação acadêmica: ler, escrever, contar e conhecer a história dos países, etc. Hoje se espera que ela possa dar o que os pais não tem tempo para dar em casa, ou seja, educação, respeito ao próximo, respeito às figuras de autoridade, higiene e questões morais e todo o conteúdo acadêmico formal.

A despeito da escola também ser uma instituição educativa, é papel fundamental da família inserir a criança no mundo simbólico, ou seja, da cultura, transmitindo-lhe valores, direitos e deveres, instituindo uma lei que permite a esta criança se posicionar frente ao mundo. À medida que a escola delega este papel à escola, ocorre uma confusão de exigências: os pais exigem que a escola mude e se responsabilize pelo comportamento

alterado da criança ou pelo fracasso escolar. E a escola pede aos pais para tomarem providências quanto à má aprendizagem do aluno e a conduta inadequada deste.

Como ambos, pais e escola não conseguem, por muitas vezes, administrar estes problemas ocorre o encaminhamento desta criança para um profissional que dê uma solução rápida e eficiente para que aconteça o tão sonhado bom desempenho e bom comportamento do aluno.

Vivemos hoje numa sociedade do *fast*, da comida rápida, dos apressados, da hora marcada, e das cobranças em tudo. A empregada doméstica tem que saber lavar e passar bem, cozinhar melhor ainda e realizar bom atendimento telefônico, além de ser excelente babá e conselheira para a dona da casa. O pensamento desta sociedade é que médico bom é aquele que cura rápido. Mas são tantas as especialidades que ainda hoje são criadas que perdemos o entendimento do que serve para o que. Esse modo de pensar faz parte de um contexto da sociedade pós-moderna que traz consigo ideias próprias do século XX. Segundo Outeiral (2003) a sociedade contemporânea é marcada pela velocidade de informações, modelos de relações da ordem virtual, descartável, com ênfase no produto e não no processo. O ser humano fica visto em partes, todo fragmentado. Como entender uma dor no corpo se não questionarmos como, quando e em que situação surgiu essa dor?

A escola necessita de uma "cura" rápida do seu aluno, pois pretende deixá-lo apto para a sala de aula. Nesse momento, ocorre um fato muito importante e é sobre ele que quero me debruçar agora. Pretendo apontar para uma visão sobre o aluno encaminhado, sobre uma escola que pede ajuda e uma família que grita por socorro procurando, muitas vezes, na criança a causa dos problemas apresentados por ela.

O momento do encaminhamento é decisivo na vida de uma criança. Diante de muitas queixas sobre a criança, como escolher que profissional consultar?

Diz-se da criança: não para quieta, fala na hora errada, levanta-se muito da cadeira, não presta a atenção em nada na escola, fica muito

tempo no computador e uma lista que se segue sobre dificuldades, exageros e falta de comprometimento da criança.

Certa vez, uma mãe me ligou contando que necessitava de minha ajuda psicoterapêutica, porque sua filha não ficava quieta na cadeira da escola e não prestava muita atenção no que a professora dizia. Ouvi atentamente o relato da mãe e qual não foi minha surpresa quando ela disse-me que a criança em questão tinha apenas 3 anos. Foi preciso fazer esta mãe refletir sobre o que ela espera de uma escola, se ela concordava com as queixas da escola e o que planejava sobre esse início escolar da vida da filha, porque aos 3 anos não é possível exigir esse comportamento.

Creio que um dia as escolas vão esperar da criança que ela seja apenas uma criança e que haja respeito pelo seu desenvolvimento emocional, estrutural e social. A criança terá novamente tempo e espaço para brincar, para se mexer e aplicar sua curiosidade e conseqüentemente seu precioso desejo por aprender.

A criança encaminhada pode ter a sorte de ser atendida em suas reais necessidades, compreendida não pelos seus desarranjos e erros, mas pelo que sabe fazer, por seus sentimentos, pensamentos, desejos e por tudo o que está escondido atrás de comportamentos inadequados. Penso que essas crianças devam ser ouvidas e atendidas com *atencionalidade*. Um minucioso trabalho de escuta e a compreensão de que esse jeito agitado ou desatento de ser pode ser a única maneira que a criança encontrou para dizer ao mundo que algo não está bem com ela ou dentro da família dela.

As famílias estão, muitas vezes, perdidas. Não entendem porque as crianças estão tão desinteressadas dos estudos e porque os comportamentos estão fora dos seus controles. A insegurança da família é muito grande. Ora encontramos pais exigentes que questionam a metodologia da escola ou a aula do professor, ora encontramos pais ausentes, que não sabem nem o nome dos coordenadores. Por vezes escola e família vivem um confronto infundável. Zagury (2002:14) educadora e escritora evidencia uma importante questão que aponta para o fato de que os prejudicados são os alunos: “trata-se mais do que tudo de evitar que tal confronto se transforme numa disputa em que os únicos vencidos serão

nossas crianças. Por isso é mister tratar de compreender que, se a escola não é ainda hoje aquela ideal, por outro lado, é ainda o único lugar em que nossos filhos encontram pessoas que dedicam suas vidas – assim como nós pais – à formação das novas gerações”.

Há poucas décadas, o significado que a escola tinha para a criança era totalmente diferente das concepções de muitos alunos, nos dias de hoje. Antigamente mantínhamos uma relação saudável com o saber, gostávamos de ir à escola. Entretanto, muitas crianças não gostam de ir à escola. A principal queixa é sobre a relação com o professor. É preciso atentar para o fato de que antigamente a autoridade do professor era muito clara. A construção desta relação se dava de forma hierárquica, muitas vezes de maneira rígida e mesmo assim era gostoso ir para a escola. Também nessa época o fracasso escolar era de responsabilidade unicamente do aluno, desta forma nos empenhávamos muito mais para vencer os desafios e dificuldades. No entanto, mesmo com essas diferenças havia o empenho do aluno e o respeito ao professor. Nossos pais nos aconselhavam a respeitar a professora. Muitas meninas, nas suas séries iniciais escolares queriam ser professoras quando crescessem. Havia uma identificação positiva com a figura da educadora. E o que ela nos dizia era uma verdade inquestionável, chegávamos a contrariar nossos pais ao defendermos as ideias da nossa professora.

Penso que a opinião dos pais sobre as pessoas sempre foi de muita relevância para as crianças. Foram nossos pais que instituíram a importância do professor e também foram eles que destituíram o professor da sua valência. Se os pais deixam de dar a devida importância aos educadores, como as crianças vão construir essa relação?

## **2.4 - A psicologia e os rótulos**

A escola tem a responsabilidade de auxiliar a família compreender que a criança precisa de outra ajuda profissional, pois se esgotaram as

tentativas da escola e também da família de auxiliarem a criança que apresenta sintomas<sup>12</sup>. Contudo é da responsabilidade da família escolher este profissional. Gostaria de elucidar sobre os diagnósticos precoces e mal fundamentados. O que ocorre muitas vezes, é a criança receber um diagnóstico-rótulo de disléxica ou hiperativa e carregar este fardo, sendo apontada ou reconhecida, na escola, por este rótulo. Outras vezes a criança é medicada para que tenha o comportamento normalizado, isto é, aquele que a escola estabelece como correto. Esse procedimento já é por si só invasivo e desprovido de valorização e aceitação das singularidades de cada criança.

É nesse sentido que chamo a atenção do leitor para essas questões tão comuns na nossa sociedade, nas nossas casas e escolas. São comuns porque se tornaram comuns, corriqueiras, para corresponderem ao *fast* do mundo moderno. Entretanto, causam sofrimento ao aluno estigmatizado. Por este motivo a psicologia não pode ser vista como algo distante, algo fora do contexto escolar. É preciso ser sensível para sentir a dor do aluno que não consegue aprender ou que não consegue se conter em sala de aula. A sensibilidade está no profissional, não na profissão, por isso que afirmo que podemos mudar nossa postura, de um olhar que acusa para olhares que abraçam e tocam com amor esses alunos ditos problemáticos. Trago uma frase de Rubem Alves que complementa o que pretendi dizer: “O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes do sonho.”

Muitos destes alunos se defrontam com o fracasso escolar e a esse respeito Fernández (2001a: 26) nos apresenta o fracasso escolar e a própria dificuldade de aprendizagem como fatores que afetam profundamente o sujeito aprendente na relação com o mundo e consigo

---

<sup>12</sup> Sintoma, tal qual explicitado pela psicanálise, refere-se a um modo disfarçado, mascarado, enigmático de apresentar um conflito. Dito de outra forma, uma mensagem de que algo não vai bem com a criança.

mesmo: “a criança que dele padece sofre pela subestimação que sente ao não poder corresponder às expectativas dos pais e professores.”

Penso que a autoestima é algo que é construído na relação com o outro. Se o outro só vê nossos erros, como poderemos nos sentir bem? Sabem aquelas crianças cujos pais só fazem comentários negativos a respeito delas? Sabem aquelas reuniões de pais, na escola, que a professora só aponta os problemas dos alunos? Há pais que me dizem que não vão às reuniões porque sabem que somente vão ouvir reclamações sobre o seu filho e isso se tornaria desagradável.

Há ainda de se esperar que a escola e a família façam uma parceria e que as beneficiadas sejam as crianças. Enquanto essa parceria não vem, muitos alunos sofrem recebendo rótulos: bagunceiro, agitado, mal-educado, desafiador, etc. Os rótulos vem para nomear de forma degradante uma característica ou um conjunto delas, comportamentos ou apenas jeito de ser no mundo. Fernández<sup>13</sup> nos diz que “ao rotular faz-se calar toda a possibilidade”. Para o aluno rotulado fica quase impossível fazer algum movimento de mudança. É como se não pudesse esperar nada deste aluno. Por isso, toda a possibilidade de transformação se anula. Fica o fardo pesado do rótulo, porque um rótulo é um peso a ser carregado pelo aluno: o peso da culpa, do não acerto, o peso de ser diferente. O que acaba por minimizar as chances de crescimento pessoal, emocional e intelectual do aluno, pois a escola toma para si este diagnóstico, instala o rótulo e o perpetua.

Em conclusão, parece-me que a escola é uma pequena parte, mas significativa da sociedade, e quem não corresponder às suas exigências, muitas vezes, será marginalizado, assim como o aluno é ao ser rotulado de disléxico ou hiperativo. Então, na escola, e depois fora dela, o sujeito não é reconhecido pelas suas capacidade e habilidades e pelo que sabe fazer de melhor, mas sim estigmatizados pelos seus ‘defeitos’.

---

<sup>13</sup> Palestra proferida na Universidade São Marcos em 12 de abril de 2007, cujo título foi “(Des)construindo a concepção de hiperatividade e déficit de atenção e construindo a concepção de atividade e atenção”.

## **2.5 - O educador, o autoconhecimento e a construção do conhecimento**

Hoje está cada vez mais difícil o professor assumir que há falhas educacionais, sejam no planejamento ou em ação na sala de aula. O professor não consegue aceitar algumas limitações dos seus alunos, não conseguem ainda se ver em sala de aula, analisar sua atuação e aceitar as suas próprias limitações. O autoconhecimento proporciona domínio sobre si mesmo, sobre as suas próprias possibilidades e sobre sua força geradora de mudanças. É preciso uma disponibilização interna para a mudança, que beneficiará tanto professor, como aluno e conseqüentemente, a relação entre eles. Nesse momento, do conhecimento de si mesmo ocorre a autorização para ensinar e a possibilidade criadora do professor. É preciso “autorizar-se a pensar”, como diz Fernández (1994: 5). E pensar é questionar, é ampliar o conhecimento, é arriscar-se. É isso que um bom professor pode fazer pela sua turma: estimular o pensamento, interrogar, questionar, levantar hipóteses. Digo bom professor, porque precisa de coragem para estar numa sala que tem alunos pensantes, aqueles que podem questionar até aquilo que o professor desconhece e este aceitar seu desconhecimento e ir buscar esse saber junto com o aluno.

Essa tarefa chama-se metacognição: é pensar sobre o seu pensamento, é pensar-se enquanto cria, é mais que autoconhecimento, é pensar sobre seus próprios processos. Portilho (2009: 123) utiliza esse termo para trabalhos com professores e crianças em seus próprios processos de aprendizagens: “Uma avaliação metacognitiva tem o objetivo de ajudar o avaliado a tomar consciência dos aspectos fortes e frágeis no seu processo de aprendizagem, verificando se existe ou não controle da situação, com vistas à transformação dos caminhos percorridos até o momento. É pensar, refletir e agir sobre a realidade, em especial sobre as estratégias de aprendizagem adotadas.”

Muitos profissionais já pensam sobre suas ações, numa reflexão individual, por muitas vezes, essa reflexão não é consciente. Então, é preciso ter consciência destes pensamentos. São pensamentos que valem à pena, porque nos mostram o que somos e o que precisamos melhorar.

Creio que é uma aposta em si mesmo. Um investimento com garantia de bons rendimentos, porque a autoanálise não serve para autodepreciação, mas sim para autoconstrução, reflexão e seleção do que é bom e do que não se tem mais uso, como, por exemplo, metodologia arcaicas. É preciso imaginação e criatividade para apresentar uma aula interessante, que infelizmente faz par de concorrência com os vídeos games e jogos de computador que são sedutores e muito atraentes para o aluno.

Arriscando apontar o que seria ideal, penso em salas com turmas pequenas, para que o saber circule pelos alunos, sem tumultos. Apoio os professores quando dizem que uma sala de aula numerosa não permite que todos possam mostrar seu saber, porque o tempo que se tem é bastante curto. Entretanto, a culpa não pode ser depositada no curto tempo, mas no modelo comportamental da aprendizagem, que prioriza estímulos e respostas previstas. Desta forma, espera-se que o aluno memorize as respostas dadas pelo professor, assim não proporcionando um ambiente de reflexão e argumentação. O aluno precisa pensar. Neste sentido, o professor tem papel importante, porque vai se deparar com interrogações e conclusões que são exclusivas das crianças e não do sistema educacional. Para Macedo (1994: 129) o professor deveria “experimentar suas próprias técnicas (...) desenvolvendo sua própria autonomia” para que a criança desenvolva a dela.

Quando pensamos, geramos perguntas e são elas que norteiam nosso caminho, indicando para onde vamos. A pergunta é ao mesmo tempo instigadora e desafiadora. A escola ensina as respostas, quando na verdade deveria ensinar a fazer perguntas e a trilhar os caminhos para as respostas, devendo essas, conter a questão objetiva e subjetiva do pensamento do aluno.

Um aluno autor de seus próprios pensamentos é questionador, é pensador. Daí que muitas vezes, a escola nega essa possibilidade, pois a “autoria de pensar supõe e produz um sujeito *inquieta*<sup>14</sup>”, como nos mostra Fernández (2001b: 92). A escola, muitas vezes, se incomoda com

---

<sup>14</sup> Grifo da autora

as perguntas e inquietação dos seus alunos. E ao exigir silêncio absoluto, impossibilita a troca de informações e o exercício da autoria de pensamento.

Fazer perguntas não é fazer questionamentos sem sentido, é colocar em palavras interrogativas, os pensamentos. É perguntar para compreender melhor, para ampliar o que já aprendeu. A pergunta está entre o que conheço e aquilo que quero conhecer. E para compreender a criança precisa inventar respostas, aventurar-se, agir sobre a pesquisa e se deleitar nas descobertas. Macedo (1994: 128) utiliza as palavras “observar, perguntar, interpretar e registrar” como fundamentais na aprendizagem e acrescenta que na escola é importante que se “desenvolva a habilidade de comunicação”. Então, estariam as crianças contando e recontando histórias, fatos, relatos, e estariam exercitando a relação positiva com o outro, na medida em que “realizam o trabalho de equipe”.

Grandes descobertas na ciência aconteceram por acaso? Mesmo que a maçã tenha caído, fortuitamente, da árvore, o físico Isaac Newton precisou questionar esse fato, levantar hipóteses e formular as possíveis respostas. Para os grandes pensadores fica o título inatingível de “descobertas científicas”. Mas nos apropriamos deste saber e o transformamos para adequá-los à nossa vida. Isso é aprendizagem sadia, uma vez que não apenas conhecemos, mas acrescentamos, manipulamos e modificamos o conhecimento construído em função das nossas necessidades e de nossos desejos. É nossa subjetividade mesclando com a objetividade do conhecimento. É a própria construção do conhecimento ou a construção da inteligência. Andreozzi (2007: 53) complementa tal ideia ao relacionar a construção da inteligência ao desejo inconsciente: “O movimento de construção da inteligência não é autônomo; está ancorado no movimento do desejo, inconsciente.”

Macedo (1994: 132) nos fala da aprendizagem, ponderando que ela é universal, isto é, acontece com qualquer criança, todas aprendem, independente do meio em que vivem, porque “é da ordem do espontâneo”. Revela ainda que a criança aprende segundo o nível de desenvolvimento que ela esteja, sendo necessário, então, “levar em conta as possibilidades prévias da criança”.

Linkeis (2007)<sup>15</sup>, psicóloga e psicopedagoga, acrescenta uma importante contribuição quando relata que numa sala de aula, o que o professor diz é entendido de uma maneira diferente para cada aluno, pois o sujeito aprendente é também ser subjetivo. Desta forma, cada aluno transformará em algo próprio tudo o que aprendeu. É esperado que todos os alunos aprendam, entretanto não se aprende igualmente, pois cada aluno dá um sentido próprio à aula assistida.

É importante refletir sobre a postura de muitos professores que, costumeiramente, ensina os seus alunos em aula expositiva, longas e no nível das hipóteses. Consideremos um aluno que não atingiu o período formal – período que o jovem consegue pensar hipoteticamente – terá dificuldades de compreensão do que o professor diz, uma vez que até os onze ou doze anos, ainda está operando concretamente – período que a criança necessita de algo concreto para construir seu pensamento. É certo que os alunos necessitam de aulas que permitam o uso de recursos concretos. Se isso não acontece, como o conhecimento vai ser construído pela criança? Sem o aparato cognitivo, que ainda não dispõe, como vai fazer abstrações, levantar hipóteses ou pensar sobre ações futuras?

Esta compreensão é muito importante para que se entenda que um dos motivos da desatenção do aluno origina-se no momento em que ele não consegue abstrair o que o professor ensina. O que, por sua vez, aciona outros comportamentos como desinteresse e apatia pela escola ou professor.

## ***2.6 - O comportamento escolar da criança e do adolescente à luz da psicologia***

Vamos traçar um perfil do bom aluno? Bom aluno é aquele fica sentado o tempo todo na cadeira da sala de aula, faz perguntas relevantes

---

<sup>15</sup> Ideia proferida pela professora Rita de Cássia M. B. B. Linkeis na aula do dia 22 de fevereiro de 2007 na Disciplina Desenvolvimento do Papel Profissional do Psicopedagogo, do curso de Especialização Latu-sensu em Psicopedagogia da Universidade São Marcos.

ao professor, como se adivinhasse o pensamento dele, sobre a aula? Também é bom aluno aquele que faz todas as lições em silêncio e olha nos olhos do professor, atentamente? Entrega trabalhos na data certa e não faz gracinhas na sala de aula?

Tudo bem! Esse aluno existe, claro, são poucos, mas estão nas salas de aula. Ocorre que nas últimas décadas, esse era o perfil de quase toda a sala de aula. As exceções eram os alunos que não prestavam atenção no que o professor dizia, conversavam sobre outros assuntos, brincadeiras e falta de respeito com o professor e os colegas de classe também fazem parte da lista dos, que tomo a liberdade de chamar de, inadequados.

Hoje temos uma sala quase cheia de inadequados. Falta de atenção e respeito são as principais queixas dos professores sobre os alunos. Por que os aprendizes estão assim? Penso que dialogar sobre esse fato nos remeterá às questões morais e educacionais. O comportamento inadequado do aluno é resultado dos tempos modernos, onde o professor recebe um aluno para educá-lo em todos os sentidos. É o professor que ensina a criança a falar obrigado, bom dia e o pedido de desculpas. É o professor que tenta preencher uma lacuna deixada pela família, onde a educação e respeito estão distorcidos, onde os aspectos morais, cidadania e comprometimento são apenas detalhes pequenos, para muitas famílias.

Não há como transferir a responsabilidade dos pais sobre estas crianças. São eles o ponto final, os únicos que podem transmitir, direcionar e mostrar o que é certo e o que é errado nesta sociedade. Chamo de pais ou cuidadores aqueles que são responsáveis pela criança, que moram com ela e cuidam dela. Desta forma, os cuidadores são tios, avós ou padrinhos ou os próprios pais que devem educar sempre, principalmente na adolescência. Fase em que o jovem necessita de direcionamento, diálogo e atenção. Muitos pais param de ensinar, porque acham que já ensinaram o bastante e também ao se deparar com a pseudo independência do adolescente que pensa que já sabe tudo na vida.

A criança que apresenta problemas comportamentais é encaminhada, algumas vezes, para a clínica psicológica. Os pais a levam porque acreditam que a criança tem problemas. O profissional deve ser cauteloso,

reconhecendo que a criança não é um objeto a ser estudado, porque obviamente ela não é um objeto! Hoje as crianças estão apresentando sintomas de adultos: depressão, ansiedade ou estresse agudo. O que não significa que elas necessariamente têm o problema, pois muitas crianças inteligentes constroem os sintomas ao observarem demais seus pais ou as figuras significativas da sua vida.

As crianças estão falando menos e observando mais. Dolto (1999: 11) psicanalista francesa, relata uma verdade sobre a atenção das crianças: “uma criança reflete e escuta melhor quanto menos olha a pessoa que está falando. (...) Para nós, adultos, é o contrário: gostamos de olhar para a pessoa com quem estamos falando. Quanto à criança, se ela está com as mãos ocupadas com alguma coisa, se está folheando um livro, uma revista ou história em quadrinhos, ou se está brincando de alguma coisa, esse é o momento em que ela escuta, que escuta fantasticamente, tudo o que se passa à sua volta. Ela escuta ‘de verdade’ e memoriza”. Por isso é mister dizer que as crianças estão aprendendo conosco, mesmo sem nos dirigirmos a ela. Isso significa que elas observam comportamento, palavras e reações dos adultos, incorporando esses modelos e os utilizando depois.

As crianças estão desenvolvendo menos brincadeiras que envolvem elaboração do pensamento. Ficam horas a fio de frente ao computador. Elas olham a tela que, a princípio, propõe reflexão, desafios e associações, entretanto não apresenta as reações e descobertas características da condição humana. Nos jogos do computador, quase tudo determinado; as crianças sabem o que a esperam, sabem o que vão encontrar. Então a brincadeira fica esvaziada de inovação. Contudo, a brincadeira com o outro pode proporcionar: inovação, construção de conhecimento, hipóteses, raciocínio e imaginação. Brincar implica em construir ideias e pensamentos. A brincadeira com outras crianças proporciona desenvolvimento da linguagem, criatividade, a construção de pensamentos e exposição de ideias. Daí surgirem muitos problemas na aprendizagem e no desenvolvimento escolar das crianças e dos adolescentes. Pais e professores percebem, no contexto escolar, que falta

a esses jovens, opiniões, levantamento de hipóteses, construções e interpretações de textos ou situações, posicionamento, planejamento futuro e elaboração de ideias.

A psicologia vê a criança e seu desenvolvimento inserida numa família com hábitos e rotinas específicos. Uma criança com uma história de vida. Não há como classificá-la num diagnóstico. Se isso ocorrer acaba toda a possibilidade desta criança ser vista em sua singularidade. No consultório não me relaciono com um hiperativo, me relaciono com Lucas, com o João, Pedro, Maria. Mais uma vez dispenso os rótulos.

Para se entender os comportamentos das crianças e dos adolescentes é preciso investigar a família, o posicionamento e os relacionamentos que ela cria com esta família e com o mundo. Não é importante classificar seu problema, mas oferecer um ambiente clínico de reciprocidade e espontaneidade. E os sintomas apresentados aparecem como espelhos da história de vida desta criança. Há entendimento do psicólogo de que ele não pode ser mais um que só enxerga os problemas da criança. Se a olhamos como todo o mundo a vê, então não há possibilidade de superação das dificuldades. Entretanto, se a olharmos como um ser normal e cheio de surpresas, aí teremos o compromisso com a subjetividade infantil e as possibilidades de mudanças serão significativas.

## ***2.7 - Um olhar para o Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade***

No cenário da atual sociedade acompanhamos o uso de nomenclatura para todos os tipos de comportamento. São os diagnósticos-rótulos que rompem com a angústia de não se ter um nome para os sintomas que se tem. Entretanto, essas nomenclaturas estão sendo usadas em excesso pelos profissionais. Um deles é o transtorno do Déficit de Atenção com ou sem hiperatividade. Basta os pais falarem que o seu filho é desatento e agitado para o rótulo ser colado na testa da criança e muitas vezes, o remédio ser receitado.

Discutir sobre o TDAH no contexto atual é de extrema importância para que assim se possa compreender porque inúmeras crianças são medicadas desnecessariamente e rotuladas invariavelmente.

O que pretendo mostrar é a importância de um diagnóstico cuidadoso que não generalize nem estigmatize crianças que apresentam os sintomas do transtorno.

Faz-se importante entender a construção deste diagnóstico: O TDAH teve em 1980 a sua caracterização nosológica pela Associação Americana de Psiquiatria, conforme assinala Cypel (2003). Essa caracterização estabelece três condições para o diagnóstico: impulsividade, desatenção e hiperatividade. Esses sintomas são causadores de grandes perturbações no ambiente escolar, uma vez que a criança ao ser desatenta ou agitada “perde” explicações dos professores e acaba tendo prejuízos nas notas escolares.

Muitos profissionais, ao diagnosticarem o TDAH, baseiam-se nas orientações do Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais da American Psychiatric Association (DSM-IV), publicado em 1994, em sua quarta edição. Estudiosos do transtorno, como Barkley (2002), afirmam que dentre os sintomas, pelo menos seis deles devem persistir por mais de seis meses.

Pretendo apontar para o fator de decisão sobre o Transtorno: só os sintomas são considerados. Se a criança apresenta os sintomas, então ela tem o transtorno! É essa atitude que considero questionável, pois estigmatiza e medica até as crianças que realmente não possuem o transtorno. A história de vida desta criança não é levada em consideração por muitos médicos.

### **2.7.1 - Uso do medicamento**

Crianças e adolescentes estão sendo medicados em apenas 20 minutos de consulta médica. Basta apenas que sejam faladas as palavras: desatenção e agitação! Nos EUA, as crianças são medicadas indiscriminadamente. Fernández (2001a: 204) afirma que “o número de

crianças entre dois e quatro anos que usa Ritalina, uma droga estimulante, nos últimos anos, duplicou nos Estados Unidos”.

Mas o que explica o exagero sobre a medicação? Creio que o modo de abordar os sintomas no século XXI é o uso de medicação. Estamos na era em que o remédio é usado para suprimir a dor psíquica. Muitas pessoas tomam remédios para ficarem mais felizes. Por mais que se fale em homem com visão holística de si, ainda permanece a herança das grandes descobertas da medicina e, principalmente, a evolução e aprimoramento dos achados científicos sobre os componentes químicos que agem especificamente sobre a dor do indivíduo, mesmo que esta dor seja emocional.

Creio que, muitas crianças, crianças estão apresentando sintomas como uma maneira de expressar que algo não vai bem com ela ou com a família dela. Desta forma, me arrisco em entrar numa questão mais delicada ou talvez perigosa: O que as crianças estão denunciando com o seu modo irrequieto de ser e sua atenção desfocada? Por que é tido como correto ter atenção em um só foco?

### **2.7.2 - Atenção, o que é?**

Em seus estudos psicanalíticos, Freud (apud Fernandez, 2001a) chamou de “atenção flutuante” às várias maneiras de perceber os estímulos concomitantes a outros. Então, vamos examinar nossos adolescentes e verificar a presença da atenção flutuante ocorrendo nas suas horas vagas: conseguir ouvir música e cantar enquanto escreve para três amigos na internet, em bate-papo on line. Mas na escola, nada de prestar atenção ao que o professor fala! Creio que o interesse está presente só nas horas vagas. O conteúdo escolar e as relações na sala de aula ficam desinteressantes.

O aluno dirige sua atenção para os focos que estão relacionados com seu desejo.

Isso explica porque muitos alunos não aprendem. Se o desejo por aprender pertencer aos pais e não à criança, isto é, se o desejo não for dela, então a aprendizagem não ocorre de maneira satisfatória. Muitas

crianças fazem as tarefas escolares sem desejo próprio, mas para atender ao desejo do outro. Nesse sentido, a psicopedagoga Rubinstein (2003: 81) aponta: "sem desejo não há possibilidade de aprender, pois aprender implica domínio, apropriação". Quando uma criança se apropria do conhecimento, transforma-o dando-lhe um sentido maravilhosamente singular.

É por isso que alunos ditos com o TDAH se saem muito bem em testes de atenção e concentração, ficam horas no computador ou falando ou fazendo algo, sem se distrair. O coração deles está ali. E a motivação para terem esta atenção encontra-se presente. Em hebraico, atenção se escreve assim: LASSIM LEV e significa "colocar seu coração", como esclarece Rubinstein (2003: 178).

### 2.7.3 - O olhar da família

Objetivando proceder com um contraponto ao discurso até este momento, apresento Jean Bergès, neurologista e psicanalista francês que faz um paralelo entre a criança hiperativa e sua relação com o olhar de pessoas significativas, principalmente o olhar materno.

É interessante a concepção apresentada por Bergès (1988) quando nos fala que a agitação da criança não a incomoda, mas sim ao outro que tem o desejo que ela permaneça bem quietinha. Esse desejo, expresso pelo olhar dos pais, revela uma mensagem para a criança que busca responder pelas suas atitudes.

Funciona mais ou menos assim: a criança agitada apresenta ao mundo um jeito de ser em resposta ao modo como foi olhada. Se olhada em excesso, mostra ao mundo essa agitação que lhe foi, de certa forma, imbuída, se olhada em escassez, apresenta uma agitação para se fazer notar, para ser percebida pelas figuras significativas da sua vida.

Diante de tais estudos, posso concluir que os sintomas da desatenção, acompanhada ou não da hiperatividade são os mesmos para a criança que tem realmente o distúrbio e aquela que não tem. E que, muitas vezes, crianças desatendidas pelas famílias estão recebendo o diagnóstico errado

e, nesta busca pela atenção, são forçadas a 'normalizar' seus comportamentos através de psicotrópicos.

Creio que, não podemos medicar ou tratar somente os sintomas que uma criança apresenta. É preciso compreendê-la dentro da dinâmica de sua família. É preciso investigar que lugar ocupa dentro da família, quais expectativas a família depositam sobre esta criança e de que forma os sintomas se desenvolvem. É precioso saber que uma criança nasce hiperativa, sendo assim a hiperatividade não pode simplesmente aparecer em qualquer momento da vida da criança. Se isso aconteceu, então não há como dizer que esta criança tem o TDAH. Estes sintomas apresentados por um portador do TDAH ou por uma criança diagnosticada com o transtorno mesmo sem possuí-lo, ou por uma criança desinteressada e desatenta na escola revelam nas entrelinhas a história deles com o mundo e, essencialmente, com as famílias. A psicologia entende esses sintomas como algo que na impossibilidade de aparecer de outro jeito, encontra na desatenção e na agitação motora uma via de expressão que acaba por revelar que algo não está bem na própria criança, mas advém das suas relações com pessoas significativas.

É preciso uma análise atenta, cuidadosa do sujeito, com investida em sua história de vida. Minuciosamente se descobre, tecendo fio por fio, a rede de emoções, percepções, desejos que constituem um sujeito, para que dessa forma, seja possível vê-lo também em suas capacidades e no seu próprio poder de resiliência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sempre é tempo de se refletir sobre como melhorar as condições do aprender e do ensinar. Portanto, faz-se essencial que se aponte os caminhos para que tais processos se realizem.

É neste sentido que a psicologia se une à educação para traçar um caminho rumo a novas maneiras de se pensar a relação professor-aluno de modo que ambos possam usufruir do sucesso em ensinar e em aprender.

Em todos os itens deste capítulo procurei trazer contribuições no que diz respeito a valorização do professor e olhares valiosos aos alunos. É preciso uma retomada da minha produção escrita para que assim possa ampliar os objetivos de cada item.

No item 1 busquei estreitar o laço que une a psicologia e a educação, mostrando que, dentre outras coisas, é preciso instrumentar o professor para que sua tarefa de ensinagem seja mais segura para si e para as crianças. Ressaltei que o que faz diferença em sala de aula é o olhar do educador sobre a relação estabelecida com o conteúdo, sobre a realidade escolar e sobre a criança principalmente.

Na tarefa do professor em se atualizar, vários recursos podem ser usados. O uso da internet facilita o estudo do professor sobre os teóricos do desenvolvimento de maneira mais rápida se comparado a época quando fazíamos nossas pesquisas nos livros da biblioteca, portanto, hoje há mais facilidade para se obter conhecimento, para ler histórias de quem elaborou uma aula diferente, para também relatar sobre seus sucessos na sala de aula.

Na relação professor-aluno, tema desenvolvido no item 2, procurei, à luz da psicologia, revelar as singularidades de cada um, as motivações, os sentimentos e desejos que tornam uma pessoa um ser único e inigualável. Ninguém é igual a ninguém, então torna-se imprescindível que a figura do professor e a figura do aluno sejam valorizadas em suas particularidades.

Explorei também a questão da qualidade da atenção dada à criança e a relação professor-aluno sendo permeada por afetividade. Desta forma, considero a afetividade como fator essencial para que os saberes possam circular e a aprendizagem possa se efetivar.

No item 3 ressalté a importância da voz dos pais na educação das crianças. Apontei para o fato de que a maneira como os pais conduzem seus valores de vida, seus pensamentos sobre a moral e situações do dia a dia, refletirá de modo impactante sobre a criança. Assim, a opinião dos pais pode influenciar a opinião de seus filhos. É preciso refletir sobre essas questões, para que, na educação das nossas crianças, haja o incentivo a valorização e o respeito pelo educador.

Ainda neste item, trabalhei as questões psicológicas intrínsecas na exigência escolar e familiar. Trouxe alguns exemplos desta exigência mútua, para compreender porque a relação escola-família está tão complicada. Apontei para o fato de que estamos numa era do *fast* em nossa sociedade. Para não perder tempo, a sociedade impôs a rapidez em tudo àquilo que vamos fazer: alimentos rápidos, cursos rápidos. Nós aderimos porque adotamos um estilo de vida que se faça muitas coisas em curto espaço de tempo. Desse modo atropelamos nosso organismo, desejos e deveres: a família delega à escola o que compete a ela própria fazer.

Pensando nas consequências de se corresponder ao *fast* da nossa sociedade- mundo moderno-, trouxe para discussão, no item 4, uma análise sobre os rótulos instalados nos alunos e, por vezes, perpetuados pela escola. Apresentei o rótulo como algo que impossibilita muitas crianças de se desenvolverem com qualidade de vida emocional na escola, além de comprometer a cognição e o uso da inteligência dentro da sala de aula.

No item 5 me apropriei da palavra metacognição, que significa pensar sobre seus próprios processos, para apontar o caminho do professor ao autoconhecimento. Essa descoberta e análise sobre si mesmo, proporciona a autonomia do pensamento e o *start* da criatividade. De posse da percepção sobre si, isto é conhecendo-se e autorizando-se a ensinar, pode o professor estimular, nos alunos, o questionamento sobre os saberes, a investigação sobre o conhecimento adquirido, desta forma, re-significando o que foi aprendido.

No item 6 discorro sobre o comportamento escolar da criança, evidenciando que, muitas vezes, as crianças apresentam ao mundo um jeito de ser que corresponde as turbulências familiares. Por este motivo, torna-se imprescindível uma escuta cuidadosa do profissional que fará a análise da criança. O profissional deverá observar que no emaranhado de conflitos e porquês há um ser singular e com todas as capacidades de mudança, se houver a participação efetiva da família.

Aponto, também, para a importância do brincar em parceria com outra, ou outras, crianças. Neste sentido, brincar com outras crianças estimula

várias habilidades como construção de ideias e pensamentos, levantamento de hipóteses e argumentação. Enquanto que a brincadeira solitária no computador, por vezes, são previsíveis, podendo trazer um prejuízo no corpinho da criança que fica várias horas em postura inadequada na cadeira.

No 7 e último item apresentei um novo olhar sobre o déficit de atenção com ou sem hiperatividade, mais especificamente sobre os sintomas deste transtorno. O enfoque foi direcionado para a questão de que muitas crianças apresentam os sintomas de desatenção ou hiperatividade como uma forma de revelarem que algo não vai bem consigo mesma e/ou na família, entretanto estão sendo rotuladas e medicadas para 'normalizarem' seu comportamento. O transtorno existe e o remédio, na dosagem certa, pode ajudar essas crianças que realmente possuem o transtorno, contudo não se pode aceitar que um número tão elevado de crianças possuem o TDAH. Muitos diagnósticos estão sendo feitos precipitadamente, concomitante com a falta de *atencionalidade* a estas crianças.

Em conclusão, sobre os itens explanados neste capítulo, é essencial que seja evidenciada a questão do olhar diferenciado para a criança e para sua história de vida. Apontei para o fato de que a criança precisa ser entendida em suas potencialidades e não em seus 'defeitos'. Apresentei a família exercendo grande influência na vida pessoal e escolar da criança.

Trouxe, também, a concepção de um professor que precisa se valorizar e investir em si mesmo para obter sucesso em sala de aula e na sua vida profissional.

Portanto, à luz da psicologia, a educação encontra boas saídas para problemas antigos e persistentes.

Esta leitura convida pais, professores e estudantes a compreender as crianças em suas reais necessidades, olhando-a com *atencionalidade* e estimulando-a a sempre progredir. Palavras que asseguram um bom caminho para crianças, adolescentes, alunos e nossos filhos rumo à autonomia na escola e na vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREOZZI, Maria Luiza. **Piaget e a intervenção Psicopedagógica**. São Paulo: Olho d'água, 2007.
- BARKLEY, Russell A. **Transtorno de Déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo e autorizado para os pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BERGÈS, Jean. **Doze textos de Jean Bergès**. Porto Alegre: APPOA, 1988.
- CYPEL, Saul. **A criança com Déficit de atenção e hiperatividade: atualização para pais, professores e profissionais**. São Paulo: Lemos, 2003.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. 1. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2001a.
- \_\_\_\_\_. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001b.
- \_\_\_\_\_. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- MACEDO, Lino de. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, 1985.
- OUTEIRAL, José. CEREZER, Cleon. **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- PIAGET, Jean. **Problemas de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forence, 1973.

**A construção do real na criança.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

**Seis estudos em psicologia.** Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1997.

PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição.** Rio de Janeiro: Walk Ed., 2009.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A. 1980.

RUBINSTEIN, Edith Regina. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

\_\_\_\_\_. **O sujeito da aprendizagem e a linguagem: olhando através do zoom e lendo nas entrelinhas.** In: RUBINSTEIN, Edith Regina. (org) **Psicopedagogia: fundamentos para a construção de um estilo.** 1. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. Cap 4 p. 101-164.

ZAGURY, Tania. **Escola sem conflito: parceria com os pais.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

## Capítulo 3 - EDUCAÇÃO COMO PROCESSO CULTURAL



### INTRODUÇÃO

A Educação sempre teve importância para os diversos aspectos de desenvolvimento das nações e o conhecimento sempre foi fonte de poder, conquistas e desenvolvimento. A História conta que as nações que alcançam hoje níveis invejáveis de avanço científico, tecnológico e cultural sempre tiveram na educação suporte para tal crescimento. É comum relacionarmos o desenvolvimento ao processo de avanço na educação e na valorização de seu processo como todo abrangendo suficiente todos os que estão direta ou indiretamente envolvidos. A educação tem uma importância vital na melhoria do padrão de vida dos povos, pois com educação de qualidade certamente temos avanço tecnológico e tal processo pode ser utilizado para aumento da produtividade, desenvolvimento científico e melhoria das demandas sociais diversas de nossa sociedade.

O mundo moderno é pautado por grande robotização e grande avanço científico e tecnológico, vivemos a época da Terceira Revolução Industrial onde a necessidade de um ótimo ensino de massa em todos os níveis é cada vez maior e mais importante no processo de relações entre os povos. A melhoria do padrão cultural dos povos é vital para seu crescimento. Somente povos com nível cultural elevado estarão firmes no processo de crescimento individual e coletivo. É preciso pensar não apenas no desenvolvimento econômico, mas, sobretudo, na melhoria do nível social reduzindo os índices de analfabetismo, melhorando a educação de base e garantindo acesso de todas as crianças em idade escolar à escola. As leis e demandas sociais têm hoje na educação uma importância vital e é preciso que o nível cultural de nosso povo seja aumentado para uma melhor facilitação de acesso a outras demandas sociais.

A Educação tem sido objeto de discussões diversas e tem sido uma das grandes bandeiras dos movimentos populares em geral, pois a cada dia que passa o modelo econômico em vigor no nosso país tem sido pautado em um processo de negação desta demanda para a maioria dos indivíduos, pois o neoliberalismo que tem feito parte da relação política dos países latino-americanos tem se caracterizado firmemente em um processo de retirada de direitos sociais e precarização do trabalho. Deste modo vemos em todos os governos medidas que procuram negar às parcelas da população educação pública e de qualidade com ações diversas como geração de temporariedade aos trabalhadores em Educação, negação de infraestrutura adequada em seu funcionamento e muitas formas de gestão que promovem uma espécie de incapacidade do Estado na geração de um nível de educação que seja realmente voltada para os interesses populares e na concretização firme de uma formação de indivíduos, críticos, criativos e formados numa concepção de valores que sejam firmes no interesse coletivo.

O processo educativo é importante de ser praticado em todas as instâncias da sociedade, porém a Escola é o local mágico onde ela pode acontecer e ser firme numa forma concreta de acontecimento que gere

criação, senso crítico, formação de valores e, sobretudo, geração de ideais de dignidade e respeito aos seres humanos e busca plena de formação de cidadãos conscientes e ávidos por mudança.

### **3.1 - Envolvimento da sociedade na educação**

A cada dia que passa cresce em importância a necessidade de envolvimento da população no processo educativo de cada indivíduo, pois a educação é boa para toda sociedade e um processo de educação de qualidade tem sempre um significado especial na redução das desigualdades sociais e na melhoria do país em termos de avanço tecnológico e desenvolvimento. Somente garantindo educação de qualidade para todos poderemos fazer com que os cidadãos tenham acesso a outros bens da sociedade e garantia dos direitos plenos para a concretização da cidadania plena.

A educação hoje é uma discussão que envolve todos os setores da sociedade, porém tem se tornado em muitos casos apenas retórica política e não tem efetividade no momento das gestões, pois a economia tem sido prioridade para os governos de plantão que tem esquecido que a educação de qualidade tem o poder de alavancar o desenvolvimento e fortalecer a dignidade dos seres humanos. A sociedade deve se envolver mais na concretização de um processo de geração de educação de qualidade, pois todos os cidadãos merecem ter um nível cultural elevado para poder compreender a vida política, econômica e social de seu país e assim garantir melhores dias para si e para seus familiares.

Hoje em dia, é preciso fortalecer a participação das comunidades no processo de construção da prática educativa, é preciso abrir os estabelecimentos escolares à participação da sociedade em geral e os movimentos populares devem colocar a educação como ponto de pauta de suas reuniões, ações e propósitos. A Educação tem de ser discutida em todos os setores da sociedade e deve ser analisada por todos os indivíduos que devem participar do processo de formação e crescimento dos indivíduos que estão na escola.

Muitos movimentos em prol da educação de qualidade jamais terão sucesso se não houver uma provocação da sociedade em busca de tal fato, pois somente povo organizado tem o poder pleno de decidir, exigir e reivindicar melhores dias para todos indistintamente. O poder do povo deve ser sempre vivificado em processos de luta, engajamento e conscientização para que todos saibam como buscar seus direitos e exercer plenamente a cidadania ativa e responsável.

No caso da Educação é preciso que a temática esteja em pauta em todos os locais onde se possam aglomerar pessoas e em todos os diversos grupos sociais que fazem parte do cotidiano das pessoas. É urgente promover debates sobre a educação que temos e a educação que queremos para que os indivíduos tenham conhecimento da fragilidade do Estado no processo de construção da educação de qualidade e os fatores que promovem esta deficiência e que prejudica sempre aos que mais precisam.

No ambiente escolar deve-se partir sempre para um processo de construção da prática educativa em cima de ações que façam com que a comunidade escolar participe da formação e práxis pedagógica, que discuta os métodos educativos, que passe aos educadores a realidade de seu cotidiano e os fatores que tem dificultado a geração de uma educação de qualidade. No processo educativo a participação da comunidade escolar é sempre fundamental e é mais do que importante desenvolver uma prática de aproximação popular da escola para que todos conheçam suas características, desafios e deficiências fazendo com que todos juntos possam efetivar uma luta que gere um processo de educação que melhore o nível de vida dos povos e que seja adequada a um processo de construção de conhecimento que gere boas coisas a todos os membros de uma sociedade.

No processo educativo a participação da família é fundamental e tem que ser incentivada, valorizada e estimulada. A Escola deve ser aberta à comunidade que tem que ser provocada a conhecer o Projeto Político Pedagógico da Escola, discutir métodos de aprendizagem e colaborar com o desenvolvimento de seus filhos dentro e fora da Escola. É preciso fortalecer os conselhos escolares e desenvolver mecanismos mais efetivos

de participação para que todos os membros do processo educativo tenham oportunidade de fortalecer o processo educativo e garantir educação de qualidade para todos, indistintamente.

O art. 13 da LDB em seu inciso VI prevê a colaboração por parte dos professores em relação a atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade, tal perspectiva abre opções para um processo colaborativo da Sociedade com a concretização da Educação de qualidade, é preciso que cada indivíduo seja motivado a conhecer a importância da educação e tenha um processo de conscientização valorosa sobre a necessidade de avanços na Educação e no papel do Poder Público nesta demanda social de grande importância para todo e qualquer processo de desenvolvimento de uma nação. Nosso povo tem de ser levado a crer nos educadores e entender tudo sobre sua importância lutando firmemente pela sua valorização e arguindo o Poder Público neste sentido.

Em outro artigo a LDB diz que a gestão democrática do ensino será baseada no princípio de geração de mecanismo de participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares o que abre a perspectiva ativa de participação popular no fortalecimento da Educação como meta da Sociedade e como direito do povo. É importante que a comunidade também tenha acesso à educação, como podemos exigir a colaboração dos pais no processo educativo se temos um índice ainda muito alto de analfabetismo? Para isso é preciso também elevar o nível educativo de nosso povo para que eles, no momento em que tenham educação, possam também colaborar para a educação de seus filhos.

Para alcançar a meta de concretização da educação de qualidade é preciso também desenvolver um processo de mudança da sociedade gerando justiça social, igualdade e democracia dando ao povo oportunidades de questionar o poder, exigir direitos, exercer cidadania, cobrar posições éticas dos que dominam a vida política do país e engajar – se firmemente na mudança do regime para um processo de garantia dos direitos de forma concreta e verdadeira.

Para reforçar uma posição de ação da sociedade em prol de uma Educação de qualidade achamos importante expor aqui ideias de um texto

de 1982 que já previa esta necessidade de luta de cada cidadão no processo de concretização da educação digna e real para todos.

*“A sociedade pode e deve mudar, mas somos nós que temos que provocar essas mudanças. Nós que achamos, por exemplo, que a escola é uma coisa muito importante e que ela está funcionando muito mal.*

*As mudanças só virão se os principais interessados se mexerem. As mudanças não vêm de cima para baixo nem são dadas de presente. As mudanças são sempre resultado da ação dos que protestam contra o tratamento injusto que vêm recebendo da escola e exigem uma escola diferente que atenda realmente os interesses da maioria.*

*Como a escola é peça dessa engrenagem maior, mudando a escola estaremos também ajudando a mudar a sociedade.”*  
(CECCON & OLIVEIRA, 1982: 83)

A população sabe sim da importância da educação, porém devido a negação de seus direitos é impelida a colocar outros setores como saúde, moradia, segurança como prioridades e esquecendo que somente com educação teremos estas outras demandas atendidas e garantidas a todos. É preciso que haja um processo de conscientização popular sobre a importância da educação para todos e justificar sua importância na fundamentação da garantia de alcance das necessidades populares.

### **3.2 - Educação e mídia na contemporaneidade**

A educação tem sido muito discutida no que diz respeito ao aspecto midiático, no entanto temos constatado que ainda há muito ruído na comunicação no que diz respeito à educação. Em vários casos talvez por conviência ou por puro atrelamento dos que fazem a comunicação ao processo de dominação política do Estado a Educação é pouco discutida no processo comunicativo de maneira geral apesar de que algumas redes

de televisão de nosso país já dedicarem espaço em suas programações para essa dimensão da vida humana.

Os espaços para discussão no meio midiático devem ser ampliados e a notícia sobre educação deve ser passada de forma crítica, questionadora e baseada em um processo de análise que faça com que as pessoas tenham acesso a um processo informacional que provoque em cada cidadão o desejo de luta por igualdade de oportunidades a todos, a uma educação de qualidade, eficiente e que dê perspectivas de crescimento a todos e atue firmemente no desenvolvimento do país. A educação que temos tem de ser questionada e atuação do Estado na garantia desta demanda social tem de ser analisada criticamente nos meios de comunicação para que todos possam se apropriar de um processo de conhecimento que faça com que todos se envolvam na construção de uma ação pedagógica pautada na verdade e no engrandecimento cultural de nosso povo.

Os meios de comunicação têm hoje papel decisivo no processo de geração da educação procurando divulgar ideias que conduzam a um processo de desalienação de nosso povo e contribua para geração de um conhecimento crítico em que todos os indivíduos saibam da importância da educação e se engajem na luta por sua garantia às diversas camadas populares. A mídia deve ser questionada e é preciso que se formem grupos de pressão na análise da forma como a comunicação tem sido oferecida ao povo e como cada cidadão pode atuar de maneira a compreender os conteúdos ideológicos e os fatores engendrados no processo comunicativo.

Nos momentos atuais a mídia vem, em muitos casos, favorecendo a alienação popular e deseducando nosso povo. Temos geração de heróis efêmeros que em nada contribuirão para a melhoria do padrão de vida de nosso povo e que geram uma comunidade crescente de pessoas aculturadas, alienadas e descontextualizadas de sua posição perante a transformação da sociedade. É preciso que os meios de comunicação incluam em seus planejamentos espaços que provoquem um envolvimento das pessoas no processo de formação cultural e de engrandecimento educativo de nosso povo. É preciso varrer das programações televisivas e radiofônicas a criação de mitos sem nenhum propósito social e nenhum

compromisso com os anseios do povo. É preciso que os meios impressos sejam desatrelados do poder e emitam notícias verdadeiras que promovam o desejo do povo para a luta, para fortalecimento das ideias de construção de uma sociedade justa e igualitária e para a concretização da cidadania plena e real.

Os movimentos populares devem ter acesso ao processo comunicativo e deve-se fortalecer a ideia de que comunicação é um bem público que deve ser essencialmente democrático e fiel aos anseios de conhecimento que vivifique ideias de ética, cidadania e engajamento popular. É preciso questionar a comunicação que temos e investigar o papel das mídias na formação da sociedade para evidenciar um processo comunicativo desalienante e que tenha eficácia na valorização do povo.

Em educação é importante desenvolver práticas de utilização da mídia como crescimento intelectual de nosso povo. As novas mídias estão aí para serem usadas de forma a concretizar um papel educativo que envolva a todos e seja, sobretudo, fortalecido pela forma mais altruísta de ver o mundo e compreender suas transformações. O processo educativo deve ter a mídia como auxiliar fazendo com que os usuários da educação saibam filtrar conteúdos, analisar a notícia e utilizar cada conhecimento mostrado pelos meios de comunicação como elemento auxiliar para seu crescimento intelectual.

A comunicação deve ser verdadeira, ética e responsável em todos os sentidos fazendo com que seus usuários tenham acesso aos aspectos da verdade e da responsabilidade nas mensagens emitidas pela mídia e possa crescer a partir dos conteúdos veiculados pelos diversos meios de comunicação o que vai provocar uma alternativa de utilização da mídia como meio de crescimento intelectual e como formação de mentes à serviço de um objetivo maior: A MELHORIA DA SOCIEDADE.

Nos dias de hoje a comunicação é vital para o crescimento intelectual e tem papel importantíssimo na formação de nosso povo. A notícia quando veiculada traz em si informações valiosíssimas que serão utilizadas para um processo informativo que favorecerá o desenvolvimento de pensamentos e a formação de ideias. Cabe a cada educador se informar e

informar seus alunos e ter sempre consigo o desejo de aprofundar as ideias contidas no processo informativo da mídia que for utilizada.

É deveras importante analisar o conteúdo ideológico das mídias no processo de formação dos indivíduos e é vital que se promova uma análise dos conteúdos evidenciados e haja sempre uma visão crítica sobre a informação passada e verificado sempre o que está por trás das ideias veiculadas nos meios de comunicação. Em nosso país é comum o domínio dos meios de comunicação por grupos políticos, econômicos e religiosos o que nos faz crer que nem sempre a informação é isenta ou desprovida de algum interesse dos que se dizem proprietários dos meios de comunicação.

FREIRE(1996) afirma e reforça essa posição quando relata que:

*“Não temo parecer ingênuo ao insistir não ser possível pensar sequer em televisão sem ter na mente a questão da consciência crítica. É que pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que joga a ideologia na comunicação, ocultando verdades mas, também, a própria ideologização no processo comunicativo. Seria uma santa ingenuidade esperar de uma emissora de televisão do grupo de poder dominante que, noticiando uma greve de metalúrgicos, dissesse que seu comentário se funda nos interesses patronais. Pelo contrário seu discurso se esforçaria para convencer que sua análise da greve leva em consideração os interesses da nação.”(FREIRE, 1996: 139 – 140)*

O efeito da mídia nas sociedades é passível de análise e investigação, pois vivemos um momento de alto nível de tecnologia e de encurtamento de distâncias via informação no entanto tais informações não podem ser desprovidas de uma análise crítica e consciente de seus usuários entendendo claramente o sentido do que é divulgado e os objetivos com

que elas chegam até nós. Não há neutralidade na informação, por isso devemos lutar para que esta informação seja pautada numa vivência de construção de valores que permitam a redução da exclusão e busca plena da melhoria do nível de vida dos povos indistintamente.

### **3.3 - Cultura no processo de ensino**

Falar de cultura no Brasil é primeiramente questionar o modelo aplicado no processo de formação de nosso povo que desde o início do processo colonizatório se baseou na ocultação da cultura original e na opressão aos processos culturais surgidos pelos povos que aqui vieram como os negros e alguns migrantes. A cultura sempre foi um problema para o país e reflete essencialmente os problemas que hoje temos no processo de concretização da educação para todos.

A cultura de um povo reflete suas manifestações diversas que povoam o território em busca de sobrevivência e nas lutas cotidianas que geram conhecimento, manifestações, conhecimentos passados de geração à geração e outras ideias que se vivificam no nosso processo de configuração étnica e nossa formação sociocultural.

O Brasil é um país de grandes dimensões onde se misturam todos os tipos de grupos étnicos e nesse processo temos grandes vivências e manifestações culturais típicas de nossa pluralidade que é uma evidência de nosso processo de formação. A Escola não deve desprezar essa condição do país e deve sempre procurar enaltecer os diversos aspectos de nosso povo para dar aos indivíduos um processo de geração de formação cultural que possa caracterizar o conhecimento e colaborar para dar aos cidadãos condições de expressão, luta e politização.

A Escola é um ambiente importantíssimo para valorização de processos culturais e para questionamento dos diversos modelos engendrados na construção do saber e na formação de nosso povo. A Escola deve propiciar sempre espaços para conhecimento e investigação da cultura e fazer desses momentos oportunidades para questionar diversos estereótipos criados pelo modelo dominante da educação que

sempre procurou desprezar o processo cultural de nosso povo e sempre buscou ocultar o papel dos grupos étnicos formadores de nossa população.

A Escola é um local privilegiado para a criação de um processo de valorização da cultura e para investigar os problemas de negação desta faceta da sociedade à grande maioria da população. É preciso que a Escola e o Poder Público fomentador de suas ações criem e valorizem espaços para formação cultural dos que procuram a Escola atuando como catalisadora de vivência e investigação dos processos culturais diversos na infinidade de elementos que povoam o imaginário brasileiro.

É importante que a Escola procure fortalecer o engrandecimento cultural dos que a ela vão consolidando sempre um processo de criação de espaços para formação cultural, incentivo ao engrandecimento cultural e criação de ideias que façam com que todos os cidadãos tenham acesso a processos culturais que dêem a todos oportunidade de formação e conhecimento da diversidade cultural de nosso povo.

O artigo 26 da LDB prevê em seu parágrafo 2 a necessidade de desenvolvimento do ensino da arte colocando-o como componente curricular obrigatório que vai promover o engrandecimento cultural de nosso povo. Em outro parágrafo é previsto que há necessidade enaltecimento da contribuição das matrizes indígenas, africana e européia na formação do povo brasileiro. Como vemos a lei maior da educação prevê sempre a questão da cultura e faz sempre um apanhado da necessidade de incluir o processo cultural na formação intelectual dos que fazem a educação básica e superior.

A Educação aliada a um desenvolvimento sólido de ações culturais terá uma importância vital na formação dos que buscam a escola que deve se envolver em ações que tenham sempre o enaltecimento dos processos culturais da comunidade na qual a Escola esteja inserida valorizando sempre a produção local e os conhecimentos dos cidadãos da comunidade escolar. A escola não deve desprezar o caráter educativo do processo cultural verificando sempre visões de mundo, concepções religiosas, ideias dos povos e ensinamentos gerados por todos aqueles que formaram nossa população.

CAMPOS (2008) afirma categoricamente que é preciso que a Escola não esqueça que o mundo precisa urgentemente observar a nova cultura que emerge em novas linguagens, imagens e códigos que devem fazer parte do contexto de prática escolar buscando sempre perceber a pluralidade dos bens culturais dentro e fora do contexto escolar.

É importantíssimo que a Escola procure desenvolver ações culturais para que suas ações sejam celeiros de um processo de transformação política e o conhecimento seja adequado aos anseios daqueles que estão na Escola e que faça parte do contexto de formação dos educandos.

A Escola deve sempre estar aberta às manifestações culturais da comunidade circundante e deve sempre discutir as questões diversificadas das relações culturais do povo brasileiro tais como racismo, invasão cultural, alienação cultural e processos políticos da cultura e suas manifestações. É importante também desenvolver espaços para compreender os mecanismos de formação cultural de nosso povo e o papel da fomentação cultural no processo educativo.

A questão cultural tem grande importância na concretização da educação, pois somente pessoas cultas e conscientes podem desenvolver ações na melhoria das ações educativas e se engajarem na melhoria da vida nos aspectos sociais, políticos e econômicos propugnando pela justiça, liberdade e valorização dos indivíduos.

### **3.4 - A cultura popular e a Educação**

A cultura popular tem sido desprezada no contexto da educação formal que sempre desprezou o conhecimento produzido por indivíduos geralmente desprovidos do poderio dominante e da cultura dita erudita em todos os processos de geração do conhecimento. Desse modo a pergunta que surge é a seguinte: Há lugar para a educação no processo de cultura popular? Ou mesmo qual a relação entre cultura popular e educação? Saindo do lugar comum da pergunta é importante que façamos uma apreciação das características da cultura popular e verificar o contexto em

que a mesma se insere no processo educativo e na geração de conhecimento.

Um dos elementos fundamentais da cumplicidade entre cultura e educação é a valorização do conhecimento popular e suas manifestações. Para que isso seja possível é preciso que a Sociedade desenvolva um processo permanente de discussão, debate e aprendizado sobre os aspectos da cultura popular e faça um entendimento mais forte do significado da relação entre cultura e processo educativo. A partir dessa concepção é necessário que se oportunize sempre espaços para reconhecimento do valor educativo da cultura popular e se desenvolva análises e discussões dos fatores que promovem o conhecimento a partir das relações que vem ocorrendo entre os indivíduos e entre suas relações cotidianas.

É importante sempre tirar lições educativas geradas a partir da configuração das ações populares e de seu contexto cultural. O conhecimento é gerado pela cultura que promove aprendizados sobre os aspectos da natureza e da situação da população em busca da sobrevivência que sempre vai buscar na relação com o ambiente vivido oportunidades de aproveitamento dos meios e gerando ciência neste processo mostrando deste modo que a cultura é geradora de conhecimentos e formação de ideias que servem de aprendizado entre os homens.

O processo de conhecimento gerado a partir das relações culturais dos seres humanos deve ser reconhecido no contexto da ciência, pois a formação de ideias e pensamentos científicos estão sempre pautadas pela mediação cultural dos povos e pelos seus processos gerados nas relações cotidianas de busca de sobrevivência, moradia, alimentos e outros mecanismos de garantia da vida. A ciência é uma aliada perfeita da cultura, pois a cumplicidade entre essas duas categorias se fortalece a medida que vão ocorrendo relações sociais, políticas e econômicas entre os povos.

É válido que se faça sempre uma união entre o pensamento dito erudito e o popular para realizar um processo de complementaridade e valorizar os dois aspectos do processo de geração de conhecimento para que o desenvolvimento cultural de nossa sociedade possa mostrar o valor da

formação de ideias, conceitos e situações que venham a ocorrer na relação entre os povos. Vale entender que a ciência é resultado de um processo de geração de tentativas de sobrevivência dos homens que ao realizarem esses esforços estavam criando e fazendo cultura que certamente contribuíram plenamente para o reforço do processo de conhecimento e, por conseguinte, desenvolvendo atos educacionais e de entendimento do mundo.

A Cultura Popular tem grande importância no processo de coesão social e tem grandes contribuições para a formação do pensamento e do conhecimento do povo através principalmente de suas manifestações e ideias que são geradas nas relações cotidianas em busca da sobrevivência fazendo com que o homem possa produzir, construir e formar conceitos de vida.

O vínculo entre Cultura Popular e desenvolvimento do ensino com cumplicidade destes dois elementos servirá plenamente aos propósitos de um bom processo de conhecimento e construção plena do saber, pois com desenvolvimento cultural temos um avanço de conhecimento, do desejo de aprendizado com concretização de uma nova visão de mundo pautada no avanço pleno do conhecimento.

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

### ***3.5 - Escola, cultura e cidadania – passos a um crescimento na formação.***

No contexto da sociedade atual não devemos prescindir de um processo de reconhecimento da importância da cultura na coesão social e na valorização do associativismo e da cooperação entre indivíduos. Somente indivíduos com nível cultural satisfatório terão condições de compreender ideologias, ações políticas, valor dos bens sociais e, sobretudo, de seu papel no contexto de formação de cada ser que procura a educação.

A cultura tem grande importância no contexto de formação dos que buscam a escola que tem de ter contato com o que vem sendo construído

pelas sociedades no decorrer de seu processo histórico e na busca incessante de suas necessidades materiais e espirituais. É preciso que hajam espaços para uma melhor formação cultural e para a concretização de ideias sobre o mundo em que vivemos e o papel das formações sociais e espaciais. Todos os problemas que acontecem na educação nos dias de hoje só serão resolvidos com cidadãos conscientes de sua importância. No entanto essa conscientização só é possível a partir de um nível cultural elevado e concreto de cada indivíduo. A Educação não pode ser dissociada da cultura e povos com cultura elevada com certeza poderão exigir Educação de qualidade.

Nos dias de hoje é de grande importância desenvolver mecanismos de engrandecimento cultural da população para que estes tenham condições de um processo de questionamento do Poder e das políticas engendradas no processo de construção da educação. Somente povo com cultura suficiente para questionar e exigir as ações do poder poderá compreender o valor do desenvolvimento de um processo educacional suficiente e pleno de sucesso em termos de qualidade e eficiência.

A cidadania cultural tem uma importância vital no engrandecimento da participação popular. É vital que se promova um processo de reconhecimento da cultura como elemento a mais na obtenção de uma educação de qualidade no contexto de formação social e política de nossos povos. Não é aceitável que deixemos de valorizar a cultura e compreender seu papel na melhoria do nível de formação de nossas comunidades. A cultura é um elemento de vital importância para um melhor aproveitamento dos costumes produzidos pelos povos e geração de um nível de conhecimento que tenha a essência do processo de formação e obtenção do conhecimento.

A Educação deve ser valorizada em todos os tipos de ações governamentais tanto para melhorar o nível de consciência popular quanto para promover o crescimento científico e tecnológico das nações que precisam desenvolver práticas adequadas de geração do conhecimento para um processo de engrandecimento no que diz respeito a avanço industrial, científico e de produtividade. Não podemos prescindir de uma

Educação de qualidade para o desenvolvimento pleno do país e para a valorização do cidadão como um todo.

Somente com crescimento cultural nosso povo terá oportunidades de desenvolver um processo de consciência que servirá plenamente para fortalecimento da cidadania e criação espaços para discussão, análise crítica e compreensão do que se passa na sociedade e do entendimento do papel do Estado na garantia da educação para nosso povo. A cultura é de grande importância para um melhor entendimento da Educação e seus processos, pois povos com cultura elevada sabem e podem exigir as demandas que o Estado precisa garantir para todos.

É importante que devamos mudar os aspectos culturais de nossa sociedade nos dias de hoje para a comunidade através do engrandecimento cultural possa cobrar do poder público a Educação plena, voltada para a melhoria da vida do povo e o crescimento científico e tecnológico do país.

É vital que se a cultura seja um ponto de análise, debate e discussão em todos os setores que discutam o problema da educação, pois a partir do engrandecimento cultural estaremos dando aos indivíduos condições para um melhor aprofundamento das questões sociais e busca incessante de melhoria nos setores diversos da sociedade e que são responsabilidades do Poder Público. A boa formação cultural vai propiciar visões ampliadas de cidadania, participação popular e obtenção plena dos direitos de cada indivíduo na sociedade em que vivem.

### ***3.6 - Educação para todos (uma cultura de exigência)***

O questionamento sobre a Educação deve fazer parte do contexto de luta de todos os que precisam sempre desenvolver uma atitude de confronto de conhecimento entre a educação que existe na prática e a educação que o povo realmente merece. O questionamento deve fazer parte da formação cultural de nossas sociedades que precisam ter cultura suficiente para compreender as motivações ideológicas de grupos gestores

que chegam ao Poder e a forma como este processo se dá nas políticas públicas de educação que hoje estão intimamente ligadas aos interesses da classe dominante. A cultura popular deve ser fomentada por um processo de luta pela educação de qualidade em todos os momentos da vida e em todos os tipos de relação de nossas sociedades.

Os questionamentos sobre o tipo de educação que hoje temos só serão possíveis dentro de um processo de formação popular que seja intimamente ligada a um componente cultural ativo que envolva os indivíduos na luta por demandas populares. Certamente povos alienados não saberão exigir garantias de direitos sociais entre eles o da Educação de qualidade. Precisamos, através dos mais diversos meios que modelem relações entre pessoas desenvolver uma cultura de reconhecimento do papel da Educação na melhoria da sociedade e na consolidação da justiça social para todos.

Temos hoje várias formas de ação que visam esconder do povo seus direitos e fazer com que a população não compreenda o papel da educação nem busque-a como um direito fundamental dos seres humanos. Talvez seja esta postura que tem promovido a falta de lutas populares em prol da educação de qualidade e faça com que os indivíduos não entendam o papel da educação no contexto de soerguimento da nação e na geração de propostas de crescimento científico e tecnológico que vislumbre a educação como suporte de crescimento do país.

Compreendendo que vivemos uma nova ordem pautada hoje pelo avanço das tecnologias sabemos que com certeza somente uma nação com educação de qualidade para desenvolver o potencial criativo e de descoberta poderá ter uma firmeza nas formas de crescimento e competitividade tão exigidos no mundo atual. A escola é o passo inicial para todo crescimento do país como um todo. A geração de uma cultura forte no sentido da luta por demandas sociais é deveras importante para um processo de engrandecimento dos indivíduos em todos os momentos da vida.

As comunidades populares devem ser impelidas a compreender o papel da educação e questionar as políticas públicas hoje desenvolvidas no âmbito de governos que na verdade utilizam "máscaras" de populares e

muitas vezes continuam fomentando a falência do Estado e incentivando o processo de privatização das demandas sociais. A educação é um elemento a mais para desenvolver lutas contra este modelo que acaba gerando tanta exclusão, destruição de culturas, alienação e processos de empobrecimento nos níveis de crescimento intelectual de nossos povos. A alienação é um artifício forte e às vezes eficaz para gerar uma massa de analfabetos e excluídos que aprofundarão nossa dependência e nosso atraso hoje vislumbrado e verificado.

A geração de uma cultura forte é uma tarefa que deve ser promovida em todos os setores da sociedade tanto para fortalecimento e coesão da sociedade como para sua pujança em termos de luta, garantia de direitos e, fundamentalmente, coesão social para um processo bem maior de geração de conquistas que só serão possíveis com indivíduos cultos, não alienados e conscientes de seus direitos. A geração de uma cultura de exigência da educação de qualidade pode ser plenamente desenvolvida se houver mudanças tanto na concepção como na forma de ação em termos de cultura para nossos povos.

### **3.7 - Reflexões sobre analfabetismo e incultura**

O analfabetismo é um mal que sabemos que atrasa as sociedades e acaba por promover uma situação de marasmo no contexto de outras formas de crescimento das sociedades modernas. Mas talvez o grande mal de nossa sociedade é hoje o fenômeno da incultura que acaba por promover os índices alarmantes e crescentes da exclusão nos diversos setores da vida econômica de nossos povos. O fenômeno da incultura tem sido crescente em sociedades de hoje e fazem com que muitas nações acabem por atrasar seu modelo de desenvolvimento e seu processo de avanço científico e tecnológico.

A incultura faz com que muitos povos sejam atrasados em todos os setores e seus índices sociais sejam cada vez mais fracos o que é reflexo de sua incapacidade de gerar desenvolvimento pleno e alcançar o ritmo de

crescimento promovido pelo avanço científico e tecnológico dos dias de hoje. Nessas sociedades temos um processo de atraso que faz com que os indivíduos sejam submetidos a um processo de dominação e geração forte do subdesenvolvimento com graves problemas sociais.

A incultura é um processo grave que deve ser enfrentada a partir de geração de oportunidades de geração de conhecimento e formação de processos de aprendizado que façam com que os indivíduos possam ter discernimento e compreender os processos subliminares que estão por trás das mensagens que lhes chegam.

O processo de alienação cultural é um sintoma claro de que é preciso melhorar o nível cultural de nosso povo para que todos possam ser autônomos no conhecimento e cientes das mensagens que estão presentes no processo de geração da aprendizagem que muitas vezes é doutrinária e procura adequar as pessoas ao sistema vigente. A educação é importantíssima para gerar um processo de erradicação da incultura, pois somente com educação de qualidade os indivíduos poderão plenamente desenvolver ideias e gerar conhecimento e busca da cidadania muitas vezes perdida nos processos de dominação que promovem a incultura para dominar e submeter indivíduos ao sistema.

O processo de incultura é responsável direto pela falta de um nível de desenvolvimento que atenda aos interesses de todos os membros da sociedade pois acaba gerando atraso no que se refere à produção industrial e aos setores tecnológicos. Atacar o processo de incultura é urgente em nossa sociedade que deve urgentemente promover a melhoria do nível cultural de nosso povo e dar-lhe acesso ao conhecimento e promovendo efetivamente o crescimento e a formação ativa na geração de ideias, visões de mundo e compromisso político para que todos possam ter vez e voz em todos os setores da sociedade como um todo.

É preciso desenvolver ativamente a melhoria do nível cultural dos cidadãos e promover oportunidades de discussão sobre o que afeta os indivíduos no que diz respeito ao processo de alienação cultural e da não caracterização de níveis de entendimento do que se passa na sociedade e compreensão dos motivadores ideológicos da negação da cultura aos indivíduos.

A incultura é, certamente, promotora de conformismo, alienação e desmobilização das sociedades e somente atitudes firmes em prol de erradicação do analfabetismo poderão erradicar a incultura e formar um povo coeso, firme da luta e questionador dos modelos que ora se desenvolve na sociedade brasileira. A incultura de nosso povo promove a falta de participação e exclusão dos cidadãos nas decisões políticas, econômicas e sociais e contribui ativamente para a geração da pobreza, da miséria e da falta de políticas que dêem ao nosso povo a garantia de suas demandas mais urgentes e necessárias.

O processo de incultura gera indivíduos amorfos, sem opinião e desacreditados no poder de mobilização e de desenvolvimento de ações em busca de melhorias de suas próprias condições de vida. A incultura deve ser combatida como ações de melhoria do conhecimento na comunicação, no acesso a processos culturais e, sobretudo, na garantia de políticas públicas que gerem a educação de qualidade que seja voltada para engajamento político e para geração de um mundo melhor e justo para todos.

## CONCLUSÃO

Diante das reflexões ora expostas é importante constatar que nosso processo cultural sempre foi marcado por ações de exclusão diante da pluralidade cultural que hoje temos e que insiste em ser ocultada pela classe dominante. A educação deve contribuir para acabar com este mal que ora se oculta em políticas equivocadas de educação que é dada à grande maioria de nosso povo. Somente povos educados em termos de formação crítica e consciente poderão ter cultura suficiente para reduzir problemas sociais e buscar educação pública de qualidade para todos os povos.

Refletir sobre educação e cultura é questionar nosso modelo colonizatório e buscar uma nova sociedade para a geração de um mundo onde a pluralidade cultural faça parte do processo de conhecimento que deve sempre ser uma construção. Precisamos entender nosso processo de

formação cultural, investigar o processo de alienação e compreender os modelos de educação que temos hoje que acabam por negar ao povo uma identidade cultural e um entendimento real dos motivadores da cultura brasileira.

Para entender a educação como processo cultural é urgente que se faça a compreensão da visão de mundo dos povos de cada nação e analisar o que há de oculto no processo de alienação cultural presente nas sociedades atuais. A educação deve ser uma prioridade e tal como RAUL SEIXAS diz em sua *MÚSICA DEUS NÃO FOSSE CABRAL* o problema é “...falta de cultura para cuspir na estrutura...” Se nossas sociedades pensarem assim e compreenderem esta mensagem certamente poderemos viver uma nova realidade onde a justiça, a liberdade e igualdade sejam perspectivas de um processo educativo que dê ao nosso povo a certeza de luta, cidadania e construção ética do conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. São Paulo: Vozes, 2008 – Coleção Educação Ambiental.
- BERNA, Vilmar Sidnei Demaman. **Pensamento Ecológico: Reflexões Críticas sobre meio ambiente, desenvolvimento sustentável e responsabilidade social**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB FÁCIL, Leitura Crítico – Compreensiva artigo a artigo**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1998.
- DAMASCENO, Maria Nobre. **Artesania do Saber: Tecendo os fios da Educação Popular**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.
- BURSZTYN, Marcel (Org.). **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**, 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

- CAMPOS, Casemiro de Medeiros. Educação: Utopia e Emancipação.** Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- CARVALHO, Gilmar (Org.). Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- CECCON, Cladius. A Escola da Vida e a vida na Escola.** São Paulo: Vozes, 1998.
- CHAVES, Gilmar (Org.). Ceará de Corpo e Alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza/CE: Instituto do Ceará, 2006.
- CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESO, 2001.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. O que é Cidadania.** São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DIMENSTEIN, Gilberto. Aprendiz do Futuro: Cidadania Hoje e Amanhã.** São Paulo: Ática, 1999.
- FAGUNDES, Márcia Botelho. Aprendendo Valores Éticos.** Belo Horizonte: Autentica, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia,** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. O Patrimônio em Processo: A trajetória da Política Federal de Preservação do Brasil.** Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.
- GALLO, Sílvio (Org.). Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia- Elementos para o ensino de filosofia.** Campinas/SP: Papyrus, 1997.
- HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Cartas Patrimoniais, 2ª ed. r. aum.,** Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

- LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MATOS, Kelma Socorro (org.). **Cultura de Paz, Educação Ambiental e Movimentos Sociais – Ações com sensibilidade**, Fortaleza/CE: Ed. UFC, 2006.
- NETO, Francisco de Assis. **Ambientis na Escola**, Fortaleza/CE: Expressão Gráfica, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Patrimônio no Ensino**, Fortaleza/CE: Expressão Gráfica, 1997.
- ORIÁ, Ricardo. **Educação Patrimonial: Conhecer para preservar**. (World Wide Web, Disponível em: [www.educacional.com.br](http://www.educacional.com.br) acesso em 16/11/08).
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: Evolução e Sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- QUEIROZ, Moema Nascimento. **A Educação Patrimonial como Instrumento de Cidadania**. (World Wide web, disponível em [www.revistamuseu.com.br](http://www.revistamuseu.com.br) acesso em 04/01/08).

## Capítulo 4 - EDUCAÇÃO BRASILEIRA



*Prof. Rivaldo Neri*

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

### INTRODUÇÃO

Não é nosso interesse iniciar esta reflexão apresentando, em cifras reais, quanto se investe em educação no Brasil. Entendemos que qualquer brasileiro, por menos informado que seja, sabe que em nosso país há recursos suficientes para serem aplicados na escola pública brasileira. Nosso objetivo, portanto, é conclamar a todos os interessados para uma discussão mais ampla de como poderemos participar e aplicar os recursos destinados à educação.

“Nada caracteriza melhor a vergonha social brasileira do que a naturalidade com que aceitamos haver “escola de rico” e “escola de pobre”. Essa excelente reflexão, feita por um ilustre professor e político brasileiro, expressa exatamente a incerteza por que passa estudantes

“pobres”<sup>16</sup> – aqui me aproprio da palavra – de nosso imenso país. É lamentável quando vemos jovens frequentarem a escola pública simplesmente por frequentarem. Não há perspectiva nem expectativa de galgarem dias melhores. De quem é a culpa? Certamente deles. Mas o que eles fizeram? Ou melhor, o que eles não fizeram?

Em um país cuja política pública educacional prioriza a quantidade, sem manifestar real interesse pela formação pessoal do indivíduo, jamais alcançará uma educação de qualidade.

Sou professor da rede pública de ensino do Distrito Federal. Isso mesmo: tenho o privilégio de estar no centro do país, onde as decisões mais importantes relacionadas a nossa gente são tomadas. Mas o que isso me confere? Simplesmente a façanha de atuar em uma sala de aula em que nada mais nada menos cinquenta e nove alunos se amontoavam para aprender. Que tipo de formação estamos oferecendo a nossos alunos?

É simplesmente impossível aprender com qualidade em um ambiente desproporcional ao ensino aprendizagem. Aqui não me refiro a alunos isolados; mas a todo o grupo, todos merecem aprender. Em escola de “ricos” enfrenta-se os mesmos problemas? Certamente que não. É muito provável que haja um ambiente arejado, alunos por sala de acordo com a capacidade real, entre outros pontos favoráveis a uma educação de qualidade. Mas por que não ser assim na escola pública? Talvez porque os interesses dos políticos de plantão não sejam os mesmos dos alunos e pais, considerados “pobres”. Ou quem sabe a escola pública não seja para os filhos desses ilustres cidadãos.

Outro grave problema é a falta de investimento real para a capacitação do professor. Não é possível conceber uma qualidade do ensino público se não se prioriza o mais essencial dos requisitos: a formação continuada do mestre e sua valorização profissional.

---

<sup>16</sup> Cristovam Buarque : Professor da Universidade de Brasília e senador pelo PDT / DF. [http://www.nota10.com.br/novo/web/artigos\\_view.php?id\\_artigos=23](http://www.nota10.com.br/novo/web/artigos_view.php?id_artigos=23) - Acesso em 04-06-2009.

Talvez no papel haja muitos projetos de melhoria para o ensino público, inclusive a qualificação profissional dos mestres e um pseudo “piso salarial”. Mas por que não se cumpre o que está na lei, o que garante a nossa Constituição Federal?

A escola, sem sombra de dúvidas, é a mola mestra que impulsiona o progresso de um povo. A realidade social brasileira teria outra história para contar se investimentos corretos e concretos fossem aplicados na educação. Uma educação igual para todos, é essa a conclamação que fazemos.

A educação não pode ser privilégio de uns. É um direito de todos. Isso é o que nos garante a nossa Constituição, em seu artigo 205:

*“Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.*

O objetivo central do estudante do ciclo básico é o seu acesso a uma universidade. A nossa Constituição garante igualdade a esse direito, em função do mérito. Pois bem, “mérito”, e não favor do Estado. Se assim o for, por que não priorizar uma educação básica de qualidade para todos?

Não queremos discorrer, a partir daqui, orientados apenas por dados técnicos passados pelos órgãos governamentais. Nossa intenção também é apresentar a problemática que envolve a educação com base mais precisa em conversas diárias que tivemos com colegas de profissão. Esses mesmos colegas, que assim como eu, dia a dia vivemos a “rotina” de uma sala de aula.

## **4.1 - CONAE – Um sonho para a Educação Brasileira**

Nesse mesmo contexto foi proposto pelo governo federal uma Conferência Nacional de Educação. Eis, portanto, a oportunidade que faltava.

É sem dúvida um grande marco para a educação brasileira que aconteceu. É nosso dever, enquanto educadores, estudantes, governantes ou mesmo membro de uma sociedade organizada opinar acerca desse assunto. Não podemos perder essa grande oportunidade.

No entanto, muito ainda tem que ser discutido, planejado e feito para que em nosso país tenhamos uma educação de qualidade para todos. Vejamos, portanto, quais são os desafios que propõe a CONAE – Conferência Nacional de Educação:

- Elaborar conceitos, diretrizes e estratégias nacionais para a efetivação do Sistema Nacional Articulado de Educação coerente com a visão sistêmica da educação que reafirma a autonomia dos entes federados e avança na organicidade do Plano Nacional de Educação;
- Integrar todos os níveis, etapas e modalidades da educação escolar numa abordagem sistêmica, com vistas a consolidar os subsistemas nacionais articulados de planejamento e gestão, de financiamento, de avaliação e de formação (inicial e continuada) dos profissionais da educação;
- Dar início ao processo de institucionalização do Fórum Nacional de Educação, convocado e instalado pelo Ministério da Educação, enquanto instância de consulta, proposição, articulação, organização e acompanhamento da política nacional de educação e de coordenação permanente das conferências nacionais de educação, no âmbito do Sistema Nacional Articulado de Educação;
- Propor reformulações necessárias para que o planejamento de ações articuladas, torne-se a estratégia de implementação do Plano Nacional de Educação no âmbito do Sistema Nacional Articulado de Educação;
- Discutir as condições para a definição de políticas educacionais que promovam a inclusão, a diversidade, dentro de uma perspectiva orgânica e republicana da educação;

- Definir parâmetros e diretrizes para contribuir com a avaliação e a qualificação do processo de ensino e aprendizagem.

Fica claro que este é um momento decisivo para os novos rumos que a educação irá tomar no Brasil. É notória a preocupação dos governantes acerca desse assunto. No entanto, por que a educação neste país não *desenvolve*?

No ano de 2001, o então presidente da República sanciona a lei nº 10.172/2001 instituindo o PNE – Plano Nacional de Educação, com duração de 10 anos para o seu desenvolvimento<sup>17</sup>. Dentre os tópicos importantes, destacamos:

*Art. 1º Fica aprovado o Plano Nacional de Educação, constante do documento anexo, com duração de dez anos.*

*Art. 2º A partir da vigência desta Lei, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão, com base no Plano Nacional de Educação, elaborar planos decenais correspondentes.*

*Art. 3º A União, em articulação com os Estados, o Distrito Federal, os municípios e a sociedade civil, procederá a avaliações periódicas da implementação do Plano Nacional de Educação.*

*§ 1º O Poder Legislativo, por intermédio das Comissões de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados e da Comissão de Educação do Senado Federal, acompanhará a execução do Plano Nacional de Educação.*

*Art. 6º Os Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios empenhar-se-ão na divulgação deste Plano e da progressiva realização de seus objetivos e metas, para que a sociedade o conheça amplamente e acompanhe sua implementação.*

---

<sup>17</sup> [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110172.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm) - acesso em 08-06-2009

Esse documento contém aproximadamente cem páginas. No entanto, apenas analisando esses artigos que listamos acima já é possível perceber que o plano falhou. A lei existe, entretanto, não fora cumprida na sua íntegra. Nove anos se passaram. Em 2010 vence o prazo estipulado para que a educação neste país apresentasse melhor qualidade. Mas por que falhou?

Não é a nossa intenção ser tão pessimista acerca desse assunto de suma importância para o país. Por outro lado, também não podemos ser ingênuos quando se trata de ações governamentais para a melhoria do ensino público. Sempre é possível, em épocas eleitoreiras, ouvir discursos radiantes sobre educação ao tempo que se vê a bandeira da educação sendo erguida por todos os políticos. Isso é importante. No entanto, reiteramos a pergunta: por que a educação em nosso país não alcança os patamares desejáveis?

Não é difícil propor uma resposta: não houve participação ativa de duas peças fundamentais no processo, professor e aluno. Não se pode pensar em educação de qualidade sem ouvir as partes diretamente ligadas. Em seus objetivos propostos, o PNE apresenta boas perspectivas para a educação brasileira. Em síntese, o Plano tem como objetivos:

- *a elevação global do nível de escolaridade da população;*
- *a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis;*
- *a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso, na educação pública e democratização da gestão do ensino público, nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.*

*Considerando que os recursos financeiros são limitados e que a capacidade para responder ao desafio de oferecer uma educação compatível, na extensão e na qualidade, à dos países desenvolvidos precisa ser construída constante e*

*progressivamente, são estabelecidas prioridades neste plano, segundo o dever constitucional e as necessidades sociais.*

Pois bem, percebe-se claramente a boa intenção do plano. Muitas são as prioridades. Todavia, na prática, não é assim que tem acontecido. O professor é o último a opinar em um assunto estritamente ligado ao seu cotidiano. O professor não é estimulado a fazer educação.

Recentemente, em minha escola, em reunião pedagógica, foi discutida a baixa formação acadêmica de nossos alunos. Em conclusão a esse tópico, todos os mestres presentes entenderam que dentre as causas do baixo rendimento do aluno a que mais pesa é a má formação no ensino fundamental que compreende as séries de 5ª a 8ª, agora, até a nona série.

No intuito de mostrar ao mundo capitalista que a educação no Distrito Federal está progredindo, a Secretaria de Educação de Estado propõe um projeto de aceleração sem critérios pedagógicos bem definidos e a participação efetiva dos professores. O resultado é que apenas com base nos dados técnicos, sem a participação direta dos professores e dos próprios alunos, não há como fazer sucesso projetos dessa natureza. Talvez, na concepção governamental, tenha havido progresso. No entanto, a prioridade do governo é a quantidade – alunos que passaram de uma série para outra sem pré-requisitos – esquecendo-se, sumariamente, do quesito qualidade.

## **4.2 - Novos rumos para a Educação Brasileira**

Eis um novo tempo que se apresenta para a educação brasileira neste século. Em um país em que a urna eletrônica para atender ao serviço eleitoral é admirada por todo o mundo não pode deixar de priorizar a educação digital e, conseqüentemente, a valorização do professor. O mundo passa para uma grande transformação e não podemos, enquanto educadores, formadores de opinião, ficar fora desse processo revolucionário por que passa a educação.

Sempre que falamos nos novos rumos que a educação está tomando, muitos se assustam e até pensam que estamos viajando nas alturas. De fato, estamos sim viajando para um futuro bem próximo em que "*Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia*<sup>18</sup>". Estamos na era do descobrimento intelectual em todos os níveis de aprendizagem.

Decididamente, acreditamos que nos próximos anos a educação por meio dos muitos recursos tecnológicos ganhará tanto espaço e adeptos que é impossível não participar desse momento. Não adianta fugir a esta realidade. Precisamos entender o que está acontecendo ao nosso redor (no mundo inteiro) e ser um agente pró-ativo deste novo modelo educacional para não perdermos o foco principal, enquanto educadores, que é o de proporcionar a todos o conhecimento e o crescimento pessoal.

De certa forma, tudo que se nos apresenta novo, deixa-nos, às vezes, céticos ou mesmo com um pé atrás. No entanto, perceba, estamos falando de educação – novos rumos – como estamos encarando este fato? Qual tem sido nossa participação nesta discussão?

Não queremos ser demagogos e afirmar que assim será, e pronto. Mas é preciso que entendamos que a educação se constrói com educação, conhecimento construído mutuamente, pontos de vista diferentes, visando um bem comum.

Diante do exposto, é mister compreender que não se pode ser omissos a todo esse movimento sobre educação em nível de federação. O governo apresenta uma proposta. A nós educadores, alunos e sociedade em geral cabe a missão de pensar juntos os novos rumos que queremos para a educação.

Em se tratando de política educacional, pode-se pensar em algo extremamente complexo, haja vista os interesses bem diversificados. Governantes, muitas vezes, orientados apenas pelo senso administrativo propõem políticas que visam exatamente a garantia de seu mandato. Pais de alunos – e aqui se registra um grande número da sociedade civil – pensam

---

<sup>18</sup> Como uma onda, música de Lulu Santos – extraído de: <http://vagalume.uol.com.br/lulu-santos/como-uma-onda-no-mar.html> – em 19-06-2009.

simplesmente em deixar os filhos nas escolas para que possam trabalhar. Mas e o futuro de nossas crianças e jovens brasileiros. não conta? Essa é uma indagação que deve ser refletida nos quatro cantos do país.

Um planejamento estratégico para a educação tem de priorizar primeiramente a escola. Não é possível se pensar em educação sem que todas as análises e projetos tenham seu início no seio escolar.

Se assim o for, por que não dar um grande passo neste momento em que aconteceu o maior encontro sobre educação em nosso país?

*Um dos eixos das mudanças na educação passa pela transformação da educação em um processo de comunicação autêntica, aberta entre professores e alunos, principalmente, mas também incluindo administradores e a comunidade, principalmente os pais. Só vale a pena ser educador dentro de um contexto comunicacional participativo, interativo, vivencial. (MORAN, 1991)*

Quando se pensa em educação de qualidade, pressupõe-se a capacidade de alguém de aprender e, por conseguinte, viver melhor em sociedade. Todavia, o termo educação não pode ser restringido apenas ao espaço singular de uma sala de aula, embora seja fator prioritário. Uma educação que proponha formar cidadãos para o pleno exercício da cidadania deve ter, portanto, seu início no seio familiar. Essa é uma tese defendida, quase que unânime, por todos os educadores. Entretanto, é apenas o começo para que então se consolide no seio escolar em que professores, alunos, pais, sociedade civil e governamental pensem em conjunto a melhor educação para nosso povo.

Defendemos a ideia de que para o sistema educacional brasileiro ser um sucesso, a responsabilidade deve ser assim distribuída: 100% cabe ao Estado; 100% à família; 100% aos gestores de educação e professores; 100% ao aluno.

Perceberam? Se uma das partes falhar, não teremos um ensino de qualidade.

Diante dessa questão tão importante, pensamos no ser humano enquanto indivíduo. Que tipo de cidadão desejamos formar? O ser humano não é um ser divisível. Ele é um indivíduo, que significa indivisível.

*“Indivíduo é uma palavra interessante. Ela significa indiviso. É aquilo que, em qualquer espécie, animal, mineral ou vegetal, constitui uma unidade distinta”. (GALDÊNCIO: 1999, p. 48)*

Muitos governantes e administradores públicos reconhecem o valor social e econômico de uma boa escolarização. No entanto, por que tanto esquecimento para com a educação? Os problemas são visíveis: baixos salários; escassez de professores qualificados e de livros e materiais didáticos; prédios decadentes e mal-equipados; ineficiência administrativa e rigidez curricular e pedagógica que perpetua altas taxas de repetência e evasão.

Essa constatação foi feita pelo pesquisador David N. Plank, diretor do Centro de Política Educacional da Michigan State University, nos Estados Unidos. Em seu livro “Política educacional no Brasil: caminhos para a salvação pública”, lançado pela ArtMed, ele atribui o fracasso educacional brasileiro exatamente à péssima política pública que prioriza os interesses privados, em detrimento do interesse majoritário da sociedade.

Plank ainda faz severas críticas ao que apregoa a nossa Constituição, os planos e objetivos educacionais declarados em discordância com o que, de fato, são perseguidos. Isso simplesmente para favorecer interesses da classe privada, dominante.

É assim que desejamos construir um país solidificado em sua democracia? Com políticas públicas bem direcionadas a interesses particulares? Decididamente, o Brasil espera muito mais de seus governantes.

### **4.3 - Democratização do Ensino Público**

"Os problemas do sistema não se encontram na política democrática, ou na baixa expectativa dos cidadãos brasileiros para consigo mesmo e para com seus filhos. Residem, em vez disso, nos obstáculos que são colocados no caminho da participação de muitos cidadãos no sistema político democrático". (Plank, 2001)

A péssima constatação de uma educação deficiente no Brasil não é algo novo. Desde a década de 50, nossas escolas veem suportando o total descaso de nossos políticos, muito embora em seus discursos tenham prontamente o apelo a uma educação de qualidade. Entre o discurso e a prática, muita coisa ainda tem de ser feita.

Estamos em uma época em que a globalização tem acelerado o progresso mundial. Acordos internacionais cada vez mais são firmados, visando a interação comercial e o crescimento mútuo dos países. Entretanto, em sua política educacional, cada nação é responsável pelo sucesso ou fracasso. Vários países chegaram a uma educação de qualidade apostando exatamente em práticas comerciais. Afinal, a educação é um serviço prestado, e o cliente é o povo.

Por que o Brasil também não passa a apostar em políticas educacionais que deram certo? Talvez porque o remédio não seja tão agradável aos anseios políticos de nossos governantes. Um povo que aprenda exercer seu pleno direito de cidadania pode ser uma ameaça "perigosa" aos mandatos políticos atuais. Mas se considerarmos que melhorando a educação ganha a saúde, a justiça, a sociedade como um todo, então é válido pensar em quatro práticas simples que podem revolucionar a educação neste país, e nesse quesito não se responsabiliza apenas gestores governamentais. Todos somos responsáveis por uma educação de qualidade para todos. Eis, portanto, quatro simples práticas que também servem para o Brasil:

1. **Unificação do currículo:** Repensar o que nossas crianças estão aprendendo nas primeiras séries do ensino fundamental. Não há dúvidas de que o currículo deve ser reformulado. É necessário padronizar o

conhecimento, priorizando um conteúdo que atenda todas as regiões do país, respeitando suas variantes culturais. Uma criança que estuda no Nordeste tem de aprender o mesmo que a criança do sul do país. Uma educação de qualidade deve ser fortalecida desde a base, não se pode fugir a este padrão. Os professores das primeiras séries constituem o alicerce para o fortalecimento de uma educação sólida e eficiente em seus termos.

**2. Avaliação do ensino:** Quando se fala em avaliar, não se pode focar apenas nos alunos. Governantes, diretores de escola e professores também devem passar por esse crivo de maneira responsável.

**3. Valorização da escola:** Uma escola de qualidade recebe investimento. Isso é comprovado pelo próprio desempenho das escolas privadas. No entanto, não apenas investimento material, mas, principalmente, humano, qualificando nossos profissionais da educação e reconhecendo o seu valor.

**4. Administração participativa:** Esse é um ponto que jamais pode ser negligenciado. Uma gestão participativa deve promover a autonomia de professores e alunos, sem que isso diminua o poder público.

O que acabamos de listar não apresenta nada novo. São ações simples e práticas que podem gerar benefícios incontáveis para a educação brasileira.

Em nosso sonho para uma educação melhor e igual para todos os brasileiros, acalentamos uma proposta, talvez árdua, mas possível a execução. Para tanto, basta uma movimentação nacional da sociedade politizada e o querer político de nossos governantes. Mas qual é, então, a nossa proposta?

Primeiro, é preciso mais uma vez enfatizar que o sonho de uma escola pública de qualidade deve nascer nas próprias escolas. Professores e alunos precisam estar motivados para tal empreendimento.

Estamos diante de um cenário político educacional em que o poder executivo maior propõe uma mudança revolucionária para a educação no Brasil. Mais uma vez nos referimos a CONAE – Conferência Nacional de Educação.

E mais uma vez reiteramos que esse evento só alcançará o sucesso almejado quando houver participação ativa de educadores e educandos. A redundância aqui se faz necessária, porque ainda que pareça irônico, a educação neste país tem caminhado distanciada dos professores e alunos.

Portanto, a discussão deve nascer em sala de aula. Todavia, não simplesmente nos bancos acadêmicos universitários, mas, sobretudo, começar desde as salas de educação infantil. E aqui é lançado um desafio: por que não ensinar as nossas crianças o que é a Constituição Brasileira e que esta declara sobre cidadania?

Outro ponto não menos importante é oportunizar aos nossos pequenos estudantes o acesso as disciplinas de filosofia e sociologia e, por conseguinte, o que elas podem ensinar-lhes. Estas disciplinas deveriam constar no currículo desde a primeira série do ensino fundamental, em uma linguagem acessível a nossas crianças.

Assim, amadurecendo a nossa discussão, entendemos ser importante que se proponha o debate sobre uma educação de qualidade e igualitária para todos em todas as escolas públicas deste nosso país. Todos devemos participar neste processo de reestruturação da escola pública brasileira.

Todavia, não se pode mais admitir que pautas pré-elaboradas por “técnicos em educação” sejam trazidas para a discussão. Compreende-se que a demanda deve nascer a partir da realidade das escolas, pois, reconhecendo que os problemas vivenciados em cada município brasileiro são os mais diversos, é de suma importância que sejam bem discutidos.

Analisando, portanto, a complexidade que envolve a nossa educação, entendemos que a razão de tal complexidade se deve ao fato de o próprio ser humano, em sua essência natural, ser complexo.

Assim, é mister que se discuta em profundidade os temas para que em comunhão de pensamentos se chegue a uma proposta condizente com a realidade de todos. Entretanto, isso não é tarefa das mais fáceis.

Pensar educação em conjunto, requer cuidados especiais, pois a diversidade de opiniões e cultura são tantas, que muitos desistem

sufocados pelos que se julgam mais bem “preparados” em ditar as regras do que seria mais relevante para a educação nacional.

Propomos, então, uma mobilização nacional, todavia, iniciando-se na base, ou seja, a criação de comissões municipais, estaduais e, por fim, nacional.

De início, a discussão deverá iniciar-se nas escolas, com a participação direta de gestores de educação, psicólogos, pedagogos, professores, alunos e comunidade. Entretanto, para isso, é necessário outorgar esse direito a essa comunidade escolar para que se discuta em profundidade quais os principais problemas e possíveis soluções.

A partir de um tempo adequado para essa investigação, elege-se uma comissão, representada por delegados de cada escola, para que em nível de município, amplie-se a discussão com a participação da Secretaria Municipal de Educação e representantes do poder judiciário e legislativo.

As decisões tomadas nesta última comissão serão encaminhadas para uma terceira comissão em nível de estado, também com delegados representativos e a participação de membros da Secretaria de Educação de cada estado da federação. A esta última comissão, caberá a responsabilidade de representar o seu estado na CONAE – Conferência Nacional da educação.

Diante, portanto, dessa realidade que se apresenta para a educação brasileira, não há mais o que esperar, é necessário urgentemente a participação maciça de todos para que juntos pensemos uma educação de qualidade para todos.

Assim, é perfeitamente compreensível afirmar que o tema educação é por demais complexo e, por conseguinte, não deve ser tratado sem critérios bem definidos. No entanto, também não é possível pensar a educação sem deixar fluir as emoções, o que aqui pensamos, é com base em nossos sentimentos e o desejo de ver um país em que a escola pública seja tratada com responsabilidade, amada e valorizada por todos.

Portanto, quando se nos apresenta muitas teorias sobre educação, muitos projetos mirabolantes, muitas estratégias estabelecidas, em suma,

muita "burocracia", indagamos: Por que as pessoas complicam tanto o que pode ser resolvido com apenas uma ação? Amor ao ser humano. É este, pois, o nosso maior desejo: promover uma educação de qualidade para todos. Para isso, é necessário aprender a amar, ouvir e permitir que todos participem da construção democrática, social e política desse nosso querido Brasil.

Dessa forma, nesta nossa abordagem sobre educação, procuramos usar uma linguagem o mais simples possível, entendendo que as ideias acima podem parecer utópicas, entretanto, nossa intenção é simplesmente provocar educadores e sociedade civil para uma discussão mais ativa em relação à educação. Ou seja, nosso desejo é lançar uma sementinha e esperar que outros também a reguem.

Quem aceita o desafio?

#### **4.4 - O conceito de aprendizagem**

Seria possível atribuirmos neste momento diversos conceitos para aprendizagem. No entanto, não o faremos de maneira desproporcional, por entendermos que a aprendizagem é construída todos os dias, passo a passo, formando um todo. Assim sendo, um conhecimento atual não substituirá um primeiro, mas, antes de tudo, complementarará um conceito dantes formulado.

*Com efeito, se procurarmos decodificar o significado de "ensinar", encontramos verbos como: instruir, fazer saber, comunicar conhecimentos ou habilidades, mostrar, guiar, orientar, dirigir – que apontam para o professor como agente principal e responsável pelo ensino. (ABREU-MASETTO, 1985, p.5).*

Partindo de uma definição mais genérica do termo, temos, aprender: adquirir conhecimento de; instruir-se; ficar sabendo. Isso nos leva à compreensão de que a aprendizagem pressupõe, pelo menos, a expectativa de promover mudanças. Conseqüentemente há, ainda, muito mais

complexidade neste processo. De maneira que para haver o verdadeiro conhecimento, o todo é fundamental e não apenas as partes em que esse conhecimento vai se moldando. Com isso, estamos afirmando que é necessária uma base tríplice em que seja possível associar o homem, a sociedade e o saber, em um único tripé.

Não somente em nossos dias há uma preocupação centralizada na aprendizagem. Desde os povos do Antigo Oriente, já havia uma busca sistematizada em transmitir à geração futura suas tradições e costumes. Duas linhas opostas, mas complementares, eram analisadas pelos filósofos da Grécia e Roma. Eles defendiam duas correntes pedagógicas: a da personalidade e a humanista (Sara, 1989). A primeira linha de pensamento trazia um enfoque voltado para a formação pessoal, ou individual. A segunda tinha uma preocupação voltada para os indivíduos numa linha onde o ensino/Sistema educacional era representativo da realidade social e dava ênfase à aprendizagem universal.

#### **4.4.1 - Mas o que é aprendizagem?**

Pesquisa desenvolvida por Vygotsky (1993), dentre outros estudiosos do tema, define a aprendizagem como um processo integrado que provoca uma transformação qualitativa na estrutura mental daquele que aprende. Este, portanto, é o nosso objetivo central, analisar, numa linha investigativa, que a aprendizagem só será real quando o professor instigar (ou provocar) no aluno o desejo de transfiguração. Esse poder transformador é que motivará e conduzirá o aluno ao conhecimento adquirido.

O ato volitivo de aprendizagem é uma característica inerente ao psiquismo humano, pois somente este possui o caráter intencional, ou a intenção de aprender; dinâmico, por estar sempre em mutação e procurar informações para a aprendizagem; criador, por buscar novos métodos visando o aperfeiçoamento da própria aprendizagem, por exemplo, pela tentativa e erro.

Outro conceito atribuído à aprendizagem se dá pelo processo empírico motivado. Isto é, o aluno é motivado à prática a partir de

investigações e experiências vivenciadas por ele mesmo. É fato que o ser humano já nasce inclinado à aprendizagem, necessitando tão somente de estímulos externos e internos (motivação, necessidade) para o aprendizado. Vygotsky (1991 p. 101).

Não é nossa pretensão aqui dissertar profundamente sobre as diversas escolas de pensamento, mas tão somente discorrer sobre um ensino transformador numa perspectiva construtivista. Portanto, nas próximas páginas, estaremos delimitando a nossa dissertação a partir de nosso pensamento – aliado a nossa pesquisa – sobre Uma Visão Pedagógica para um Ensino Transformador.

#### 4.4.2 - A aprendizagem significativa

Em primeiro lugar, antes de falarmos de uma aprendizagem significativa, convém lembrarmos como se desenvolveu o ensino Tradicionalista.

Iniciemos com uma indagação: A escola existe para preparar servos ao modelo capitalista de Estado ou para formar cidadãos livres e atuantes em um mercado universal em grande ascensão?

Há muito se tem pensado, no Brasil, em uma escola mais eficiente que, de fato, forme cidadão mais consciente de sua participação em pleno gozo da cidadania para a construção de um país consolidado em sua democracia. Mas infelizmente isso não tem ido muito além do que o simples desejo. Afinal, em que base estamos construindo a nossa educação?

*Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro do mundo grande, mas é um mundo, e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Basta por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade e toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem pode ser capaz de governar toda esta máquina do mundo, que dificuldade será haver de governar tantos homens cada um maior que o mesmo mundo, e mais dificultoso*

*de temperar que todo ele? A demonstração é manifesta. Porque nesta máquina do mundo, entrando também nela o céu, as estrelas têm seu curso ordenado, que não pervertem jamais; o sol tem seus limites e trópicos, fora dos quais não passa; o mar com ser um monstro indômito, em chegando às areias, pára; as árvores, onde as põem não se mudam, os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro, ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição nem apetite o falta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele. (Padre Antônio Vieira)<sup>19</sup>*

Que estamos propondo em nossas escolas? Continuaremos adotando um modelo antigo e obtendo os mesmos resultados, ou arriscaremos em uma proposta nova e apostemos em um modelo mais produtivo, ainda que seja preciso mudar o nosso paradigma?

A escola não existe para servir a uma elite dominante. Muito pelo contrário. A escola é o eixo centralizador que sustenta o progresso de uma nação.

#### 4.4.3 - Uma Pedagogia centrada no professor

Há muito se tem alimentado, em nossas escolas, uma pedagogia centralizada no professor. Tal estratégia pedagógica afirma que os alunos devem responder às perspectivas e expectativas dos mestres. Isso significa que em um estabelecimento de ensino tradicional quem delimita o que se deve ministrar e aprender são os professores. Ao aluno não lhe é dado o direito de escolha.

Qual o objetivo, portanto, dessa política pedagógica? Transmitir conhecimentos sistematizados e acumulados pela sociedade. Segundo estudiosos dessa teoria, a escola tem como função a organização de

---

<sup>19</sup> Retirado do site: [http://www.letas.puc-rio.br/catedra/revista/2Sem\\_03.html](http://www.letas.puc-rio.br/catedra/revista/2Sem_03.html) - acesso em 13-02-2009.

conteúdos que julga ser relevante para o aluno. Esses conteúdos obedecem a uma gradação lógica e ao aluno cabe-lhe a tarefa de aceitar o que lhe é transmitido.

Diante disso é possível reafirmar que a Pedagogia Tradicional não se constituiu em uma teoria estritamente educacional. Mas sofreu influência da Concepção ambientalista, que também se denominou, Comportamentalista.<sup>20</sup>

Esta teoria explica que o homem está intrinsecamente ligado ao meio em que vive. Portanto, alterações no comportamento podem significar reações positivas ou negativas. Tudo tem ampla ligação com o meio ambiente.

Assim sendo, a teoria Comportamental só veio solidificar a Pedagogia Tradicional. Isso reforça o fato de que o homem submetido a um ambiente dominante torna-se, por consequência, um ser passivo, manipulado e controlado.

Para alguns, a Pedagogia Tradicional teve o seu fim na década de 80. No entanto, em nossos dias, ainda se vê, em bastante escala, professores adeptos dessa teoria, ainda que de maneira disfarçada. Para esses mestres, a tradição conteudista e a pedagogia centrada no professor constituem, sem sombra de dúvidas, o melhor caminho para a construção de conhecimentos.

Cabe-nos, agora, propor uma reflexão: Que conhecimento interessa ao aluno? Que será significativo para sua vida pessoal e profissional?

Em primeiro lugar, deixo claro que a minha visão sobre aprendizagem significativa é oportunizar ao aluno o direito de fazer escolhas.

---

<sup>20</sup> O *Behaviorismo Clássico* (também conhecido como *Behaviorismo Watsoniano*, erroneamente denominado *Behaviorismo Metodológico* e menos comumente *Psicologia S-R* e *Psicologia da Contração Muscular* apresenta a Psicologia como um ramo puramente objetivo e experimental das ciências naturais. A finalidade da Psicologia seria, então, prever e controlar o comportamento de todo e qualquer indivíduo. (COSTA, 2002, Pp. 1-8)

Nesse sentido, convém levantar o pensamento dos principais críticos da psicologia quando defendem que a aprendizagem é construída pelo sujeito em processos ativos (IGNÁCIO, 1998). Isso porque acreditam que a criança raciocina à medida que se apropria do conhecimento. É interessante fazermos uma analogia com o processo de vendas. Para que o cliente sinta o desejo de comprar, é preciso que ele toque o produto, sintá-lo. A essa concepção de apropriação do conhecimento denomina-se: Interacionista.

*O conhecimento é percebido como um processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida. Não estando pronto ao nascer nem sendo adquirido passivamente. Mas construído ativamente pelo sujeito na interação entre organismo e meio. (DAVIS – OLIVEIRA, 1993, p.50)*

Em uma aprendizagem significativa o que conta é a interação. Segundo o psicólogo Ausubel, que desenvolveu essa teoria, à medida que há uma interação entre o conhecimento já existente e o novo, em que ambos se modificam, o processo de aprendizagem vai assumindo novos significados. A isso ele chamou de subsunções. O conhecimento vai sendo construído num processo dinâmico e ativo.

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

#### **4.5 - O ensino transformador numa visão construtivista**

Nosso objetivo, a partir desse momento, é tentar mostrar numa perspectiva construtivista que é possível alcançar um ensino transformador em busca de uma aprendizagem significativa.

Assumiremos a postura construtivista defendida pelo educador Vasco Moretto (Doutor em Didática) – em que ele postula três bases para defender essa teoria:

*1. Não devemos supor um mundo exterior independente do observador, para levar em conta a atividade daquele que observa;*

2. *A realidade é construída (inventada) pelo sujeito cognoscente; ela não é um dado pronto para ser descoberto;*

3. *Os conhecimentos não são uma descrição da realidade dada, mas uma representação que dela construímos, construção esta cuja função é adaptativa, isto é, que permite ao indivíduo prever as regularidades e assim viver num mundo de limitações, representado pelo mundo das coisas. (MORETTO. 1999, p. 46)*

Vivemos em uma sociedade onde nos são impostas condições limitadoras. Sem perceber isso, muitos se tornam alienados, marionetes em mãos de outros. Aprisionados a uma cultura defendida por alguns que visam simplesmente a interesses particulares.

Somos, afinal, seres limitados? O conhecimento que é passado em nossas escolas tem, de fato, atendido às necessidades de nossa gente? E o que pensa nossos alunos acerca desse assunto tão importante para suas vidas? Estamos formando seres ativos ou passivos ao longo desses últimos 50 anos? E o que esperamos colher para daqui a 50 anos?

A todas essas perguntas, há uma só resposta: não desejamos viver orientados por um manual que outros julgam ser certo ou errado e ditam o que devemos ou não fazer.

Muito pelo contrário, desejamos ser desafiados, em nossas limitações, a partir de experiências ativas, e, assim, tornando-nos agentes do conhecimento. Isso só vem a engrandecer o nosso ser, gerando em nós um espírito construtivo, dia após dia. Essa é a proposta Construtivista.

Não se pode construir o saber sem os experimentos cotidianos. A partir do que já sabemos, é possível construir o novo. Para Glaserfeld (MORETTO. 1999. p. 46), o conhecimento é uma questão de adaptação. O sujeito, a partir de experiências cognitivas, passará a construir a sua realidade.

Realidade esta que se apresentará como uma nova perspectiva. Assim sendo, novo conhecimento é adquirido a partir da realidade que ele vive. Vale ressaltar que as experiências humanas exigem de cada um uma

escolha. O indivíduo é quem julgará o que é significativo para sua convivência em sociedade.

*(...) Se admitirmos, como fazem os construtivistas, que os objetos de conhecimentos não são dados diretamente mas construídos por intermédio da linguagem, então a realidade tem um outro sentido e, em consequência, a objetividade também é definida em outro universo simbólico. (MORETTO, 1999, p. 69)*

Em nossa experiência em sala de aula, temos observado, com muita frequência, um ensino mecanicista. Certa ocasião, fiz uma brincadeira com meus alunos para comprovar esse meu pensamento. A turma era de 5ª série. Pedi-lhes que abrissem o seu caderno para anotarem o conteúdo daquele dia. Iniciei colocando no quadro a matéria.

Depois de uns dez ou quinze minutos, comecei a minha brincadeira. Passei a escrever algo que nada tinha a ver com o conteúdo. Na verdade, eu passei a escrever com palavras provocativas. E mecanicamente também eles anotavam tudo. Decorridos aproximadamente cinco minutos, eles, então, perceberam. Foi uma gargalhada só!

Que tipo de cidadão desejamos formar: homens máquinas ou pessoas pensantes?

A vida é dinâmica. As pessoas são dinâmicas. O ensino precisa ser dinâmico. O conhecimento adquirido envolve toda uma geração que prepara o caminho para outra geração. A dinâmica do aprender consiste exatamente em transformação do conhecimento, produzindo novos saberes e novas sociedades.

O homem é detentor do conhecimento que ele próprio constrói. Assim, ele não é estático. Mas tem a oportunidade de mudar a todo instante. O seu crescimento, então, passa a depender de dois fatores: o conhecimento interior e o exterior. Todavia, a influência positiva ou negativa externa tem peso considerável na construção desses saberes.

Em seu livro *Mudar e Vencer*, Paulo Gaudêncio relata uma experiência aparentemente irrelevante, mas que deixou marcas profundas em sua vida estudantil (GAUDÊNCIO: 1999, p. 37). Ele conta que, aos 13 anos,

vivenciou algo interessante. Seu professor do primário o incumbiu de cuidar da biblioteca da escola. Ele prontamente organizou toda a estante, retirando todos os livros e os espalhando sobre a mesa, não era qualquer mesa, mas a de pingue-pongue. Isso impediu que os garotos da escola usassem a mesa nos intervalos. No entanto, algo positivo aconteceu, os demais colegas passaram a se interessar mais pela leitura. Situação essa que obrigou Gaudêncio a conhecer cada livro e saber onde estava localizado. Tudo isso, dentre outras promoções, rendeu-lhe a presidência do grêmio estudantil e o amor aos livros, tornando-o, posteriormente, um escritor renomado.

São pequenas ações como essas que fazem toda a diferença. As pessoas precisam ser provocadas. Elas têm sede do saber, e a nós professores educadores, cabe a missão de oferecer um ensino contagiante e marcante.

#### **4.6 - O professor e o aluno universitário**

Uma nova visão se apresenta ao professor do presente. Ser professor não é simplesmente reproduzir conhecimentos; mas, sobretudo, propor uma reconstrução dos saberes. Entretanto, não se está afirmando que é preciso invalidar os conhecimentos já adquiridos. Muito pelo contrário. A proposta é partilhar o conhecimento numa perspectiva de reciprocidade entre o presente e o passado. Isso significa afirmar que todos, indistintamente, podem contribuir.

Quem ministra algo a outrem, primeiro tem que *aprender a aprender*. A capacidade de se acumular conhecimento mais do que outros, não faz de um mestre um ser superior. Todo professor consciente surpreende seus alunos com um espírito de humildade e gratidão por seus discípulos.

*É verdade também que deve haver compromisso recíproco, professor/aluno. Todavia, você mestre, questione-se quando a aprendizagem de seus alunos for insatisfatória. Qual política*

*interventiva você tem adotado? Você conhece seu aluno o bastante? Você realmente o tem acompanhado?*

*“Os homens têm desejo do saber”. (ALVES, 1999).*

Excelente reflexão feita pelo Doutor Rubem Alves. Isso é muito importante ser pensado por nós que ministramos conhecimento. É muito gratificante para qualquer mestre saber que houve progresso na aprendizagem de seus discípulos.

Não há dúvida que cabe a nós professores a nobre missão de ensinar. Não somente isso, mas também despertar em nossos alunos o desejo de aprender.

Quando há verdadeiro ensino, há, por conseguinte, aprendizagem. Ensinar não diz respeito apenas à transmissão de conhecimentos, fazer uma explanação genérica do assunto em uma tribuna sem espaço para réplica. O ensino vai muito mais além. É preciso despertar a curiosidade nas pessoas. O professor tem que soltar a imaginação, inovar constantemente, fazer fluir novas ideias, mexer com as emoções. Entendemos que para haver aprendizagem é preciso motivação, recompensa.

*A inteligência só guarda o que é útil. Tudo que está ligado com a vida a gente aprende. (Rubem Alves – em palestra “O Prazer na Educação”, ministrada em 1 Seminário de Modernização Tecnológica da Educação, 23/02/1999. SESI/SENAI – Brasília-DF)*

Para que o aluno desperte o interesse em aprender, deve haver um significado para ele. Ou seja: uma representação real do que ele ganhará com isso. Nós professores, portanto, podemos ser o referencial, mas jamais fazer aquilo que compete ao aluno. Ele só precisa de oportunidade para desenvolver habilidades.

Quando não temos objetivos claros e definidos, dificilmente atingiremos nossas metas. Não se pode chegar a lugar algum quando não se sabe aonde vai.

*Não há ventos favoráveis para quem não sabe aonde navegar.  
(MORETTO – em Palestra “Projeto Pedagógico e Avaliação  
Escolar – ministrada no I Seminário de Modernização Tecnológica  
da Educação – 25-02-1999 – SESI/SENAI - Brasília-DF)*

Você, nobre professor, dispõe do poder de direcionar os seus alunos. Conta em seu favor a sabedoria construída. Portanto, não seja egoísta. Compartilhe com seus alunos seus conhecimentos, mas também perceba que eles têm muito a oferecer-lhe e ensinar-lhe. Será uma troca fantástica de conhecimentos, em que, juntos, com um só objetivo, professor e aluno promoverão o saber.

#### **4.7 - Princípios básicos de aprendizagem.**

Segundo Célia Abreu e Marcos Masetto, em seu livro *O Professor Universitário em Aula* (ABREU-MASETTO, 1998.), há certos princípios que são comuns a todos os que se preocupam com a aprendizagem do aluno. São eles:

- 1. Toda aprendizagem, para que realmente aconteça, precisa ser significativa para o aprendiz, isto é, precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo (ideias, sentimentos, cultura, sociedade).*
- 2. Toda aprendizagem é pessoal.*
- 3. Toda aprendizagem precisa visar objetivos realísticos.*
- 4. Toda aprendizagem precisa ser acompanhado de feedback imediato.*
- 5. Toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento interpessoal entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno, professor, colegas de turma.*

Aliados a esses princípios, em nossa prática diária de ensino, entendemos ser de grande relevância também a observância de alguns objetivos para um ensino transformador:

- Conhecer os alunos;
- Saber ouvir;
- Definir claramente objetivos no ensino-aprendizagem;
- Escolher estratégias adequadas;
- Saber perguntar;
- Permitir a interação;
- Provocar o aluno a questionar, produzir conhecimento, aprender e aprender a pensar, argumentar;
- Permitir a reconstrução pessoal do aluno;
- Despertar a criatividade;
- Pesquisar e reconstruir;
- Promover a participação coletiva;
- Saber aplicar os conteúdos;
- Estimular o saber e o prazer;
- Despertar credibilidade;
- Ensinar a ser completo, um indivíduo;
- Socializar as dúvidas.

Em síntese, é preciso afirmar que ensinar não significa apenas a transmissão de conceitos e ideias prontas. Conforme já assinalamos, vai muito mais além. Ensinar é propor, preparar pessoas para que saibam argumentar e torná-las capazes de construir o saber. O verdadeiro mestre é aquele que conduz o seu discípulo até quando possa entregar-lhe as chaves do conhecimento para que este assim capacite a outros nesta cadeia de construção do saber.

Quando o aluno se torna um ser participativo no meio em que convive, a missão de seu mestre está cumprida. Este aluno agora pode formular seus pensamentos livre de qualquer manipulação. Coube ao professor orientar-lhe em sua pesquisa. O professor deve, portanto, apresentar-lhe

muitas dicas, mostrar-lhe o caminho a ser percorrido, mas jamais fazer o que somente ao aluno compete.

O ensino tornar-se-á prazeroso à medida que for investigativo, compartilhado, flexível e dinâmico. Quem ensina jamais pode se comportar como um déspota, mas será um facilitador que apenas está no controle da aprendizagem.

A escola existe para ajudar a tornar a informação significativa. Ajudar o homem a compreender as dimensões mais profundas da alma e, sobretudo, tornar o aluno um ser feliz e realizado.

O professor é como um jardineiro. Ele não faz a planta crescer, mas pode ajudar muito. (MORETTO – em Palestra “Projeto Pedagógico e Avaliação Escolar – ministrada no I Seminário de Modernização Tecnológica da Educação – 25-02-1999 – SESI/SENAI - Brasília-DF)

#### **4.8 - O aluno é o sujeito da ação**

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

*“O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for instruído será como o seu mestre”. (Bíblia Sagrada, Lucas 6.40)*

*Quando o aluno está pronto, o mestre aparece (HAROLD.1995).* Essa afirmação proferida pelo Doutor Napoleon Hill expressa exatamente o nosso pensamento acerca da preparação do aluno.

O autêntico professor é o que participa ativamente da vida de seu aluno. Guiando-o pelos caminhos do saber e ajudando-o a na superação dos desafios. Essa tarefa não é tão simples, é árdua. Porém, tornar-se-á gratificante à medida que se observa o progresso de nosso aluno.

Certo professor tinha um estilo singular no ministrar de suas aulas.<sup>21</sup> Desenvolvera o hábito invariável de após três minutos do início da aula bater o pé direito no chão, embaixo da velha escrivaninha. No momento exato em que o ponteiro dos segundos cruzava o número doze, ele levantava o dedo indicador da mão direita e dizia: Senhores e senhoras, ou meus queridos alunos... e em seguida soltava uma frase tão estimulante que ninguém conseguia ficar sem anotá-la. Três a quatro minutos mais tarde, contava-lhes a primeira piada. Oito a dez minutos depois, religiosamente, levantava-se da cadeira e desenhava um gráfico ou uma tabela no quadro branco. Sempre começando com a caneta azul, depois vinha a roxa, e sempre marcado pela aquela singular linha sinuosa aquilo a que queria dar ênfase. O ritmo dele era infalível e funcionava.

Mas o inesperado aconteceu. De certa feita, um aluno o colocou à prova. Decidiu deliberadamente não prestar atenção à sua aula. E, propositadamente, começou a marcar o tempo para ver a reação do professor e o que ele faria se não conseguisse chamar sua atenção para a aula.

O célebre professor prossegue o seu trabalho e o aluno “nem aí”. Mesmo quando ele contou aquela piada quase irresistível – o jovem se conteve. Não sorriu. Decorridos não mais que dois minutos, o professor levanta e começa a desenhar no quadro. Percebendo que o aluno não estava anotando absolutamente nada, mais do que depressa parou o desenho e se dirigiu a ele. Percebendo que este não prestava atenção, partiu em disparada e perguntou-lhe: O que é que você tanta olha através da janela? Ao que o jovem respondeu: – nada, professor, desculpe-me. Havia se passado exatamente 3 minutos, 37 segundos e 217 centésimos.

Já outro professor, nesta mesma experiência, jamais se importou com aqueles alunos que “não queriam nada”. O que sempre afirmava era: Se não aprendem, o problema não é meu.

---

<sup>21</sup> Relato baseado na obra de WILKINSON, Bruce. **As sete leis do aprendizado**. Editora Betânia. 1998.

Reflexão: O primeiro professor claramente sabia qual a sua missão. Ele era responsável pela aprendizagem de seus alunos, enquanto o segundo julgava ser de sua alçada apenas a transmissão de conteúdos, não importando se haveria aprendizagem ou não. Será que seus alunos aprenderam?

#### 4.8.1 - Cinco regras que podem funcionar

Quando se trata de regras sempre há restrições a serem feitas, todavia, entendemos ser possível a aplicação de cinco passos que podem dar certo para uma aprendizagem significativa. Isso porque não pretendemos apresentar uma receita pronta, inflexível para a educação, que necessariamente deve ser cumprida à risca. A linha que vimos desenvolvendo até aqui é a da construção do saber por meio de experiências mútuas em que professor e aluno constroem o saber. Assim, é mister que o professor ensine ao seu aluno que:

1. É possível gostar de nós mesmos. A experiência tem nos mostrado que quando se gosta de si próprio, o grau de satisfação com o exterior só tende a aumentar. Não é aconselhável que vivamos presos a determinadas regras, ainda que elas sejam importantes para o convívio em sociedade, em detrimento de nossa liberdade de fazer escolhas. Na verdade, o que queremos afirmar é que é possível se adaptar às regras, sem, contudo, perder o direito de escolher o próprio caminho a trilhar.

*“Liberte de suas amarras. Valorize-se e descubra que você vale tanto quanto imagina valer”. (ANTUNES, 1997, p. 12)*

2. É preciso valorizar o que somos. Todos somos capazes de grandes feitos, mas poucos somos ousados em realizá-los. Neste processo de ensino-aprendizagem, uma palavra motivadora vale muito mais do que o excesso de conteúdo. O aluno só aprenderá aquilo que ele julgar importante para ele. Mas muitos de nossos alunos ainda não conseguiram

decifrar o que é relevante para a vida. Cabem a nós, mestres, abrir-lhes os olhos. Apresentar-lhes um mundo visionário e futurista em que os caminhos que são propostos assemelham-se a um labirinto em que muitas veredas são abertas. Resta ao aluno descobrir qual o percurso deve percorrer.

Certa vez, em uma aula de inglês na faculdade de Letras, eu questionava acerca da metodologia de ensino adotada pela professora. Ao término da aula, antes que todos saíssem, a professora pediu-me para que permanecesse por um pouco mais. Ela então me falou: Rivaldo, aqui é semelhante a um labirinto. Uma porta se abriu para você (referia-se ao vestibular) – agora muitas outras se abrirão, resta a você decidir por onde quer percorrer.

*“Tudo o que somos é o resultado do que pensamos”. (BUDA)*

3. **VOCÊ É UM SER SINGULAR.** É preciso mostrar ao aluno que a sua aprendizagem depende dele mesmo. Muitas vezes falta-lhe um norte, uma direção. Questione seu aluno acerca do que ele é e o que deseja ser.

A psicologia aplicada tem mostrado que o ser humano é único, conforme já tratamos em capítulo anterior, o homem é um ser indivisível.

*“Conhece-te a ti mesmo”. (SOCRÁTES)*

Procure extrair de seus alunos quais são suas motivações, quais as suas atitudes? Como têm encarado a vida que levam? Que têm feito para o seu crescimento pessoal e profissional?

O que fazemos hoje determinará o que há de vir amanhã. O único responsável por nós, em absoluto, somos nós mesmos. Nossa capacidade de agir depende, primeiro, de como encaramos nossa potencialidade diante dos fatos. Ninguém pode fazer aquilo que compete a nós mesmos

fazer. Portanto, descobrir quem somos é de vital importância para o nosso crescimento.

Todos temos algo inerente, ou seja, todo ser humano é dotado de algo, uma dádiva divina, de dons e capacidades especiais. Quais são os seus dons? Que você tem de especial? Essas perguntas têm de marcar o nosso aluno. Propor uma autoanálise de si mesmos e não ter medo da luz que brilha dentro de cada um. A verdadeira felicidade é conquistada por meio de conhecimento e amor. Não se constitui em vantagem abater-se diante dos fracassos temporários. Acreditar que não existe fracasso total é o passo primeiro que conduzirá à aprendizagem. Pense nas belas conquistas da humanidade e quantos benefícios não nos trouxeram, apesar de alguns fracassos, eles conseguiram.

*“Nunca desista de seus sonhos” (CURY, 2007).*

Deixe claro para seu aluno que não é interessante ficar a imaginar o que poderia ter sido feito, pelo contrário, incentive-o a agir nas oportunidades que lhe são oferecidas.

No entanto, deixe-lhe claro ainda que na sua caminhada deve ponderar em alguns pontos fundamentais:

- 1- Seja um observador. A vida lhe oferece muitas oportunidades disfarçadas. Tente, em meio a uma pequenina luz, enxergar um ponto favorável para a execução de suas metas;
- 2- Interesse-se pelas pessoas. As pessoas são importantes e você precisa delas. Faça a elas o que gostaria que fizessem a você. Não seja egoísta. Todos merecemos ser felizes. No mundo há espaço garantido para cada um. Cresça, mas permita e ajude ao outro também crescer;
- 3- Seja você o seu espelho. Ninguém melhor do que você para ser seu crítico número um. Quando acertar, elogie-se repetindo o mesmo

ato; quando errar, admita seu erro e procure corrigi-lo imediatamente;

- 4- Ninguém melhor do que você para cuidar de si mesmo. Você é o responsável por você. Portanto, cuide-se;
- 5- Não queira mudar as pessoas. Aprenda a conviver com os semelhantes, assim como eles são. Não tente mudar ninguém. Quando lhe for permitido, aconselhe-as. Seja amável e procure sempre agradá-las;
- 6- Seja sempre simpático. A melhor coisa que recebemos de alguém é um sorriso sincero. Seja simpático. Assim como você gosta quando alguém lhe trata com simpatia, retribua em dobro. A simpatia conquista a mais carrancuda criatura.

*"Sua força de vontade é cem vezes maior que a força de seus músculos". (ANTUNES, 1997, p. 13)*

## 4.9 - Uma experiência criativa

Sempre é possível criar a partir do já criado. Certa professora, na tentativa de desenvolver em seus alunos o espírito de recriação, propôs uma atividade que naturalmente os conduziu à criação. O conteúdo a ser trabalhado era a criação de paródias. Primeiro vale ser ressaltado que esta professora gostava muito de trabalhar com poemas. Isso, por si só, constitui-se em um forte ingrediente para o sucesso daquela aula. A ideia que teve foi fazer a análise literária do poema "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias. Após o estudo sistemático da poesia dentro da literatura romântica, ela propôs que, a partir da realidade do aluno fosse criada uma paródia. Claro, os alunos, a princípio, não gostaram da ideia, entendendo ser uma tarefa difícil. Mas a dinâmica professora começou a incentivá-los.

Sabe o resultado? Uma coletânea de boas poesias foram produzidas. Dentre elas, destacamos a que segue:

***Vou-me embora pra Santinha***<sup>22</sup>

*Minha terra tem muitas festas*

*Onde me divirto eu lá*

*As festas aqui no Gama*

*Não dão nem pra comparar*

*Nosso céu tem mais poeira*

*Nossas ruas mais amores*

*Futebolzinho toda sexta*

*Coca-cola toda noite*

*Não dá pra se sentir sozinho*

*Pois muitos amigos existem lá*

*Minha terra tem mais festas*

*Onde me divirto eu lá.*

*Minha terra tem defeitos*

*Que iremos melhorar*

*Por isso não demore*

*A se mudar pra lá.*

*Salve, salve minha cidade*

*Tão querida, tão amada*

*Onde o dia é tão alegre*

*E a noite tão animada.*

*Autor: Leandro (3ª série)*

#### **4.9.1 - Uma experiência produtiva**

Aconteceu comigo uma experiência também digna de nota. Em certa aula, em meio à discussão de um tema sobre política, uma aluna acenou que desejava dar sua opinião. Ao tempo em que levantou a mão, todos os demais olhares se voltaram para ela. Simplesmente a jovem “amarelou” e disse: “não, professor, não é nada não”. Mas eu pedia que falasse. Mais

---

<sup>22</sup> (Santa Maria e Gama – Cidades satélites do Distrito Federal)

uma vez ela retruca: “não, era besteira”. Então, sorrindo para ela disse-lhe: “ah! Fala sua besteira!” – após pedir a colaboração da turma e incentivá-la a falar, para a surpresa da jovem tímida, o seu comentário rendeu uma excelente pesquisa que todos fizeram e lucraram não apenas com a nota, mas também com o próprio conteúdo do trabalho.

São experiências iguais a essas que fazem toda a diferença no ensino-aprendizagem. Se fôssemos relatar outras vividas por nós, ou mesmo por você que nos lê, acreditamos que em apenas um livro não seria o suficiente para os registros. É preciso que incentivemos nossos alunos à participação.

*“Se quisermos promover transformações em outros, temos que experimentá-las primeiro em nós”. (HENDRICKS, 1991, p. 20)*

Somos frutos do de nossos pensamentos, sejam eles positivos ou não.

O sucesso só acontece para quem verdadeiramente busca desenvolver uma atitude mental positiva. A pessoa que não tem medo de pensar e organiza seus pensamentos de maneira otimista, em qualquer situação que se encontre, com certeza, essa atitude mental desenvolvida terá grande influência sobre si, proporcionando-lhe, senão, o sucesso imediato, mas; pelo menos, ajudando-o a conviver de maneira tranquila com os desatinos da vida.

Quem busca verdadeiramente o sucesso, é conhecedor de que a ele próprio cabe a tarefa de ser ou não realizado na vida. Conta uma popular lenda do oriente próximo que um rapaz chegou a um pequeno povoado, onde estava sentado à beira de um oásis um velho, e perguntou-lhe:

- Que tipo de gente vive neste lugar? Ao que o velho respondeu:
- Que tipo de gente vivia no lugar de onde você vem?
- Ah! Um grupo de pessoas muito egoístas e malvadas. Creio que não deixei nada de bom no lugar de onde vim! Respondeu o visitante.

Prontamente o velho retrucou:

- Pois a mesma coisa você haverá de encontrar por aqui!

Em outro momento, outro visitante, passando pelo mesmo lugar, perguntou ao velho que ainda continuava à beira do oásis:

– Que tipo de gente vive neste lugar? O velho homem do lugar respondeu com a mesma pergunta:

– Que tipo de gente vive no lugar de onde você vem?

O homem visitante, sorrindo, respondeu:

– Ah! Um magnífico grupo de pessoas, amigas, hospitaleiras e gente muito honesta. Na verdade, sinto ter de deixá-las!

O ancião respondeu:

– O mesmo encontrará por aqui, meu bom rapaz!

Um senhor, que também se encontrava no momento das duas conversas, perguntou, por sua vez, ao velho:

– Como pode o senhor dar-lhes respostas tão diferentes a mesma pergunta?

– Cada ser traz dentro de si o meio ambiente em que vive. Quem só encontra prazer por onde anda é porque sabiamente aprendeu a viver em sociedade. Por outro lado, quem não ama as pessoas com quem convive, dificilmente encontrará amor por onde passar. Quem semeia amizade, certamente colherá amigos também aqui!

A amizade é um bem tão valioso que, em se plantando, você colhe em vários pontos. A pessoa que semeia o amor e caridade, sempre há de colher bons frutos. Uma atitude mental positiva é algo que qualquer um pode manter controle absoluto. Plante em você mesmo a ideia de ascensão.

O primeiro passo para sermos pessoas bem sucedidas é desenvolver uma atitude mental positiva. Isto quer dizer que devemos enfrentar nossas responsabilidades sem procurar desculpas para os nossos fracassos temporários. Com isso, estamos dizendo que não devemos lançar aos outros, ou às circunstâncias, os nossos insucessos. A atitude que

mantemos em nós mesmos é o que determina o sucesso ou o fracasso. As pessoas positivas estão sempre realizando.

A falta de organização é fator determinante para promover o insucesso de qualquer um. A pessoa que planeja a sua vida com metas e objetivos bem definidos, terá muito mais chance na escalada do sucesso.

Conheço a história de um rapaz que acalentava o sonho de tornar-se radialista. Tamanho era o seu desejo, que, decididamente, foi ao encontro daquela que seria a sua grande oportunidade.

A meta daquele moço era ser locutor. Ele tinha um propósito definido em sua vida. Percorreu, então, várias emissoras de rádio à procura de uma oportunidade. Depois de muitas tentativas, e alguns fracassos, surgiu uma vaga, não de locutor, mas de porteiro, em uma rádio de sua cidade. Ora, nosso personagem em destaque sabia o que queria. Não pensou duas vezes, aceitou a proposta.

E lá estava ele subindo o primeiro degrau na escalada de seu sonho. É certo que teria de subir outros; porém, o primeiro passo já fora dado. Convicto de seus objetivos, enquanto fazia o seu trabalho diário, aguardava sua primeira chance de falar ao microfone. afinal já estava em uma emissora de rádio, e podia considerar-se um radialista. E sua primeira oportunidade não demorou.

Certa vez, estando em seu trabalho costumeiro, aconteceu que um dos locutores não compareceu, por motivo de enfermidade. O gerente da emissora então o convidou para assumir a função do rapaz que faltara. E as instruções lhe foram dadas: apenas informaria a hora certa a cada bloco comercial.

Quando realizamos algo, por mais simples que seja, mas feito com amor e entusiasmo, conseguimos transmitir segurança. E aquele nobre rapaz executara sua tarefa com tanta confiança, que não passara muito tempo, quando o mesmo locutor, que ele havia substituído, entrara de férias, lembrara-se daquele humilde porteiro, e o convidara para novamente o substituir durante o período que estaria fora. Agora ele já não era um inexperiente – havia treinado bastante a arte de falar – o sucesso o aguardava.

Qual não foi a alegria daquele jovem sonhador e cheio de ideais? Enfim, o grande momento de sua vida estava por vir. O sonho tornara-se realidade. O sucesso almejado havia de acontecer. Estaria, portanto, consolidada uma grande carreira.

Não passara muito tempo, logo fora convidado para fazer parte do quadro oficial de locutores daquela emissora. Só dependia dele. Vencer ou fracassar. Ele escolheu o caminho dos vitoriosos e partira para a batalha. Dedicou-se à leitura de muitos jornais, revistas, a ouvir outras emissoras e, sempre que podia, buscava aperfeiçoar-se através de vários cursos. Ele aprendera, também, dominar outros idiomas chegando a falar, fluentemente, mais de um. Cada degrau que subia o conduzia a outro. Ele sabia o que queria.

Não foi por mero acaso que as oportunidades surgiram na vida daquele moço. Ele tinha um objetivo fixo em sua mente. Um ideal nobre: "*Queria ser radialista*". Desde que entrara para trabalhar naquela emissora, como porteiro, acreditava estar no lugar certo. Os primeiros passos foram dados, só lhe restava prosseguir, outros degraus haveria de subir, o sucesso o aguardava, mas ele compreendia que necessitava de um bom preparo.

Toda conquista requer um preço. O sonho do jovem aqui mencionado também teve o seu. Ele, a todo instante, esteve disposto a pagar o valor necessário para a conquista do sucesso. Seu espírito sonhador e lutador favoreceu para a concretização daquele sonho.

E você, acredita nos seus sonhos? Está disposto a pagar o preço? Você pode atingir suas metas, desde que acredite em você e deixe Deus o guiar. Seu sonho pode tornar-se real. É só você querer e lutar por seu ideal.

Existem muitas formas para um homem fracassar e a razão é a atitude que mantemos dentro de nós mesmos. O sucesso não acontece para qualquer um, mas apenas para aqueles que o buscam.

As pessoas que pensam, agem e desejam positivamente, desconhecem a palavra impossível. Para elas, uma derrota significa apenas uma pausa no percurso a ser seguido, um fracasso temporário que logo será vencido pela força do entusiasmo que há dentro delas.

Aqueles que pensam negativamente se escondem nos seus próprios fracassos. Há sempre uma desculpa para justificar o que deixaram de realizar. Seus atos denotam pessoas que não acreditam no que fazem e sempre estão insatisfeitas, não encontram prazer em nada.

Eis a pergunta que deveria ser feita a todos profissionais: E você, encontra satisfação no seu trabalho, ou apenas o faz porque é a sua obrigação? Já pensou na possibilidade de torná-lo mais significativo, mais valioso para você e para as pessoas que de seu trabalho também dependem? Pense nisso!

A razão pela qual muitas pessoas não encontram satisfação pessoal naquilo que fazem, é porque simplesmente encaram suas atividades como algo obrigatório. Não pensam o quanto seu trabalho tem sido proveitoso para as pessoas que o cercam. Seu trabalho, ainda que seja modesto, é de suma importância para a humanidade. Imaginemos a seguinte situação: se um simples varredor de rua, juntamente com seus companheiros, deixasse de executar sua tarefa por um longo período, como seria?

Se você está insatisfeito com seu trabalho, talvez, a maior culpa seja sua por não fazer uso completo de suas habilidades. Quem sabe, até nunca parou para pensar no que poderia fazer para tornar o trabalho mais interessante. Ou então, você entenda que este não é o ramo de atividade ideal para você. Mas o que o faz pensar assim?

Um certo cidadão, dono de um empreendimento que muitos gostariam de ter, achava que aquele não era o negócio ideal, já não suportava mais o seu trabalho. Então, todos os dias pela manhã, saía à procura de novos negócios e, à tarde, encontrava-se com seus amigos para se divertirem em seus esportes favoritos, enquanto o seu comércio era tocado por si só. Foi então, que se despertou e perguntou-se: mas, afinal, por que estou procurando um negócio do qual nada sei, se posso dedicar as minhas energias naquilo que, ao longo dos anos venho me aprimorando? Tomada tal decisão, passou a desenvolver o seu negócio com uma extraordinária atitude mental positiva a ponto de torná-lo no mais fascinante dos esportes. Esse mesmo homem tornou-se um empreendedor bem sucedido em praticamente todos os negócios que desenvolvera.

Todos temos nossa oportunidade nos campos da vida, basta que a percebamos mesmo quando esta estiver escondida na neblina. Mas é preciso acreditar e estar preparado para lutar com uma mente aberta para encarar o triunfo. Seu trabalho só poderá ser significativo quando você o fizer importante. Dê a você mesmo a oportunidade de crescimento, encare sua tarefa diária como um bem peculiar, algo que lhe pertence e o fará um homem vitorioso. Não importa qual a dimensão que os outros dêem ao seu trabalho: o que importa é o que você pensa sobre você e a sua missão para o progresso de seu país.

Você é quem decide o quanto vale para os outros. A grandeza de seus pensamentos é que vai determinar o seu valor perante a sociedade. O seu trabalho deve ser realizado com amor e fé, você tem de gostar do que faz para atingir um sucesso duradouro.

O seu trabalho deve ser encarado, não como um mal necessário, mas, sobretudo, com determinação, confiança e clareza definida de objetivos. Você é a única pessoa que pode impedir o seu crescimento. Se as coisas não andam como você gostaria, é evidente que algo tem de ser feito. Suas atitudes mentais devem ser mudadas para que você possa enxergar a grandeza de seu potencial. Deixe nascer dentro de você uma nova pessoa, otimista capaz de transformar um pequenino grão de mostarda numa bela planta medicinal. Você é quem decide o tamanho de seu sucesso.

Não importa se poucas pessoas acreditam que ainda há esperança para nosso alunado. Mas quanto a você, encare seu trabalho com responsabilidade. Lembre-se de que da força de seu trabalho, construiremos um mundo mais promissor, onde a educação fará a diferença no cotidiano das pessoas.

## **CONCLUSÃO**

Assim, concluiremos essa nossa exposição de motivos para uma pedagogia transformadora na escola, com a plena convicção de que não há uma receita pronta para o sucesso da educação em nosso país. Somos bem conscientes disso, até porque entendemos ser o ensino algo dinâmico.

Portanto, jamais foi a nossa pretensão passar a fórmula mágica para a resolução definitiva do problema da defasagem no ensino-aprendizagem. O que pretendemos aqui é tentar mostrar aos colegas de profissão a possibilidade de vislumbrar uma escola que propicie um ambiente mais prazeroso e produtivo.

Somos bem conhecedores dos mais diversos problemas por que passa o ensino no Brasil. A nossa experiência, nas séries de 5ª a 8ª do ensino fundamental e todas as séries do ensino médio, nos capacita a falar com propriedade de causa. Porém, a mensagem central que queremos deixar é o desejo que temos de ver vidas transformadas pela educação em que professor e alunos sejam os protagonistas no palco do saber.

É nosso desejo, ainda, que você, mestre, não se deixe abater e nem permita que o sonho de uma escola melhor seja cessado por conta daquele aluno de 5ª série que passou o ano inteiro e não “aprendeu nada”, e repetirá o ano. Mas o eixo motivador que deve nos mover e orientar em nossas práticas pedagógicas é o sonho que conseguimos plantar na mente de tantos outros alunos que foram acessíveis aos nossos conselhos e orientações. Esses alunos, ainda que sejam em pequeno número, são a razão precípua por que abraçamos o magistério.

Portanto, reafirmamos que o gosto pelo ensino, o desejo de ver vidas transformadas, ver nossos alunos galgando altos patamares, não podem sucumbir em meio aos mais diversos problemas pelos quais passamos.

*“O ser humano é fascinante, e quanto mais nos interessamos por ele, mais facilidade teremos para nos aproximar dele”.*  
(HENDRICKS. 1991. p. 26)

## ANEXOS

Adalberto Claudino Pereira – professor e radialista

Onde anda o Edelson?

Era uma noite como outra qualquer. Professores reunidos em conversas informais. Tudo ia às mil maravilhas quando fomos surpreendidos pela presença de um jovem que, fixando o olhar no professor de Matemática, fez-lhe uma ameaça que nos deixou surpresos e temerosos ao mesmo tempo. Depois eu soube que ele era aluno da escola e que era um elemento de alta periculosidade.

Fiquei curioso com aquela cena. A cada dia crescia a minha vontade de conhecer melhor aquele rapaz. Sabendo desta minha intenção, alguns colegas chegaram a aconselhar-me a não me aproximar do mesmo. "Você está maluco!!! Aquele cara é um malfetor, um bandido! Nem pense nisso!", disse-me pasmada uma colega professora.

Os dias passaram sem muitas novidades até que certa noite, ao chegar na sala dos professores, deparei com um jovem de aproximadamente 19 anos, moreno, com o rosto coberto por um jornal. Cumprimentei-o com um "boa-noite", recebendo dele uma resposta normal.

Coloquei meu material sobre a mesa e iniciei uma conversa. E lá estava eu frente a frente com o "Mafu". Sonho realizado, restava-me conhecê-lo melhor. Fiquei sabendo que o nome verdadeiro daquele jovem era Edelson. Ele ficou espantado quando eu disse que "Mafu" não era nome e que para mim ele era o Edelson, um jovem de um futuro promissor. Aquele primeiro encontro aproximou-me da pessoa a quem todos temiam.

Agora, o meu sonho era ser professor do Edelson. Pronto! Mais um sonho realizado. Edelson seria meu aluno. Empolgado, passei a preparar o ambiente. Reservei-lhe um lugar especial e disse para os demais alunos que ali sentaria uma pessoa especial, chamada Edelson, para quem eu queria uma grande recepção. Alguns alunos que já o conheciam, acharam aquilo ridículo afirmando que para ele não tinha mais jeito.

Ao abrir a porta, Edelson teve uma grata surpresa ao ser aplaudido. Fez um leve sorriso e sentou-se. Mas ele não tinha a apostila com o conteúdo a ser estudado, e muito menos dinheiro (R\$ 2,50) para comprá-la. Não pensei duas vezes: tirei do bolso uma nota de (R\$ 5,00), entreguei-a ao Edelson que, de imediato, saiu para comprar a apostila. Houve um grande murmúrio e um aluno gritou lá de trás: "não vai ver mais nunca o seu dinheiro, professor!". Ri e continuei minha aula.

Minutos depois a porta se abriu e lá estava o Edelson com a apostila em uma das mãos e o troco na outra. Para a surpresa de todos, ele foi até onde eu estava e disse: "Olhe aqui o seu troco, professor!". Recebi o dinheiro, olhei para a classe e vi em cada rosto a marca da surpresa. Para eles, aquilo era incrível, um fato inédito, merecedor de registro.

Meu tempo no colégio expirou e fui obrigado a me transferir para outra escola. Nunca mais vi o Edelson. Uma certa noite, ao chegar do colégio, minha esposa contou-me algo que me deixou bastante emocionado: o Edelson havia perguntado por mim e dissera que se um dia tivesse de escolher um pai, queria que esse pai fosse eu. Hoje eu ainda pergunto a mim mesmo: onde anda o Edelson?

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Manual Construtivista de como Estudar**. 3º Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

ABREU, Maria Celia de e MASETTO, Marcos Tarciso. **O Professor Universitário em Aula**. 4º Ed. São Paulo/SP: MG Editores Associados, 1985.

ALENCAR, Vinicius F. **Dicas e Estratégias de Estudo para Concursos e Vestibulares**. 1º Ed. São Paulo/SP: Editora Árvore da Vida, 2001.

- CORRIGAN, John T. e BENNETT, Millard. Como desenvolver uma atitude mental positiva.** (áudio em português) Success Motivation Institute - Cassette Tapes - Waco, Texas - U.S.A : 1972.
- CORDEIRO, Jaime Francisco Pereira. Falas do Novo, Figuras da Tradição: o novo e o tradicional na educação brasileira (anos 70 e 80).** São Paulo, SP: Editora UNESP. 2002.
- GAUDENCIO, Paulo. Mudar e Vencer.** 2º Ed. São Paulo/SP: Editora Gente, 1999.
- HENDRICKS, Howard. Ensinando para Transformar Vidas.** Tradução de TALITHA, Myrian. 1º Ed. Venda Nova/MG: Editora Betânia, 1991.
- HILL, Napoleon e KEOWN, Harold. Sucesso e Riqueza pela Persuasão.** Tradução de JUNGSMANN, Ruy. 2º Ed. Rio de Janeiro/RJ: Record, 1995.
- Lucas. Português. In: **Bíblia Sagrada.** Tradução de João Ferreira de Almeida. 2º Ed. São Paulo/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996. Bíblia. N. T.
- MORETTO, Vasco Pedro. Reflexões Construtivistas - A produção do Conhecimento em Aula.** Brasília/DF: VM - Consultorias Educacionais, 1999.
- N. Costa. Terapia Analítico-comportamental: Dos Fundamentos Filosóficos à Relação com o Modelo Cognitivista.** Santo André: ESETec, 2002. pp. 1-8
- PELIZARI, Adriana et. al. Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel.** Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, pp. 37-42, jul. 2001 - Jul. 2002.
- PLANK, David N. Política educacional no Brasil: caminhos para a salvação pública – cap.6.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001

**POZO, Juan Ignacio. Teorias Cognitivas da aprendizagem. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.**

**WILKINSON, Bruce. As sete leis do aprendizado. 1º Ed. Belo Horizonte/MG: Editora Betânia, 1998.**

**foxit**

**www.foxitsoftware.com**

## Capítulo 5 - EDUCAÇÃO E PROFESSOR



*Prof. Alexandre Arante Ubilla Vieira*

### INTRODUÇÃO

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

Neste capítulo, considero a principal característica do tema, o professor: sendo este o centro das atenções, o transmissor de conhecimentos, o docente que na atualidade desempenha inúmeras tarefas de cunho importantíssimo ao desenvolvimento de gerações.

A tarefa de ensinar não é tão fácil quanto parece, pois é necessário acima de qualquer conhecimento, estimular e valorizar o respeito mútuo, a solidariedade, o diálogo, a cooperação e justiça entre um indivíduo ou vários. Esta é uma profissão que realmente deve ser levada de maneira prazerosa e ao mesmo tempo a sério, encarando com muita seriedade e perspicácia todas as atividades nela exigidas.

Ao longo do texto, veremos vários fatos que exigem de um professor uma vocação. Inicialmente, veremos qual a real função de um professor. Por que o professor está ali? Quais são suas razões de ministrar uma aula?

Porque gosta? Por prazer? Por obrigação? Não se dá aulas sem fatores básicos como cidadania, humildade e ética.

Mas como realizar todos estes fatores? A arte de ensinar deve ir mais além do que se pensa... exige tempo e paciência, pois como encarar a realidade no sistema educacional com alunos muitas vezes mal educados, escolas despreparadas em suas estruturas físicas?

Mas não podemos culpar a sociedade, os pais, os alunos ou o sistema que gera determinadas atividades com ou sem cultura. é preciso que tenhamos a solução, e é a partir daqui que falamos do professor, principal fonte de conhecimento de um aluno e de uma sociedade.

Mas para que isso ocorra, o que um professor deve saber para ser um ótimo profissional, que tipo de atividades deve encarar para se atualizar no mercado de trabalho? Estas perguntas serão respondidas neste capítulo de forma clara e objetiva, assim como, destacar um professor como exemplo, afinal quem nunca se espelhou num professor? Sua postura, seu caráter, seu conhecimento, seu dinamismo em sala de aula e sua humildade. São alguns fatores que regem a carreira docente.

Questionaremos também a motivação deste profissional no mercado de trabalho. Afinal, por que ministrar aulas? Qual motivação um professor hoje em dia tem? Estas perguntas serão respondidas ao longo deste capítulo, a qual espero que seja enriquecedor e esclarecedor.

## **5.1 - Qual a função do professor?**

O que é um professor-educador?

Qual a função dele?

Quais são realmente seus propósitos acadêmicos?

Qual o desafio de um professor para a educação?

O que o professor transmite a uma sociedade?

Parecem ser respostas muito fáceis, tal que “educar” provavelmente seria a resposta, ou então “passar conhecimento”. Para quem está em sala

de aula, sabe que a função de um docente vai muito além de nossas expectativas.

A princípio, sabemos que a educação é vital para todos numa sociedade num contexto social, e quando ocorre o desejo de aprender, sabemos que foi bem sucedida.

É necessário que o professor saiba assumir a responsabilidade do processo ensino-aprendizagem. Professores, sabemos que há aos milhares, mas quantos fazem desta profissão uma vocação?. Ensinar pode ser considerado fácil, porém realizar a aprendizagem no aluno, realmente não é para todos.

Para desenvolver o processo ensino aprendizagem, é preciso criar situações que favoreçam as mesmas. De que maneira?

Para que todo processo educacional, independentemente da disciplina, é preciso que os educadores de hoje busquem o aperfeiçoamento de seus conhecimentos, assim aumentando suas competências e qualificações, e sem dúvida, quem sairá ganhando com tudo isto são os alunos, pelo simples motivo de seus professores estarem bem preparados.

Infelizmente, por diversas situações também contidas e explicadas em outros capítulos, nem sempre o professor tem o lugar que merece, seja por fatores sócio-políticos, financeiros, administrativos e/ou pessoais.

Alguns profissionais acreditam que o real professor é aquele dá shows em sala de aula, realiza piadas, enfim, um professor diferenciado. Há certamente um favorecimento educacional diante destas circunstâncias, porém é preciso salientar ao docente que ele precisa, "principalmente na atualidade", onde o desgaste mental numa sociedade é grande, que o docente tenha conhecimento para receber, armazenar e transmitir suas informações de maneira coerente e eficaz.

Um contexto absurdo de informações diante de um aluno muitas vezes nos faz repensar a prática educativa. De nada adianta tais quantidades de informações se o aluno não consegue aprender 1% do que o professor transmitiu. É preciso que o docente tenha em mente que mais vale o que se aprende do que se ensina.

Considero que uma das funções do professor, por competência, seria organizar o processo de ensino, assim tomar decisões relativas à execução do processo de ensino aprendizagem, direcionadas à questão educacional.

As responsabilidades de um professor-educador, podem ser consideradas ainda mais complexas, diante daqueles que realmente pretendemos formar.

A criatividade em sala de aula é outro fator de extrema importância, pois inovação numa aula é sem dúvida uma alternativa para dinamização de ensino.

Um professor, seja de qualquer disciplina e comprometido com a profissão, deve ensinar seus alunos, seja em que grau estiver, fazê-los a sonhar, ou seja, o que o professor transmite deve fazer parte do sucesso acadêmico e profissional destes alunos, afinal, se você é professor, como quer ser lembrado pelos seus alunos futuramente? A questão aqui proposta não é recreativa, se o professor é bom ou ruim, se ele brincava ou não, mas sim pelos ensinamentos repassados a eles, assim obtendo tudo aquilo que o aluno pensa conseguir na vida, que o conhecimento a qual você transmitiu a ele não foi em vão, mas sim um sucesso na vida e na profissão.

Relembrando a pergunta deste capítulo: Qual a função do professor?

Podemos dizer que espírito de equipe, saber ouvir seus alunos (por mais difíceis que sejam os questionamentos), saber causar dúvidas, ser um transmissor de conhecimentos éticos e de valores, enfim, para tudo isso ocorra, é preciso que o professor tenha entusiasmo pela profissão, pois assim conseguiremos obter valores ao ensinar e aprender e por fim ter interesse pelos alunos, sabendo que na sociedade em que vivemos nossa posição docente não é a mais privilegiada, se você conseguiu ler até aqui, sabe que não faria isso sem um professor.

Ser professor não é simplesmente uma profissão, mas sim um dom!!  
Acredite.

*"Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro."*

*D. Pedro II*

## **5.2 - A arte de ensinar**

Como ensinar? De que maneira pode ser feita?

A arte de ensinar realmente não é fácil e digamos que não é para qualquer um, afinal requer antes de qualquer aceitação discente, motivação, entusiasmo, gosto pelo que se faz, equilíbrio pessoal e familiar, planejamento, seja didático e/ou pedagógico, e condução disciplinar, ou seja, faça realmente o que sabe!

Importante dizer que "Domínio de Conhecimento" é um dos pontos básicos de qualquer ação profissional, ainda mais como docente. Ressalto aqui que o professor não é responsável por saber inúmeras situações do que ocorre na sociedade e no mundo, não que o mesmo tenha que saber tudo, mas ele realmente deve se aproximar com o conhecimento e as informações obtidas.

A relação professor aluno é sem dúvida outro fator predominante no processo de ensino-aprendizagem como arte de ensinar e não pode ser subestimado. Pode-se considerar que a relação interpessoal sem dúvida é um fator de significativa influência no processo de ensino, assim como infraestrutura, condições físicas e materiais da instituição.

Costumo ressaltar muitas questões sobre conhecimento, porém não adianta somente transferir o conhecimento. É preciso seduzir os alunos ao conhecimento. Através de um contexto geral, muitos professores reconhecem sua importância numa abordagem educacional social.

A expressão "educação" sempre estará ligada ao nível docente, seja pela imagem pessoal e/ou profissional. Mas como se faz isso? Inúmeras são as respostas, e diante de aulas ministradas, questionamentos,

obediência, desobediência, disciplina e indisciplina, ou seja, quero acreditar que Educar é a resposta.

Educar com relação ao futuro, uma expectativa de vida melhor com conhecimento, semeando assim paciência e sabedoria aos nossos alunos.

*"Vocês que plantaram um dia a semente do conhecimento em nós, a verão brotar e gerar, no futuro, cada vez mais plantios e proveitosas colheitas com frutos de reconhecimento e valorização pelos atos de amor e dedicação na arte de ensinar."*

*Autor Desconhecido*

### **5.3 - O que um professor deve saber para ser um ótimo profissional?**

Ser professor tentando simplesmente compreender sua simples disciplina, infelizmente é um professor falho. Ser professor é ser transmissor de acervos culturais, midiáticos, informativos e comunicativos.

Não basta um professor entender somente da disciplina "português", por exemplo. É preciso compreender valores culturais, questões sobre psicologia, família, sociedade, política, adolescência e infância, educação para adultos, ou seja, a pluralidade cultural está presente e o professor tem que participar destes valores.

Sem o conhecimento **sério e responsável**, de que adianta tentar educar? Muitos profissionais qualificam sua boa profissionalidade na formação, a qual é sem dúvida um fator primordial ao docente, mas é necessário que se faça as atualizações e aperfeiçoamentos constantes.

Para ser um profissional qualificado e competente em suas aulas, é preciso planejamento, a curto e longo prazo, mas é preciso que o mesmo esteja preparado. Infelizmente sabemos que professores realizam seus planejamentos no momento da aula, sem organização, critério, conteúdo específico, análises constantes. Ou seja, agem compulsivamente,

escolhendo um ou outro esporte e/ou modalidade a ser desenvolvida. Isto é um desrespeito com seu aluno e com sua profissão!!

Alguns acreditam que o preparo de aulas é inconveniente, absurdo e ineficaz, fazendo assim o seu serviço um "cabide de estabilidade", o que realmente é lamentável. O processo de planejamento é um momento de discussão, análises, intervenções didáticas e metodológicas, favorecendo o desenvolvimento físico, mental e intelectual de seu aluno, verificando suas habilidades, capacidades físicas, obtendo novas e diferentes maneiras de se ministrar uma aula, com didáticas eficazes, eficientes e progressivas no contexto educacional.

**Para ser um ótimo profissional, o professor há de fazer com que o aluno aprenda se ele próprio continuar a aprender.**

Um valor profissional não está ligado somente às questões de ensino, mas também aos valores pessoais, como ser paciente, educado e amigo fazem parte do contexto profissional, não há dúvidas.

O desenvolvimento educacional do aluno está ligado diretamente ao processo profissional do docente, que não deve ser visto como somente como professor ou orientador de disciplina e informações, mas um educador, que além de repassar conhecimento, cuida do desenvolvimento intelectual e físico de seus alunos, fazendo assim alunos formadores de opinião e cidadãos de uma sociedade construtiva e humanitária.

*"O professor medíocre conta  
O bom professor explica.  
O professor superior demonstra.  
O grande professor inspira."*

*William Arthur Ward*

## **5.4 - Problemas pessoais e financeiros**

De fato ser professor em um país como o nosso não é tarefa das mais fáceis e assim como todo ser humano, o professor, poderá ter seus problemas pessoais e financeiros, isso é uma situação social, porém não deve ser tratada com menosprezo.

Nesta situação, pode-se verificar que o professor terá um pouco mais de dificuldade em desempenhar seu real papel em sala de aula. A dificuldade financeira é um agravante para a maior parte dos professores, porém muitos destes se apoiam nesta dificuldade para descontar em seus alunos. De que maneira? A resposta: Aulas mal planejadas, professores arrogantes, estúpidos, mal caráteres, negligentes, impacientes, sem gosto pelo que faz, sem entusiasmo, sem nenhuma preocupação social, físico, mental ou intelectual com seu aluno, por uma questão financeira e/ou pessoal. Como dito, todos passamos "infelizmente" por estas dificuldades, mas lembre-se, o seu aluno não tem nada a ver com tais problemas pessoais.

Um professor que não consegue se controlar diante das dificuldades deve repensar sua profissão, seus conceitos e realmente procurar ajuda necessária. Alguns dos fatos relatados como dificuldades são os sentimentos de insatisfação, inibição, stress, esgotamento físico e mental, ansiedade e depreciação do docente.

Acredito que muitas causas com problemas pessoais podem ser um adendo a causa financeira. A classe docente deve ser tratada com respeito e justiça pelos governantes e cidadãos de qualquer sociedade, com salários respeitosos, com valorização do profissional e capacitação para trabalho digno. Não quero aqui culpar somente o professor, muito pelo contrário, mas realizar o valor do docente no mercado de trabalho, na sociedade e enfim criar uma sociedade em que o professor sempre será um agente de mudanças no processo educacional, seja no ensino infantil, fundamental, médio e superior, que este seja respeitado como merece.

*"A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo."*

*Nelson Mandela*

## **5.5 - O que é ser professor?**

Inicio este dizendo que ser professor não é simplesmente uma profissão, é uma missão!!

Professor é aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina: considerado também como mestre, figura de um homem perito, aquele que professa as verdades, que declara uma convicção.

Podemos considerar que Professor é o profissional que ministra aulas e/ou cursos em todos os níveis da educação. "Sem dúvida, é uma das profissões mais antigas e importantes de uma sociedade, é claro, salientando as demais, que em sua maioria, dependem do professorado."

Ser professor nos dias atuais é muito mais que uma profissão ou uma carreira, é uma atividade que exige a cada dia deste profissional (muitas vezes desvalorizado), conhecimento, aptidão pela profissão, qualificação e competência necessárias, porém, quantos iniciam esta carreira profissional, com vontade, perspicácia, com objetivos de valorização da profissão e não a terminam, por inúmeros fatores, sejam sociais, financeiros, econômicos e familiares? A questão aqui comentada é que infelizmente profissionais que conseguem graduar-se na profissão, não a valorizam como deveria, que se encostam e/ou penduram na parede pelo simples fato de fatores financeiros.

Não podemos deixar de lado e somente menosprezar o professor diante de muitas dificuldades sociais, financeiras e educacionais (desrespeito, preconceito, banalização) de uma sociedade na qual visualiza o docente como mero reprodutor de conteúdo, sabendo que ser professor é muito mais que se imagina, não é simplesmente profissão, é vocação!

*"Um professor afeta a eternidade:  
é impossível dizer até onde vai sua influência."*

*Henry Adams*

## **5.6 - Professor: Exemplo ou modelo?**

Na vida de um estudante, seja no ensino infantil, fundamental, médio ou universitário, existem inúmeras situações inesquecíveis na vida de cada um, e sem dúvida, uma delas será a imagem de um professor!

A você leitor, que passou por instituições de ensino, seja docente ou discente, tem como apontar um professor que considerou bom ou não, um exemplo de professor ou até um modelo profissional. Mas como a sociedade avalia um professor?

A imagem positiva de um professor pode durar anos. A negativa também, tal que a forma de pensar, interpretar, de ser, de seus sentimentos, atitudes, vontades, tomar decisões, trabalhar em equipe, ser confiante, possuir empenho e também respeito são valores pessoais e são levadas ao nível profissional.

Mas o que é ser um bom profissional?

Diagnosticar professores exemplos realmente não é uma tarefa fácil, devido inúmeros fatores sociais, como analfabetismo, violência, evasão escolar, repetência, criminalidade, questões sócio-políticas, dentre outros. Definir o professor exemplo numa sociedade é preciso uma reconstrução política educacional, ou seja, determinar uma educação de qualidade, com real infraestrutura e salário digno ao docente.

A imagem de um professor pode ser configurada facilmente por um conjunto de aspectos relacionados aos valores, currículos, práticas metodológicas e avaliação. O professor sempre estará em evidência frente aos seus alunos, mas é importante salientarmos que não está em evidência para falar de si mesmo e de seus interesses particulares, sociais e/ou

financeiros, mas sim para dar aula, ele está ali a serviço dos alunos e esta deve ser sua postura.

Analisar se um professor é bom ou não, se ele é um fracasso como profissional ou um sucesso, é muito fácil (para alguns) pelo fato da nota final estar acima ou não da média estipulada. A veracidade de notas e a importância da competência de um professor estão muito além destes fatores, afinal a formação de um aluno não depende somente do caráter docente, do ensino e conhecimento transmitido, mas em grande escala, do aluno que se gradua e transmite o aprendizado acadêmico à sociedade dependente de uma formação educacional.

O título aqui composto deve abrir a mente de docente nas questões em que muitos dos alunos veem como exemplos, como pessoais que se deram muito bem na vida, independente das situações já citadas anteriormente como discriminação, preconceito, indisciplina, dentre outros, porém para ser considerado um bom profissional, ou exemplo como dito, alguns itens dão necessários para qualificá-lo como tal:

- Evitar a competição com os alunos;
- Não dominar, ou seja, autoridade não requer autoritarismo;
- Ser objetivos em gestos e palavras;
- Saber ouvir e falar;
- Estimular o saber e o prazer de aprender;
- Despertar a cada dia a criatividade;
- Aprender a elogiar, afinal todos gostam de ser elogiados;
- Evitar gritar em sala de aula;
- Falar corretamente a todos.

A inovação nas aulas, a realização de projetos, conhecer o ambiente em que trabalha, fazer uma reflexão sobre suas aulas, ser seguro no que relata, aceitar a variedade de respostas, por mais que sejam obscuras ao fato educacional, definem um bom profissional.

Você leitor que lê este artigo, qual escolha faria? A de um mero professor ou de um professor exemplo?

*"A tarefa essencial do professor é despertar a alegria de trabalhar e de conhecer."*

*Albert Einstein*

## **5.7 - Motivação na profissão**

A motivação é um elemento primordial a qualquer atividade profissional, afinal quem não gosta de estar motivado a desenvolver tal atividade ou tarefa?

É importante pois atinge a credibilidade, desenvolvimento, empenho, entusiasmo e interesse na atividade.

Ser professor é difícil, pois diante de muitas situações negativistas, derrotistas e contraditórias na vida de um professor, a motivação é um fator que contribui a reforçar aspectos positivos à vida de um aluno, que passa pelos mesmos sentidos de um professor.

Muitos dos jovens questionados sobre a profissão argumentam que ministrar aulas é passar fome, é ter salário que não valha a pena, é ser maltratado por alunos, e conseqüentemente obter uma profissão totalmente desrespeitada.

É realmente triste ver alguns profissionais entram na carreira docente e não fazem valer a pena o ensino-aprendizagem, somente aguardam sua aposentadoria e ministram suas aulas como querem e/ou como desejam. Mas de quem será a culpa pela falta de motivação? Culpa Governamental? Pessoal? Financeira? Seja qual for, é importante relatarmos que ser professor realmente precisa de motivação, diante de tantas dificuldades inerentes à vida cotidiana, é preciso buscar de algum lado o objetivo proposto, que é o de ensinar.

A relação do trabalho educativo entre professor e aluno são fatores indispensáveis em diversos fatores, principalmente na motivação de ambos. Infelizmente, devido alguns professores e também por questões

sócio-políticas (salário, respeito, carreira profissional), a função docente foi em alguns aspectos vulgarizada. Essa função precisa ser resgatada e assim valorizada como merece.

Professores devem se automotivar por suas novas descobertas, por suas novas pesquisas e o desejo de ver seu trabalho discutido numa sala de aula. É preciso que o professor faça escolhas na profissão, a principal, de se motivar, atualizar e de vencer e assim não desistir nunca de ser um professor educador, pois esta é uma profissão mais do que especial.

Algumas perguntas são inevitáveis no processo docente, como:

- 1) O que quero da minha profissão?
- 2) Quais são meus objetivos?
- 3) O que devo fazer para melhorar meu desenvolvimento profissional?
- 4) O que não estou realizando para melhorar minhas aulas?

Acredito que o conceito educacional é o principal motivo do professor estar em sala de aula, de querer a cada dia uma sociedade educada, civilizada, partindo por princípios justos e motivacionais.

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

*"Jamais poderemos ser suficientemente gratos aos nossos pais e aos nossos mestres".*

*Aristóteles*

## CONCLUSÃO

Diante das situações do capítulo sobre Educação e Professor, Amar o que se faz pode ser considerada a melhor atividade física, mental e espiritual de uma profissão.

Podemos verificar que o ensino realmente depende do docente, mas para isso é preciso que sociedade, política e o próprio professor, estejam unidos para vencer batalhas todos os dias, sejam por questões financeiras, didáticas, metodológicas e estruturais.

Acredito que devemos ser menos pessimistas quanto ao processo de ensino. É preciso buscar o sentido da prática do ensino, questionar e melhorar o ensino aprendizagem, ir ao limite do ensino em diversas formas.

Provavelmente a saída seria nos questionarmos como reprodutores de conteúdo significativos, assim possibilitando ao futuro aluno novos conhecimentos, tornando-o um cidadão crítico e pensante, sendo um sujeito autônomo de suas tarefas cotidianas.

Mas para que isso ocorra, é importante que o professor, seja respeitado e valorizado e ele valorizar-se, acreditar a cada dia e a cada aula no seu desenvolvimento profissional.

Tenho certeza que diante destes fatos, este profissional desempenhará suas funções com muito mais competência e satisfação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Ação cultural para a liberdade.** Editora Paz e Terra. 2002 – 10 Edição

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: Imagens e auto-imagens.** Petrópolis/RJ: Ed. Vozes. 2000

BERNARDINHO. **Transformando suor em ouro.** Rio de Janeiro: Ed. Sextante. 2006

BUSCAGLIA, Leo. **Vivendo Amando & Aprendendo.** Rio de Janeiro: Record. 1995,

CARVALHO, Anna Maria Pessoa. (Coord.) **A formação do professor e a prática de ensino.** São Paulo: Pioneira. 1988

CASTRO, Amelia Domingues de (Org); CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org). **Ensinar a ensinar: Didática para a Escola fundamental e média.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante. 2003

**Educação: Um tesouro a descobrir – 9. Edição** São Paulo: Cortez Brasília. DF – UNESCO- 2004

LA TORRE, Saturnino; Barrios, Oscar. **Curso de formação para educadores.** São Paulo: Madras. 2002

NÓVOA, António (Org). **Profissão professor.** Porto Editora, LDA. Portugal – Coleção ciências da educação. 2ª. edição. 1995

**O perfil dos professores: o que fazem, o que pensam, o que almejam – Pesquisa Nacional – UNESCO,** São Paulo: Moderna, 2004

RODRIGUES, Ângela; ESTEVES, Manuela. **A Análise de necessidade na formação de professores.** Porto Editora. 1993.

**VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Técnicas de ensino: Por que não?.**  
Editora Papirus. 4ª. Edição, 1996 – Campinas/SP – Coleção  
Magistério: formação e Trabalho Pedagógico

**foxit**

**[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)**

## Capítulo 6 - EDUCAÇÃO E MARKETING



*Sobre a relação do marketing educacional  
e a atuação do professor*

*Rodolfo Nakamura*

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

Após dez anos lecionando em instituições de ensino em nível superior (IES), nenhuma pública, pude observar o complicado relacionamento envolvendo alunos, professores e instituições. A tensão é constante, fomentada pela cobrança por resultados e atendimento às necessidades do assim chamado "cliente".

No início, não bastasse o desafio de lecionar pela primeira vez em uma IES, havia também a falta de compreensão do ambiente em que vivem os alunos. Uma situação estritamente pessoal, e de foro íntimo, me levou à reflexão sobre minha atuação, pois me sentia angustiado por não conseguir empreender o ritmo que acreditava ser o correto, e por até mesmo a qualidade das aulas serem contestadas, mesmo que sem fundamentação alguma.

Um dia, isso mudou. E posso dizer que não foram as instituições, nem os alunos. Nem mesmo eu mudei. Mudou a percepção do ambiente, no sentido mais amplo. Essas percepções é que são tratadas neste artigo.

## 6.1 - Marketing

As primeiras conclusões sobre a atuação profissional, mesmo na área acadêmica, surgiram do estudo do tema “marketing”, que, mais tarde, acabou sendo alvo de outras pesquisas quando o mercado era o educacional.

De acordo com a *American Marketing Association*, “Marketing é a atividade, o conjunto de instituições e processos de criação, comunicação, entrega e troca de ofertas que têm valor para os clientes, clientes, parceiros e sociedade em geral. (Definição aprovada em Outubro de 2007)”. É muito parecida com a definição anterior, de 2005, que dizia “Marketing é uma função organizacional e um conjunto de processos que envolvem a criação, a comunicação e a entrega de valor para os clientes, bem como a administração do relacionamento com eles, de modo que beneficie a organização e seu público interessado. (AMA- Nova definição de 2005).

Já KOTLER (1998), afirma que “Marketing é um processo onde indivíduos ou grupos obtêm aquilo que querem e atendem suas necessidades, através da criação, oferta e troca de produtos e serviços livremente com outras pessoas”.

A entrega de valor, certamente está relacionado à satisfação de necessidades do consumidor, citado por Kotler. No entanto, diante da concorrência, fica evidente que a atuação mercadológica deve ir além, criando o desejo, um querer específico, um anseio direcionado à uma determinada marca.

## 6.2 - Necessidade

Um dos principais estudos sobre o assunto partiu do psicólogo norte-americano Abraham Maslow<sup>23</sup>, intitulado “Teoria da Motivação Humana”, em que desenvolveu a chamada “hierarquia das necessidades humanas”.

KOTLER (1998) afirma que “a teoria de Maslow ajuda o profissional de marketing entender como vários produtos se ajustam aos planos, metas e vidas dos consumidores potenciais”.

Segundo Maslow, as necessidades humanas podem ser classificadas em cinco níveis:

- Fisiológicas;
- de segurança;
- de afeto;
- de estima e relacionamento social;
- de realização pessoal.

## 6.3 - A Reflexão

Estas duas definições podem servir para a maioria das empresas, em diversas áreas de atuação. No entanto, no caso de instituições de ensino, é preciso ir além e verificar quais são os ideais que regem as instituições.

A declaração de missão e objetivos empresariais pode ser o principal indicativo para esta discussão. É muito provável que, na maioria delas, esteja relacionado à formação do indivíduo, seja no âmbito pessoal ou

---

<sup>23</sup> In: BALCÃO, Yolanda Ferreira, CORDEIRO, Laerte Leite. **O comportamento humano na empresa: uma antologia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. p. 337

profissional, desenvolvendo caráter, personalidade, moral, habilidades e capacidades.

Desta reflexão, surgiram algumas ideias que podem colaborar para o melhor desempenho nas atividades acadêmicas e, por consequência, afetar o próprio marketing educacional da instituição, servindo como diretrizes. Embora direcionado à IES, pode ser perfeitamente adaptado à outros ambientes educacionais.

### **6.3.1 - O cliente da instituição**

Caso não seja muito bem definido o cliente da instituição, as relações em sala de aula podem ser bastante comprometidas. No caso da educação, o objetivo fim das instituições está além da entrega do produto (aula) ao principal usuário de seus serviços. Está na formação deste usuário (aluno) que deverá atuar com melhor desempenho na sociedade.

Esta, sim, é – ou deveria ser – o verdadeiro cliente de qualquer instituição de ensino – A SOCIEDADE. Em última análise, é para atender às necessidades dela que existem as empresas dedicadas à formação dos alunos.

É certo que os alunos buscam nas faculdades a formação profissional para melhorar suas chances de sucesso no mercado de trabalho. Mas também é certo que o papel do professor – e também do aluno – é buscar melhor qualificação para que seja prestado um melhor serviço à sociedade, que tanto carece de bons profissionais para atender às suas demandas.

Enquanto os alunos forem tratados como clientes (e não a sociedade), a relação professor-estudante ficará refém da relação comercial baseado na ideia de que o pagamento da mensalidade o coloca na posição privilegiada de ter suas expectativas atendidas. A incorreta percepção dessas expectativas pode trazer distorções (que efetivamente tem ocorrido) de que o professor deve curvar-se à ideia de que o cliente tem sempre razão.

A partir da visão ampliada que professores e alunos devem estar unidos no objetivo final de prestar melhores serviços à sociedade,

verdadeiro cliente da instituição, que têm suas carências e necessidades e aguarda por bons profissionais, é possível criar um melhor ambiente para o desenvolvimento das atividades acadêmicas, além de colocar ordem nesta conturbada relação.

### 6.3.2 - Elite do país

Em IES particulares, sobretudo nas que possuem fins lucrativos, os alunos tem, em sua maioria, problemas com a autoestima. Dúvidas sobre sua própria capacidade surgem imediatamente após a matrícula, pois talvez não fossem capazes de ingressar em instituições públicas que são, de longe, as mais concorridas.

Tenho compartilhado a visão de que, na verdade, fazem parte de um seleto grupo, considerado a elite do País. Embora haja descrença de parte dos alunos em salas de aula, comprovando o problema de autoestima, há indícios irrefutáveis.

Segundo o Censo de Educação Superior 2008 do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, foram 1.936.078 ingressantes em cursos de nível superior. No mesmo censo, 870.386 eram os concluintes. Considerando a estimativa do IBGE sobre a população brasileira, temos a população estimada em aproximadamente 193.000.000 de habitantes, teremos, em bases percentuais, respectivamente 1,003% da população ingressante e 0,450% concluindo o ensino superior.

Já no censo de 2000, última análise estatística oficial disponível, a população brasileira era de 169.799.170 habitantes. Destes, 5.485.710 (3,230% da população) tinham nível superior graduação e 302.043 (0,177%), mestrado e doutorado.

Por mais que a oferta de vagas tenha sido aumentada nos últimos anos, é muito provável que a parcela da população que tem acesso ao nível superior de ensino esteja, atualmente, no patamar máximo, exagerando e sendo muito otimista, de 10%.

Ora, se esse percentual representa uma minoria que acessa os níveis mais altos de sua formação educacional, é difícil compreender porque deixam de classificá-los como a elite pensante do país.

Que existem problemas de formação na educação fundamental, no ensino médio e mesmo em nível superior e pós-graduação, não há dúvidas. Essa deficiência deve ser combatida, com urgência. No entanto, nada escapa à realidade de que, de fato, fazem parte deste estrato social.

É dever do professor compartilhar esta realidade, despertando nos alunos seu verdadeiro papel. Devem ter consciência de que a opinião deles tem mais valor do que os 90% restantes. Que há maior responsabilidade em seus atos e ações.

### **6.3.3 - Avaliação dos alunos**

Uma ideia comum é a de que os alunos de IES particulares desejam simplesmente o diploma e para isso precisam de boas notas. É preciso ter em mente que o diploma é, e deve ser, o objetivo final de qualquer ingressante em curso superior, pois atesta que cumpriu suas metas e teve sua formação profissional concluída até aquele ponto.

No entanto, é de conhecimento geral que um alto nível de avaliação conduz a um igual nível de formação. A qualidade está diretamente relacionada ao nível de exigência das verificações, em qualquer empresa, inclusive as educacionais.

É da natureza humana, como vimos em Maslow, a necessidade de reconhecimento e também de realização pessoal. Quando indicamos que o único objetivo do aluno é o diploma a qualquer custo, estamos definindo que somente as necessidades de sobrevivência (obter um emprego) ou de segurança (mantê-lo) são as únicas a serem atendidas.

Cabe ao educador demonstrar ao aluno que, além destas, as demais necessidades também podem ser contempladas. É de senso comum a ideia de que "o aluno faz a escola", portanto, desta forma, é o empenho do aluno que transforma o diploma dele em um valor que atenda à

expectativas de um futuro contratante de sua mão de obra, ou mesmo as suas próprias.

Portanto, deve-se estruturar um sistema de avaliação que tenha um alto grau de exigência que, por sua vez, deve ser compatível com o nível de conhecimento dos alunos. Caso assim não seja, haverá desmotivação, pois, se muito fácil, há pouca percepção de valor; se muito difícil, indicam problemas de formação e desenvolvimento, seja da parte do docente ou do estudante. De qualquer modo, reforçam a baixa autoestima dos alunos.

#### 6.3.4 - Sistema de avaliação

O sistema de avaliação deve ter critérios claros e objetivos. A alta subjetividade pode fornecer subsídios para discussão sobre o desempenho do estudante em relação à sua nota, fato sempre desgastante e dispensável.

Seja na avaliação de respostas discursivas ou de análise de relatórios de pesquisas e avaliações práticas, deve haver um alto nível de objetividade e baixo índice de subjetividade.

Tenho utilizado um método que atende à essas características, principalmente na avaliação de trabalhos. Basicamente, é baseado em uma tabela em que são avaliados diversos itens, todos eles relacionados à proposta, objetivos e resultados esperados da atividade em questão. Cada item é avaliado com os seguintes critérios:

- “0”: não foi atendido;
- “1”: item consta no trabalho, incompleto;
- “2”: item atendido corretamente, completo;
- “3”: item atendido com louvor, superando expectativas.

Assim, cada item do trabalho é avaliado com apenas um ponto de subjetividade (o conceito “com louvor”). Ao apurar a nota máxima possível, o que é feito pela multiplicação do número de itens analisados do trabalho por “2” (significando que todos os itens do trabalho foram atendidos corretamente), é possível estabelecer a nota final. A relação

objetiva é obtida pela divisão dos pontos obtidos pelo trabalho pela nota máxima, resultando em um número percentual, que pode equivaler à nota.

Assim, caso seja possível estabelecer 25 itens a serem avaliados no trabalho, a pontuação máxima atingida seria de 50 pontos. Caso os alunos tenham atingido 40 pontos na somatória, a nota equivale a 8,0 (80% dos objetivos alcançados). Note-se que o esforço adicional em alguns itens colabora para se atingir uma nota melhor, portanto havendo justiça quanto os itens que estiveram acima das expectativas.

Em provas teóricas, o mesmo critério pode ser adotado, com a seguinte adaptação:

- “0”: aluno não respondeu, ou está totalmente equivocado na resposta, existem erros conceituais graves;
- “0.25”: existem traços do conceito ou existem erros conceituais de relativa gravidade;
- “0,50”: resposta está correta, porém incompleta ou existem erros conceituais;
- “0.75”: resposta está correta, mas existem pequenos erros conceituais.
- “1,00”: resposta está adequada, suficientemente correta.

Observe que uma resposta “mais completa”, com mais empenho, ou com bom nível de desenvolvimento e raciocínio devem ser privilegiados com comentários, mas não devem interferir na avaliação final da nota.

O sistema também deve contemplar diferentes habilidades e capacidades dos alunos. Por isso, sempre que possível, a nota deve considerar outros sistemas de avaliação além de uma prova teórica. Trabalhos práticos e outras atividades devem ser consideradas.

É recomendável que haja valorização do esforço individual, portanto um sistema que utilize pesos diferentes em atividades individuais em relação à trabalhos em grupo, pode ser política mais adequada.

Também a prática tem demonstrado que participações em atividades extracurriculares ou mesmo em salas de aula (tais como: presença, nível

de participação e atenção, dinâmicas, relatórios e resumos) devem somar à nota do aluno. Deve-se evitar que seja parte da nota em virtude da quantidade de variáveis que podem impedir o estudante de cumpri-las, criando um efeito desmotivador. De outra forma, somando-se à nota apurada em trabalhos práticos e provas, torna-se um aliado como ferramenta de motivação ao maior esforço na disciplina.

### 6.3.5 - Superar a expectativa

Mesmo em nível superior, é importante a adoção de diversas ferramentas pedagógicas. KOTLER (2004), ao falar do desenvolvimento de produtos, os divide em cinco diferentes níveis:

- **Benefício central:** promessa básica que atende a uma necessidade;
- **Básico:** formado pelas especificações e pelo que é possível descrever, que seja palpável;
- **Esperado:** os níveis de qualidade e serviços que atendem à expectativa dos clientes;
- **Ampliado:** quando há superação das expectativas do consumidor;
- **Potencial:** quando há previsão de que, no futuro, hajam novas utilizações devido às transformações de consumo.

Neste sentido, é importante que a aula seja planejada de forma que a linguagem e os recursos estejam de acordo com o público que está sendo atendido. No contexto do conteúdo, é importante prever os conhecimentos prévios e demais pré-requisitos que serão necessários ao seu desenvolvimento.

Um bom início é contextualizar o conteúdo, informando que necessidades e objetivos serão atingidos com as tarefas do dia. Também é importante que o aluno fique, ao final das aulas, com materiais que provem, de maneira tangível, que houve exposição ao conteúdo. Preferencialmente, que sejam confeccionados por eles mesmos, tais como coleção de anotações, atividades e relatórios individuais.

Ao final, o aluno deve ser capaz de verificar que compreendeu a matéria. Seja no campo da linguagem ou do conhecimento técnico. É sempre uma boa prática recapitular o conteúdo ao final das atividades e apresentar as principais conclusões.

Aulas em formato inovador, com quebras de expectativas, são sempre motivadoras e ampliam a percepção de valor dos alunos. Por isso, dinâmicas e atividades práticas são sempre bem vindas. No entanto, é importante que, ao final, sempre haja um “fechamento”, por parte do professor, para certificar-se de que os objetivos foram cumpridos, apresentando, sempre os resultados e conclusões resultantes.

Finalmente, sempre que possível, traçar um paralelo com outras utilizações que o conhecimento adquirido pode ser vir a ser útil. Seja na integração com outras disciplinas do curso, seja com relação a outros aspectos da vida pessoal ou profissional do estudante.

### **6.3.6 - Linguagem**

Em formação superior, quase sempre é necessária a formação de um jargão técnico que permita a comunicação dentro da sala de aula e, posteriormente, no mercado. Deve-se atentar para a correta explicação de cada jargão e seu conceito, para evitar ruídos.

A didática também inclui a utilização de linguagem simples e acessível. Portanto, além de frases na ordem direta, também é boa ideia utilizar vocabulário mais abrangente. Em caso de utilização de um verbete mais rebuscado, ou seja, refinado, deve-se sempre aproveitar a oportunidade para explicá-lo e simplificar o seu entendimento. Desta forma, poderá ser incorporado paulatinamente, aos poucos, à realidade dos alunos.

A eloquência, enquanto gênero de retórica, pode comover, mas também pode criar distanciamento em relação aos estudantes. A simplicidade, ao contrário, os atrai para perto do professor, criando uma atmosfera mais adequada para a troca de conhecimento.

A linguagem chula ou o uso de gírias deve ser evitado. Sempre que utilizado, deve ser uma exceção, uma forma de enfatizar a mensagem, como um ruído positivo – e jamais como regra.

### 6.3.7 - Postura

Manter a postura e a compostura dentro da sala de aula é primordial para o professor. Deve-se ter consciência de que o aluno tem uma visão bastante idealizada do ambiente acadêmico, incluindo o profissional que está no comando das aulas.

A comunicação do professor, neste caso, tem fundamental importância neste processo. Além da linguagem verbal, estudada no tópico anterior, é necessário estar atento à linguagem não-verbal.

Ao mesmo tempo em que se deve buscar a aproximação com o aluno, melhorando as condições para uma comunicação mais eficaz (correta) e eficiente (rápida), uma transparente barreira deve ser estabelecida para que cada um saiba exatamente o seu papel, sua forma e lugar de atuar.

Esta barreira pode ser construída de maneira sutil, com pequenos gestos e atitudes, sempre mantendo um bom clima. Em casos de conflito, como discussões, é necessário que o professor tenha discernimento de seu papel de educador. Como tal, antes mesmo de demonstrar seu conhecimento, deve demonstrar que o objetivo é levar a um caminho de conhecimento e não de competição sobre quem sabe mais.

Muitas vezes, a experiência pessoal de um aluno pode ser exposta em aula, criando um clima desagradável. Nesta hora, é importante que o professor tenha em mente sua responsabilidade, demonstrando que sua exposição é embasada em teorias de diversos autores. Portanto, é preciso que mantenha-se informado e atualizado. Essa preocupação, de embasamento, é justificável pela prática mercadológica pesquisada e consolidada (afinal, de onde vem as teorias?). Por isso é o conteúdo adotado pela disciplina.

A experiência do aluno deve ser tratada como uma exceção ou caso a ser estudado com mais afinco. Na medida do possível, deve-se agradecer

pela contribuição, pois, de qualquer maneira, enriquece a discussão e a geração de conhecimento.

Como a ideia, neste artigo, é contribuir para a formação de uma aula mais eficaz, eficiente e de melhor desempenho, além de ajudar no melhor relacionamento aluno-professor e, conseqüentemente, aluno-instituição, vamos encerrar nestas considerações.

No entanto, é possível perceber que a discussão pode ampliar-se consideravelmente em cada um dos itens ou em outros tópicos que sequer foram citados aqui.

## CONCLUSÃO

Observando-se os sete conceitos apresentados, podemos observar uma linha comum a todas elas. Considerando que o conteúdo será bem desenvolvido pela capacidade do educador, o foco principal deste artigo foi elucidar formas de melhorar o relacionamento do aluno com o professor, o que, em última análise, melhora a qualidade da aula.

Ora, se é a aula o principal componente do “produto” da instituição de ensino, formado ainda por outros itens como instalações, equipamentos, administração e demais profissionais de apoio, então estamos tratando da essência do Marketing, que é criar produtos e serviços que atendam à necessidade dos consumidores.

Necessidades essas que passam pelo compartilhamento de uma visão diferenciada do professor em relação às atividades acadêmicas, que incluem a sociedade como principal beneficiária da boa educação. Que estão relacionadas à questões que superam a simples sobrevivência ou segurança profissional e atingem níveis mais alto de respeito profissional, satisfação social e realização pessoal.

O bom marketing educacional também deve prever que a formação do produto e a operação do negócio deve contemplar o bom entendimento do aluno, muito além do conteúdo, mas de todo o seu processo de avaliação.

Finalmente, se educar é compartilhar conhecimento, nada mais adequado do que fazê-lo com amor. Afinal, é muito mais fácil dividir algo quem nos afeiçãoamos, de certa forma. E amor requer autoconhecimento, respeito e dedicação. Como a comunicação é a principal, senão única, ferramenta de compartilhamento de ideias, então ela é a chave de todo o processo.

Professor! Melhore sua comunicação. Repense seu papel e sua forma de atuação. Compartilhe além do conhecimento que deve ser transmitido. Realize-se. Assim estará fazendo seu marketing pessoal e contribuindo para o marketing da instituição em que leciona.

## **BIBLIOGRAFIA**

AMA - American Marketing Association. **Definition of Marketing.** (World Wide Web, disponível em <http://www.marketingpower.com/AboutAMA/Pages/DefinitionofMarketing.aspx>, acessado em 11 de dezembro de 2009).

BALCÃO, Yolanda Ferreira, CORDEIRO, Laerte Leite. **O comportamento humano na empresa: uma antologia.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971

IBGE. Censo Demográfico - 2000 : Educação : Resultados da Amostra (World Wide Web, disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default\\_educacao.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_educacao.shtm), acessado em 11 de dezembro de 2009).

INEP, Divulgado o Censo da Educação Superior, (World Wide Web, disponível em [http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news09\\_05.htm](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news09_05.htm), acessado em 11 de dezembro de 2009). KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**, São Paulo, 10ª Edição, 2004.

MASSETO, Marcos. **Didática: A aula como centro.** São Paulo: FTD, 1996.

## Capítulo 7 - EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA

*“A problematização do Bullying na prática docente”*

*Profa. Raquel de Arruda Siqueira*

### INTRODUÇÃO

Estamos presenciando um momento da história, em que a violência está cada vez mais presente na nossa sociedade. Vivemos uma época repleta de "incertezas, tensões, falta de valores, com a perda da noção de limite entre o bem e o mal, conceitos esses que regem, justamente, o nosso comportamento em âmbito social" (Arrieta, 2000, p. 84).

A violência escolar, nos últimos tempos, tem alcançado uma crescente dimensão em todo mundo. Não só cresceu a violência entre os educandos, como também entre aluno e professor e contra a própria instituição de ensino. Essa violência é definida por alguns autores, como *Bullying*, e merece atenção especial, pois se tornou preocupante devido ao seu aumento no âmbito escolar. Em virtude disso, é de suma importância que os educadores conheçam essa problemática e quais as consequências dela

na sua prática docente e principalmente, os efeitos do *Bullying* na vida de seus educandos.

Diante disso, estão sendo tomadas várias medidas de segurança, com o objetivo de prevenir esses atos violentos. Fante (2005) relata que “essa forma, muros e grades altas, detectores de metais e câmeras de vídeo para monitoramento dos alunos são instalados e seguranças particulares dentro e fora da escola são disponibilizados” (p. 20).

Esse tipo de violência descrita pela autora é a que a comunidade escolar está disposta a combater, ou seja, a violência explícita. Entretanto juntamente com essa violência explícita, existe outro tipo de violência que merece a atenção dos profissionais da educação. Trata-se, segundo a autora, daquela forma de violência que:

*[...] se apresenta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos (p. 21).*

A autora está se referindo ao *Bullying*, que é um dos responsáveis pela violência explícita e que tem tido um crescimento expressivo nos últimos anos. O *Bullying* está presente no nosso dia-a-dia há muito tempo, apesar de não percebermos e de não darmos a ele a atenção merecida, até mesmo por falta de informação e por encarar essas atitudes como uma simples brincadeira.

## **7.1 - Desenvolvimento**

A realidade que presenciamos nas escolas, é impregnada de diversas formas de violência, às vezes oculta, onde os alunos passam por situações de “humilhação, gozações, ameaças, imputação de apelidos constrangedores, chantagens, intimidações” (Fante, 2005, p. 16). Quando isso ocorre, na maioria dos casos, os alunos, vítimas do *Bullying* ficam em

silêncio, por se sentirem envergonhados ou com medo de novos ataques, por parte dos agressores.

Segundo a autora, os alunos vitimizados pelo "comportamento *bullying*", podem sofrer por muitos anos, no ambiente escolar, sem que o educador perceba o que está acontecendo. Portanto, é de suma importância que as escolas tenham consciência de que esse fenômeno existe, e que devem ser tomadas medidas urgentes, para evitar e tratar essas manifestações, as quais são, também, responsáveis pelo comportamento agressivo existente entre os alunos.

As instituições devem oportunizar aos educandos o acesso a essas informações, para que eles possam refletir e conhecer o fenômeno *Bullying*, bem como as terríveis consequências resultantes desse tipo de violência. Ao adquirirem conhecimento sobre as atitudes que desenvolvem o "comportamento *bullying*" e o que pode se fazer para evitá-lo, os alunos estarão transformando a escola, num lugar pacífico, estimulando o bom relacionamento no sistema educacional.

### 7.1.1 - Conceito

O *Bullying* é uma palavra de origem inglesa, que foi adotada por diversos países, para conceituar alguns comportamentos agressivos e antissociais, e é um termo muito utilizado nos estudos realizados sobre a problemática da violência escolar.

Encontramos vários conceitos para o *Bullying*, porém a definição universal trazida por alguns autores diz que o

*[...] Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos*

*físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying" (Fante, 2005, p. 28 e 29).*

A mesma autora, ainda acrescenta que "definimos o *Bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de "brincadeiras" que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar" (Fante, 2005, p. 29).

Como não existe um só termo na Língua Portuguesa que seja capaz de manifestar todas as situações de *Bullying* possíveis de ocorrer, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) nos traz um quadro, onde estão relacionadas algumas ações que podem estar presentes no fenômeno *Bullying*. São elas: colocar apelidos, ofender, gozar, encanar, sacanear, humilhar, aterrorizar, tyrannizar, fazer sofrer, discriminar, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, amedrontar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences, dominar, assediar, entre outras.

Assim, no Brasil adotamos a terminologia *Bullying*, como a maioria dos países.

A descrição *Bully*, pode ser denominada como "brigão", "tirano", e como verbo, "brutalizar", "tyrannizar", "amedrontar" e "agressor".

Portanto, segundo a autora, a expressão *Bullying* é entendida como "um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder" (p.28), onde a vítima fica impossibilitada de se defender com facilidade.

### 7.1.2 - Histórico

O *Bullying* começou a ser pesquisado na Europa, durante a década de 90, quando na Noruega descobriram o que estava resultando nas inúmeras tentativas de suicídio entre os adolescentes. A partir de então, foram realizadas inúmeras pesquisas e campanhas para reduzir os casos de comportamentos agressivos nas escolas.

Cleo Fante, ao descrever o histórico do fenômeno diz que foi o professor Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, que relatou os "primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo" (2003, p. 45).

Seguindo a mesma linha trazida por Fante, a ABRAPIA, acrescenta que:

*Tudo teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional AntiBULLYING nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de BULLYING, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.*

*Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa sobre a prevenção do BULLYING foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento adotado foi o uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do BULLYING, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas.*

*Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, consistindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, onde se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores (Olweus, 1993a). Este instrumento destinava-se a*

*apurar as situações de vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança. Ele foi adaptado e utilizado em diversos estudos, em vários países, inclusive no Brasil, pela ABRAPIA, possibilitando assim, o estabelecimento de comparações interculturais.*

*Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do BULLYING foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em caso de BULLYING. Em 1993, Olweus publicou o livro "BULLYING at School" apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma Campanha Nacional, com o apoio do Governo Norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de BULLYING nas escolas. Sua repercussão em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações.*

*O programa de intervenção proposto por Olweus tinha como características principais desenvolver regras claras contra o BULLYING nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o BULLYING, e prover apoio e proteção para as vítimas.*

Segundo Olweus (apud Fante, 2005, p. 46). "os dados de outros países indicam que as condutas *Bullying* existem com relevância similar ou superior as da Noruega, como é o caso da Suécia, Finlândia, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Países Baixos, Japão, Irlanda, Espanha e Austrália".

Fante acrescenta que nos Estados Unidos, o *Bullying* cresceu muito entre os alunos das escolas americanas. Os pesquisadores já estão classificando o *Bullying* como "um conflito global", e destacam que se

essa tendência permanecer, haverá muitos jovens que "se tornarão adultos abusadores e delinquentes" (p. 46).

Percebemos então que o fenômeno *Bullying* está ocorrendo nas escolas do mundo inteiro, inclusive no Brasil, apesar de não termos muitas pesquisas e estudos referentes a este assunto. Alguns estudos da ABRAPIA, nos mostram que nas escolas brasileiras o *Bullying* apresenta índices superiores aos países europeus.

Esses estudos apontam uma diferença em relação aos dados internacionais, pelo fato "de que aqui os estudantes identificaram a sala de aula como o local de maior incidência desse tipo de violência, enquanto, em outros países, ele ocorre principalmente fora da sala de aula, no horário do recreio".

### **7.1.3 - Agressão, agressividade e violência: quando a agressividade passa a ser *Bullying***

Antes de explicar quando a agressividade torna-se *Bullying*, é necessário esclarecer os termos: agressão, agressividade e violência.

Arrieta (2000) esclarece que utilizamos o termo

*[...] agressão para identificar a conotação negativa ou destrutiva da ação agressiva e agressividade para designar seu significado construtivo, a serviço da vida, como se pode encontrar na conduta do homem para preservar-se como indivíduo e como espécie (p. 17).*

Já a respeito da violência, afirma que "é ela o grau extremo da conduta agressiva com finalidades destrutivas" (p. 18). E acrescenta,

*Violência, como a define Jurandir Freire Costa, é a palavra empregada para denominar a série de atos intencionais que se caracterizam pelo uso da força em situações de conflito, transgressão às leis que visam ao bem comum e predomínio da crueldade sobre a solidariedade no convívio humano (p. 18).*

Nesse sentido, Cleo Fante (2005) relata que muitos acreditam que agressão e agressividade são sinônimas, pois não identificam às diferenças que existem entre as duas terminologias. A autora cita então que para a Associação Norte-Americana de Psiquiatria,

*[...] a agressão se define como um comportamento repetitivo e persistente, que, na confrontação com a vítima viola seus direitos. O termo agressividade é utilizado cotidianamente (...), seja para expressar violência, seja para expressar coragem.*

*Portanto, considerando as diversas definições dadas pelos mais renomados autores, definimos violência como todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana (p. 156, 157).*

Como podemos perceber os termos, acima citados, estão interligados entre si. Por esse motivo "é imprescindível que os profissionais de educação, ao se qualificarem qualquer aluno como violento ou agressivo, considere os inúmeros fatores que recaem sobre suas relações interpessoais" (Fante, 2005, p. 157).

Fante (2005, p. 158 a 161), classifica as diversas formas de violência e suas principais consequências. Ela fez essa classificação, para que seja possível diferenciar atos de violência e atos de indisciplina, pois acredita que os profissionais os confundem frequentemente. Então, é necessário sabermos "distinguir os comportamentos violentos das más relações escolares", apesar das semelhanças existentes.

*As más relações são problemas mais generalizados, porém menos intensos, que surgem com a disciplina ou com o mau comportamento dos alunos. Não deixam de perturbar o bom andamento das atividades escolares, entretanto não podem ser consideradas como violência. Os atos de indisciplina são comportamentos que vão contra as normas da escola e estão previstos no Regimento Interno Escolar. (...). Já os atos de*

*violência ou agressividade dos alunos acontecem com grande frequência, porém nem sempre são identificados pelos professores e podem tomar a forma explícita ou velada como podemos conferir na classificação a seguir:*

- **Quanto ao grau:**

- *violência simples ou pontual:* aquela em que um ou mais agressores atacam esporadicamente uma vítima, motivados por um desentendimento que acaba gerando um conflito;
- *violência complexa ou frequente:* aquela que uma ou mais agressores atacam habitualmente e repetidamente uma mesma vítima, sem motivação evidente (Bullying).

- **Quanto à forma:**

- *violência direta:* contra as pessoas, interpessoal;
- *violência indireta:* contra utensílios, bens ou patrimônios (destroços ou vandalismos, furtos);
- *violência implícita, velada;*
- *violência explícita, identificada.*

- **Quanto ao tipo de violência:**

- violência física e sexual;
- violência verbal;
- violência psicológica;
- violência fatal.

- **Quanto ao nível:**

- discentes;
- docentes;

- funcionários;
- pais;
- instituição.
  
- **Quanto às dimensões:**
  - *violência no interior da escola* (nas relações interpessoais; "microviolências", furtos, uso e tráfico de armas e drogas);
  - *violência no entorno da escola* (nas relações interpessoais, uso e tráfico de drogas e armas);
  - *violência da escola* (institucional e simbólica: disciplinarização dos corpos e das mentes, métodos de ensino, relação da comunidade escolar e desesperança quanto ao papel da escola).
  
- **Quanto às determinantes:**
  - fatores biológicos;
  - fatores pessoais;
  - fatores familiares;
  - fatores sociais;
  - fatores cognitivos;
  - fatores ambientais.
  
- **Quanto às consequências da violência:**
  - no corpo discente:
    - *disrupción*;
    - *disaffection*;
    - *absentismo* (falta de assistência às aulas);
    - *problemas somáticos e psicológicos* (ansiedade, tédio, depressão);
    - *desencanto pela escola*;

- queda do rendimento escolar;
  - falta de perspectiva de futuro melhor via educação;
  - queda da autoestima;
  - evasão escolar;
  - retenção escolar;
  - descrença no poder público.
- no corpo docente e no quadro dos funcionários:
    - desesperança e desencanto pela profissão;
    - absentismo;
    - descrença no sistema educacional:
    - queda da autoestima;
    - problemas somáticos e psicológicos:
    - síndrome de Burnout (problemas relativos ao estresse profissional);
    - descrença no poder público.
  - na família e na sociedade:
    - falta de perspectiva de futuro melhor via educação;
    - desvalorização do ensino;
    - descrença no sistema educacional;
    - descrença no poder público.

A autora ainda apresenta alguns determinantes do comportamento agressivo ou violento na escola. Ela salienta que isso é hoje, um fenômeno social muito complexo e que atinge todas as escolas, atingindo diretamente seus alunos.

Esse fenômeno é resultado de fatores externos (influências da família, da sociedade e dos meios de comunicação) e internos (ambiente escolar, relações interpessoais, comunidade escolar) à escola, e são caracterizados pelos tipos de interações, sejam elas, familiares, sociais ou sócios

educacionais, e pelos comportamentos agressivos que se manifestam nessas relações interpessoais.

A mesma conclui que a instituição de ensino, precisa prevenir o "fenômeno violência" que está acontecendo no ambiente escolar, impedindo o seu crescimento.

*[...] Entretanto, para que isso aconteça, seus profissionais devem ser capacitados para atuar na melhoria do ambiente escolar e das relações interpessoais, promovendo a solidariedade, a tolerância e o respeito às características individuais, utilizando estratégias adequadas à realidade educacional que envolvem toda a comunidade escolar (Fante, 2005, p. 169).*

Nesse contexto, os educadores precisam saber então, quando a agressividade passa a ser *Bullying*. É essa informação que nos fornece a ABRAPIA, pois esclarece que as crianças passam por algumas situações, em que elas sentem-se fragilizadas, tornando-se então temporariamente agressivas.

Porém, "normalmente essa "tempestade" aos poucos vai passando e volta a "calmaria"". Então essa etapa é apenas agressividade. Entretanto, se essa agressividade não for apenas temporária e sim permanente, pode ser considerada *Bullying*.

E ainda, segunda Pereira (2002, p.18) "é a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita o que diferencia o *bullying* de outras situações ou comportamentos agressivos".

Essa autora ainda apresenta três fatores que são fundamentais e que normalmente identificam o *Bullying*. São eles:

1. *O mal causado a outrem não resultou de uma provocação, pelo menos por ações que possam ser identificadas como provocações.*
2. *As intimidações e a vitimização de outros têm carácter regular, não acontecendo ocasionalmente.*

3. *Geralmente os agressores são mais fortes (fisicamente), recorrem ao uso de arma branca, ou tem um perfil violento e ameaçador. As vítimas frequentemente não estão em posição de se defender ou de procurar auxílio.*

#### **7.1.4 - Como o *Bullying* se desenvolve**

Segundo Aramis (apud ABRAPIA) são vários os motivos que levam os alunos a praticar o *Bullying*. O autor acredita que isto esteja relacionado às experiências que o educando tem na sua família e na comunidade. Afirma que,

*[...] famílias desestruturadas, com relações afetivas de baixa qualidade, em que a violência doméstica é real ou em que a criança representa o papel de bode expiatório para todas as dificuldades e mazelas, são as fontes mais comuns de autores ou alvos de *Bullying*.*

Fante, baseado nos estudos do professor Dan Olweus, acrescenta que é normal em uma classe, existir entre os alunos, vários conflitos e tensões. Existem também várias outras "interações agressivas" que ocorrem quando o aluno quer se divertir ou se autoafirmar, mostrando-se mais forte que seus colegas.

Se existir na sala de aula, um ou mais agressores, o seu comportamento agressivo vai interferir nas atividades dos colegas, resultando em "interações ásperas, veementes e violentas" (Fante, 2005, p. 47). Como o agressor sente a necessidade de dominar e ameaçar os seus colegas, ele pode impor a sua força, o que faz das adversidades e das pequenas frustrações, conflitos extremos em sala de aula.

Portanto, se existir na classe um aluno tímido, que demonstra insegurança, ansiedade e uma grande dificuldade de se impor, mostrando-se indefeso, certamente ele será descoberto pelo agressor. Pois o agressor percebe que esse aluno não vai responder a sua ofensa com outra maior, e sim, que ele vai se amedrontar, sem ao menos se defender.

Normalmente a vítima do *Bullying* não vai contar aos seus professores e aos seus pais o que está acontecendo na escola. Assim, esse aluno, vai aos poucos se isolando dos seus colegas, por acreditar que não tem uma boa reputação, pois a maioria acaba realizando constantes gozações, em virtude do seu medo.

Pereira (2002) acrescenta que quase sempre os professores identificam quem são os agressores, porém apresentam maior dificuldade de apontar os alunos que estão sendo vítimas do *Bullying*.

Segundo Olweus, apud Fante (2005),

*[...] não há dúvidas de que a maioria dos casos de Bullying acontece no interior da escola. Entretanto, para que um comportamento seja caracterizado Bullying, é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves (p. 49).*

Relata ainda, que os comportamentos *Bullying* acontecem de duas formas: direta ou indireta. A direta é aquela em que há agressões físicas e verbais; e a indireta, ocorre quando existe a exclusão e a discriminação da vítima por parte do seu grupo social.

Conforme Pereira (2002) outro aspecto muito importante para o desenvolvimento do *Bullying* são os recreios. Pois é durante os intervalos que a vítima fica mais exposta a atos violentos do agressor, já que durante o recreio o educador não está presente.

Algumas vítimas, por apresentarem uma grande dificuldade de interação e relacionamento, procuram um lugar isolado para se "esconder" durante o recreio. Agindo assim, esse aluno fica ainda mais distante do professor ou de outro funcionário da escola.

*Procurando proteção nos espaços calmos, podem encontrar quem os agrida, sem ninguém a que recorrer para pedir ajuda (Pereira, 2002, p.15).*

Essas agressões que ocorrem nos recreios são frequentemente mais sérias, pois os agressores agem livremente, já que não há nenhuma testemunha que possa acusá-lo ou que venha a ajudar a vítima. E é esse, um dos objetivos do agressor: amedrontar a vítima, para que esta sofra em silêncio.

### 7.1.5 - Protagonistas do fenômeno

Afirma Cleo Fante (2005, p. 71 a 74), que os estudiosos dos comportamentos *Bullying*, identificam e classificam, entre os envolvidos no fenômeno, os tipos de papéis que cada um desempenha. São eles:

**Vítima típica:** é aquele aluno, pouco sociável, que sofre as consequências dos atos agressivos de outro colega e que não possui recursos ou habilidades para reagir às agressões.

**Vítima provocadora:** é aquela que provoca e atrai reações agressivas, entretanto, não consegue lidar contra elas com eficiência. Essa vítima tenta revidar quando atacada, mas de maneira ineficaz; "é, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra".

- **Vítima agressora:** é aquele educando que reproduz as agressões que sofreu, buscando indivíduos mais frágeis que ele para agredir, aumentando assim o número de vítimas do *Bullying*.
- **Agressor:** é aquele que agride os mais indefesos, manifestando pouca empatia. "Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe".
- **Expectador:** é aquele aluno que presencia o *Bullying*, porém não é vítima e nem agressor. "Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor".

### 7.1.6 - Identificação dos envolvidos

A autora Cleo Fante (2005), afirma que o "Bullying tem como característica principal a violência oculta" (p.74). Por esse motivo é essencial que os profissionais da educação saibam identificar quem são os alunos que estão envolvidos nessa problemática.

Como a maioria das vítimas fica em silêncio é necessário ficarmos atentos a alguns sinais. Assim, de acordo com o pesquisador Dan Olweus, apud Fante (2005, p. 74, 75), para que um aluno seja identificado como vítima, o professor deve observar se ele apresenta alguns destes comportamentos:

- *durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto?*
- *na sala de aula tem dificuldades em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso?*
- *nos jogos em equipe é o último a ser escolhido?*
- *apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito?*
- *apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares?*
- *apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não-natural?*
- *falta às aulas com certa frequência (absentismo)?*
- *perde constantemente os seus pertences?.*

O mesmo procedimento deve acontecer quando for preciso identificar o agressor. Seus comportamentos mais comuns são:

- *faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil?*
- *coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas de forma malsoante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama?*

- *faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos?*
- *pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento?.*

Nesse mesmo contexto a ABRAPIA nos acrescenta que na maioria dos casos os autores de *Bullying*, ou seja, os agressores procuram para serem suas vítimas pessoas com algumas características específicas que sirvam de foco para "justificar" as suas agressões.

Assim, é comum eles abordarem pessoas que apresentem algumas diferenças em relação ao grupo no qual estão inseridos, como por exemplo: obesidade, baixa estatura, deficiência física, ou outros aspectos culturais, étnicos ou religiosos.

Essas crianças são então alvos mais visados, tornando-se então mais vulneráveis ao *Bullying*. Entretanto, elas não podem ser responsabilizadas por apresentarem essas características. Portanto, essa aparente "diferença" é apenas um pretexto do aluno agressor para satisfazer sua necessidade de agredir.

Outro aspecto muito importante trazido pela ABRAPIA, é a preocupação e a atenção, que os professores devem ter com as crianças com necessidades educativas especiais, pois elas constituem um grupo de risco.

Em virtude de elas apresentarem "dificuldades de aprendizagem e de comportamento na sala de aula e nos recreios", é possível identificar três fatores que as condicionam a tornarem-se vítimas. São eles:

*1º) as características dessas crianças podem ser vistas como um pretexto para os agressores;*

*2º) as crianças com NEE podem não ter tantos amigos como as outras crianças, tendo, então alguma falta de apoio que é assegurado pelos amigos;*

*3º) como suas competências sociais são pobres, muitas vezes são vistas como vítimas provocativas.*

Por tudo isso que foi apresentado, é essencial que tanto os pais quanto a escola, ensinem as suas crianças a lidarem e respeitarem essas diferenças.

### **7.1.7 - Consequências e efeitos**

A autora Cleo Fante, em seu livro "Fenômeno *Bullying*" deixa claro que as consequências desse fenômeno

*[...] afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental (2005, p. 79).*

A vítima pode ou não superar os traumas causados pelo *Bullying*, e essa superação vai depender das suas características individuais, do seu relacionamento consigo mesmo e com a sociedade, principalmente com a sua família.

Caso essa superação não aconteça, o trauma que foi estabelecido prejudicará o seu comportamento e a sua inteligência.

*[...] gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas (Fante, 2005, p. 79).*

Pereira (2002) divide os efeitos do *Bullying* para as vítimas, em efeitos imediatos e efeitos ao longo da vida. O efeito imediato mais evidente é a

fraca autoestima que terá o aluno vitimizado. Isso ocorre porque elas vivenciam pouca aceitação, sendo assim "menos escolhidas como melhores amigos e apresentam fracas competências sociais tais como cooperação, partilha e ser capaz de ajudar os outros" (p. 21).

Sobre os efeitos a longo prazo, Olweus (1993b) apud Pereira (2002, p. 22) diz que "a frequência de ser vítima decresce com a idade". As vítimas deixam de o ser, mudados os contextos, parecendo normalizar quando jovens adultos. Há, contudo, uma relação entre o ter sido vítima na escola e certa depressão na vida adulta.

O mesmo autor ao fazer referência a Smith & Madsen (1996), descreve que a consequência mais severa do *Bullying* é o suicídio, sendo esse o resultado da "vitimização constante a que se é sujeito (...) até ao limite da sua capacidade de suportar as agressões" (p.23).

Assim,

*[...] estas situações estão associadas a uma série de comportamentos ou atitudes que se vão agravando e mantendo por toda a vida e que arrastam consigo consequências negativas, na maior parte dos casos de alguma gravidade, que estarão sempre presentes, influenciando todas as decisões, imagens, atitudes, comportamentos que a pessoa constrói em relação a si, aos outros, ao mundo e até a própria vida (Pereira, 2002, p.23).*

Os agressores, segundo Fante, normalmente se distanciam e não se adaptam aos objetivos da escola, supervalorizando a violência como forma de obter poder, e desenvolvendo habilidades para condutas delituosas, as quais, futuramente os levarão ao mundo do crime.

Assim, ele poderá adotar comportamentos delinquentes como: agressão, drogas, furtos, porte ilegal de armas, entre outros. O agressor acredita que fazendo uso da violência conseguirá tudo o que deseja, pois foi assim no período escolar.

Àqueles alunos que não são nem vítimas, nem agressores, apesar de não se envolverem diretamente ao *Bullying*, acabam sofrendo também as suas consequências. Isso acontece, porque o direito que eles tinham a uma

escola segura e saudável foi se dissipando, a medida que o *Bullying* corrompeu suas relações interpessoais, prejudicando o seu desenvolvimento sócio educacional.

Ainda nesse sentido, Pereira (2002, p.25) apresenta resumidamente, as consequências do *Bullying* para as vítimas e agressores:

- Consequências para a(s) Vítima(s):
  - vidas infelizes, destruídas, sempre sob a sombra do medo;
  - perda de autoconfiança e confiança nos outros, falta de autoestima e autoconceito negativo e depreciativo;
  - vadiagem;
  - falta de concentração;
  - morte (muitas vezes suicídio ou vítima de homicídio);
  - dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta, nomeadamente problemas nas relações íntimas.
- Consequências para o(s) Agressor(es):
  - vidas destruídas;
  - crença na força para a solução dos problemas;
  - dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social;
  - problemas de relacionamento afectivo e social;
  - incapacidade ou dificuldade de autocontrolo e comportamentos antissociais.

Portanto, com todas as consequências apresentadas, pode-se dizer que o fenómeno *Bullying* passou a ser considerado um problema de saúde pública. Esse problema deve ser reconhecido não só pelos professores como também pelos profissionais de saúde.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo esse contexto, relatado até aqui, percebe-se a grande importância das escolas e da sociedade, tomar algumas medidas e buscarem algumas soluções que sejam capazes de combater ou ao menos prevenir o *Bullying*.

Arrieta (2000) quando descreve sobre a atribuição de competências e responsabilidades, diz que

*[...] é necessário que se encare com seriedade o desafio de não mais se restringir a uma atitude passiva, mas sim, que se tenha uma postura ativa, que contemple e procure realizar um trabalho profundo.*

*Deve-se, portanto (...) estruturar-se o processo, atribuindo-se competências e responsabilidades aos órgãos e à comunidade participante (p. 65).*

Assim, conforme a ABRAPIA, fica claro que se por um lado, o problema existe, é necessário combatê-lo. Portanto, se desejamos evitar a proliferação do *Bullying*, é preciso implantar medidas de prevenção. A ABRAPIA aconselha a adotar uma política antibullying, que envolva toda a comunidade escolar.

Para que isso ocorra, é necessário que todos se sensibilizem e se conscientizem que o problema existe. Isso pode ser feito através da discussão que avaliem essa problemática. Salienta que os próprios alunos devem participar dessas discussões.

No momento em que os alunos tomarem conhecimento do fenômeno, eles se sentirão seguros para comunicar o educador, caso venham a se tornar vítimas do *Bullying*. Da mesma forma, os alunos analisarão as consequências, antes de decidirem tornar-se um possível agressor.

É de suma importância que a instituição de ensino, capacite e oriente os seus educadores sobre essa problemática. Uma boa alternativa trazida pela ABRAPIA é

*Incluir no currículo a abordagem ao problema Bullying, através da discussão de textos e de simulações, visando sensibilizar os alunos e alertando-os para que não sejam obrigados a sofrer em silêncio. Organizar ações de formação para todos os setores envolvidos sobre a temática e todas as suas implicações é também um vetor de combate e prevenção do Bullying.*

Segundo Aramis, apud ABRAPIA, para combater esse problema é necessário ter a cooperação de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais. Todos devem se comprometer com o projeto, participando das suas decisões.

Para o autor, a solução é criar um ambiente escolar seguro e sadio, onde a escola possa trabalhar valores fundamentais, como respeito, amizade, solidariedade. "Enfim é fundamental que se construa uma escola que não se restrinja a ensinar apenas o conteúdo programático, mas também onde se eduquem as crianças e adolescentes para a prática de uma cidadania justa".

No Brasil já estão sendo realizados alguns projetos, como relata Fante (2005). A problemática da violência escolar já está sendo prioridade nas escolas do país. Porém, ainda há pouca divulgação sobre o desenvolvimento desses programas educacionais que visam combater e prevenir o fenômeno *Bullying* nas escolas brasileiras.

A autora faz referência a ABRAPIA (p. 89, 90) quando fala da implantação desses programas preventivos e cita três fatores essenciais para que seja possível obter resultados positivos:

- *não existem soluções simples para a resolução do Bullying; o fenômeno é complexo e variável;*
- *cada escola desenvolveria suas próprias estratégias e estabeleceria suas prioridades no combate do Bullying;*
- *a única forma de obtenção de sucesso na redução do Bullying é a cooperação de todos os envolvidos: alunos, professores, gestores e pais.*

Conclui-se então que todo esse trabalho deve ser construído com muita dedicação e carinho. Acredito que com a conscientização de toda a comunidade escolar, é possível sim, prevenirmos essa problemática e construirmos um ambiente escolar agradável e sadio a todos os alunos.

Com o crescimento da violência no ambiente escolar, é necessário que os profissionais da educação estejam mais atentos aos comportamentos de seus alunos, a fim de evitar a proliferação desse fenômeno.

Nesse sentido, Pereira (2002) acrescenta que

*A educação e a cultura deveriam tender à eliminar as formas agressivas de resolução de tensões que provocam as diferenças individuais. A educação deveria valorizar e promover os comportamentos de empatia, a negociação verbal, o intercâmbio de ideias, a cedência de ambas as partes na procura da justiça, no direito à igualdade de oportunidades para todos e no direito às diferenças de cada um. Educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações em que os direitos de um determinam onde começam os direitos dos outros (p. 11).*

Assim, se a escola ensinar seus alunos a respeitar as diferenças, trabalhando a prática de valores, será possível criar um ambiente sadio aos educandos. Dessa forma, a instituição de ensino amenizará os conflitos que podem resultar na prática do *Bullying*.

E como traz Bandeira (2003),

*É necessário educarmos para a esperança, para a felicidade onde consigamos cooperar enquanto educadores que somos para que a humanidade consiga superar a brutal exclusão social que marca nosso tempo. Para isso, a educação tem um papel central, devemos acreditar e apostar em uma educação que abra horizontes de esperança e que seja capaz de articular competências e habilidades sociais em todos àqueles que estiverem inseridos nesse processo de humanização dos sujeitos (p. 33).*

Acredito então, que estabelecendo competências, envolvendo a comunidade escolar e conscientizando todos das consequências desse tipo de violência, é possível evitar e prevenir o *Bullying* nas escolas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABRÁPIA. Bullying. Disponível em: <http://www.bullying.com.br>. Acesso em maio/2007.
- ARRIETA, Gricelda Azevedo. **A violência na Escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola**. Canoas: Ed. Ulbra, 2000.
- BANDEIRA, Lúcia Regina. **A afetividade na educação**. Carazinho: ULBRA, 2003. Monografia, Pós Graduação em Administração na Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2003.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying – Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª edição. Campinas SP: Veros Editora, 2005.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma Escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

## Capítulo 8 - EDUCAÇÃO E FAMÍLIA

*“A ausência de valores familiares e a consequência no desempenho de alunos”*

*Profa. Angela Adriana de Almeida Lima*

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

### INTRODUÇÃO

Ao analisar os resultados obtidos através das avaliações formais e informais realizadas pelos órgãos educacionais ou pelo próprio professor em torno da Educação Escolar exercida atualmente, um fato se mantém em sua totalidade – não há um processo educacional significativo sem a desejada parceria família/escola.

Entretanto, a modernidade tem exigido muito das famílias, pois comumente pai e mãe trabalham fora de casa e os filhos acabam ficando sem aquele contato essencial à sua formação – a educação informal transmitida pela família e à escola coube assumir mais um papel, o de transmitir a formação familiar.

Atualmente, as mães ou os pais não encontram tempo para ouvirem seus filhos, ajudá-los em suas atividades extraclases, tarefas ou trabalhos de pesquisa, saberem quem são seus amigos, quais são as músicas que ouvem, com quem falam ao telefone, enfim quem são os jovens que eles conceberam. Por sua vez, a escola tem enfrentado inúmeros problemas, até então de responsabilidade da família, e vem fracassando demasiadamente em relação à sua proposta educacional.

A mídia aparece como agente potencial no aspecto de transmissão de valores errôneos, pois apresenta cenas que induzem ao sexo, às drogas, ao desrespeito aos pais e professores em horários que as crianças ainda estão acordadas, pois outro fato importante nesta análise é relacionado às crianças assistirem TV até altas horas, tendo acesso a programas e cenas inadequadas a idade delas.

De acordo com Antunes (2001) todos os problemas da comunidade escolar são também de seus integrantes e é importante que todos se juntem na busca de alternativas. Porém, a escola não deve se redimir de seus compromissos com a formação de um cidadão crítico e consciente, capaz de atuar em uma sociedade de transformadora, pois a maioria dos alunos passa mais tempo na escola do que com suas famílias, mas esta não pode ser uma responsabilidade apenas da escola – os pais devem ser chamados a assumirem os seus papéis no processo educacional de seus filhos.

## **8.1 - A escola e suas responsabilidades de família**

Com tantas atribuições os objetivos da Instituição Escolar tem se perdido. Ao professor foram atribuídas também as funções de psicólogo, fonoaudiólogo, psiquiatra, psicopedagogo, terapeuta, médico, analista, assistente social, pai, mãe, e outras mais. E ainda em meio a estas e outras atribuições, a aprendizagem tem que acontecer, afinal caso a criança não consiga aprender – por motivos muitas vezes desconhecidos pelo professor e até pela família, a responsabilidade maior é dada ao professor.

A ausência das famílias no processo educacional tem sido uma grande aliada ao declínio que a Escola vem sofrendo, pois os filhos se julgam desprezados pelos pais, que por sua vez se sentem desmotivados ao se confrontarem com os problemas causados ou sofridos por seu filho dentro da escola, fato este que deveria trazer a família para a instituição escolar e não afastá-la – pois problemas existem para serem resolvidos e não transferidos.

Com isto a criança vai ficando sem a referência familiar tão importante à sua formação. Este descomprometimento ocorre também com as tarefas de casa, enviadas pela escola – como processo contínuo de aprendizagem – que não são feitas ou quando são, acontecem sem o apoio familiar, causando uma queda considerável no desenvolvimento do aluno, que além de tudo segue o exemplo dos pais, demonstrando falta de compromisso em relação aos estudos.

Paulo Freire (1996) sugere que para favorecer o processo de formação da autonomia, a criança deve participar da escolha do melhor horário para fazer suas tarefas escolares e que este horário não seja sempre determinado pelos pais. Talvez esta atitude de liberdade e de formação da autonomia possa incentivar a criança no cumprimento de suas responsabilidades, pois caso isto não ocorra, este fato pode gerar um eminente fracasso escolar, que por sua vez, poderá ocasionar uma queda no desenvolvimento do aluno, baixa autoestima e diversas alterações comportamentais.

Para Topczewski (2000, p.41) “Há crianças que por conta do mau desempenho escolar, tendem a se isolar, mentir e apresentam um ressentimento grande em relação à escola.” Assim, desde pequena a criança vai crescendo sem compreender o objetivo da escola tendendo a se tornar desinteressada, descomprometida, insegura e agressiva.

## **8.2 - Carência afetiva pode gerar insegurança e agressividade**

Completamente sem apoio familiar sendo educado pelo professor e constantemente compensado por presentes ou excesso de permissividades,

o jovem vai perdendo gradativamente o interesse pela escola e conseqüentemente, apresentando déficit de aprendizagem.

Ao se deparar com uma atividade que lhe parece complicada ele demonstra irritação, se isola, se julga inferior e chega a agredir oral e verbalmente aos colegas e professores. Ainda de acordo com Topczewski (2000, p. 41), algumas crianças revelam uma autoestima baixa e um sentimento de inferioridade em relação aos colegas.

Nesses casos o aluno necessita do acompanhamento de uma Equipe multiprofissional composta geralmente por pedagogo, psicopedago, psicólogo ou psiquiatra – mas comumente são mantidos na escola na responsabilidade do professor, que tenta exercitar sua sensibilidade e adequar sua metodologia – a fim de atender a esta situação. Ao deixar aflorar sua sensibilidade, este profissional consegue compreender as razões dos alunos, comprovando em boa parte dos casos, as conseqüências da ausência da família na educação dos filhos.

Em alguns casos, os objetivos ou parte deles são alcançados, e em outros mais graves, em que a agressividade já se fez presente, o professor não consegue lidar com a criança e, muitas vezes, chega a ser ameaçado ou agredido por ele.

É comum a escola buscar a parceria da família em situações como esta, porém, nem sempre obtém o sucesso esperado. Alguns pais atribuem o comportamento dos filhos à escola, outros ignoram os chamados realizados pelos professores e outros ainda agredem os professores em defesa de suas crianças – talvez como forma de diminuir suas culpas pelas atitudes dos filhos – reflexos das incapacidades das famílias.

Estes subterfúgios contribuem para que a criança se sinta menos amada ainda, sem limites e sem referência educacional, um sentimento de abandono toma conta dela e não tendo outra opção, ela se revolta contra a escola e seus pares.

Às Instituições Educacionais foram atribuídas também as noções de educação básica – aquelas que deveriam vir de berço – e fazem parte da cultura familiar.

Todavia, os pais passam o tempo todo trabalhando e quando chegam em casa, estão cansados demais para orientar os filhos em suas dúvidas, transmitir-lhes noções de respeito, educação, cidadania ou saber como estão indo seus estudos. Muitas vezes, como formas de compensação por suas ausências evitam perceber os deslizes dos filhos, compram presentes, proporcionam Internet livre, passeios, cinemas, e os Valores são deixados somente para a Escola resgatar.

Porém, no outro cenário, o drama é mais complexo ainda. Na sala de aula o professor não consegue falar, sem que rotineiramente tenha que preparar a turma para o processo – fato este que nem sempre acontece de forma simples – os alunos não se interessam pelos conteúdos, destroem o ambiente, e em alguns casos agridem o profissional em questão ao se sentirem contrariados.

Ao serem indagados sobre suas atuações enquanto pais, alguns alegam não conseguirem educar, não suportar ou não aguentar o filho, mães ameaçam entregá-lo para o pai criar, pais ameaçam tirá-lo da escola e mandá-lo para trabalhar na roça, outros pontuam não ter Formação Acadêmica para cuidarem dos jovens, sendo os professores mais capacitados para esta responsabilidade, pois estudaram para esta função. Estas justificativas são equivocadas, pois se a criança – desde a mais tenra idade – ouvir seus pais dizerem que não conseguem educá-la perceberá que venceu e fará de tudo para continuar vencendo a todo. Também, para se educar um filho, não há necessidade de graduações, estudos ou investimentos financeiros, mas sim uma boa dose de amor, responsabilidade, criticidade, conscientização, valores e persistência.

Além do que, o professor é responsável por parte da educação dos alunos, todavia se a família não se adequar ao trabalho educativo realizado na instituição e continuar se omitindo, os resultados esperados não serão alcançados. De acordo com Zagury (2002, p. 84) não adianta matricular seu filho em uma escola que valorize a disciplina, se em casa, os pais não conseguem impor-lhe limites, afirmando não darem conta da criança e que a escola vai ajudar nisso.

Atribuir a responsabilidade de educar filhos à escola é um problema a mais para a conturbada relação família/escola, vivida atualmente. É importante que a família conheça o trabalho realizado pela escola, perceba se há relação entre ele e a cultura da família, para matricular seu filho na instituição.

Sim, pois caso os pais não acreditem no tipo de educação oferecida por esta ou aquela escola, devem procurar outra que seja adequada às suas expectativas, e se fizerem presentes nela, questionando, opinando, enfim, participando.

Entretanto, mesmo as reuniões escolares sendo marcadas para variados horários e dias e ainda pautando temas de grande interesse no processo educacional vigente, o público é sempre pequeno e constantemente apressado. Com isso assuntos importantes vivenciados pelo professor em sala de aula que podem revelar muito sobre o comportamento das crianças, ou pelos pais em casa que ajudariam muito na compreensão do aluno ou ainda de interesse pedagógico/social deixam de ser abordados e discutidos, agravando ainda mais a situação em que se encontra a educação das crianças e jovens.

Não há pretensão de isentar o professor de seu compromisso com a educação tão pouco se espera buscar culpados ou transferir responsabilidades ao Governo, ao Estado, ao Município, à família, à escola, ao poder econômico, ao Professor ou ao aluno, pois enquanto se preocupar em culpar alguém pela falha, ninguém tentará saná-la. Objetiva-se sim, convidar as famílias – por se esperar serem os maiores interessados no assunto – a repensarem sobre suas responsabilidades neste processo.

Afinal, para transmissão de valores não é necessário nenhum tipo de formação acadêmica, esta é uma atribuição de pais que se comprometem com a educação de suas crianças, sabendo impor-lhes – desde bem pequenas – os chamados limites que a sociedade cobrará delas no futuro.

### 8.3 - Agressividade – prenúncio de *Bullying*

Ora, se educar os filhos é responsabilidade das famílias, é importante ressaltar que este processo deve acontecer em conjunto com a escola e jamais de forma isolada. Família e escola devem se interagir buscando um único ideal – educar os jovens.

Para isto os professores precisam se sentir a vontade para conversar, aconselhar, orientar, encaminhar, enfim contribuir para o verdadeiro processo educacional de seus alunos. Por sua vez, os pais devem falar sobre seus anseios, enfrentar problemas, esclarecer dúvidas e colaborar para que os professores possam conhecer seus filhos, facilitando assim a relação aluno-professor. Necessário se faz uma ressalva para os casos de separação conjugal, que desestruturam todo o aspecto psicológico-social da criança e muitas vezes, a escola não é informada do fato, não tendo como agir.

“O afeto e a inteligência curam feridas da alma, reescrevem as páginas fechadas do inconsciente”. (CURY, 2003.p.78). Quando isso acontece, há um desenvolvimento considerável na aprendizagem e socialização do aluno. Porém, quando não há esta interação família-escola e a criança se torna responsabilidade exclusiva do professor, pode ocorrer uma queda em seu desenvolvimento e conseqüentemente, uma queda também na autoestima, tornando este aluno envergonhado, diminuído e na maioria das vezes, agressivo.

Esta agressividade quando descoberta no início pode ser perfeitamente controlada, porém quando a criança consegue mascará-la, ou o professor e os pais não a identificam rapidamente, tende a gerar um problema mais sério no cotidiano escolar – o *Bullying*.

Segundo Fante (2006) *Bullying* é uma palavra de origem inglesa, pouco conhecida em território brasileiro. Deriva-se do verbo "*Bully*" que significa – em seu país de origem – usar de poder para subordinar alguém. No Brasil se refere a todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas – praticadas por um ou mais sujeitos – contra outro, numa relação desigual de poder. É necessário que família e escola estejam atentas a mudanças no comportamento dos alunos, pois elas podem revelar indícios

da prática do *Bullying*. Todavia, professores e pais precisam se inteirar sobre este assunto, buscar informações e realizar constantes encontros entre si, a fim de se posicionarem como agentes preventivos do *Bullying*.

É importante saber que dentre as formas mais comuns desta violência sobressaem os apelidos, as agressões físicas e verbais, o preconceito, as ridicularizações, e as ameaças. E também identificar o mais temível dos tipos de *Bullying* que é o *ciberbullying* ou *Bullying* cibernético, que ocorre através da internet – sem que as famílias e escola tenham ciência do fato.

Ele ocorre principalmente com crianças que ficam muito tempo sozinhas ou frequentam *lan houses*, pois entram em sites que propagem e incentivam maldades diversas. Sendo esta criança um elemento isolado, com autoestima em baixa e sem nenhum referencial educativo, se torna alvo fácil ao processo do *Bullying*.

Para Zagury (2002) a escola deve ser vista como um local onde seu filho irá encontrar reforço para as ideias e os valores que os pais desenvolvem em casa. Então, uma criança que vive em um ambiente onde se cultive paz, amor, verdades, respeito, companheirismo, criticidade, diálogo e tantas outras virtudes, raramente se envolverá em situações inversas, pois acredita naquilo que vive.

Todavia quando o ambiente familiar não se traduz em virtudes, caberá ao docente desenvolver a técnica do ouvir ativo, e através dele interpretar o que há atrás da linguagem e o que o corpo do aluno está revelando.

Assim poderá descobrir algo que o ajude a compreender seu aluno. Souza (2002) faz o comentário a seguir sobre o ouvir ativo:

*“O processo de decodificação dos sentimentos na fala do aluno é crítico no processo de ouvir ativo. O ouvir ativo não é uma mágica, algo que o professor tira do chapéu – é um método específico para colocar em prática um conjunto de atitudes em relação ao aluno, a seus problemas e a seu papel como facilitador.” (SOUZA, 2002.p.68 e 69).*

Ao exercitar o ouvir ativo o professor poderá perceber diversas situações vividas pelo aluno, dentre eles o *Bullying* ou o *Ciberbullying*. Todavia, necessitará da parceria da família para conscientizar a criança sobre estas formas de violência, suas causas e consequências, como evitá-las e como denunciá-las.

Se o aluno não conseguir conversar com os pais, mas tiver uma boa relação com o professor, pode haver uma luz no fim do túnel, pois conseguirá revelar ao professor suas angústias e até possíveis relacionamentos que podem prejudicá-lo.

Então, caso se evidencie uma boa relação entre a família e a escola a tendência será de se obter sucessos, pois ambos estarão em sintonia, constante diálogo e olhos bem abertos a tudo que possa vir a acontecer com este jovem – prevenindo e não remediando.

#### **8.4 - *Bullying* – conhecer para prevenir...**

É imprescindível que se relate aqui alguns detalhes importantes sobre o *Bullying* e seus protagonistas, objetivando um conhecimento ou até mesmo uma possível identificação deles por intermédio dos professores ou dos pais das crianças, uma vez que este é um dos maiores vilões da educação atual – a violência nas escolas.

Em todos os ambientes onde pessoas se encontram acontecem relações interpessoais. Nas instituições escolares elas também se evidenciam e originam, muitas vezes, certos dissabores entre seus agentes.

Acontece que nestas relações há sempre um mais forte – ou que pelo menos demonstra ser assim – e nessa ânsia pelo poder, o suposto mais forte, busca sua ou suas vítimas, através das quais seu domínio será exercido.

Uma vez escolhida a vítima, o agressor irá maltratá-la, visando ridicularizá-la perante os demais colegas.

Algumas pessoas acham por bem assistir a tudo como se nada estivesse ocorrendo – são os chamados espectadores.

Neste contexto se estabelece o *Bullying* tendo como protagonistas a vítima, o agressor, o espectador e seu círculo vicioso. A vítima é sempre humilhada, "perde" seus pertences constantemente, pede para faltar às aulas sem motivo, apresenta baixo rendimento escolar, demonstra insegurança ao se manifestar em público, apresenta manchas e arranhões pelo corpo – que nem sempre as consegue justificar – prefere se manter afastado dos demais colegas.

O agressor é temido pelos demais, manipula seus espectadores – que o auxiliam em suas práticas- anda sempre em grupos, não suporta ser contrariado, apresenta atitudes agressivas por qualquer motivo, seu tom de voz é grosseiro, aparece com pertences, lanches de suas vítimas – alegando ter sido presenteado por elas.

O espectador assiste a tudo na maioria das vezes sem se manifestar, em alguns casos participa como cúmplice das agressões temendo contrariar o agressor, que por sua vez se voltará contra ele.

Um fato muito preocupante é que, na maioria das vezes, a vítima aceita todo o seu sofrimento sem dizer nada a ninguém, porém se transforma em uma pessoa triste, constantemente deprimida e sem perspectivas de lutar pelos seus direitos. Neste caso, ela poderá até optar pelo suicídio. Talvez guarde essa mágoa durante anos e de repente, tenha um momento de explosão, invada sua escola atire nos colegas e em quem atravessar seu caminho, passando da condição de vítima para agressor – todavia geralmente quando a vítima opta por matar, ela pratica o suicídio em seguida. Pode ser também que a vítima não consiga reproduzir seus maus tratos ao seu agressor, mas o fará assim que encontrar uma pessoa mais fraca do que ela, estabelecendo assim o tão temido círculo vicioso do *Bullying*, que pode ser evitado com o diálogo entre família e professores e conhecimento.

Algumas escolas investem em palestras, vídeo conferências e mini cursos voltados à comunidade escolar com o objetivo de conscientizar a

todos sobre o *Bullying* e outros problemas vivenciados pelos alunos e agentes educacionais. Todavia, o número de pessoas presentes é mínimo.

É importante ressaltar também que o *Bullying*, não é praticado apenas por alunos e entre alunos e que ele não se origina na escola. Conforme foi dito anteriormente, ele se traduz em relações desiguais de poder, podendo ser reflexo de condições familiares, (violência, alcoolismo, uso de drogas, abuso sexual...), ausência de limites, não aceitação de seus erros, abusos de diversos tipos, distúrbios psicológicos, etc.

Sendo a instituição educacional um espaço em que as relações interpessoais são inevitáveis, os agressores encontram neste ambiente, as condições necessárias à propagação daquilo que os fazem sofrer lá fora.

Esta violência na escola pode acontecer também entre alunos e professores, ou professores e alunos. Alguns alunos – inescrupulosos – além de agredir física e verbalmente seus professores na instituição criam perfis em sites de relacionamentos visando ridicularizá-los ainda mais – é o *Cyberbullying*, citado anteriormente. Segundo Lima (2009) “Adolescentes sem a menor noção de limites e respeito vem usando sites de relacionamento, *blogs*, *fotoblogs* e e-mails com o objetivo de ridicularizar e humilhar seus professores ([www.angelaadriana.com.br](http://www.angelaadriana.com.br)).

Em contra partida alguns professores utilizam o recurso avaliação para punir e alienar seus alunos; abusam de seus conhecimentos e “poder” para humilhá-los e caso o jovem não possua um bom relacionamento familiar, jamais encontrará formas de revelar aos seus pais as injustiças vivenciadas por ele – este fato pode ocasionar uma evasão escolar.

A partir do momento em que o *Bullying* começa a ser praticado – independentemente de quem sejam seus protagonistas – ele gera situações de violência que podem se estender por toda a sociedade.

É necessário que os envolvidos no processo educacional, pais, professores e alunos se conscientizem sobre suas responsabilidades, estejam atentos a este vilão que permeia a educação do século XXI.

As escolas devem elaborar planos de ação em que valores como o respeito, amor, companheirismo e cidadania sejam constantemente abordados em diversos contextos.

Por sua vez, a família deve dar continuidade ao trabalho iniciado na escola, aproveitar cenas de seu cotidiano ou da TV para conversar com os filhos sobre valores e bons costumes. Conforme Zagury (2002), ninguém substitui os pais na tarefa de educar, de socializar, de ensinar o que é certo e o que é errado, de formar cidadãos éticos e de dar valores aos filhos – é sempre bom lembrar.

Conseqüentemente as famílias e instituições educacionais que investirem na relação família/escola resgatarão certos valores esquecidos em tempos atuais, que fazem uma diferença significativa na educação de nossas crianças e jovens, afinal não haverá necessidade de se construir “cercas” se cada um souber delimitar o seu espaço e respeitar o espaço do outro.

### **8.5 - Outros aliados à atual inversão de valores vivenciada por crianças, jovens, suas famílias e escola**

Além de todos os aspectos pontuados anteriormente, outras considerações se fazem necessárias para uma reflexão coerente.

Tempos atrás os pais eram mais presentes e caminhavam em comum acordo com a escola, norteando o processo educacional e transmitindo segurança em relação ao certo e ao errado – “falavam a mesma língua”. Com o passar dos anos esta relação que tão bem fazia à escola e aos cidadãos, foi se deteriorando.

Os pais deixaram de confiar na escola – passando a compreendê-la como adversária e deixando este fato visível aos filhos, a escola por sua vez foi perdendo sua autonomia e seus objetivos, tendo que educar – no sentido mais profundo da palavra – e ainda “transmitir” seus conteúdos.

Percebe-se que este conflito gerou um declínio considerável tanto em relação ao comportamento, quanto em relação à aprendizagem dos alunos.

Antes se o aluno não soubesse a matéria ou não obtivesse a pontuação necessária para aprovação era reprovado. Se não fizesse a tarefa de casa, ficava de castigo. Se faltasse em dias de prova, só tinha direito a fazê-la mediante a apresentação de um atestado médico. Se estivesse sem uniforme, não entrava na escola. Se falasse mais alto com o professor, poderia até ser suspenso ou expulso.

Nem tudo era positivo nesta época, mas sem sombra de dúvidas, os alunos respeitavam os pais e professores, eram mais responsáveis e sabiam que caso não se esforçassem não conseguiriam a aprovação – fato este que representava vergonha, um castigo e talvez até uma surra em casa.

Apesar de constrangedora ao aluno, a reprovação deve ser vista como um novo tempo de se aprofundar naquelas dúvidas que não foram sanadas durante um ano todo. O estudante teria mais tempo e até maturidade para concretizar certas habilidades que não foram atingidas.

Com a adoção do Cielo, os alunos vão avançando sem dominar certos conteúdos e sabendo que de qualquer forma serão aprovados, não se esforçam para aprender.

Caberia aos pais se informarem sobre o Cielo com os professores ou diretoria da escola e explicarem aos filhos que não se estuda para “passar de ano” e sim para a vida, talvez assim eles se empenhassem mais. Muitos que não levam o material para a escola, não sabem nem o nome da professora, não realizam atividades e quando fazem acreditam estar prestando um favor ao professor, agridem verbal e oralmente colegas e profissionais educacionais, certamente mudariam sua conduta.

Décadas atrás, as famílias de poder econômico mais baixo, Não assimilavam este fato como referência para a marginalização. O desrespeito, a promiscuidade e tantos outros vícios, que acabam piorando ainda mais a situação, além de servirem de maus exemplos aos filhos – que conseqüentemente, transportarão os conflitos gerados por estas

situações ao ambiente onde convivem com muitas pessoas ao mesmo tempo e que tende a impor-lhes regras – na escola.

Ser pobre não era sinônimo de ser mal educado, violento, abusado, enfim de não ter valores. Ao contrário, os pais faziam questão de que seus filhos fossem cidadãos dignos, responsáveis e que fizessem jus ao direito de estudar que, com muito trabalho, davam aos filhos e eles mesmos não tiveram.

Nesta época, mesmo com pouco dinheiro, as crianças tinham e levavam seus materiais escolares, alguns pertenciam a “caixa escolar” e tinham direito a um caderno, um lápis e uma borracha de tempos em tempos, mas mesmo quem não fazia parte da “caixa” levava seu material. Cadernos encapados com papel de pão, estojo de caixas de linhas, etc.

Hoje alunos vão para a escola sem material, mas frequentam *Lan houses*, possuem celulares e outros objetos supérfluos. Outros, realmente não possuem material escolar, os pais trabalham, mas não podem comprar o mínimo de material ao filho e outros ainda possuem pais desempregados.

Pais superprotetores desafiam a escola, buscando justificar os erros dos filhos, reflexos da ausência de valores por eles transmitidos.

Pais omissos que entregam sua criança na escola e não se interessam por nada que possa ocorrer ali, não comparecendo a nenhuma reunião ou festividade promovida pela escola.

Há ainda os pais que mantêm os filhos na escola pelo interesse na ajuda do governo “Bolsa Família”.

As desestruturas familiares ocorrentes das constantes dissoluções das famílias, e conseqüentemente, da construção de outras famílias, tem favorecido o desnorreamento das crianças.

A mídia televisiva aparece também como uma forte aliada a esta violência, pois sempre que retrata situações abusivas, especialmente em escolas, permite que o agressor demore muito a sofrer as conseqüências de seus atos, quando não se torna impune. Daí a necessidade de se explorar a

reflexão seguida da criticidade em relação ao que a criança assiste e os valores transmitidos pela família.

Os direitos da criança e do adolescente são expostos frequentemente – em diversos contextos e segmentos sociais – porém nenhum dever é atribuído a eles.

As músicas têm apresentado em suas letras banais e efeitos sonoros atraentes, aspectos favoráveis a destruição das famílias, ausência de valores, desvalorização do sexo feminino, incentivo à violência, ao uso de drogas, enfim a uma inversão dos valores humanos.

Pior do que estas letras idiotizantes, é presenciar mães comprando CDs ou DVDs contendo estas músicas, incentivando seus filhos a ouvirem estas barbaridades. Nas imagens dos DVDs, é facilmente percebível a intenção de incentivar a erotização das meninas, não só em gestos e trejeitos nas danças, bem como nas roupas.

Erotização precoce de crianças e adolescentes, constantemente incentivada pela mídia e músicas. As novelas, séries e filmes transmitidos em horários em que as crianças ainda estão acordadas, oferecem um verdadeiro festival de cenas exóticas, violência, desrespeito, trapaças e vários outros pontos contribuintes para uma desconstrução de valores.

O *Bullying* também é mais uma consequência do declínio gerado pela lacuna existente na relação família/escola.

Com isso, a Instituição Escolar e seus profissionais estão ficando perdidos em seu verdadeiro objetivo – educar para a vida e proporcionar condições para que os alunos consigam encontrar seu momento de aprender para viver.

A rigidez de tempos atrás originou uma inversão de valores familiares, a “Era da permissividade”.

Ficou mais fácil atribuir à condição financeira da família, as ausências de valores dos próprios pais, que ora super protegem seus filhos, ora os

abandonam sem o menor sentimento de culpa, atribuindo somente à escola a educação dos seus filhos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como resultados de uma análise em torno da educação atual, se evidencia um processo totalmente desarticulado, em que família e escola caminham por rumos diferentes.

Ambas as instituições não conseguem se conciliar, permanecendo em desarmonia, sendo o aluno o maior prejudicado. Esta atual incompatibilidade tem gerado um desnorreamento da criança, pois a escola e a família “falam línguas diferentes”.

Varias situações foram citadas no corpo do texto, em que se confirmam as consequências deste distanciamento, para o processo de aprendizagem como um todo. As famílias precisam estar em harmonia com a escola e utilizarem as mesmas diretrizes para que a educação ocorra de forma consciente e positiva ao aluno.

É necessário que se faça algo urgentemente, envolvendo situações que motivem os pais a resgatarem o respeito, a responsabilidade e o amor dentro deles, para que posteriormente eles possam transmitir estes valores aos seus filhos – pois ninguém ensina aquilo que não sabe fazer.

Porém, a escola não pode entender o desinteresse das famílias como forma de justificar a sua desistência ou a constante rotulação das crianças é preciso acreditar que a mudança é possível, embora seja trabalhosa e pode sim, se iniciar por iniciativa do professor.

A distância gerada pela deteriorização da relação família – escola, tem ocasionado uma certa evasão escolar, pois alguns pais optam por transferirem os filhos para outras instituições e depois acabam por retorná-los à primeira, uma vez que o problema está na ausência de valores familiares, que a escola tem insistido em resgatar e não nos modelos educacionais.

Medidas que conscientizem professores e pais sobre suas responsabilidades devem ser adotadas, família e escola devem caminhar

juntas com o mesmo ideal – educar visando a formação de um ser capaz de modificar as pessoas e a sociedade através de ações conscientizadoras, garantindo assim o futuro do país.

Às famílias compete a responsabilidade de educar seus filhos e a escola deve ser sua parceira, entretanto a real situação se apresenta de forma inversa, ou seja, a Escola educa os alunos e tenta, sem muito sucesso, a parceria dos pais.

O resultado deste processo de degradação educacional está estampado nos jornais, jovens violentos e impunes, protagonistas deste caos gerado pelas distâncias e ou divergências entre duas das mais importantes instituições – família e escola.

## RESUMO

O presente texto se refere a um grave problema que atinge a Educação brasileira – a decadência da parceria família – escola.

Vários fatores contribuem para que esta ausência se evidencie cada vez mais: a desconfiança dos pais em relação à escola, os afazeres das famílias, a permissividade como fator de compensação ao tempo em que se mantêm distantes dos filhos, e tantos outros.

No **capítulo 1** há uma abordagem sobre a escola assumir as responsabilidades da família, onde se lê claramente as causas deste ato e algumas consequências para a criança – principalmente o sentimento de abandono sofrido por estes filhos que tentam através de atitudes errôneas, conquistarem a atenção dos pais.

Evidencia-se no **capítulo 2** um discurso sobre a insegurança e a agressividade decorrentes da carência afetiva gerada pela ausência da família. Desperta-se para a baixa autoestima da criança e sua relação com o aparecimento de dificuldades de aprendizagem e demais consequências das falhas familiares em relação à educação de seus filhos.

Um despertar sobre a prática do temível *Bullying* despertado pela agressividade se faz presente no **capítulo 3**. Há também uma sugestão envolvendo o ouvir ativo – ouvir por trás das palavras, aquilo que o corpo

expressa – elencando os benefícios desta prática ao sucesso no processo educacional.

Como complemento informativo objetivando uma prevenção do *Bullying*, o **capítulo 4**, apresenta de forma sintetizada, tópicos de alta relevância tanto aos pais, quanto aos professores e alunos – uma vez que todos estão envolvidos na educação e como tal necessitam estar conscientes a respeito deste fenômeno avassalador em nossa sociedade.

O **capítulo 5** apresenta outros fatores que contribuem para que a inversão de valores vivenciada por crianças, jovens, famílias e escola. Há um paralelo entre a relação família-escola de tempos atrás e a atual, comprovando o quanto a sintonia entre estas instituições é favorável à educação.

As **Considerações Finais** fecham esta produção apresentando uma sugestão aos agentes envolvidos no processo educacional em relação a certas medidas realizadas com as famílias que podem garantir excelentes resultados, pois o trabalho resgatará os valores dos pais e os motivará a resgatar os valores dos filhos.

Esta análise se faz necessária a todo cidadão, afinal a educação não é uma responsabilidade única e exclusiva das escolas – porém não pode ser exercida de forma superficial por não poder contar com o apoio das famílias – esta relação é abordada durante todos os trechos do presente texto, levando o leitor a uma sugestiva reflexão, necessária ao processo de transformação sócio-educacional que a escola tanto almeja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Petrópolis/RJ: Vozes, 5ª ed. 2001.

CURY, Augusto. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 3ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Sextante, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor**. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2005.

- FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas/SP: Verus, 2ª Ed. 2005.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra 36ª Ed. 2007.
- LIMA, Angela Adriana de Almeida. Cyberbullying – Professores também são vítimas pela internet – disponível em [www.angelaadriana.com.br](http://www.angelaadriana.com.br) em 22/02/2009**
- SOUZA, T.L. Vera; SILVA, Moacyr da; FURLANE, T. M. Lúcia; SCOZ, Beatriz; MAHONEY, A. Abigail. As relações interpessoais na formação de professores.** São Paulo: Loyola, 2002.
- TOPCZEWSKI, Abram. Aprendizado e suas desabilidades: como lidar?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ZAGURY, Tania. Escola sem conflito: Parceria com os pais.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

## Capítulo 9 - EDUCAÇÃO E ADOLESCÊNCIA

**foxit**

*“Sonhar mais um sonho impossível”*

*Profa. Maria Rute Pereira de Souza*

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

### INTRODUÇÃO

*“Sonhar  
Mais um sonho impossível  
Lutar  
Quando é fácil ceder  
Vencer o inimigo invencível  
Negar quando a regra é vender  
Sofrer a tortura implacável  
Romper a incabível prisão  
Voar num limite improvável  
Tocar o inacessível chão  
É minha lei, é minha questão...”  
(Chico Buarque de Holanda)*

Tudo nasce de um sonho, sonho de ser feliz, sonho de ter sucesso, sonho de realização.

Conhecemos nossos próprios sonhos, mas desconhecemos os sonhos de nossos amigos, nossos pais, nossos filhos, nossos colegas, e o pior, de nossos alunos.

Uma de nossas funções como ser humano é amar ao próximo, mas nos preocupamos tanto com nossas próprias aflições, nos perdemos em desilusões, tristezas, magoas e não prestamos atenção em quem é esse próximo. Estamos sempre preocupados com o dia de amanhã e nos esquecemos do dia de hoje. Esquecemos de perseguir nossos sonhos.

Viver o amor o grande amor que nos moveu para a escolha da profissão de Mestre, sim, pois não há educador sem paixão, e para ser um educador tem-se que ter o compromisso consigo mesmo de cumprir a máxima de Deus, – **“Amar ao próximo como a ti mesmo”**. Se conseguirmos pautar nossa vida pessoal ou profissional por este princípio, realizaremos nossos sonhos.

A premissa maior de nossa educação sempre esteve ligada a religião, e esta à Bíblia, que, por sua vez, nos ensina a amar ao próximo.

Não, não estamos e não temos o objetivo de evangelizar, mas de ajudar a entender e refletir sobre esse metiê, “ser professor neste mundo contemporâneo”.

E como ser um bom professor na escola de hoje, escola “diferente” daquela em que estudamos, onde o professor percebe-se desvalorizado, onde o aluno é desmotivado, triste, bagunceiro, indisciplinado e apático?

Acredito que antes de tudo temos que “querer” ser professor. “Querer é poder”, (dito popular).

Também é cultura contestada no meio educacional, “ser professor é sacerdócio”, concordamos que ser professor não é encargo ou tarefa, ou mesmo incumbência, mas é missão. Missão de construir e reconstruir, de formar e transformar, de sonhar e fazer sonhar.

E porque sonhar e fazer sonhar são importantes para ser um bom professor? Ora, se deixarmos de considerar a simplificação da profissionalização, o desafio de formar e transformar, o construir conhecimento, a complexidade da sociedade atual, podemos ainda reverter esse grande pesadelo em educação como um grande sonho.

É indiscutível o fato de que a atuação do professor é fundamental para que o processo pedagógico seja interessante para o aluno.

Educação e sociedade continuam sendo objeto de diversos estudos, em que pese à importância e destaque que a mídia impressa ou falada dá aos desacertos, conflitos disciplinares e fracassos dos sistemas de ensino brasileiro, o que ainda permanece sob uma nebulosa são as causas desses problemas.

É um dos fatores a ser pesquisado é realmente aquele que é o centro, o sujeito e o objeto da educação e da sociedade, o aluno.

Nosso objetivo neste artigo é a discussão, análise e reflexão sobre as interações que se estabelecem entre a educação e a adolescência, qual a importância dos agentes educativos nesta relação, quais são as políticas educacionais propiciadoras de transmissão de valores, padrões e conhecimentos, e por que o adolescente é desinteressado pela educação?

## **9.1 - Interesse pela Educação**

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988, traz em seu Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, seção 1 – Da Educação, artigo 205 – “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Considero no mínimo grandioso, e confesso, me arrepiar toda vez que leio este artigo de nossa Constituição, “A educação, direito de todos e

**dever do Estado e da família...**” Este direito aqui garantido a todos de ter conhecimento, apropriar-se de padrões éticos, estéticos, fundamentais para viver e conviver na sociedade contemporânea é o resultado de lutas, que se iniciaram ainda no Império, século XVIII, passando pelo movimento modernista, “O Manifesto dos Pioneiros”, século XX, 1932, “O golpe na educação”<sup>24</sup>, década de 60, os tenebrosos anos de chumbo, período da ditadura, consolidando-se na garantia instituída no artigo 205 de nossa Constituição Cidadã de 88.

Se o direito de acesso a educação, ao conhecimento e a socialização está garantido em lei, se esta lei amplia o direito atribuindo dever ao Estado e à família, por que depois de vinte e um anos constatamos o processo pedagógico brasileiro fracassado e pouco interesse por educação da parte de nossos jovens?

O que percebemos é que a escola é hoje uma obrigação para o poder público, para os pais e para o aluno, e, enquanto atividade obrigatória, é desinteressante, pois o único atrativo é cumprir a determinação legal. Ao Estado cabe responsabilizar-se em garantir aquele que é direito público subjetivo – “educação, direito de todos e dever do Estado...”, sendo que seu não oferecimento, ou sua oferta irregular, importará em responsabilização da autoridade competente<sup>25</sup>, a família tem como dever matricular seus filhos na rede regular de ensino<sup>26</sup>, e o aluno a quem foi atribuído o direito público subjetivo de acesso e permanência, sendo, portanto inerente à sua condição de menor, sentindo-se atraído ou não pela escola deverá ali permanecer até que seja libertado deste vínculo constitucional.

O que causa essa apatia, a falta de interesse dos adolescentes pelos estudos, é e deve ser causa de preocupação por parte dos agentes educativos.

---

<sup>24</sup> Luiz Antonio Cunha e outro, Rio de Janeiro, 1991

<sup>25</sup> §2º, artigo 208, CF/88

<sup>26</sup> Artigo 55, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/90

Em uma pesquisa, divulgada em abril/2009 pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que o principal motivo da evasão escolar de adolescentes é a falta de interesse. Dos jovens de 15 a 17 anos que abandonaram a escola, 40,1% deixaram por desinteresse. O trabalho é motivo para 27,1%; atualmente o ensino médio tem a maior taxa de evasão da educação básica – 661 mil estudantes entre 2005 e 2007. Entre 2004 e 2006, o número total de matriculados nas três séries caiu 2,9%, apesar de só 44% dos jovens de 15 a 17 anos, a idade correta, estarem matriculados. O estudo mostra que, em 2008, 14,1% dos jovens dessa faixa etária deixaram de estudar. Esse percentual é mais alto na região metropolitana de **São Paulo** (18,7%). As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

Outras pesquisas comprovam ser a gravidez precoce fator relevante de evasão escolar, o que não poderíamos classificar como desinteresse direto, mas como causa indireta do fracasso educacional.

E as profecias autorrealizadoras? Aquelas em que o professor de pronto, em atitudes fatalistas, determina em uma análise simplista, em sua maioria visual, os alunos que não tem condições de aprender, aqueles que só estão ali por obrigação, determinando a distância entre educação e sociedade, criando um círculo vicioso em que o professor não acredita na capacidade do aluno e o aluno não acredita na competência do professor, ou no que ele ensina, aumentando o distanciamento entre o saber constituído e o sujeito do processo educativo.

Esse pessimismo latente no meio educativo muito se dá em decorrência das políticas públicas educacionais que centralizam suas decisões num meio alheio à realidade das escolas e de seus usuários, mantendo a história do aluno distante do dia a dia da sala de aula, como se não houvesse relação entre estes contextos. Hoje mais que no século passado a escola enquanto uma das mais importantes instituições sociais responsável pela transmissão de conhecimentos sistematizados não pode se manter a parte da evolução contínua, dos avanços tecnológicos e de sua rede de informação. Pensar escola, sua função social nesse novo contexto significa pensar o sistema de ensino em sua importância como

autorreprodução e de reprodução sociocultural, sua relação com as novas formas de conhecimento, a tecnologia e suas redes de informação, assim como as relações existentes com seus atores, entre eles e deles com o conhecimento e a sociedade.

Constata-se haver dificuldades do sistema educativo em lidar com as expectativas dos alunos, não há sintonia entre o conhecimento hoje entendido como valor essencial, sobretudo ao jovem, para que possa enfrentar o presente e o futuro na chamada sociedade do conhecimento, e os atrativos que a escola desperta nesse jovem.

Em princípio, os adolescentes vivem seus sonhos interpretando os desejos, inconscientes ou não, de seus pais ou de referências, muitos deles incorporados pelas mensagens ideológicas dos meios de comunicação. Seus heróis em regra não precisam de conhecimentos escolares. São “Ronaldos” e “Ronaldinhos” ou “Romários”, e o velho chavão “estudar para ser alguém na vida”, é promessa de uma escola redentora, cada vez mais desacreditada pelos nossos jovens.

Por outro lado, a escola também não acredita mais ser a panacéia da sociedade, e não é a única fonte de conhecimento sistematizado, mas ainda é a porta de entrada da maior parte da população para o acesso ao mundo do conhecimento, portanto cabe a ela repensar profundamente sua organização, sua gestão e maneiras de definir os tempos, os espaços, os meios e as formas de ensinar buscando uma relação mais íntima com a tecnologia e sua rede de informação. Nesta perspectiva percebe-se que a escola precisa evoluir em sua especialização e no processo de transformação da informação em conhecimento.

A escola pode despertar interesse se traduzir os sonhos de seus alunos, não respondendo apenas à realidade conflituosa ou as expectativas simplistas de reprodução dos padrões vigentes, mas acreditando nas potencialidades da adolescência e de seus agentes educativos num repensar constante sobre sua atualidade e sua relação com o mundo além muros escolares. Deixando assim de ser interessante apenas para cumprimento do dever legal e mais pelas possibilidades de realização de sonhos.

## 9.2 - Níveis Sociais, Culturais e Financeiros

*“Se antes a terra e depois o capital eram fatores decisivos da produção, (...) hoje o fator decisivo é, cada vez mais, o homem em si, ou seja, seu conhecimento.” Papa João Paulo II, Encíclica Centésimus Annus, 1991*

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, em seu artigo 26 afirma que “toda pessoa tem direito à educação”, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos de 1990 em seu preâmbulo afirma que apesar dos esforços realizados pelo mundo em assegurar o direito à educação para todos, persistem as seguintes realidades:

- Mais de 100 milhões de crianças, das quais pelo menos 60 milhões são meninas, não têm acesso ao ensino primário;
- Mais de 960 milhões de adultos – dois terços dos quais mulheres são analfabetos, e o analfabetismo funcional é um problema significativo em todos os países industrializados ou em desenvolvimento;
- Mais de um terço dos adultos do mundo não têm acesso ao conhecimento impresso, às novas habilidades e tecnologias, que poderiam melhorar a qualidade de vida e ajudá-los a perceber e a adaptar-se às mudanças sociais e culturais; e
- Mais de 100 milhões de crianças e incontáveis adultos não conseguem concluir o ciclo básico, e outros milhões, apesar de concluí-lo, não conseguem adquirir conhecimentos e habilidades essenciais.

Nossa Constituição Federal, como já vimos, estabelece como valor fundamental “a educação, direito de todos...”. Parece-nos que a preocupação neste e em qualquer país tem sido sempre assegurar que “todos” têm direito à educação. Preocupação de quem? Quem são esse “todos”?

Como bem afirma em seu preâmbulo a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, apesar de ser valor garantido, a educação para

todos só se concretiza para alguns, o que não deixa de ser característica de qualquer sociedade dividida em classes em que persiste a desigualdade de repartição de bens, o que gera privilégios, não atingindo a sociedade seus objetivos de universalização do conhecimento.

Para que realmente se realize “educação para todos”, enquanto processo, é necessário que a escola seja democratizada, e efetivada as garantias de ensino fundamental e ensino médio obrigatório e gratuito em seus princípios basilares de igualdade de condições para o acesso e permanência garantindo o padrão de qualidade superando a dicotomia da “escola boa X escola ruim”.

Na contemporaneidade percebe-se claramente haver uma dualidade entre escolas boas e escolas ruins, desenvolvido o padrão dicotômico para manter-se a diferenciação entre a escola para ricos e escola para pobres, visto essa relação não mais como nos anos setenta onde essa dualidade era caracterizada por escolas propedêuticas e escolas preparatórias para o mercado de trabalho. Hoje não só o poder público as diferencia, mas a própria sociedade enfatiza ser a escola pública a escola dos pobres e a escola privada a escola de ricos, conseqüentemente a escola “boa”.

Muito se fala ser a escola pública uma escola onde os professores não são comprometidos, a gestão é deficiente, os alunos indisciplinados, agressivos e desmotivados, entre outras características presentes no discurso dos usuários, na imprensa escrita e falada e nos palanques políticos.

Podemos provocar uma análise sobre essa ideia quando nos propomos a refletir sobre a escola para todos, e sendo para todos, deve e pode ter o comprometimento de todos os envolvidos no processo educativo propiciando a garantia de permanência com qualidade além do acesso já conquistado.

Criou-se, de certa forma, uma imagem distorcida da escola pública de hoje como se dela não sobrasse nada de bom. Costumo ouvir de alunos estagiários de licenciaturas diversas que ficam assustados com suas experiências de estagiários ao se deparar com uma escola hoje totalmente diferente da escola em que estudaram. Quando perguntados sobre a

diferença, costumam dizer que os professores de hoje são descompromissados, irresponsáveis e não qualificados, que os alunos não querem aprender, sendo indisciplinados, e que o conflito existe entre gestão escolar autoritária e pais omissos que em sua maioria consideram a escola apenas um depósito de crianças e adolescentes, não tendo interesse pela vida escolar de seus filhos.

Quando peço para explicarem estas posições sempre há um “susto”, pois muitas destas certezas são reproduzidas a partir do senso comum, poucas são constatações com bases em observações reflexivas. O que se percebe é que todos falam mal da escola pública e poucos realmente refletem sobre seus problemas.

Não podemos descartar a realidade, temos um comprovado quadro de absenteísmo por parte de professores criando uma imagem de descompromisso com o principal objetivo de seu trabalho, o aluno. Este, em contrapartida, tem uma imagem de total desinteresse pela escola, causas tratadas no capítulo anterior, o que nos leva a aprofundar a causa professor.

Muito se fala de falta de valorização do quadro do magistério, ainda sendo necessário aí lembrarmos que é outro discurso fortemente valorizado pelos usuários e interessados em mostrar as mazelas da escola pública, não que o salário de professores seja algo digno da importância da classe, mas não é e não pode ser visto como única forma de valorização e sim como consequência do desleixo do poder público em suas políticas públicas.

A valorização do magistério é um dos princípios basilares previstos no inciso V do artigo 206 de nossa Constituição Federal, e como tal garantido em planos de carreira e formas de ingresso, normas regulamentadoras têm desencadeado projetos de capacitação e qualificação. Projetos com vistas em médio prazo quanto à garantia de padrão de qualidade.

Com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, a partir de 1997, vemos uma tentativa de resgate da propalada valorização do magistério através de cursos de capacitação em serviço, projetos de financiamento de cursos de pós-

graduação *lato e stricto sensu* visando reverter a característica fundamental da qualificação e preparo do profissional da educação preparando-o para trabalhar dentro do novo contexto educacional – escola para todos.

Ao longo das últimas décadas temos acompanhado e participado de muitos destes projetos e pesquisamos junto ao corpo docente a viabilidade deste tipo de qualificação e surpreendentemente constatamos que a opinião dos profissionais difere do objetivo do poder público quanto à melhoria da qualidade da educação pública a partir da capacitação em serviço dos profissionais da educação.

Muitos professores consideram estar o problema na formação do professor, o que chamamos de repasse de culpa. Considerando que a sociedade considera ser a culpa pelo fracasso escolar do professor e sua desvalorização, o poder público e as políticas públicas educacionais, que falta competência e qualificação a esse professor, e ao próprio que se culpa pela sua formação, chegamos à educação superior que, a nosso ver, precisa rever sua proposta de formação nos cursos de licenciatura e quiçá na formação de seu corpo docente.

Outros fatores a serem considerados são: níveis sociais, culturais e financeiros, visto a origem social em níveis sociais e culturais estarem imbricadas aos níveis financeiros de forma geral e a escola ser elitista e excludente em relação a dar a todos uma educação de qualidade, o problema se estabelece com a implantação desordenada dos princípios econômicos neoliberais em que o Estado se abstém de investir em políticas sociais com grande descaso pela educação. Percebe-se haver uma dualidade social, pois se a sociedade contemporânea capitalista vive da influência do capital, e se para que haja a movimentação deste é necessário conhecimento, o poder deste se reflete no próprio modo de produção capitalista e o direito ao trabalho. Deixando de existir o poder atrelado ao capital quando não há cultura que se constrói e reconstrói com o conhecimento.

Não basta que fiquemos nos devaneios ideológicos sociais, culturais e/ou econômicos, não vale sentir indignação contra as diferenças sociais, é

importante transformar a crítica em caminho, sair do senso comum para uma prática reflexiva, desafiar as sombras projetadas na parede do obscurantismo de nossa realidade e romper os grilhões que nos prendem a manipulações ideológicas.

Se temos certeza da importância da escola para a construção do conhecimento também temos certeza de que educação de qualidade para todos necessita de professores-educadores comprometidos com a razão de sua profissão, seus alunos.

### **9.3 - Objetivos e Metas com a Educação**

*“Não se resolvem na escola todos os problemas do mundo, mas sem ela não resolveremos nenhum”*

*Luis Carlos de Menezes*

A escola sempre foi e continua sendo um meio importante de socialização com o objetivo de deflagração dos valores e padrões culturais vigentes na sociedade considerada como o princípio da integração social e formadora de consciência e cidadania.

O preparo para o exercício da cidadania é um dos fins previstos no artigo 205, da Constituição Federal/88, propalado e discursado nos meios educacionais e políticos, ficando na maioria das vezes a compreensão do que seria esse tal exercício da cidadania apenas no senso comum para os educadores e com certeza para os educandos.

Se é difícil compreender o exercício da cidadania, é ainda mais complexo ensinar. A escola e seus educadores precisam se perguntar o que é cidadania, como se exerce cidadania, e repensar primeiramente sua função social enquanto instituição pública formadora de gente.

Cidadania de origem etimológica no latim, *civitas*, significa “cidade”, e designa um conjunto de direitos e deveres ao qual o indivíduo está sujeito em relação à sociedade politicamente constituída em que ele vive.

O exercício da cidadania comporta em geral três dimensões. Colocamos na dimensão Civil o exercício de direitos inerentes à liberdade individual, à liberdade de expressão, de propriedade, à justiça, aqui explícitos os princípios do liberalismo quais sejam: a liberdade, a igualdade e a propriedade, em segundo lugar a dimensão Política, ou seja, cidadania é o direito e dever de participação no exercício do poder político, podendo eleger e ser eleito, interferir no destino da nação através de representação ou ação direta, e em terceiro lugar a dimensão Social onde está o conjunto de direitos que visam o bem-estar econômico, social e educacional.

Como podemos perceber, o exercício da cidadania é complexo, extrapolando o direito de ir e vir, ou de “dizer o que quero”, ou a obrigação de votar. Passa pela compreensão do direito de participar da política enquanto eleitor que sendo responsável elege aquele(s) que o representará no exercício da política, e para isso precisa conhecer a história, os valores, os padrões culturais da sociedade em que está inserido, e só então o exercício da dimensão social onde se encontra o dever e o direito público subjetivo de educação para todos. E enquanto dever cabe a educação e a seus profissionais a responsabilidade pelo desenvolvimento do processo democrático criando mecanismos e garantias para que a escola cumpra sua função social em preparar o aluno para o exercício da cidadania. Enquanto direito cabe ao adolescente perceber-se partícipe do processo democrático e a importância de desafiar suas possibilidades.

Não basta que a lei preconize o valor do exercício da cidadania é fundamental que façamos valer a conquista do direito de ser cidadão. E é claro esse direito implica no dever de a escola e seus representantes propiciarem dentro do processo educacional a real democratização da escola.

#### **9.4 - Valores educacionais na adolescência**

É comum na sociedade contemporânea ouvirmos da geração adulta “os adolescentes de hoje não querem estudar, não gostam da escola, não querem nada da vida”. Será esta a realidade do universo adolescente?

Façamos uma reflexão sobre: Quem é esse adolescente? Como se constrói a identidade adolescente? Qual o seu lugar na sociedade contemporânea?

Podemos apontar algumas considerações sobre esta nova categoria social como fruto do processo de desenvolvimento da modernidade, representa uma fase de transição, recorrentemente abordada como potencial problema social, estando vinculada às drogas, a violência e ao comportamento sexual irresponsável. Em contrapartida, foco de fascinação e desejo dos adultos, símbolo de esperança e futuro, época de menores responsabilidades, fase da vida a ser tutelada pela família.

Até bem pouco tempo “ser jovem” era viver um interstício entre o mundo da criança, sem responsabilidades, e o mundo adulto, voltado às responsabilidades do trabalho, da família e das exigências da sociedade. Aqui, a instituição escolar, nas perspectivas de classes adotadas nessa realidade, caracterizou-se como sendo a instituição específica responsável pelo jovem na passagem da vida “pré-adulta” à adulta, sem desconsiderar o papel da família.

Hobsbawm (1995), ao falar da revolução cultural da metade do século XX, mostra como a juventude (período que se estende da puberdade até a metade da casa dos vinte) se transforma em um grupo com “consciência própria e se torna um agente social independente”.

A adolescência é vista por alguns teóricos e pesquisadores como um período psicossocial determinado pelo ambiente sócio econômico, sócio cultural em que o indivíduo se encontra, constituindo, segundo Ariès (1973) construção social e histórica. Para Foucault (1975 e 1979), adolescência é concebida como etapa preparatória da vida adulta, período de busca de definição de uma identidade própria.

Como podemos perceber são múltiplas as conceituações sobre adolescência, e entre tantas, a concepção de adolescência no contexto capitalista representativo da sociedade contemporânea, fundada em pressupostos ideológicos como fenômeno cultural de reprodução social.

Neste contexto podemos observar que os ideários iluministas trouxeram a urbanização, a industrialização, à concentração que forma a nova ordem econômica com todas as implicações históricas das questões sociais na formação da sociedade, que exerce seu poder pelo conhecimento, vinculando a este poder a ideia de anomia, vista como autonomia individual, ou seja, a construção da moral da sociedade enquanto valores. juízo que o indivíduo emite de si próprio dentro de uma concepção própria de justiça e do que é justo que reproduzem experiências culturais vividas.

Podemos considerar a questão moral como forma de regulação social orientada por laços abstratos de relações descontextualizadas, típicas das grandes metrópoles, tendo como referenciais ideias incorporadas não pelo conhecimento, mais pela comunicação de massa, criando comportamentos genéricos e globalizantes, aqui podendo exemplificar a construção de práticas, hábitos, usos e costumes consumistas de tribos, gangues e turmas.

Outra característica a ser considerada na questão da construção da identidade do adolescente está nas teorias conceituais de que a adolescência é período de turbulência, drama, sofrimentos e angustias, falta de identidade familiar e profissional, caracterizando o processo de transformação como fenômeno cultural de reprodução de esquemas sociais.

Transitam entre tantas conceituações sobre o que é ser adolescente, como se constrói a identidade adolescente, matizes diferentes na compreensão de comportamentos e culturas adolescentes enquanto fenômenos sociais, sendo estes marcados por padrões construídos a partir de rupturas de valores pré estabelecidos pela geração adulta.

A esse aspecto agrega-se a conceituação da identidade adolescente como fonte de problemas passando a ser objeto de atenção especial não mais considerado objeto de culpa, mas reconhecido como sujeito de direito.

Socialmente o adolescente passa a ter identidade formal percebido como resultado de um contexto social complexo e dicotômico, se

reconhecido como portador de direitos essa autonomia passa a ser fonte de risco, via de regra associado à violência e delinquência.

As demonstrações adolescentes vão além da simplificação de modismos culturais ou questões sociais. Ao que se denomina cultura juvenil, ou moral adolescente, representada por comportamentos, atitudes ou estilos, agrega-se valores construídos a partir do tempo, espaço, contexto social, em muitos casos, negativos aos olhos da sociedade, muitos em razão da não aceitação destes estilos comportamentais pela chamada geração adulta.

Importante uma reflexão sobre as causas de tal dualidade, visto serem comportamentos diferentes entre gerações diferentes, podemos aqui apontar como exemplo o conflito existente entre a geração jovem dos anos 50/60 com seus pais no estilo musical – twist, rock, ou a geração jovem da década de 60/70 com seu vestuário, comprimento dos cabelos, amor livre, eclodindo os conflitos geracionais no final do século XX com a reinterpretação da questão social. Ao expandir aos adolescentes a garantia de direitos, o adolescente detentor de direitos pode e é alvo do mercado consumista, tem autonomia ao mesmo tempo em que se regulamenta a educação compulsória, restringe-se a idade para sua entrada no mercado de trabalho.

Parece-nos que o grassamento da pobreza decorrente das novas políticas sócio-econômicas geradas pelo ideário neoliberal implantado a partir da década de 70/80 contribuiu para a vulnerabilidade à qual está sujeita o adolescente de hoje.

Da perspectiva da política neoliberal, a sociedade passa a experimentar um processo de individualização a partir de um conjunto de ações desmobilizadoras com vistas ao esvaziamento da ação estatal no que diz respeito às relações sociais, abrindo espaço para condutas e comportamentos de desrespeito ao coletivo, ao “outro”, passando o risco, a violência a adquirir um sentido banal, quase sempre apresentado num sentido de competição, o qual interfere diretamente no comportamento e na cultura do adolescente.

A mídia impressa e eletrônica constrói a opinião pública através de notícias, índices, pesquisas que mostram o adolescente pobre como violento, perigoso ou potencialmente perigoso, concebendo a adolescência como personagens dicotômicos, anjos ou demônios, vítimas ou algozes, caracterizando esta etapa da vida como problema, fortalecendo o senso comum social, perpetrando uma ideologia de exclusão social.

A vulnerabilidade à qual está sujeita o adolescente muito se dá por falta de políticas sociais que possibilitem condições adequadas a uma educação rica em valores e conhecimentos, a uma formação mais humana, sem preconceitos, estigmas e indiferenças, sem exclusão social.

Não esgotamos aqui nossa análise sobre esta etapa da vida, a adolescência, no entanto podemos a partir dessas considerações refletir por que a educação ou a escola de hoje enfrenta tantos conflitos.

### **9.5 - Educação e adolescência na contemporaneidade**

Estudos indicam as características e causas da violência urbana, apontando para aspectos intrínsecos do processo da adolescência que são elementos fundamentais na construção da vulnerabilidade a que estão sujeitos os adolescentes, em sua maioria aqueles pertencentes a uma sociedade desprovida de bens culturais, sociais, intelectuais e econômicos. Muitas vezes esta exclusão social é interpretada como falta de "valores" e até mesmo como culpa do adolescente, e a escola ao se omitir dos reais problemas vivenciados por estes jovens os exclui por não pertencerem e não terem os padrões culturais que a escola estabelece como seus.

Um dos principais entraves da boa escola passa pela questão "Indisciplina", via de regra vista como problema central da escola por gestores e professores, e como explicar esse fenômeno?

Situações de conflito e mesmo de violência escolar refletem concepções muitas vezes equivocadas por parte da escola quanto às causas da indisciplina e formas de se lidar com estas.

Em nossa reflexão sobre o que é adolescência e como se dá a construção da identidade adolescente temos que reforçar que estudos recentes apontam como características do aumento da violência na sociedade contemporânea e a vulnerabilidade do adolescente a frente dessa violência passa pelo abandono de políticas públicas na construção de oportunidades econômicas, sociais e de segurança pública, aqui incluindo também o descaso de políticas públicas e investimento ao sistema educacional, criando em decorrência desse processo a redução do mercado de trabalho e a substituição das oportunidades legais pelas ilegais não raramente pelo mercado das drogas.

As carências sociais, culturais, econômicas, urbanas e o impacto sobre a família provocando um desmantelamento das redes tradicionais de sociedade acompanhada também de um distanciamento nas relações entre pais e filhos, redefinindo esses papéis sociais e, por conseguinte, exigindo mudanças nas funções das agências socializadoras em específico a escola. a efetivação real do modo de produção capitalista no país amplia o consumismo ao mesmo tempo que empurra a população pobre para áreas periféricas, desreguladas onde falta infra estrutura nos seus aspectos essenciais de saúde, segurança pública e lazer. Esse movimento contínuo leva ao ideário social da chamada “família desestruturada”, ou seja, a família que vendo-se refém do modo de produção capitalista que lhe impõe uma necessidade de consumo ao qual ela não tem as condições mínimas necessárias, leva o adolescente a testemunhar o desregulamento da estrutura social a que pertence. As famílias ao serem vítimas de um sistema que as violenta, reproduzem internamente a violência, seja ela moral, econômica, cultural e/ou física.

A exposição à violência doméstica implica na constituição de comportamentos agressivos e antissociais dos adolescentes no contexto familiar, social e escolar, potencializando a rebeldia e a não aceitação de regras. Segundo nos ensina Nancy Cardia:

*“A família violenta estará socializando seus filhos para a violência ao lhes dar modelos de resolução de conflitos que*

*normalizam a violência e ao passar valores que trivializam o significado dessa violência”.*<sup>27</sup>

Estudos comprovam que a importância da qualidade do vínculo familiar, ou seja, quanto maior a proteção em situações de risco pelas famílias menor as possibilidades do adolescente transgredir.

Observamos essas situações em grupos de adolescentes dentro do contexto escolar, que se a família, pais, responsáveis oferecem ao jovem condições socializadoras focadas em valores culturais padronizados como pertencentes ao meio, menor a vulnerabilidade do adolescente. Abordamos aqui proteção enquanto vínculo afetivo, considerando que dentro de situações de risco independem da classe econômica, cultural ou social.<sup>28</sup>

Importante ainda observar que o contexto de desorganização familiar a que o adolescente está exposto interfere de forma diferente na representação construída por ele, “aquilo que uma pessoa pensa, deseja, espera e idealiza, afeta o que ela faz”.<sup>29</sup>

Saber entender e saber lidar com os conflitos existentes nas relações interpessoais no espaço escolar implica em assumir que a formação moral, éticas e valores é responsabilidade da escola em sua função socializadora. Não podemos nos furtar a compreender o contexto social e as relações que este tem sobre nosso aluno. É importante contextualizar a indisciplina ato de transgressão de regras morais e regras convencionais, sendo estas as instituídas pelas normas pré-estabelecidas pela instituição escola.

Quando falamos das regras convencionais cabe a reflexão de sua importância. Observamos uma situação típica de repressão escolar na atuação de educadores que traduzem comportamentos de puro pânico ao se deparar com situações corriqueiras de adolescentes como sendo ato indisciplinar.

---

<sup>27</sup> Cardia, N. 2000, p. 145

<sup>28</sup> Pesquisa de observação em escolas públicas e privadas.

<sup>29</sup> Bloom, 1996, p. 92

Estávamos entrando em uma escola, eu e a diretora da escola, a conversa era comportamentos e situações de conflitos ocorridos na escola quando de repente a diretora sai em disparada e sobe até o palco do pátio da escola onde freneticamente aborda um aluno, não entendi nada, aguardei sua volta e a inquiri sobre o ocorrido. Com a expressão de quem evitou um desastre ela explica o ocorrido “o aluno, garoto tido na escola como sendo indisciplinado, é sabedor da proibição de uso de boné, no entanto estava usando um boné que caracterizava ser de uma “turma”. Exemplo clássico de atitude autoritária e retrógrada, sequestra-se o abominável instrumento de delinquência, chamam-se os pais para em longas explanações sobre a atitude reprovável de seu filho reforçar a distância da família do processo educacional.

Situações corriqueiras como a citada continuam fortalecendo atitudes de repressão por parte da escola e revolta por parte dos adolescentes, o mundo mudou, a sociedade mudou, a família mudou, nosso alunado mudou, mas a escola continua a mesma, com suas regras estabelecidas segundo os parâmetros e valores de gerações passadas.

Se a adolescência assim como a sociedade está em constante metamorfose, a instituição escola tem que ter como objetivo a construção de ambientes cooperativos onde os alunos tenham voz e que estas sejam ouvidas e respeitadas, o que contribuirá para que estes aprendam a ouvir e respeitar levando a comportamentos adequados pressupondo equilíbrio nas relações entre educadores e educandos rompendo com a dicotomia de que o educador manda e o aluno obedece.

Lembramos que a etapa de vida chamada adolescência é o período da construção da identidade, onde a criança passa a buscar por autonomia, por conquista de espaços, portanto período de consolidação de valores morais e éticos.

## 9.6 - Educação, adolescentes e o limite

### Senhas

**Composição: Adriana Calcanhoto**

Mas o que eu não gosto é do bom gosto  
Eu não gosto de bom senso  
Eu não gosto dos bons modos. Não gosto  
Eu aguento até os modernos  
E seus segundos cadernos  
Eu aguento até os caretas  
E suas verdades perfeitas  
O que eu não gosto é do bom gosto  
Eu não gosto de bom senso  
Eu não gosto dos bons modos. Não gosto  
Eu aguento até os estetas  
Eu não julgo competência  
Eu não ligo pra etiqueta  
Eu aplaudo rebeldias  
Eu respeito tiranias  
E compreendo piedades  
Eu não condeno mentiras  
Eu não condeno vaidades  
Eu gosto dos que têm fome  
Dos que morrem de vontade  
Dos que secam de desejo  
Dos que ardem

Adolescente, sujeito de direitos, ser que detem capacidade intelectual, por que se coloca em situações de risco, por que se envolve em situações dúbias? É comum nos dias atuais ouvirmos histórias de ocorrências escolares de presenciarmos situações em que garotas trocam carinhos, "selinhos", andam de mãos dadas no pátio da escola e até se declaram bissexuais. O que caracteriza essa situação?

A moral dos adolescentes mudou? Não existem mais valores éticos? Como entender esse novo mundo?

Começemos de uma reflexão conceitual: "Outsiders – aquele que se desvia das regras do grupo." Palavra nova do repertório comum escolar, conceito conhecido do mesmo repertório.

Pesquisas científicas aceitam a premissa de senso comum segundo a qual há algo inerentemente desviante em atos que infringem ou parecem infringir regras sociais. Aceitam também o pressuposto de que o ato desviante ocorre porque alguma característica da pessoa que o comete torna necessária ou inevitável que ela o cometa.

Se um ato é ou não desviante, depende de como outras pessoas reagem a ele. O simples fato de uma pessoa ter cometido uma infração a uma regra não significa que outros reagirão como se isso tivesse acontecido, variando o grau de reação ao ato dado como desviante, dependendo de quem comete e de quem se sente prejudicado por ele.

Concluindo, "desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele"<sup>30</sup>, caracterizando o desvio pela condição rotulante.

E é sob esse aspecto que buscamos entender a situação do adolescente no meio social escolar. Se o primeiro passo para a carreira desviante é a motivação, os impulsos inerentes a essa etapa de vida, a adolescência, se essa condição social é considerada como aquele que não se integra à ação socializadora padronizada do mundo adulto, considerando esse mesmo mundo a instituição escola, com todas as suas regras instituídas criadas e impostas, essa relação institucional por si só constituem situações de conflito e divergência.

A vulnerabilidade do adolescente em situações de risco provocada por estigmas, rotulações e profecias autorrealizadoras aprofundadas pela desigualdade social, cultural, econômica encontra no sistema de ensino, espaço que destinado a promover "o pleno desenvolvimento da pessoa"<sup>31</sup>,

---

<sup>30</sup> BECKER, Howard Saul. 2008, p. 27

<sup>31</sup> Artigo 205 da CF/88, fins da educação.

como aqueles que potencialmente vão desestruturar, tumultuar o ambiente escolar, ou seja, um ambiente que não sabe lidar com a adolescência, que rotula como desviante comportamentos próprios dessa faixa etária por seus princípios arcaicos revestidos do arcabouço normativo, moral e ético da sociedade adulta.

Nesse sentido, se existe a dificuldade para a aceitação do mundo adolescente (em geral) no cenário escolar, o que dizer das dificuldades encontradas pelo adolescente autor de ato infracional? Se a imagem representativa do adolescente como uma categoria social em conflito e conflitante com as regras pré estabelecidas, representante tradicional da delinquência que o rotula como desviante, ao se deparar com os medos, preconceitos estigmas instituídos muitas vezes pelo próprio caráter desviante do adulto detentor do poder, encontra as portas da instituição escolar se não fechada, resistente a aceitá-lo. Com razão, as dificuldades de aceitação do mundo adolescente apresentam causas diversas, entre as quais podemos considerar no mundo escolar o medo como sendo se não a maior a que se destaca muitas vezes pela ignorância.

Nesse aspecto constatamos estar essa ignorância associada à insegurança gerada pela intimidação do senso comum – “o ECA<sup>32</sup> traz garantias totais ao adolescente, não permitindo a ação educativa, portanto, deixando a escola de mãos atadas”.

Entendemos que para reverter essa tendência estigmatizante em torno do Estatuto da Criança e do Adolescente, a chamada miopia em torno do ECA, torna-se necessário a compreensão de princípios democráticos o que implica a compreensão de direitos e deveres sociais. Importantes mudanças sociais, culturais, políticas se fazem necessárias para que a instituição escola cumpra sua função social, qual seja, de desenvolver plenamente o ser humano.

Essas observações nos permitem sugerir que a reinserção social do adolescente em conflito com a lei passa pelo tipo de relação que a instituição escola tem com a realidade complexa de sua demanda, com a

---

<sup>32</sup> Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069/90

qualidade e condições do trabalho que desenvolve com a comunidade que atende. Não nos parece seguro afirmar que as causas da reincidência do adolescente infrator sejam os aspectos familiares, escolares ou sociais individualizados e sim que haja condições reais de conciliação entre essas esferas, o que viabilizaria a capacidade do adolescente resistir às adversidades, mesmo quando exposto a riscos.

O potencial de proteção que se oferece ao adolescente está intimamente ligado a sua condição de resistir a desafios de risco, valorização de atitudes e comportamentos que viabilizem a construção de sua identidade.

No entanto não podemos deixar de considerar a importância das políticas públicas que se caracterizam pela afirmação de direitos, aí incluindo e defendendo o ECA, comprometidos e conscientes de nosso papel no contexto social possibilitando formação integral, consolidando um futuro digno com respeito ao adolescente pela sua realidade cultural.

Tendo como perspectivas os paradigmas dominantes do meio social em que se insere a instituição escola, sua ideologia autocrática e autoritária, bem como os novos paradigmas que se apresentam em virtude de uma nova conceituação do que é a adolescência em especial essa adolescência brasileira dividida em classes antagônicas, aqueles que estudam em escolas públicas, e os que estudam em escolas privadas, os que são “maus” e os que são “bons”, a formação do professor espelhada em uma escola elitista, uma escola que espelha a sociedade e reproduz essa mesma sociedade ainda dependente da proteção estatal, de políticas públicas que com um discurso ideológico de escola para todos, marginaliza os menos favorecidos em especial o culturalmente pobre, o estigmatizado, o adolescente infrator. Concluimos que a proteção ao adolescente contra os riscos a que está exposto, bem como o resgate do adolescente em conflito com a lei é possível desde que haja “vínculo” e comprometimento da sociedade em suas diversas instituições. Estado, família e escola.

## **9.7 - Educação, adolescência e cidadania**

Os meados do século XX foram marcantes para a reflexão sobre a importância da educação para a sociedade, já nos idos das décadas de 70/80 tivemos os teóricos crítico reprodutivistas que mostraram a escola como (re) produtora ideológica construindo e reconstruindo as diferenças sociais. A partir desse período torna-se evidente o reconhecimento da importância da educação na construção social democrática.

A sociedade contemporânea exige demandas complexas da educação, particularmente da educação enquanto “dever do Estado”, que exige o cumprimento de sua função pedagógica, política e social, em sendo um espaço de transmissão de conhecimentos, de formação do cidadão e de socialização.

Vivemos num mundo em que se privilegia o conhecimento e a tecnologia, como bem colocada por alguns pesquisadores o atual momento da civilização não apenas é a era da informação, mas a chamada era da sociedade do conhecimento. E é essa sociedade que busca por uma nova escola. Por uma escola diferente no jeito de ensinar e de aprender.

Uma sociedade que está em constante metamorfose implica em uma sociedade que acompanhe as mudanças que ocorrem nessa sociedade, não cabe mais os velhos paradigmas de que o insucesso da educação está no fato de os alunos não quererem estudar. Nas duas últimas décadas as mudanças no campo da tecnologia da informação e da comunicação interferiram em todas as áreas do conhecimento tanto na velocidade da produção/ criação do conhecimento quanto no uso e apropriação destes pela sociedade. Dizer que os meninos não têm interesse na escola é desviar o foco do problema. Em nossa vivencia junto à escola e seus partícipes constatamos estar o problema mais na forma que a escola produz e reproduz o conhecimento do que no senso comum de que “os jovens não querem aprender”.

Se o jovem quer aprender, se a escola quer ensinar, se o conhecimento é importante para todos, principalmente para aqueles que fazem parte da construção da sociedade, o adolescente, entendemos estar o problema na forma que o adolescente aprende e na forma que a escola ensina.

Enfrentamos conflitos constantes no interior das instituições escola, sociedade, família e outras, pois nos prendemos a valores arcaicos que se encontram arraigados em nossa visão de mundo. Lutamos por uma sociedade democrática, que garanta direitos de liberdade e igualdade, ficamos indignados com governos autoritários e autocráticos, questionamos a organização política, a corrupção, a chamada cleptocracia e continuamos nos portando dentro do senso comum de que não fazemos parte disso, não temos nada com isso.

Começando pelo fato de que queremos uma sociedade democrática temos que repensar profundamente a respeito da organização da escola sob uma perspectiva democratizadora com vistas a sua função social, política e pedagógica, desvestir-nos dos véus que velam nossa visão de mundo e reconhecer que é peremptório haver mudanças no jeito de ensinar.

Sob esta perspectiva acredito que se os meios tecnológicos fornecem informações em tempo real e nosso aluno busca através desse tipo de comunicação saciar suas vontades de conhecimento. Não se trata dele não gostar da escola ou de aprender e sim que não gosta é da forma que a escola ensina. Nestes novos tempos é fundamental que professores, gestores estejam "anteados" com o mundo adolescente e isso demanda esforço coletivo de todos que fazem educação.

Tal referencial não é novo, nos anos 90 a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) estabeleceu como princípios fundamentais sobre a educação para o século XXI os quatro pilares da educação: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Ser e Aprender a Conviver.

O desenvolvimento de habilidades que propiciem as competências necessárias para o domínio destes quatro pilares da educação objetiva a formação da pessoa capaz de elaborar pensamentos autônomos e críticos e formular seus próprios juízos de valor.

A construção de uma escola sustentada nos elementos dos quatro pilares demanda uma longa travessia, um repensar constante sobre a sociedade contemporânea e suas metamorfoses, sem que se fuja do seu

objetivo maior – o aluno e sua visão de mundo. Não basta que se implantem políticas públicas de escola democrática sem que se desenvolvam relações democráticas nos espaços escolares.

Democracia não é algo dado, mas processo em permanente construção. Podemos tratar aqui de democracia como um “valor” e de democracia como “processo”. Valor porque é conquista resultado de lutas por garantias de direito inscritos em nossa Carta Magna e em todas as leis daí decorrentes, e Processo como algo que se vive, produto daquilo que fazemos, portanto em constante (re) construção.

A escola por suas características formadoras e socializadoras é um espaço privilegiado do exercício da democracia como valor e como processo. A convivência democrática se faz com respeito pelo “eu” e pelo “outro” e entre ambos existe um “nós”, o que nos leva a reflexão de que direitos e garantias implicam mais que o individualismo, implica em coletividade.

E é dentro do conceito coletividade que temos que buscar uma educação para a cidadania, cidadania enquanto reconhecimento de sujeitos portadores de direitos iguais para sujeitos diferentes desvelando as desigualdades sociais e favorecendo a condição de cidadania, concluindo com as palavras de Delors (2001, p. 67) “é na escola que deve começar a educação para uma cidadania consciente e ativa”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Há seres de diferente natureza e a diferença de natureza funda a hierarquia dos seres. A desigualdade, que é natural, não é apenas diferença, mas hierarquia de valores.”*

*(F. Ewald, 2000)*

Algumas regras, normas, hábitos, costumes, preceitos morais costumam ser revogadas pelo tempo, outras precisam ser redescobertas, outras ainda inventadas e reinventadas conforme situações e desafios que enfrentamos. A cada geração o conhecimento adquirido pelos atores nos

contextos sociais em que convivem implica em uma análise histórica, política e social que determinará as visões de mundo que se estabelece nas relações sociais destes indivíduos.

Construímos nossa identidade a partir de nossa visão de mundo que estará fundada nas condições éticas, sociais, políticas que tanto podem nos impulsionar quanto limitar nosso avanço enquanto criatura humana. e é nesse processo de identificação que nos projetamos em nossas identidades culturais, sociais, não uma identidade fixa, única ou permanente, isso se reflete na sociedade construída pelos sujeitos pós-modernos, que são seres dinâmicos, complexos e em constante metamorfose. O processo é algo parcial: a estrutura da identidade permanece aberta, fragmentada e inacabada.

E é nesse contexto que buscamos analisar a adolescência e a construção de sua identidade.

Se a sociedade e a questão social estão em constante metamorfose, também os diversos movimentos da adolescência requerem maior compreensão das diversas concepções de cultura utilizadas com o propósito de discernir os diferentes significados e valores dos hábitos, costumes e comportamentos adolescentes como processos de internalização de regras e normas e como processo de socialização.

*“Posicionar-se no mundo como fonte de iniciativa, de liberdade e de compromisso, é, no fundo, uma questão de ética. Viver e conviver sempre foi e sempre será para os jovens de todas as épocas um desafio que jamais se repete. Uma tarefa que jamais deixará de ser inédita.” (Antonio Carlos Gomes da Costa)*

Consideramos importante para entender os enigmas dos paradoxos da adolescência a construção de uma sociedade inclusiva, menos desigual, com igualdade de oportunidades para jovens de todas as classes sociais. Entendemos ser necessário para que tal simplicidade ocorra que haja maior compromisso e comprometimento de políticas públicas que contemplem a nossa evolução histórico-cultural e a constante metamorfose social.

E sendo a adolescência fruto do processo de desenvolvimento da modernidade, vista de forma ambígua, representando a esperança do futuro e potencial problema, o potencial de proteção que se oferece ao adolescente está intimamente ligado à sua condição de resistir a desafios de risco, valorização de atitudes e comportamentos que viabilizem a construção de sua identidade, movimento que possibilite escolhas decisões e que a partir de suas determinações possa construir e reconstruir sua vida.

Cabe aos educadores a construção de sua autonomia, sem receio de fazer o seu melhor, rompendo paradigmas, quebrando resistências forjando uma concepção articulada e coerente do mundo que os cerca.

Cabe a instituição escola o estabelecimento de políticas públicas que possibilitem o processo democrático e a construção de currículos educacionais formulados e trabalhados de forma consciente, onde o ato de educar tenha como fundamentos a aprendizagem contextualizada, em que a inclusão social seja realidade, em que o educando se aperceba do meio social em que vive e das mudanças pelas quais passa que se desenvolvam os pilares do conhecimento levando o aluno à busca de sua autonomia e humanização constante.

Cabe a todos nós educadores como em uma orquestra, sob a batuta do maestro/gestor, afinar os instrumentos para que o som seja uma sinfonia, e na educação esse som se refere à ética de nosso trabalho, que como dissemos no início de nossas reflexões passa pela máxima de Deus: "amai ao próximo como a ti mesmo". Não mais e não menos. Pois se amamos menos ao próximo, nós o escravizamos com nossa arrogância. Se o amamos mais somos por ele escravizados por nossa dependência.

As grandes virtudes do educador são: "Humildade" em reconhecer-se como ser aprendente, "Persistência" em aceitar os desafios, "Paciência" para não sucumbir a estes, "Tolerância" em reconhecer as diferenças e "Respeito" à construção da identidade de seu aluno.

Que cada educador seja um sonhador, e como tal deixe aflorar em seu aluno a capacidade de sonhar com uma sociedade humana em que cada

um seja capaz de ir além de si mesmo, não esquecendo que é a educação que nos torna humanos completos.

Concluimos nossa reflexão com um pensamento de Jean-Paul Sartre que acreditamos é um ponto de partida para conceituações sobre a metamorfose adolescente:

*“O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a própria história, a superação real dessas estruturas numa práxis totalizadora”.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO. Sergio, Bordini, Eliana e Lima, Renato Sergio de O. **O Adolescente e as mudanças na criminalidade urbana**, In: revista São Paulo em Perspectiva, Vol. 13, nº 4, Oct/Dec. 1999

BECKER, Howard Saul. **Outsiders. Estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

Brasil.MEC.SEF. **Escola e constituição da cidadania**. In: Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 2007, p. 44-49

CÁRDIA, Nancy. **A Violência Urbana e os Jovens**. in: São Paulo sem medo. São Paulo: Ed. Garamond, 2000.

CASTEL. R. (1999). **“Introdução”** (21-46), **“A modernidade liberal”** (211-280). In: CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**, Rio de Janeiro: Vozes.

CIAMPA, A.C. (1984). **Identidade**. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988

- COSTA, Antonio Carlos Gomes da, (1999). Encontros e Travessias – O adolescente diante de si mesmo e do mundo, São Paulo: Instituto Ayrton Senna.**
- EWALD, F. (2000). “Justiça, igualdade e juízo” (129-154). In: EWALD, F. Foucault, a norma e o direito. Comunicação e Linguagem/Veja: Lisboa**
- HOBBSAWM, E. A Era dos Extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.**
- Lei Federal, 8069/1990. Estatuto da Criança e do Adolescente**
- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. Análise sociológica, vol XXV (105-106), 1990: 139-165.**
- SACRISTÁN, Gimeno. O que é uma escola para a democracia? In: Pátio-Revista Pedagógica. Comunidade e escola – a integração necessária, ano 3, nº 10, p. 57 – 63. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, ago./out.1999.**
- UNESCO. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 3.ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC, Unesco, 1999**

## Capítulo 10 - EDUCAÇÃO ESCOLAR



### INTRODUÇÃO

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

Este capítulo tem a intenção de refletir sobre a escola e sobre a prática dos professores, aliás, o que seria do professor se não trabalhasse estes dois pontos: prática e reflexão. O intuito deste texto é auxiliar o professor em formação, *não* lhe fornecendo pistas, pois em cada escola, cada realidade, as necessidades são diferentes e inconstantes, mas *sim*, convidar este professor a buscar em si mesmo o melhor modo de conduzir as questões pedagógicas que o afligem, pois nós não temos um receituário pronto de todas as dificuldades que surgem na escola e ainda, devemos contar com o apoio de tudo o que nos cai em mãos, a leitura, a conversa com os colegas, o aprofundamento nos estudos dos grandes mestres da educação e mais ainda, observando a si mesmo, situando-se dentro desse universo que é a escola, tão discutida, tão relevante, questionadora, formadora de opinião, ponto de encontro de comunidades e crenças.

cultura e lazer; um somatório de responsabilidades, além é claro de fornecer para a sociedade cidadãos que pensam, refletem e interfirmam da melhor maneira possível neste grande universo. Pensar em educação já é algo amplo demais, pois envolve diversas questões histórico-sócio-culturais. Não pretendemos repetir o que os grandes autores nos dizem com tanta propriedade, aliás, tanta que nos permitiu conversar um pouco sobre educação neste capítulo de forma muito particular e, embora não individualista, já que nossos companheiros colaboradores dessa obra comentam diversas outras facetas da escola e da educação. O grande interesse deste trabalho é estabelecer um diálogo com nossos *professores em formação*.

### **10.1 - Importância de uma educação escolar**

A educação escolar, caracterizada pelo tempo de frequência à uma unidade escolar e pelo contato com toda a *formalidade exigida para o ensino*, é algo que vem se configurando de *forma* muito diferente cada vez mais.

Podemos afirmar que tal configuração do ensino se dá através da organização de conteúdos através do planejamento escolar, dos planos de aula, dos estudos didáticos e da parametrização curricular do ensino, definidos pelos órgãos competentes ligados ao Ministério da Educação e Cultura – MEC

A importância da educação escolar, embora ainda levada em conta por todos os envolvidos no meio educativo e na sociedade, continua tendo o mesmo peso, mas não têm se adaptado às exigências do mundo contemporâneo na mesma medida.

Criticas, discursos e discordâncias surgem de todos os lados: dos conteúdos aplicados até sobre a postura e atitudes de educadores e educandos.

Quando pensamos em educação escolar devemos pensar de modo amplo, levando em conta todos os fatores que acompanham seu

desenvolvimento. A “multidimensionalidade” da escola, palavra que, com frequência é repetida nos cursos de formação de professores: as influências do meio social e as exigências que lhe são pertinentes; tudo o que nos leva para algo substancialmente maior e que, muitas vezes é desconsiderado em importância.

O meio social, responsável pela inserção do indivíduo em *seu meio*, adapta-o à conviver e, ainda, necessita da passagem deste pela educação escolar; cobra destes a frequência à escola, o que vem a confirmar a incumbência desta em ser agente transmissor de cultura para as novas gerações de forma sistemática e organizada. A frequência se torna obrigatoriedade e, ao mesmo tempo, é um direito herdado das raízes da nossa sociedade, porém, quando é passado o tempo mínimo de estudo exigido e compatível com a faixa etária, pode ter consequências no momento da inserção deste indivíduo no mercado de trabalho, e até mesmo no *status quo* que os níveis mais elevados de estudo proporcionam para quem os alcança.

Durante muito tempo a escola serviu como meio de manifestação das capacidades intelectuais, porém, era através da memorização e da repetição que o estudo se formalizava e a educação acontecia. Quanto mais capacidade de memorizar e atender aos anseios dos professores, repetindo o que lhe era dito, tanto mais o educando era visto como um bom aluno e que adquirira determinado conteúdo formal. Podemos dizer então, hoje, que a importância da educação formal não se limita aos anos de frequência à escola, mas sim, ao teor, ao fim (ou aos fins!) que se deseja: cidadãos envolvidos com o próprio conhecimento e com o conhecimento de mundo; uma abertura para novas possibilidades.

Nesse sentido, no Brasil, o acesso a educação vem alcançando níveis relativamente satisfatórios, onde podemos perceber que, já na educação básica e, principalmente no ensino superior, as classes menos favorecidas se sentem motivadas para o ingresso e a conclusão dos cursos a que se propõem a fazer, como se fosse uma resposta às oportunidades que lhe são oferecidas através de condições *acessíveis* e, ao mesmo tempo, *condenáveis* pela classe dominante, onde, as possibilidades, no sentido de

posse, eram determinantes para o acesso e para o domínio dos conhecimentos; já com essa abertura no ensino, o acesso não é mais algo inatingível, porém se limita a condição de acúmulo de saberes que este indivíduo das classes menos favorecidas traz em sua bagagem. O que demonstra as incoerências e disparidades pelas quais se reflete o nível cultural de toda uma geração. Por outro lado, os docentes participantes dessa inclusão, possuem e lhes são exigidos, os mesmos conteúdos e preparo acadêmico dos docentes das escolas e universidades públicas e das consideradas de alto nível, mesmo porque, os professores transitam por vários níveis de ensino e por diferentes tipos de instituição, tanto na educação básica como no nível superior.

## **10.2 - Educação escolar e o conhecimento**

Adquirir conhecimento talvez seja a principal motivação para que alunos e professores, educandos e educadores, desenvolvam seus papéis no meio escolar.

Talvez seja por isso que a associação entre educação escolar e conhecimento seja algo tão natural. Nem sempre podemos dizer que essa associação obtenha resultados satisfatórios ou resulte em algo consistente sob o ponto de vista do educador; o mesmo acontece com o educando, que, ao fazer essa crítica, já demonstra um resultado positivo, pois ao percebermos que algo não resultou da forma esperada, já teremos um referencial de que algo precisa ser modificado, adaptado, melhorado.

A educação escolar tem certa propriedade sobre o ensino, já que acontece em um ambiente apropriado, com profissionais habilitados e com tal incumbência social que, muitas vezes, a escola nem sabe que exerce, principalmente nos níveis iniciais da escolarização.

Segundo Yves de La Taille (2009), p.30):

*(...) Informação é o fragmento do conhecimento. Conhecer a data da Revolução Francesa é possuir uma informação. Saber que Rousseau existiu é possuir outra informação. Saber que*

*Maria Antonieta foi a rainha da França e que foi casada com Luís XVI é ter mais uma informação. Conhecimento é colocar em relação essas informações, bem como outras.*

*É entender o papel das ideias de Rousseau para a confecção dos ideais revolucionários do século XVIII, é avaliar em que medida as atitudes de Luis XVI e de sua esposa podem ter influenciado os rumos da política francesa, é compreender por que foi no século XVIII, e não em outro, que a tomada da Bastilha foi possível, e assim por diante. O fragmento em si, a informação em si faz pouco sentido. (...) (Yves de La Taille, 2009).*

Portanto, a informação enquanto fragmento do conhecimento, não o garante, e sim, necessita de elementos que irão construir esse conhecimento. O pouco sentido de que nos diz La Taille se refere a incapacidade de relacionar estes fragmentos, o que dá margem para que certos discursos não tenham consistência, pois não mobilizam o indivíduo para uma busca constante e incessante do próprio conhecimento.

Como seres pensantes, vivemos criticando coisas e situações, assim, a escola, instituição super-exposta diante da sociedade, serve como instrumento para disseminação do conhecimento, e na atual sociedade da informação, esta capta estes fragmentos e passa a servir de agente potencializador de conhecimento. Mas, será que a escola assume essa posição?

Na sociedade da informação, conhecimento passa a ser um objetivo a ser atingido apenas por alguns dos seres ditos *pensantes*. Não vamos aqui entrar na discussão sobre a luta de classes e a imposição desta ou daquela forma de pensar sobre a sociedade, mas pretendemos sim, verificar, refletir e discutir até que ponto a escola e seus interlocutores agenciam o conhecimento.

Quando falamos “escola”, devemos observar o potencial humano existente nela e que está em plena formação. O profissional da educação está preparado para atender o alunado ávido pelo conhecimento? Talvez sim, se esta avidez realmente existir. Por outro lado, será que temos

profissionais da educação realmente preparados? Formados talvez, mas preparados?

### **10.3 - Vamos refletir um pouco mais.**

Será que os profissionais envolvidos com a educação estão a serviço do conhecimento?

Essa é uma grande questão que vem sendo discutida amplamente em encontros, simpósios, congressos, teses e mais teses.

Como dizia o mestre Paulo Freire, o professor é um pesquisador natural e, pensando um pouco sobre isso chegamos à uma constatação: os professores-pesquisadores estão se fechando nas universidades públicas. Professores produzem excelente material teórico-didático, mas a natureza de pesquisador está descaracterizada, já que a profissão docente passa por mudanças regularmente, visando sua adaptação às exigências sociais e de contexto. Nos cursos de formação de professores é comum observarmos, num breve levantamento inicial, que muitos, mesmo frequentando os cursos de licenciatura, não pretendem seguir a carreira docente.

A pergunta que surge então é: Por que as pessoas insistem em frequentar os cursos de formação docente sem pensar em seguir a carreira?

É certo que a formação do professor não é estanque, servindo apenas para o ensino, porém, justamente por essa capacidade de fornecer conhecimento para outras áreas do conhecimento é que deveria instigar e fomentar o exercício docente.

Infelizmente, a opção em não ser professor pode ser pela possibilidade de atuar no mercado de trabalho oferecendo uma segunda opção “profissional” aos empresários e mantenedores. Outro fato é que, esse pensamento pode comprometer toda uma geração de profissionais docentes em plena formação! É óbvio que não podemos frear o acesso a esse “mercado”, porém, todo o cabedal de possibilidades da educação fica comprometido, composto por profissionais que não se envolvem como

deveriam e que não darão continuidade a real e necessária participação da escola na composição da sociedade. Assim, banaliza-se o ensino e a educação já nos cursos de formação. E não é por falta de preparo dos docentes em exercício, que vivenciam a profissão, acertando e errando, aprendendo e ensinando cada vez mais; talvez possamos culpar o excesso de informação da nossa sociedade que, justamente por isso venha desvalorizando o conhecimento. Mas, na prática, o que vemos é que temos um material humano em desenvolvimento, os alunos na escola, que valorizam mais a informação do que o conhecimento e, portanto, cria-se esse círculo. Talvez não haja a *desvalorização*, mas o *desconhecimento*, e nesse momento é que se faz importante essa crítica, não aos alunos, mas aos docentes que exercem sua prática baseando-se somente na informação, desconsiderando o conhecimento.

Pensando de forma reflexiva, aprimorar o conhecimento deveria ser algo mais viável, já que temos muita informação disponível, por outro lado, o conhecimento pode ser considerado como um fim dado à informação, que move o sujeito a pensar subjetivamente nas questões que o cercam e promovem ainda mais o conhecimento. Pensando de forma prática, nossos educadores estão atualizando seu conhecimento ou apenas se baseando nos fatos e informações existentes? Ficarmos discutindo o valor do conhecimento entre nós já é senso-comum, afinal, adquirimos conhecimento sobre nossas especialidades e sempre estamos a discutir nos encontros de professores; sabemos, portanto, distinguir, fornecer indícios certos sobre determinado assunto de nosso domínio, indícios do saber adquirido por mérito próprio. Essa distinção, busca do conhecimento em construção, será que é despertada com intensidade em nossos educandos? Não estamos aqui querendo justificar toda uma geração que valoriza somente a informação, mas sim, preocupados em agregar valor aos interesses e necessidades intelectuais da nossa sociedade atual, que se caracteriza por não acompanhar o processo, mas que valoriza o fim das coisas, exemplo: determinado sujeito é engenheiro, trabalha em uma multinacional, ganha um alto salário, possui todos os bens possíveis e ainda com possibilidade de adquirir ainda mais bens, promovendo um grande acúmulo de capital que servirá

de herança para tantas outras gerações familiares que virão. E antes disso? Como foi que esse sujeito tão bem sucedido chegou a esse ponto profissional e com brilhantes perspectivas futuras? Pode parecer algo que já saibamos a resposta: ele estudou nas melhores escolas e universidades, se formou e se firmou na profissão por dedicação, estudo e aperfeiçoamento. Porém, se não fosse despertado para isso, se esse indivíduo não atualizasse o seu conhecimento e desse valor a ele, talvez nada disso tivesse acontecido. Esse exemplo tenta ilustrar a necessidade, então, de se distinguir informação e conhecimento e manter essa busca constante. Talvez nessa necessidade é que se manifeste o papel do educador: desenvolver um conjunto de normas educativas e pedagógicas que sirvam como elemento propulsor para o desenvolvimento global dos indivíduos. A sociedade, por sua vez, cobra tanto de um quanto de outro, e a inserção desse indivíduo só será aceita se este atender aos apelos e exigências da sociedade.

#### **10.4 - Qualidade de ensino nas escolas**

A qualidade de ensino nas escolas é algo que vem sendo, cada vez mais, perseguido pelos mantenedores. Tentando buscar qualidade desenvolvem-se uma série de ações dentro delas, que a movimentam sob diversos aspectos: primeiramente, questionando a prática dos professores, depois, implantando recursos multimeios e tecnológicos para demonstrar de forma física a qualidade esperada, também, através da exigência de professores formados nas melhores universidades, ampliando instalações, oferecendo serviços como material didático, etc.

Nossa realidade não fica somente no sentido da modernização da escola e de suas instalações. A contradição se instala junto com essa preocupação. A escola pretende impor um ritmo qualitativo bastante avançado, mas o envolvimento destes profissionais é cada vez menor. Primeiramente porque os professores acabam se comprometendo profissionalmente com várias escolas, portanto, não conseguindo

administrar a carreira e o desenvolvimento de um trabalho de forma organizada.

## **10.5 - Questionando a prática dos professores**

Será que o professor precisa ser questionado em sua prática constantemente?

Quem podemos considerar “apto” para fazer esses questionamentos?

Para se levar em conta a qualidade de ensino é preciso, antes, que o próprio professor se questione, reveja sua prática, reelabore suas ideias. Mas, como tratar isso de modo a não desconsiderar o que o professor já tem desenvolvido em sua prática?

São muitas questões, propostas, discussões.

Podemos tentar aqui, levantar uma discussão acerca da formação de professores e sua prática da seguinte maneira:

O professor, tanto da escola pública, quanto da escola privada, tende a se acomodar numa prática que o caracteriza como profissional competente. Na escola pública, professores estão amparados pela estabilidade de emprego que a instituição pública oferece aos concursados. Na escola privada, os professores possuem uma formação que tenta se adequar a demanda de mercado e, inclusive, empresas de recrutamento e seleção se especializam no ramo educacional para “encaixar” os professores com perfis adequados às solicitações das escolas privadas. Vejam, surge então, uma dinâmica paralela entre os dois tipos de ensino: público e privado. Nada impede que um professor da escola pública transite por estes dois mundos, o que é altamente positivo para os alunos assistidos por esses profissionais, mas, ainda, não desvendaremos de forma tão simples o que acontece nos paralelos entre ensino público e ensino privado. Talvez a grande dificuldade, o grande nó que encontramos é justamente no que se espera de uma e de outra.

Transitando pelos dois mundos, numa escola pública de periferia, encontramos alunos ávidos para aprender, porém, sem estímulo suficiente para prosseguir seus estudos. Cito um exemplo que tive a oportunidade de acompanhar. Em determinada escola da rede municipal de São Paulo, buscando informações sobre matrículas, não pude deixar de observar o que acontecia à minha volta. Estava eu aguardando na secretaria e notei que muitos pais estavam chegando à escola: era dia de reunião de pais. Curioso, acompanhei as conversas. O pai chega e, antes mesmo de perguntar algo, já é encaminhado para o local onde está sendo distribuído o leite: incentivo para a frequência dos filhos carentes de escola e de outras coisas mais. Observo que os pais, retiram as latas de leite e sequer param para perguntar sobre o andamento dos filhos nas séries e nas atividades discentes. Não gostaria de adentrar num discurso panfletário, mas é impossível ficarmos passivos diante do que acontece na escola pública. A institucionalização da pobreza e a normatização do ensino, caminham em lados opostos: as famílias e os filhos dessas famílias vão para a escola em busca de possibilidades para a vida, no caso, o alimento básico – leite. Quantos filhos você tem, tantas latas de leite você tem o direito de receber. Alguns pais, vendem as latas de leite para completar a renda ou fazer o que bem quiserem com o lucro; outros, ficam satisfeitos em poder fazer do leite em pó o alimento disponível para seus filhos antes de eles irem para a escola e até mesmo, para a alimentação de toda a sua prole. Além disso, as crianças frequentam a escola em busca da alimentação que é servida, em algumas escolas, com muito esmero, em outras, nem tanto. Nesse sentido então, obviamente que não estamos generalizando, mas, a escola pública com esse perfil assistencialista, não se preocupa ou tende a deixar a preocupação com a qualidade em segundo ou terceiro plano. Sem contar as dificuldades com relação ao material didático, as instalações precárias ou deficientes e ainda, o corporativismo que impera por conta da estabilidade de emprego que a união garante aos seus funcionários concursados.

Na escola privada, a busca pela qualidade fica mais evidente na conservação do prédio, nas instalações, na formação continuada dos professores e no perfil dos alunos que a frequentam. Para o mercado educacional, cria-se a concorrência e, no mundo capitalista em que

vivemos, a concorrência é algo vital para que esse sistema se mantenha, assim, embora os mesmos educadores das escolas públicas tenham a liberdade de transitar entre estes dois mundos, a exigência da escola privada pode ser mais elevada no tocante à qualidade de ensino e sobre a prática docente, além disso, os pais são mais presentes por conta da prestação de serviços educacionais que a instituição particular promove. Mesmo tendo vários fatores que diferenciam a escola pública da escola privada, temos ainda, um lado extremamente perigoso e comprometedor de todo um processo educacional na escola particular: a escola como “negócio”.

Se o mantenedor considera sua escola como um negócio, a qualidade tende a aparecer somente no aspecto visual e atraente ao pai-pagador-cliente, se estendendo à exigências irrelevantes para com o seu corpo docente, doutrinação de funcionários, formação deficiente de novos grupos sociais que podem viver em um mundo particular e limitante, além de alienante. A escola particular, nesse sentido, pode prestar um desserviço para a educação, porém, pode ser algo superrentável para o negócio, e isso é algo que passa longe das preocupações dos mantenedores.

Infelizmente há escolas assim e isso pode mudar, desde que tenhamos claro, como profissionais da educação, nossas convicções sobre a profissão docente e sobre nossos anseios enquanto formadores de pessoas. Isto não fica somente na esfera profissional, passa também pela questão da nossa formação individual. O profissional habilitado para o ensino, que aqui podemos tratar como o pedagogo, embora tenhamos em todas as licenciaturas, profissionais altamente capacitados, desenvolve um certo romantismo, um idealismo para a educação e isso permeia sua vida profissional. É comum a facilidade de adaptação destes profissionais aos ambientes educativos, já que o perfil destes desenvolve características básicas como o amor pela profissão, o carinho pelas crianças e o entendimento de muitas das dificuldades por que passam nossos educandos.

## **10.6 - Educação e sistema escolar: existe diferença?**

Aspectos importantes devem ser considerados quando se fala em Educação Escolar.

Acompanhar toda uma trajetória educacional exige muito trabalho e envolvimento de qualquer pessoa que esteja realmente envolvida com um trabalho educativo. Nesse sentido, educação se diferencia de sistema escolar. Vamos juntos procurar entender essa diferença.

Num passado distante, Educação se resumia em ter no mestre uma referência de vida, de postura, considerá-lo como uma fonte de conhecimento permanente; o professor não precisava se preocupar se o aluno aprendia, mas sim, com o que ele ensinava; o importante era ele ser o detentor máximo do conhecimento e ter a capacidade de ensinar isso aos alunos. Isso dentro do ensino tradicional.

Pouco mais tarde, a educação passou a se preocupar com o acesso e a inclusão, no Brasil, voltando um pouco na época da ditadura militar, o acesso, embora garantido e obrigatório, impregnava a prática educativa de cobranças de nivelamento de ideias e ideais políticos, ou seja, a escola e a educação eram voltadas para os interesses do regime político social dentro daquele contexto em que nosso país se encontrava. Sendo assim, a Educação tinha determinados fins, assim com ainda tem, porém, esse tipo de educação estava carregado de interesses relativos a doutrinação de todos os estudantes, futuros eleitores e apoiadores de determinado regime.

Educação, surge já no núcleo familiar e assim, é algo natural e passado de geração em geração com o apoio da escola como instituição-agente transmissor de cultura. Acontece que, para que essa educação realmente aconteça, é preciso que desenvolvamos recursos para viabilização do ensino, e assim surgem os sistemas educacionais que são recursos, metodologias, exigências pedagógicas que, devidamente regidas pelos órgãos competentes e pela legislação educacional, são criados e implantados nas escolas. Existem inúmeras empresas especializadas em desenvolver sistemas de ensino, cada empresa, embora adque os

conteúdos obrigatórios, incluem outros serviços educacionais como: formação de professores, treinamento de funcionários, elaboração e produção de material didático e audiovisual, site com tira-dúvidas online, etc... Cada um destes sistemas, embora atuando em educação como um todo, possui particularidades que instituem *marcas* à educação. Não podemos afirmar categoricamente que isso possa ser algo extremamente ruim ou, com a mesma intensidade, benéfico à educação; devemos acreditar que os sistemas são possibilidades que agregam valor aos serviços educacionais prestados pelas escolas, principalmente nas particulares, onde cada escola adota um sistema diferente, o que, ao mesmo tempo pode imprimir a qualidade nos serviços prestados ou demonstrar certa fragilidade com relação à identidade pedagógica da instituição.

## **10.7 - Sistema de ensino e escola privada**

Uma escola, quando se institui, necessita atender inúmeras exigências para que possa funcionar e prestar os serviços educacionais.

Para isso, é preciso uma série de requisitos que devem ser levados em conta, desde o tipo de clientela que atenderá: qual o perfil que esta instituição terá no bairro em que está inserida, até a formação dos professores que esta exigirá, por exemplo: escolas que somente aceitam professores com formação acadêmica em instituições públicas (USP, UNICAMP, UNESP etc.). Por outro lado, existem escolas que funcionam como um “negócio”, ou uma “empresa”, simplesmente incluindo “clientes” para prestação de serviços educacionais. Obviamente que toda escola privada exige uma estrutura empresarial, já que precisa se organizar para atender melhor seus clientes, cuidar de seus funcionários, manter suas instalações, folha de pagamento, secretaria acadêmica, dentre outros: o fato é que, se esta instituição tende para somente a prestação de serviços e deixa de lado as grandes questões e problemáticas pedagógicas que surgem, a escola, embora instituída e em pleno funcionamento, perde em sua essência que é dar continuidade ao processo de transmissão de

conhecimento e de cultura de toda uma geração, formando cidadãos pensantes e atuantes na sociedade. Uma instituição com esse perfil passa a ser somente uma empresa que visa lucros e que busca atender aos seus clientes da melhor maneira possível. O outro lado dessa questão é que a escola se reafirma como excludente e, mesmo se falando tanto em inclusão hoje, demonstra com clareza essa característica intrínseca nos moldes da escola desde o século XVI, onde tal distinção era feita pela burguesia. Assim, por mais vistas à modernidade que tenhamos, acabamos por conviver com um sistema escolar implacavelmente excludente.

O sistema de ensino, portanto, na escola privada, dá conta de todo o trabalho pedagógico e procura não descuidar da qualidade do ensino. porém, a frente de trabalho educativo necessita de que não descuidemos da essência, da relação básica que se dá dentro dela: professores, pais, alunos.

A escola, e nesse sentido, incluímos a pública principalmente, deve ter a sensibilidade de desenvolver um trabalho, criar uma sistemática de ensino que consiga compreender a necessidade do povo; o que não a diferencia da escola privada; é fundamental que esta também não descuide do sistema; preparando não somente riquíssimos roteiros e planos de aula, completos e com questões atuais, mas, envolvendo seus interlocutores, permitindo que estes acrescentem conteúdo e contextualizem os assuntos e os adapte para a realidade de sua comunidade educativa. Para que se tenha uma escola privada que não exclua, é preciso definir o tipo de clientela, não fechando os olhos para os problemas que esta pode ter, e sempre os terá, e sim, uma escola que cuide para que se mantenha voltada para o crescimento dos indivíduos.

### **10.7.1 - Educação formal e informal: como acontece?**

Todos os indivíduos, iniciam sua vida em sociedade no seio familiar, onde, desde pequeno precisa saber se relacionar com outras pessoas, no caso, os entes familiares. Nesse momento, se institui a educação informal, já que o indivíduo passa a ser preparado para conviver com as outras pessoas e a lidar com as diferentes características que cada uma traz em si. Assim, a educação informal vai possibilitando o desenvolvimento de

valores. Os valores construídos pela educação dada pela família vão se aperfeiçoando à medida em que esse círculo de relações vai se ampliando. Dentre os primeiros grupos em que o indivíduo em formação vai se inserindo está a Escola. É na escola que o indivíduo tem a oportunidade de expandir suas relações, passando a compreender os primeiros passos para se relacionar com o outro e sua completa adversidade de valores, críticas e pareceres individuais.

A educação formal se dá, portanto, na Escola. E não poderia ser em outro local.

É na escola que há a mobilização dos indivíduos para o conhecimento e para a formação de cidadãos pertencentes a uma sociedade. A instituição escolar é a responsável por inserir estes indivíduos no mundo através da sistematização da aprendizagem, mesmo que ela não reconheça esse real papel da organização das séries que respeitam as fases do desenvolvimento humano e da introdução de temas diversos para enfrentamento da vida.

Na escola é que nós nos enxergamos e conseguimos enxergar o outro de forma diferente e com vistas a compreender a complexidade das relações humanas. O professor é agente disso tudo e, ainda, influencia seus alunos na postura, sua credibilidade enquanto ser social, o caráter... a responsabilidade que o professor tem é grande diante do desafio da educação formal. Ser agente destes indivíduos nos responsabiliza pela inserção destes na sociedade, e assim, aumenta a responsabilidade da escola e da educação formal como um todo.

## **10.8 - Educação escolar e responsabilidade social**

A responsabilidade social é algo que a escola ainda precisa assumir, já que toda uma sociedade passa pela escolarização. E responsabilidade social não é apenas favorecer a população com mensalidades acessíveis

nos cursos, mas sim, compreender a importância da escolarização e da inserção dos indivíduos na sociedade. A escola precisa compreender esse seu papel, de suma importância, assumir a responsabilidade sobre o ser social que ela desenvolve. Isso somente poderá ser garantido com o direito à educação escolar para todos. Por isso o peso dessa responsabilidade precisa ser sentido por todos nós, educadores e futuros educadores. Garantir o direito à educação é nosso dever e toda a sociedade cobra isso da instituição escolar. Pena não poder internalizar essa vontade em todos os interlocutores da escola. É um grande passo que precisamos avançar para garantir essa possibilidade, não somente de acesso, mas de continuidade, o que é mais complicado ainda e que é o mais difícil de ser realizado. Por isso a exigência de uma postura responsável do professor e dos agentes da educação em nosso país.

### **10.9 - Interesse dos alunos**

Cativar os alunos é um grande desafio em nossa profissão. O interesse deve ser grande, não somente por parte dos alunos, mas também, pelos professores. Porém, despertar o interesse dos alunos para a própria aprendizagem vai de encontro aos anseios que este jovem tem e da realidade da qual ele provém. O professor, agente direto, que costumo dizer: Infante da educação, já que estamos na linha de frente da educação; precisa saber detectar os interesses do aluno que o espera e que espera atitudes significativas com relação a sua aprendizagem e ao seu modo de vida. É preciso remeter ao nosso passado como aluno das séries iniciais e lembrar todos os nossos passos, importantes passos para uma aprendizagem significativa. Ser professor é favorecer o interesse do aluno, seja este de qualquer camada social; a prontidão para a aprendizagem está posta, no momento em que este aluno passa a frequentar a escola. Não é obrigatório que o professor cative seus alunos de forma idêntica, mas, fomentar o interesse sim, este é fator primordial para o desencadeamento de todo um processo significativo para este indivíduo.

## **10.10 - Qual o sentido da educação escolar?**

A educação escolar tem, como sentido, a escolarização, a inserção dos indivíduos numa sociedade mais justa e que atenda aos anseios de progresso e de evolução de toda a humanidade. Pode parecer algo utópico, mas nós, educadores, lidamos com a nossa ideologia de um modo bem particular: fazendo acontecer a aprendizagem e a educação, a qualquer custo, de qualquer forma. A nossa missão é que dá sentido à educação escolar. Portanto, ser professor, e acreditar ser um professor sempre em formação é algo inacabado. Estamos sempre aprendendo com todas as dificuldades que surgem na escola e em todos os sistemas educacionais. Parar é impossível. De estudar, de ler, de se aproximar dos alunos, de vivenciar a profissão docente. Vivenciar a profissão docente é o que dá sentido à educação escolar.

Ser professor não é somente “cuidar” de uma sala de aula e distribuir conteúdos. É vivenciar, se preocupar com o outro, é ter uma profissão de fé onde tudo o que pode ser realizado necessita de intervenção e de apoio. Ser professor é, acima de tudo, ser humano o suficiente para compreender as dificuldades próprias e inerentes ao ser racional. Vivenciar a profissão docente é algo raramente atingível para todos os profissionais docentes. É algo, talvez inatingível para aqueles que estejam de passagem pela profissão. O que queremos para o nosso mundo melhor? O que pretendemos para o futuro... da nação? Da população? Dos homens? Tudo isso nos remete à figura do profissional docente, que necessita de outros elementos como a ética, a postura, a didática e a a compreensão do outro enquanto ser único. Ser profissional docente pode ser algo que nomeie uma profissão somente, mas incorporar as minúcias da profissão é algo que cada um de nós sentirá de uma forma, vivenciará de outra e traduzirá diferentemente, embora querendo dizer algo parecido com o que havíamos ouvido, ou lido antes. Ser profissional docente é ter uma profissão de vida que nos engrandece, acima do que a nossa compreensão nos permite. É a entrega, a resiliência, a dedicação e a extrema busca de uma competência que sabemos, nem todos tem e nem todos desenvolvem. Ser Professor é ser escolhido. É vivenciar uma prática que permeia a nossa vida inteira e

sabemos que fomos escolhidos para tal. É a entrega para algo maior que nós só conseguimos compreender quando encontramos nossos ex-alunos, formados, desenvolvendo suas atividades profissionais e, quando se lembram de nós, nos gratificam com o maior dos prêmios por toda uma vida de dedicação e envolvimento. Portanto, ser educador não é fácil, é trajetória profissional e de vida. É ser algo diferente a cada dia e a cada instante. É a busca do melhor em nós mesmos e de algo melhor para o nosso mundo. Seja educador. Nós recomendamos, para o nosso próprio bem estar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. v. 10. (Coleção O mundo Hoje).
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1984. v. 4.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 28 ed. Rio de Janeiro; Paz e terra, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. v. 1 (Coleção Educação e Comunicação).
- GADOTTI, Moacir ROMÃO, José E. (orgs.) **Autonomia da Escola: princípios e propostas**. São Paulo: Cortez, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Escola cidadã**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997. v. 24. (Coleção Questões da Nossa Época).
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.

**LA TAILLE, Yves de. Formação Ética: do tédio ao respeito de si.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

**MACEDO, Lino de. Ensaio Pedagógico: Como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: Artmed, 2005.

**MORIN, Edgar. Os Setes Saberes necessários à Educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 1999.

**PERRENOUD, Philippe. 10 Novas Competências para Ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

**RIOS, Therezinha Azerêdo. Compreender e Ensinar. Por uma docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez, 2001. 2ª ed.

**foxit**

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

## Capítulo 11 - ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO



*Profa. Neurisângela Maurício*

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

### INTRODUÇÃO

*A luta pela qualidade da Educação Superior Brasileira exige compreensão do antes, dos meados, do durante e uma leve pincelada das perspectivas para o depois. Fora disso, temos apenas uma luta meramente empírica, sem fundamento e, conseqüentemente, fadada ao fracasso.*

*(a autora)*

Submersos num contexto assolado pela depreciação dos direitos sociais, dentre os quais se destacam o direito à Educação superior, faz-se mais que pertinente propor reflexões em torno das políticas que

historicamente vêm permeando as universidades brasileiras e legitimando seu caráter elitista e excludente.

Nesse esboço, convergem as questões norteadoras deste capítulo: Como e onde se localiza a Educação Superior no contexto histórico brasileiro? Como os grandes autores da literatura dessa área abordam esse processo? Quais as perspectivas de um novo olhar para o Ensino Superior brasileiro com foco na mudança? Como tem se efetivado a educação nas universidades brasileiras? Qual a distância entre o ensino superior elucidado na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que rege a Educação nacional (9394/96) e a realidade atual? Quais as influências positivas e negativas das mudanças inerentes a Reforma Universitária na atualidade? Quais desafios perseguir?

Essas são interrogativas, as quais nos orientarão rumo a compreensão das elucidações e implicações desdobradas no decurso desse trabalho. Nessa perspectiva, é mister corroborar o enunciado de Vargas mencionado por Guiraldelli (1994: 99) em que dizia: “A verdade é dura, mas deve ser dita. Nunca no Brasil, a educação nacional foi encarada de frente, sistematizada, erguida, como deve ser, em legítimo caso de salvação pública”.

Considerando a potencialidade do assunto primazia-se, aqui, pelas pesquisas em textos de Freitag, Freire, Chauí, Hernández, bem como em outras leituras diversas, inclusive da história geral da humanidade confrontando-os com leituras da contemporaneidade, o que nos abre um leque de informações acerca dessa demanda que concomitantemente se chocam como se fosse um repertório ecoado através dos tempos e que insiste em se manter inconcusso.

Assim, na tentativa de apontar rumos para uma discussão fundamentada e coerente, o texto que se segue faz-se um chamamento para a mudança necessária acerca da Educação Superior, a fim de que, no mínimo, despertemos para as sublinhas ideológicas que tem circundado e posto em risco a universalização e a qualidade desse direito tão valioso de e para todos.

## 11.1 - À luz de grandes pensadores: breve histórico crítico reflexivo

É impossível dissertarmos bem sobre algo sem antes o situarmos dentro de um contexto histórico, social e econômico.

Nesse ínterim, vale ressaltar que todo o nosso histórico educacional jamais esteve desvinculado de termos como liberalismo, modernidade, política, legislação, positivismo, ideologias e outros que têm edificado um sistema educacional iníquo e bajesto, em especial no que se refere ao Ensino superior, cujas práticas vêm sendo, cada vez mais, abduzidas de projetos que de fato venham alterar a pirâmide estratificadora que é a sociedade capitalista em que (sobre) vivemos.

A título de contextualização, assumimos a Educação Superior como a moeda do milênio e voltemos então, às bases que regem o Sistema educacional: a lei.

É óbvio que essas leis trazem implicações, normas e políticas produzidas por uma elite que secularmente preza pela manutenção da ordem social capitalista, em que se vigora os ideais de Adam Smith<sup>33</sup>, cujas vertentes eximem o Estado de qualquer intervenção no campo econômico, já que essa poderia atrapalhar no crescimento desse campo (*Laissez-faire*). Ainda nesse sentido, poder-se-ia afirmar, também, a presença do liberalismo econômico de Malthus, em que defendia a ideia de que o Estado não deveria se preocupar com os pobres, pois eles eram os culpados por sua própria pobreza. Este, o Estado, deveria se preocupar com os ricos – financiando e/ou patrocinando suas artes e pesquisas científicas – pois eles, sim, seriam os promotores o progresso.

Retomemos a conotação Educação Superior como *moeda* do milênio. O termo em destaque sugere economia. E sendo o Estado responsável pela educação, de certa forma, também estaria interferindo nos ideais liberais já mencionados e conseqüentemente estaria se preocupando com os pobres. Logo, seria preciso uma política ideológica mais acirrada, que

---

<sup>33</sup> SCHMIDT, Mário. *Nova História Crítica*. 2ed. São Paulo: Nova Geração, 2002.

eximisse o governo de tal obrigação, ou que adotasse medidas que impedissem qualquer possibilidade de abalo na ordem social vigente. Como a educação é moeda, nem o Estado, nem os liberais perderiam com a segunda opção, apenas o povo, subalterno e "sem prestígio" seriam desprovidos de desenvolvimento, mas preocupar-se com isso não era dever do Estado e muito menos dos liberais. Freitag (1986:88) explana uma dessas medidas adotadas pelo governo brasileiro, coerente com a lei da reforma universitária de 1968:

*Foi promulgado o decreto-lei N° 477. Este atribui às autoridades universitárias e educacionais (MEC) o poder de desligar e suspender estudante em atividades que fossem consideradas subversivas, isto é, perigosas para a segurança nacional. Durante o tempo de suspensão (três anos) os estudantes atingidos ficariam impedidos de se matricular em qualquer outra escola de nível superior do país.*

Percebe-se, dessa forma, como se deu o malogro desse nosso direito social que, paulatinamente, fora e/ou está sendo exaurido do cenário das classes populares, aliás, as únicas ainda interessadas na ideia de revolução.

Côncios da vasta dimensão da temática é preciso considerar ainda o termo modernidade, pois toda educação que se preze deve estar consentânea com tal. A modernidade, na verdade, é um termo que surgiu em detrimento da valorização da cidade sobre o campo; do crescimento do espaço capitalista e industrial; da supremacia do indivíduo sobre a comunidade; das mudanças rápidas sobre a tradição; e, principalmente, da ciência sobre a religião. A modernidade teria sido uma imensa vitória se as conquistas e revoluções nela concentradas não tivessem se sobreposto aos valores humanos, até porque, tudo, com a modernização, inclusive a educação e o bem estar da população, tem sido sutilmente e desavergonhadamente delegados ao mercado:

*O mercado é portador de racionalidade sócio-política e agente principal do bem estar da República. Esse pressuposto leva a colocar direitos sociais (como a saúde, a educação e a cultura)*

*no setor dos serviços definidos pelo mercado [...] Encolhe o espaço público democrático dos direitos e amplia-se o espaço privado não só onde isso seria previsível – nas atividades ligadas a produção econômica – mas também no campo dos direitos sociais conquistados*

*(CHAUÍ, Marilena. Folha de São Paulo, 1999)*

Perante o mencionado, vê-se a dimensão do afastamento do liberalismo político de Locke, onde se admite que o Estado (governo) só existe para servir o povo, protegendo seus direitos fundamentais: vida, liberdade, propriedade e outros. Contudo, simultâneo a esse afastamento, legitima-se século a século, década a década, dia a dia a forte invasão dos ideais positivistas de Comte, em que a ciência equivale a mudança social e não a democracia ou a revolução. Acredita-se na "ditadura dos sábios, únicos que teriam condições de garantir a ordem e o progresso" (SCHMIDT, 2002:17). Garantia essa estampada não só na nossa bandeira nacional, mas em toda a face histórica de nossa educação. Isso pode ser comprovado ao analisarmos os primórdios da educação sistematizada no Brasil – o ensino jesuítico – o qual era caracterizado pela bifurcação: catequização para os índios, objetivando além do aumento de adeptos cristãos, torná-los dóceis, passivos à colonização; e instrução intelectual para os nobres, filhos de colonos. Esse ensino, financiado pelo Estado, mas efetivado pela Companhia de Jesus começa a desagradar, pois estava abalando a unidade cristã, bem como a unidade da sociedade civil. Todavia, os motivos que desencadearam a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, foi além disso: eles detinham um poder econômico que deveria ser devolvido ao governo e estavam educando o cristão a serviço da ordem religiosa e não dos interesses do país (RIBEIRO, 1998:33).

Com a expulsão dos jesuítas o Brasil viveu um período de decadência intelectual até que surgiu, com a reforma pombalina, um novo modelo de educação financiado pelo Estado, entretanto, agora, para o Estado:

*Do ponto de vista educacional, a orientação adotada foi de formar o perfeito nobre, agora negociante; simplificar e abreviar os estudos fazendo com que um maior número se interessasse*

*pelos cursos superiores [...] torná-los os mais práticos possíveis. Surge com isso o ensino público propriamente dito. Não mais aquele financiado pelo Estado, mas que formava indivíduos para a Igreja, e sim o financiado pelo e para o Estado.*<sup>34</sup>

Assim, a inauguração dos cursos superiores no Brasil (1808 a 1814) foi marcada desde então pela insígnia do separativismo e desprovidos de sua mais relevante faceta: a pesquisa científica.

Em outras palavras, o ensino deixou explícito a que e a quem veio. Era um ensino limitado e fragmentado, embasado em modelos inoperantes, mas por ser ensino superior já era mérito, excelência, e, por isso, a preocupação dos pais – burgueses – em fazer os filhos ingressarem nessas entidades de ensino, matriculando-os em Liceus – colégios preparatórios para o ingresso nos cursos superiores. Pouco se importavam com a ética ou com os valores humanos, o que lhes vislumbravam era a possibilidade de ascensão econômica, ou melhor, de se manter inserido na classe dominante.

Afinal, a educação organiza-se sempre em consonância com tal classe, assim como com suas ideologias; o que é notório nas asseverações de Cury (1985:13) onde afirma que a educação se opera, na sua unidade dialética com a totalidade, como um processo que conjuga as aspirações e necessidades do homem no contexto objetivo de sua situação histórico-social. A educação é, então, uma atividade humana partícipe da totalidade da organização social. Essa relação exige que se considere como historicamente determinada por um modo de produção dominante, em nosso caso, o capitalismo. E no modo de produção capitalista, ela tem uma especificidade que só é inteligível no contexto das relações sociais resultantes do conflito de duas classes fundamentais.

Apesar da precariedade do ensino superior que vigorava no Brasil, com a mudança de modelo econômico (rural-agrário para urbano-comercial) ainda se acreditava que a educação era a peça principal na resolução dos

---

<sup>34</sup> *ibid*: História da Educação Brasileira - a organização escolar.

problemas do país. Por essa razão sonhava-se com uma universidade melhor, em que professores e alunos seriam livres para ensinar e aprender o que fosse melhor para todos.

É incontestável que isso não ultrapassou do plano onírico. Em 1980 com a intensidade dos movimentos sociais, acirrou-se a disputa pelas escolas públicas e privadas<sup>35</sup>; instituiu-se uma forte discussão em torno dos currículos, mas nada apagou a ótica de que a educação superior no Brasil foi sempre subserviente a uma única ordem: a dominante (elitista liberal).

Isso prevalece desde a sua inauguração até os dias atuais, confirmado inclusive na lei que hoje rege a nossa educação (LDB, 9394/96)

*A LDB abre possibilidade de instituições privadas de ensino superior receberem verbas públicas (além das atividades universitárias de pesquisa e extensão previstas na Constituição Federal), uma vez que contempla a oferta de bolsas de estudo para instituições particulares. (§2º, Art.77)*

É imprescindível dizer que seria louvável o sistema de bolsas mencionado no texto de nossa LDB, caso essas fossem oferecidas àqueles que realmente delas necessitam. Mas já sabemos que isso abalaria a ordem o que é definitivamente inaceitável! Até que todos assim o queiram.

### **11.1.1 - Novo (velho) olhar com foco para o futuro: princípio da mudança**

*O novo não se constrói sem o velho e é a situação de tensão e conflito que possibilita a mudança.*

*(CUNHA, 1998:25)*

Efetivar qualquer abordagem no tocante ao Ensino Superior brasileiro na atualidade exige, a priori, uma ressalva: muito do que se tem hoje, apesar das inovações científico-tecnológicas, ainda é eco do passado.

---

<sup>35</sup> Interpretação pautada na obra: História da educação brasileira - organização escolar, de Maria Luisa Santos Ribeiro; 1998.

Muitas de nossas políticas educacionais mudaram de nome, de atores, mas não de objetivos. Ou seja, quase nada mudou. Assim, esboçar um olhar novo acerca dessa questão é extremamente difícil, por conta da denotação que o termo novo recebe e pouco dele temos em termos educacionais, em especial no nível superior de ensino.

Entretanto, um ponto positivo, isso nos deixa tensos, conflituosos e, conseqüentemente, como implica Cunha no enunciado anteriormente mencionado – propensos à mudança. Em outras palavras, não estamos satisfeitos com a forma de condução de nossos direitos sociais e ainda sonhamos com dias melhores, onde não tenhamos mais que nos adaptar para sobreviver. É preciso, sim, novas táticas, novas estratégias dentro de um discurso crítico que vise à transformação:

*Como um insatisfeito com um mundo de injustiças que está aí, ao qual o discurso 'pragmático' sugere que eu simplesmente me adapte, devo, é óbvio, hoje, tanto quanto devi ontem estar desperto para as relações entre tática e estratégia. Uma coisa é chamar a atenção dos militantes que continuam brigando por um mundo menos feio de necessidade de que suas táticas não contradigam sua estratégia [...] seu sonho [...] de que sua táticas se realizam na história, por isso mudam, e outra é simplesmente dizer que não há por que sonhar.*

(FREIRE, 1992:91)

Consubstanciados às palavras de Freire, bem como aos sonhos educacionais vinculados à sociedade atual encontramos uma grande controvérsia, pois apesar de ainda sonharmos com tal direito social (educação superior ao alcance de todos) continuamos – num panorama geral – com as mesmas táticas, as mesmas estratégias e, porventura, os mesmos objetivos: a busca da qualidade total em educação, já que ainda acreditamos nela como escada e/ou suporte para ascensão social e para tal as famílias (burguesas ou não) retomam os “Liceus” (hoje os cursinhos, os colégios com ensino modular), os quais abafam nosso sonho – humano – de transformação social, em prol de um sonho – individual – de ascensão econômica.

É evidente que para tanto, sempre aparecem aqueles amenizando nossa culpa pela falta de solidariedade e pela falta de espírito comunitário com supostas ideias de democratização do ensino (sistemas de cotas, bolsas de estudo, financiamentos etc.).

Nessa perspectiva, são cabíveis as conclusões de Teeglen<sup>36</sup> (1995:8): Que saiba quem lhe fala e porque lhe fala assim, para que não seja enganado ou esforçado a creditar o que, por sua classe, sua ideologia, seu interesse ou seu capricho, não quer acreditar. Tais conclusões são claramente visíveis em todas as instâncias sociais.

Somos inteligentemente enganados a cada dia, isso porque os detentores da inteligência excelente, meritocrática (graduados) usam-na para suprimir a inteligência da massa, com os mesmos objetivos de séculos atrás – manutenção da ordem, agora com nova alcunha: Neoliberalismo – que nada mais é que o reflexo, a repetição do liberalismo econômico de Smith e Malthus. Cabe enfatizar que o neoliberalismo é o suporte ideológico que sustenta o capitalismo.

Eis, então, outra questão que faz-se lastro de nossa inquietude: por que isso ocorre de forma tão tenaz? A explanação é encontrada nas palavras de Milton Santos<sup>37</sup> (1998:02):

*Neste fim de século, aquilo que desde o século XVIII, os economistas desejavam e os filósofos temiam, acabou por se dar: a interdisciplinaridade, isto é, a forma como as diversas disciplinas conversam, passou a ser comandada pela economia, em vez de ser comandada pela filosofia.*

Nesse mesmo discurso, Santos, aduz, ainda, que em lugar, pois, de um tempo de homens, o que vamos assistindo realizar-se é um tempo da

---

<sup>36</sup> ap. HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho**; trad. Jussara H. Rodrigues - Porto Alegre: Artmed, 1998: 4.

<sup>37</sup> Extraído do texto transcrito da gravação da Conferência do professor Milton Santos (Professor Intelectual Na Sociedade Contemporânea) realizada em Águas de Lindóia - S.P de 04 a 08 de maio de 1998.

técnica-mercado, isto é, técnicas subordinadas a esse mercado global. Aduz, também, que a consequência mais importante é que o grupo passa a atuar sem política própria, que é o caso do Brasil, onde o Estado e os políticos renunciaram à política... e são afinal, as empresas globais que fazem a política jogando o Estado pelos seus aparelhos, à situação de apenas secundar a política exigida pelo mercado global, ao qual se subordina.

Em suma, existe um mercado global que usa a interdisciplinaridade – já que atinge as diversas camadas, por dialogar saberes diversos – para disseminar os seus ideais (neoliberais) e a população (maioria dominada) se deixa enganar.

A preocupação reside no fato de que essa minoria dominante é formada justamente nas universidades e enquanto o acesso à ela não for, de fato, democratizado, a inteligência excelente chegará a poucos que, se já não são, serão corrompidos pelo poder, uma vez que a universidade – que não deveria – também é um aparelho ideológico do Estado, e por extensão dos neoliberais, cujos princípios norteadores justificam estar adotando um ensino para globalização que poderia ser confundido com uma educação que promove valores economicistas, aceita a supremacia dos mercados sobre os cidadãos, dos imperativos do benefício imediato pelo do bem-estar social. Uma visão que tem como bandeira o domínio dos mais fortes (uma minoria) frente aos que não tem as mesmas possibilidades (a maioria).

Uma visão que situa o público em inferioridade frente ao privado, e que produz desvios de fundos provenientes dos impostos de todos os cidadãos para iniciativas com intenção de lucro e fora do controle público, como acontece hoje na Espanha, onde escolas com pretensão de formar grupos de elite, [...] recebem fundos do Estado e dos governos autonômicos, enquanto as escolas públicas não podem levar adiante a reforma educativa em toda a sua extensão por falta de fundos (HERNÁNDEZ, 1998:11).

Esta ideia de ensino perpetuará, enquanto nós – educadores, educandos, políticos, cidadãos – mantivermos a escola – desde a

Educação Infantil até os mais altos níveis do labor universitário – assentada na vã investidura do suposto saber e das novas ciências produzidas.

### **11.1.2 - Entre formas, deformas e reformas do Ensino Superior brasileiro: o princípio da reinvenção**

*Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas há sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.*

*(Eduardo Galeano, O livro dos abraços)*

Em pleno final de década do século XXI é possível perceber todo um formato do Ensino Superior brasileiro historicamente engendrado, marcado pela situação de incoerência com as reais necessidades da população enquanto humanidade carente de propostas que atendam em todos os âmbitos as demandas que paulatinamente vão surgindo. Em contrapartida esse final de década traz novidades nunca antes apresentadas, as quais vem abalando positivamente (para alguns) e negativamente (para outros) as estruturas das Instituições de Educação Superior (IES) no tocante ao acesso e universalização desse nível de ensino.

Nesse contexto encontramos termos que vão se popularizando e abrindo arenas de discussão em todo o país: *ENEM, ENADE, PROUNI, FIES, SiSU, REUNI, SINAES*. Dentre outras, essas são as mais recentes terminologias que exigem traquejo para não estarmos reproduzindo, mais uma vez na história, uma gama de ideologias dominantes que escondem uma face neoliberal capaz de criar uma máscara de aparente acesso democrático. O que nos interessa, na verdade, em meio a tudo isso, é compreender que tais termos fazem parte de um grande pacote intensificados a partir da Reforma Universitária, cuja proposição mais debatida na atualidade gira em torno do Decreto-Lei 6.096/07, o REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – o qual tem trazido certo mal estar nos fóruns

educacionais pelo fato de muito se falar em aumentos estatísticos de cunho quantitativo, mas pouco se tem feito pelo fator qualitativo. Em outros termos: mais expansão, mais universidades, mais professores, mais alunos, e ainda pouco dito sobre qualidade – palavra mestra em tempos de aligeiramento e precarização da Educação Superior que vivenciamos, o que compromete o tripé ensino-pesquisa-extensão – diferencial magno desse nível de ensino para com os demais.

O que se critica também dentro desse processo de reforma é que ainda há forte investimento dos governos federal e estaduais no ensino superior privado (PROUNI, FIES, Nossa Bolsa) amparados pela ideia de democratização do ensino superior, mas não público e não de qualidade. Essa realidade é facilmente constatada ao verificarmos o forte crescimento do ensino a distância, bem como a supremacia do número de instituições de Educação Superior privadas sobre as públicas, que em números do INEP (2008) totalizam-se 2.016 instituições privadas e 236 públicas. Trata-se de uma disparidade inaceitável visto a gama de possibilidades que um país como o Brasil suporta.

Precisamos sim de acessibilidade e democratização da Educação Superior de ordem PÚBLICA. Precisamos sim de maiores investimentos em nossas universidades federais e estaduais de modo que elas possam se expandir e cumprir um aparato de questões como produção acadêmica, compromisso social (não mera e unicamente mercadológico), desenvolvimento sustentável, atenção ao diálogo intercultural, investimentos em extensão que (re) signifique o papel da ciência, da tecnologia em prol de sociedades mais justas e inclusivas, menos burocratização, mais incentivo em políticas de patente, mais investimento e valorização do professor, mais investimento e incentivo à Educação presencial (não querendo desmerecer a Educação a Distância, mas temendo uma retomada do método Lancasteriano em que o conhecimento chega aos estudantes em doses homeopáticas).

Junto a essa discussão acerca da qualidade desvela-se o SINAES – Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior que anunciado pelo MEC em abril de 2004 propunha discutir a melhoria da qualidade da

educação superior além de orientar a expansão do sistema educacional. O que aconteceu foi que muito do proposto não vem sendo efetivado gerando, como consequência, iniciativas de boicote, em especial ao ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), já que a perspectiva avaliada gira em torno apenas das respostas dos alunos seguindo ainda uma lógica de ranqueamentos, patenteando novamente a educação como mercadoria dentro de uma perspectiva de competição ao invés de colaboração/ recíproca social, perspectiva essa reforçada, segundo os críticos, com Lei de Inovações Tecnológicas que vem atender a interesses do mercado.

A Educação Superior Pública hoje com garantia de acessibilidade, qualidade e permanência é um anseio nacional. Prova disso são as propostas aprovadas na Conferência Nacional de Educação (CONAE 2010) em Brasília no período de 28 de março a 1º de abril, as quais não tem valor de Lei, mas são referências bases para a constituição de programas de governo ou projetos de lei que venham a atender esse clamor social. Enquanto isso, vamos todos nos inteirando do que temos de modo que possamos subsidiar a luta pelo que queremos nesse setor.

Uma questão importante que não podemos deixar de discutir ao se falar em política de acesso e de inclusão universitária refere-se ao ProUni<sup>38</sup> – Programa Universidade para Todos, que visa a ocupação, a partir da injeção de verbas públicas, de vagas ociosas em universidades privadas por estudantes de baixa renda. A intenção aparente é a inclusão desses jovens na Educação Superior, por outro lado, o que se questiona é o porquê do investimento do dinheiro público no setor privado, visto que tal prática não é tão inclusiva como parece, pois existem custos altíssimos (moradia, alimentação, deslocamento e outros) que o ProUni não alberga gerando a desistência de muitos contemplados pelo programa que optam

---

<sup>38</sup> O ProUni - Programa Universidade para Todos foi instituído em 2004 pelo Governo Federal do Brasil com a proposta de oferecer a alunos de baixa renda bolsas de estudo (integrais ou parciais) em faculdades privadas, concedendo a essas isenção de alguns tributos fiscais.

por fazer o mesmo curso em menos tempo, a distância e bem mais em conta financeiramente.

Em toda essa configuração contextual um ponto positivo é a reformulação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que dez anos depois de sua primeira versão ganha uma faceta muito interessante que é a possibilidade de usar este exame para que o aluno concorra ao ingresso em várias universidades, inclusive as federais, por meio de uma única prova. Apesar dos benefícios é preciso ressaltar que o nível das questões do ENEM ainda está muito distante do que se ensina em nossas escolas da Educação Básica, mas não deixa de ser uma iniciativa que faz com que todas elas acordem da pasmaceira histórica do LEC<sup>39</sup> (ler, escrever e contar) em prol de uma educação para o pensar, agir e repensar diante de determinada situação-problema consciente e dialeticamente.

Sob a alcunha de novo ENEM, no ano de 2009 o exame já passou a contar com 180 questões de múltipla escolha distribuídas nos seguintes grupos: Linguagens, Tecnologia (ciências exatas), Ciências da Natureza (ciências biológicas) e Humanidades (ciências humanas). Nesse cenário ganha espaço o SiSU – sistema de seleção unificada – um sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do qual as instituições públicas de educação superior participantes selecionam novos estudantes exclusivamente pela nota obtida no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem).

Talvez com essa iniciativa diminua a procura pelo FIES. Programa de Financiamento Estudantil destinado a financiar o curso de graduação no Ensino Superior de estudantes com renda insuficiente para custear sua formação e estejam regularmente matriculados em instituições privadas, cadastradas no Programa e com avaliação positiva do MEC. É mister ressaltar que o Fies também é alvo de críticas, pois também é um programa que denota uma política de investimento no setor privado ao invés do público. Esse torna-se mais um argumento que vem justificar o

---

<sup>39</sup> Termo utilizado para designar a consistência do ensino Jesuítico no período Colonial do Brasil.

alto crescimento do número de IES privada, as quais albergam uma maciça maioria dos estudantes matriculados nesse nível de ensino e é óbvio que não são os da classe que detém poderio econômico, já que esses ocupam as cadeiras universitárias das mais tradicionais universidades públicas do país, em especial as federais. Ou seja, mudaram-se os tempos, os termos, as formas, mas a ideologia nas entrelinhas de cada uma dessas novas ideias, desse “novo (velho) paradigma” é exatamente a mesma impregnada desde o surgimento da escola no Brasil: excludente, estratificadora, mercadológica, (neo) liberal.

Não é a intenção, frente às colocações, negar que todas essas novas formas de reestruturação do cenário da educação superior brasileira não se faz um divisor de águas importantíssimo. O que intenciona-se é lançar pistas de reflexão no entorno de toda essa conjuntura, bem como dos valores à ela inerentes de modo que possamos pensar em indicadores de qualidade que sustentem uma práxis a altura exigida e merecida nesse nível de ensino, afinal, ainda é, ao menos em teoria, o centro de excelência educacional, onde depositamos nossas expectativas frente a produção de novos saberes pertinentes à humanidade, em especial em tempos de dinâmica temporal, tecnológica, comunicativa, científica e cultural. A pesquisa e a extensão precisam ter espaços mais privilegiados dentro dessas instituições, ou então, qual caráter diferencial entre o Ensino Médio e o Ensino Superior? Sobre isso, é pertinente dar ênfase ao papel do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCT) que visa a promoção e o fomento do desenvolvimento científico e tecnológico do país através do financiamento de pesquisas científicas e tecnológicas nas diversas áreas do conhecimento, com bolsas e auxílios. Eis o lócus do contraponto: como Financiar pesquisas de qualidade, sem um Ensino Superior (de graduação ou pós-graduação) de qualidade? Se abrimos aqui um parêntese para dialogar sobre quantidade de pesquisas realizadas e patenteadas no país, também perceberemos um número relativamente pequeno visto o potencial que temos, o problema é que temos poucas universidades ou centros universitários e muitas faculdades (a maioria privada) e, como sabemos, as faculdades são desobrigadas da pesquisa e da extensão, centram-se apenas no ensino.

Trata-se, pois, de um árduo, mas necessário, desafio de empreendimento uma luta em prol da garantia da qualidade do sistema educacional brasileiro, em especial no tocante às nossas IES, as quais não podem se isentar do papel de educar, produzir, inferir, discutir, investir no educador e no educando, pesquisar questões de ordem individual, social, intelectual, técnica e moral. Deve buscar inserir-se num processo de reciprocidade social e fazer valer suas funções magnas de academia e é sob tais aspectos que o sistema de avaliação nacional deve pautar-se oferecendo a essas instituições condições de analisar e reestruturar novos parâmetros de qualidade, seja no âmbito público ou privado. O que não pode mais acontecer é a permanência desse viés ideológico com um tom perigosamente intrínseco de autoritarismo que sucumbe as possibilidades reais de uma Educação universitária inclusiva com garantia de acesso, permanência e qualidade de ensino, com menos frustrações e mais possibilidade de ascensão pessoal e profissional como forma de abrandamento das desigualdades sociais. É preciso crer que esse seja o ideal daqueles que lutam dia após dia por uma universidade pública, gratuita, democrática, laica e socialmente referenciada, articulando ensino, pesquisa e extensão, um diferencial que se ausentou no período inaugural dos cursos superiores no Brasil e que ainda hoje são poucas as iniciativas plausíveis em torno dessa questão. Isso porque muitas iniciativas realizadas não têm grande aceitação pelo fato dessas não serem coerentes com os anseios da sociedade. Mas isso é algo considerado normal visto que somos fruto de um ensino fragmentado em que a prioridade era a preparação técnica, racional, específica que, paulatinamente, acentuasse a sociedade histórica e ideologicamente dual.

Mudar essa face, talvez seja o desafio central a ser enfrentado e a pesquisa científica pode, com certeza, desde que qualificada, ser peça fundamental nesse desígnio: Tomamos como desafio central da educação superior a produção de conhecimento próprio com qualidade formal e política, capaz de postá-la na vanguarda do desenvolvimento (FAVERO, 1989).

*A alma da vida acadêmica é constituída pela pesquisa, como princípio científico e educativo, ou seja, como geração de*

*conhecimento e de promoção da cidadania. Isso lhe é essencial, insubstituível. Tudo o mais pode ter imensa significação, mas não exige instituição, como a universidade, nem mesmo para apenas ensinar. Qualquer um de nós tem como tarefa, tarefa histórica, é assumir o seu tempo, integrar-se, inserir-se no seu tempo [...]. O futuro não é a pura repetição de um presente de insatisfações. O futuro é algo que se vai dando e esse 'se vai dando' significa que o futuro existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. É mudando o presente que a gente fabrica o futuro; por isso, a história é possibilidade e não determinação.*

*(FREIRE; apud. GADOTTI, 1991:137)*

Cabe reiterar que existem muitos cursos de educação superior no Brasil, mas seria ingênuo dizer que todos os cursos são desse nível, uma vez que os que existem – sejam públicos ou privados – ainda carecem de reformas urgentes sejam nas políticas internas ou externas, seja na pedagogia e na valorização dos profissionais que neles atuam, na possibilidade dos educandos. Enfim, é preciso que deixem a verdadeira identidade – mesmo que a "sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia" – fluir pelo cenário social. Só então, ela – a Educação Superior – será reinventada sob a luz de nosso clamor: democrática, significativamente produtiva e nossa – por direito.

### **11.1.3 - Considerações Finais: a guisa de desfecho com foco na transcendência.**

*Precisamos, nós todos, assumir o compromisso magno de lutar, pesquisar, produzir, participar e partilhar pela Universalização e Qualidade da Educação Superior do Brasil.*

*(a autora)*

À guisa de desfecho, mas com foco na transcendência, sumariamente retomemos a ideia central que aflorou o limiar desse intento: **Ensino Superior Brasileiro: A Histórica Busca pela Universalização e pela Qualidade**. Em meio a tantas idas e vindas pelo princípio, meio e fluxo atual da Educação Superior brasileira vislumbra-se um desafio macro que

venha, efetivamente, concorrer para a dinamização de sua universalização e qualidade pautado em um redimensionamento do caráter cidadão da universidade. Nesse ínterim, ressalte-se que não adianta pensarmos em novas formas de se conceber a Educação Superior brasileira lamentando as deformações herdadas de nosso moroso processo de evolução educacional, o que precisamos, em caráter de urgência, é repensarmos as reformas atuais do Ensino Superior brasileiro e nelas visualizarmos os princípios da reinvenção que balize consciência do passado, olhar concatenado no presente e propósitos concrecíveis para o futuro. Fora disso, reiteremos o que fora aludido logo nas palavras de abertura desse capítulo quando se sugere compreensão fundamentada dos aspectos cronológicos (início, meio e fluxo atual) do contexto histórico da Educação Superior para não decairmos nas falácias historicamente e ideologicamente engendradas.

Eis o compromisso de todos nós: lutar, pesquisar, produzir, participar e partilhar por essa questão.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96.**

**CHAUÍ, Marilena. A universidade operacional. FOLHA DE SÃO PAULO, SP, 9 DE MAIO DE 1999, Caderno Mais p. 5-3. (texto 4).**

**CUNHA, Maria Isabel da. O professor universitário na transição de paradigmas. Araraquara/SP: JM Editora, 1998.**

**CURY, C.R.J. Educação e contradição. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1985.**

**FÁVERO, M. L. A. et al. A Universidade em Questão. Polêmicas do nosso tempo. v.29. São Paulo: Cortez, 1989.**

**FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.**

- FRETAG, Bárbara. **Educação, escola e sociedade**. São Paulo: Ática, 1986.
- GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 5ed. Porto Alegre: L & PM, 1997.
- GUIRALDELLI Júnior, Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1994. 2ed. (Col. Magistério. 2º grau. Série formação do professor).
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança – projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- INEP: <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/default.asp>
- RIBEIRO, Maria I. Santos. **História da educação Brasileira – a organização Escolar**. Campinas/SP: Autores Associados, 1998 (Col. Memória da Educação).
- SCHMIDT, Mário. **Nova História Crítica**. 2ed. São Paulo: Nova Geração, 2002.

## Capítulo 12 - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS



*Profa. Walérya Caminha*

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

### INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo globalizado, todos os dias nos deparamos com transformações no âmbito econômico, social e político. Para enfrentar a realidade é preciso um processo de educação que garanta formação de um modo amplo, desenvolvendo habilidades para o trabalho, para o convívio social e que ajude no exercício da cidadania e foi com base nisso que a Educação Continuada veio para contribuir com o desenvolvimento: cultural, social, afetivo e intelectual, dos Jovens e Adultos.

Ao se falar sobre educação de Jovens e Adultos se introduz-se a Educação Continuada, sendo aquela que se realiza ao longo de toda a vida de um ser humano, relacionando-se com a ideia de construção do ser. Trabalhando com a aquisição do conhecimento e aptidões, bagagem

individual: atitudes e valores próprios de cada ser, promovendo um aumento da capacidade de discernir e agir. Essa concepção de educação envolve todo o universo da experiência humana.

Educação continuada associa-se à própria característica individual dos seres humanos, capacidade de conhecer e querer aprender mais. Segundo Behrens (1996, p.135) "A essência na formação continuada é a construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do saber fazer".

Antigamente a educação era apenas direcionada a uma certa fase da vida: a infância, enquanto para o adulto só lhe restava o trabalho. Tais rotulações vão se rompendo à medida em que o mercado de trabalho passa a exigir atualização dos conhecimentos e também à medida que a expectativa de vida das pessoas aumenta, passando a ter um peso crescente na economia dos países.

Com base nisso, nos últimos anos, vem crescendo o reconhecimento de que existem muitas outras formas de aprendizagem que tem melhorado a condição e o acesso à educação para os jovens e adultos.

Algumas empresas passam a assumir tarefas de qualificação profissional para ajudar na escassez da educação. Entretanto, é a escola que tem o maior dever que é o de garantir que o seu educando adquira habilidades e atitudes que o tornem apto para aprender sempre e de forma autônoma.

Existem países que enfrentam problemas de déficits em relação à educação básica obrigatória, mas mesmo assim, esses países ainda dedicam recursos à promoção de oportunidades educativas para os adultos visando não só a qualificação profissional, mas também a formação para a cidadania.

Em nosso país, existem jovens e adultos que participam desses programas de aprendizagem continuada, tanto no que se refere à qualificação profissional quanto ao desenvolvimento pessoal.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura), atende a ideia de Educação Permanente, tendo como firmamento os desafios, diante de um mundo que vive em constantes

transformações, sendo assim, é necessária a adaptação do ser humano a estas mudanças, fazendo com que as práticas educativas voltem-se para o processo de transmissão de mudanças sociais.

Um campo importante para as práticas educativas tem sido a educação popular que tem se renovado ao longo dos anos e tem incorporado novos aspectos, no que se refere à natureza cultural e as novas condições de democracia. O seu conceito está voltado à ideia de um trabalho educativo direcionado às classes populares e que tem por sentido a ideia de organização, mobilização e ganhos de consciência, visando à transformação das suas condições de vida.

A ONU (Organização das Nações Unidas) vêm a somar com a Educação Continuada, pois a ONU, é um movimento que une o respeito e a valorização dos direitos humanos, promovendo a defesa dos direitos sociais e culturais do ser humano.

*Com oportunidades sociais adequadas, os indivíduos podem efetivamente moldar seu próprio destino e ajudar uns aos outros. Não precisam ser vistos, sobretudo, como beneficiários passivos de engenhosos programas de desenvolvimento. Existe de fato, uma sólida base racional para reconhecermos o papel positivo da condição de agente livre e sustentável” (SEN, 2000, pág. 26).*

Toda essa ação amplia as ações de liberdade, aumenta a capacidade participativa desse adulto. Isso só comprova que a Educação Continuada garante a formação para a vida e desenvolvimento humano em todos os sentidos, afinal, a realização das potencialidades de um adulto é parte integrante de toda uma prática social.

Mas para que a Educação Continuada chegue à todos é necessário a universalização da educação básica e a abertura de oportunidades de formação acessíveis ao conjunto da população.

A educação de Jovens e adultos se define como um processo contínuo de organização de grupos para a discussão de temas transversais (de diferentes assuntos) e para a efetivação do direito de cidadão (tomada de decisões).

Existem vários programas vinculados a modalidade da educação de jovens e adultos. Há possibilidade de participar desses programas, coletando nomes de adultos que tenham o desejo de retomar os estudos, assim estará realizando o sonho de muitos em parceria com a Secretaria de Educação do seu município. Desse modo, através dos programas, projetos e ações no campo: social e cultural, pode-se resgatar um direito social muito importante: a cidadania.

## 12.1 - Educação e alfabetização

### O que é Educação?

Segundo o Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, educação é o Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual ou moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social. Todos nós contribuimos para a sua existência quando aprendemos algo de construtivo e a ensinamos.

### O que é Alfabetização?

*Alfabetização é o processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Entretanto esse aprendizado vai muito além de transcrever a linguagem oral para a linguagem escrita. Alfabetizar-se é muito mais do que reconhecer as letras e saber decifrar palavras. Aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código linguístico gráfico e tornar-se de fato um usuário da leitura e da escrita (CAGLIARI, 1989).*

Um dos motivos que pode levar o adulto a sentir receio em aprender a ler é o risco que acarreta em toda aprendizagem: a vergonha e medo de não ser capaz, de que, por já possuir uma certa idade não está autorizado a errar. Todos esses fatores podem influenciar de modo negativo na aprendizagem desse adulto. Entretanto sabemos que no processo de aquisição da aprendizagem errar faz parte, esse é o risco que o alfabetizando tem que correr e sua perseverança é o que irá fazê-lo alcançar seus objetivos.

*A alfabetização é a aquisição da escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global. (FREIRE, p.59,1996).*

Mas é claro que pode acontecer que o adulto decida que não vale a pena todo esforço, e isto por várias razões. Uma delas pode ser uma falta de motivo para aprender a ler, já que este acredita que não precisa da leitura para exercer o seu trabalho.

*A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico-linguístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica. (FREIRE, p.60,1996)*

A maioria desses adultos desempenha tarefas predominantemente operacionais que não exijam escolaridade, como as funções de: costureira, pintor, etc. E esse pode ser o motivo que os levem a pensar que não precisem da leitura para exercerem o seu trabalho. Faço aqui jus as palavras de Lindeman(1926), quando ele nos ensina sobre os cinco pontos chave para a Educação de Jovens e Adultos:

1. Adultos são motivados a aprender à medida em que experimentam que suas necessidades e interesses serão satisfeitos. Por isto estes são os pontos mais apropriados para se iniciar a organização das atividades de aprendizagem do adulto.
2. A orientação de aprendizagem do adulto está centrada na vida; por isto as unidades apropriadas para se organizar seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não disciplinas.
3. A experiência é a mais rica fonte para o adulto aprender; por isto, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise das experiências.

4. Adultos têm uma profunda necessidade de serem autodirigidos; por isto, o papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes seu conhecimento e depois avaliá-los.
5. As diferenças individuais entre pessoas cresce com a idade; por isto, a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem.

No filme "O Curioso Caso de Benjamin Button", vemos as fases da vida se inverterm. Benjamin nasce velho com a mente de criança, ou seja ainda em processo de aquisição. Graças a uma maturação biológica e a adaptação ao meio social, Benjamin estaria maduro no que se refere aos aspectos da percepção e motricidade, assim é com um adulto.

A aprendizagem de um adulto é algo que deve ser voltado para o seu cotidiano e não apenas se fixar em conteúdos. A não ser que esse conteúdo não lógica programática, e sim pela bagagem de experiência que seu aluno obtiver.

*Que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando, no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha.*

*Mas isso não será possível se continuarmos bitolando os alfabetizando com desenhos pré-formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para seguir, com histórias que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende.(FUCK, p.14 e 15,1994)*

A melhor maneira de alfabetizar um adulto é esquecer a cartilha.

*Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um*

*método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro (Celso Beisiegel), o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprendizagem. Por essa razão, não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma. (FREIRE, 1979, p. 72)*

No processo de Alfabetização dos adultos, trabalhar com o cotidiano utilizando temas da atualidade é o mais indicado.

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) são pessoas com personalidade formada, trabalhe com coisas que façam parte da realidade deles, temas como: notícias de jornal, culinária, lista de compras, só assim sua aula obterá resultado, pois você terá alfabetizado utilizando assuntos reais.

## **12.2 - Objetivos e metas com a Educação**

O objetivo pretendido aqui é instigar a reflexão de uma educação transformadora e social, uma educação cidadã que forme indivíduos aptos a exigir seus direitos e exercer seus deveres.

Educar é um processo paralelo e de criação, portanto é necessário romper com padrões repetitivos, dissociados da realidade dos alunos.

O objetivo do EJA é explorar alternativas que favoreçam a integração do alfabetizando com os conteúdos que lhe serão transmitidos.

O EJA procura compor um sistema no qual o aluno e o meio social estejam absolutamente articulados:

- Estimular o alfabetizando a criar em parceria com seus alunos o conteúdo a trabalhar;

- Incentivar professor e aluno a se posicionarem de maneira crítica diante da realidade em que vivem:
- Buscar desenvolver uma consciência desalienada favorecendo o desenvolvimento do senso crítico essencial para a prática da cidadania.

Existem diferentes modalidades de educação de adultos (formal, não formal e a informal), sendo oferecidas em diversos locais (igrejas, centros comunitários, instalações de trabalho, etc).

O acesso à educação e aprendizagem para adultos é um aspecto fundamental ao direito à educação e facilita o exercício ao direito de participar na vida cultural, econômica, política, artística e científica.

A educação de jovens e adultos não é uma segunda chance de educação e sim uma oportunidade do aluno de EJA atuar desalienadamente na sociedade.

### **12.3 - História da EJA / fatores legislativos e os níveis sociais e culturais dos jovens e adultos**

A Educação de Jovens e Adultos formal surgiu no Brasil apenas com a vinda dos jesuítas aproximadamente em 1549 com a chegada de alguns padres da Companhia de Jesus ao Brasil, início da colonização portuguesa. Seu principal objetivo era catequizar os gentios.

Hoje, a história em torno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem apresentando mudanças ao longo de todos esses anos, passamos por transformações sociais, econômicas e políticas que refletiram nos diferentes momentos históricos do nosso país.

Ao analisarem toda a trajetória da Educação de Jovens e Adultos, verifica-se que ocorreram grandes avanços, entretanto alguns problemas ainda existem devido a falta de uma política educacional específica que constantemente sofre mudanças.

Também conta-se infelizmente, com alguns professores dessa modalidade de ensino que ainda não dispõem de propostas pedagógicas específicas voltadas para essa realidade.

Somente depois da 2ª Guerra Mundial é que a Educação de Adultos foi firmada como independente do ensino elementar.

De acordo com Paiva (apud Gadotti, 1995 p. 31), a Educação de Adultos, em âmbito histórico, pode ser dividida em três períodos:

- 1º - de 1946 a 1958, quando foram realizadas campanhas nacionais de iniciativa oficial para erradicar-se o analfabetismo;
- 2º - de 1958 a 1964. Em 1958 foi realizado o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, tendo a participação marcante de Paulo Freire. Esse congresso abriu as portas para o problema da alfabetização que desencadeou o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e extinto pelo Golpe de Estado de 1964.
- 3º - O MOBRAL, que foi concebido como um sistema que visava ao controle da alfabetização da população, principalmente a rural. Com a redemocratização (1985), a "Nova República" extinguiu o MOBRAL e criou a Fundação Educar. Assim sendo, a Educação de Adultos foi enterrada pela "Nova República".

Os alunos da EJA são: pais, mães, filhos, ou seja, homens e mulheres, trabalhadores, empregados, desempregados... em busca de um novo olhar. São sujeitos sociais e culturais, privados do acesso à cultura letrada. Estes são excluídos do sistema de ensino. Muitos nunca foram à escola e se foram repetiam diversas vezes, mas acima de tudo são sujeitos de direitos.

É fundamental aceitar esses sujeitos, para que possamos interagir com eles e com os conteúdos a serem trabalhados.

A educação de jovens e adultos dentro desse contexto torna-se mais que um direito, torna-se uma exigência. Esses adultos precisam participar ativamente de exercício de seus direitos na sociedade, desenvolvendo assim a sua cidadania.

Educação é um direito de todos, por que privar o direito de estudar daqueles que não o obtiveram na idade certa?

*A LDB/ Lei 9.394/96 Art. 37 – A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.*

*§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do aluno, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.*

*§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.*

*Art. 38 – Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.*

*§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:*

- I) no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;*
- II) no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.*

*§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.*

*Art.39 – A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho a ciência e a tecnologia, conduz*

*ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.*

Isso quer dizer que ela se prontifica a contribuir com o desenvolvimento humano, bem como a preparação dos alunos ao ingresso no mundo profissional. Isso se chama preparação para inserção no mundo do mercado.

A Constituição de 1934 estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação de adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos.

No Plano de Desenvolvimento da Educação, tem como um dos objetivos e prioridades: garantia de ensino fundamental a todos os que não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram. A erradicação do analfabetismo faz parte dessa prioridade, considerando-se a alfabetização de jovens e adultos como ponto de partida e intrínseca desse nível de ensino. A alfabetização dessa população é entendida no sentido amplo de domínio dos instrumentos básicos da cultura letrada, das operações matemáticas elementares, da evolução histórica da sociedade humana, da diversidade do espaço físico e político mundial da constituição brasileira. Envolve, ainda, a formação do cidadão responsável e consciente de seus direitos.

A educação de jovens e adultos propõe o cumprimento de uma importante função social no sentido de tentar reparar as desigualdades causadas pela evasão escolar e assegurar a cidadania dos alunos excluídos do seu direito de estudar.

Segundo FREIRE (2002), a prática pedagógica precisa estar vinculada aos aspectos históricos e sociais dos educandos. Dessa maneira a Educação de Jovens torna-se um eficiente instrumento de inclusão social garantindo o processo de autossustentabilidade.

Pensando nisso torna-se urgente criar uma proposta de educação de jovens e adultos que garanta o conhecimento à todos.

*“É obrigação do Estado assegurar aos jovens trabalhadores o direito à educação pública, gratuita e de qualidade social, garantindo que ela se dê, prioritariamente, com o aproveitamento da estrutura pública de ensino, capacitada nos planos teórico – metodológico, profissional e material para o atendimento pedagógico adequado as especificidades dessa modalidade de ensino” (GENTILI, 2003, p.64)*

A meta pretendida aqui é formar homens e mulheres conscientes, criativos e transformadores, tornando-os produtores de sua própria história.

## **12.4 - Ao professor de EJA**

O professor que tem uma turma de EJA sabe das dificuldades que é manter o interesse dos alunos que muitas vezes chegam esgotados de um dia de trabalho. É sua a mais fascinante responsabilidade de planejar uma aula, porém, não uma aula qualquer, mas aquela aula, a que terá relação com a vida de seu aluno.

Um grande desafio para o professor de Jovens e Adultos é acabar com o medo que a escola causa a muitos, logo nos primeiros dias de aula: carteiras enfileiradas, sem proximidade com o colega, e de cara um professor que fala o tempo todo e não dá sequer chance aos seus alunos de se pronunciarem e ainda por cima só passa tarefas para casa o tempo todo, sabendo que já é difícil a vida do aluno de uma classe de EJA. A impressão que irá causar em seus alunos é a de que só quer enrolar a aula.

*(...) Além de incrementar seus conhecimentos e atualizá-los, esforçar-se por praticar os métodos mais adequados em seu ensino, proceder a uma análise de sua própria realidade pessoal como educador, examinar com autoconsciência crítica sua conduta e seu desempenho, com a intenção de ver se está cumprindo aquilo que sua consciência crítica da realidade nacional lhe assinala como sua correta atividade. (Pinto, 2000, p. 113).*

É importante que cada professor prepare o terreno de cada atividade. Se pretende passar um vídeo para a turma, antes distribua textos aos seus alunos sobre o tema do vídeo, isso provocará na sala uma breve preliminar do filme, ambos discutirão e ficarão ansiosos para a sessão. Terminado o filme, pergunte qual foi a cena mais marcante, emocionante para cada um deles. Fazendo dessa forma, você estará mostrando aos seus alunos que existe um mundo além do quadro e do giz no qual eles podem passear a vontade: entrevistando uns aos outros, discutindo ideias, dando o seu ponto de vista, enfim, viajando...

O educador de verdade, mostra aos seus alunos, que o conhecimento em si, não está apenas no livro em suas mãos, mas em tudo o que o cerca, no seu cotidiano.

Todo professor de EJA sabe que evitar evasão de seus alunos não é uma tarefa fácil. Os poucos que ainda se matriculam chegam com uma autoestima ameaçada. O estudante sente vergonha de nunca ter estudado ou ter parado de estudar há muitos anos, sem esquecer do medo desconhecido que muitos carregam consigo.

Algumas ações podem ser tomadas para evitar que seu aluno desestimize:

- Encoraje-o, mostre que a atitude de voltar a estudar não deve ser motivo de vergonha, mas de orgulho. Ajude o seu aluno a identificar que ele tem um valor individual e único.
- Elabore aulas dinâmicas e estimulantes. Esteja atento para não só ouvir seu aluno e sim escutá-lo.
- Mostre que a aula é um momento de troca de saberes entre todos no qual ele tem voz e vez.
- Trabalhe em parceria com seus alunos.
- Alterne os dias para se trabalhar com diferentes temas.

Num dia, trabalhe a matemática, leve-os para darem uma volta na escola, calcule o tamanho e espaço pelo qual eles caminham todos os dias. No outro dia, trabalhe ciência e por aí vá diversificando. Reveja também seus métodos de avaliação, pense que assiduidade e participação são os pontos que mais deverão contar em sua avaliação.

Considerando a própria realidade de seus alunos, você educando, conseguirá promover uma educação motivadora e de qualidade, despertando neles interesse e entusiasmo.

*(...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 2006, p.30)*

O professor de EJA deve deixar de ser um simples transmissor de conteúdo e sim assumir o papel do qual lhe foi confiado o de orientador e cima de tudo facilitador da aprendizagem. Ou seja, fazendo uma leitura de mundo, na busca de perceber as necessidades dos alunos e os instrumentos que eles devem dominar para conhecer sua realidade e perceber-se como sujeito dessa realidade para, de forma consciente, interagir em uma sociedade que está em constante transformação.

Quando se é professor de uma classe de EJA é imprescindível reconhecer os diferentes grupos sociais que não são escolarizados e seus saberes, e reconhecer suas diferenças e semelhanças. Pois são homens e mulheres que já tem construídas visões de mundo, já tem suas estruturas mentais elaboradas.

Trabalhar com EJA é levar em conta os saberes dos educandos e seus limites.

*Conhecer a prática docente do professor que atua no campo específico da educação de jovens e adultos torna-se necessário também à compreensão específica deste tipo de ensino quanto à possibilidade de intervenções que objetivem uma educação de qualidade (acesso, permanência e aquisição de conhecimentos básicos à vida e ao trabalho (Guidelli, 1996, p. 13).*

Procurar conhecer os adultos e descobrir o interesse de cada um é um grande passo.

Observe sua turma, isso irá contribuir para que você consiga um resultado satisfatório.

Construa em conjunto as estratégias de ensino e aprendizagem.

Respeite as preferências de seu aluno.

O professor espera a existência de uma metodologia perfeita, adequada a todos os adultos, deixe de sonhar, isso nunca existiu e nunca existirá, a não ser que as pessoas mudem e tornem-se todas iguais. Sabemos que isso não irá acontecer, as diferenças existem e elas são contadas no processo de aprendizagem de cada aluno.

Confiar em uma metodologia milagrosa é perda de tempo, a sua experiência é o que vai somar nesse aspecto, a sua habilidade pedagógica.

Refleta sobre sua prática, aprofunde seus conhecimentos. Participe de oficinas, se atualize. Somente abrindo sua mente para essas novas técnicas pedagógicas, a esses programas de ensino a fora, você poderá conhecer, compreender e o mais desejado, atender as necessidades e dificuldades do seu aluno.

*A educação de jovens e adultos requer do educador conhecimentos específicos no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, entre outros, para trabalhar com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente (Arbache, 2001, p. 19).*

## CONCLUSÃO

Educação, direito de todos. Nunca é tarde para aprender. Até dentro das prisões isso se torna possível.

É importante investir na educação de jovens e adultos para a superação das desigualdades.

Nessa perspectiva, busca-se uma verdadeira política pública de educação de jovens e adultos e que esta possibilite uma formação de cidadãos críticos e ativos, na qual docentes e discentes possam juntos refletir sobre que tipo de conhecimento está se produzindo e quais orientações devem ser implantadas no decorrer do processo.

A educação de Jovens e Adultos deve ser pensada de forma diferente das outras modalidades educacionais. A formação do profissional da Educação de Jovens e Adultos pode representar um importante fator para um possível sucesso das políticas de acesso e permanência para essa modalidade de ensino, pois, através da ação consciente do educador torna-se possível desenvolver um trabalho voltado para a realidade desse aluno, o que pode garantir a permanência dele, que antes se podia encontrar excluído desses sistemas educacionais.

Para que isso ocorra é importante que o professor tenha uma formação adequada de acordo com as especificidades da alfabetização e dos diversos conhecimentos frente às diferentes concepções e visões de mundo de cada um dos seus alunos.

O desafio então é pensar em formação continuada, tanto para o educador, quanto para o educando, levando o educando a assumir uma atitude de busca do conhecimento, necessários para sua integração no mundo do trabalho, procurando especialização, seja em cursos de magistério, ou pedagogia, contanto que procurem práticas que estejam condizentes com as características que desejamos para o educador de Jovens e Adultos.

Trabalhar com jovens e adultos é estar aberto para conhecer seus educandos, é estabelecer junto a eles um projeto do quê e como aprender. É saber que, apesar de estarmos apreendendo sempre, temos um papel

diferenciado. Espera-se que o professor de EJA: agregue conhecimento com seus alunos; oriente-os; anime-os; mantenha o grupo unido; escute-os; compreenda-os, descubra o que eles se interessariam a aprender, impulse a curiosidade e respeite-os.

Todos podem e devem contribuir para o desenvolvimento da EJA: órgãos competentes, as escolas, a comunidade.

Ao entrar em um curso de Educação de Adultos, o aluno não estará apenas sendo alfabetizado, mas terá acesso a vários conhecimentos que serão de extrema importância para conhecer melhor o mundo em que vive e poder agir sobre ele com consciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alfabetização e cidadania n.º 19 Julho de 2006. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**. (World Wide Web Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001465/146580POR.pdf> Acesso em 06/2009).

ANDRADE, Márcia Regina de. **Educação de jovens e adultos: estratégias e metodologias para uma sustentabilidade local**. (World Wide Web, Disponível em [http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/marciaregina-eja\\_estrategias\\_metodologias.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/marciaregina-eja_estrategias_metodologias.pdf)).

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2001.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

BAVIER, Ramiro. **Professores da EJA resgatam autoestima**. (World Wide Web, Disponível em <http://secom.to.gov.br/noticia.php?id=623>. Acesso em 06/2009).

**BERNARDINO, Adair José. Exigências na formação dos professores de EJA.** (World Wide Web, Disponível em: <http://forumeja.org.br/sc/files/Exig%C3%Aancias%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Professores%20da%20EJA.pdf>, acesso em: 10/12/09).

**BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação.** São Paulo: brasiliense, 1981.

**Carmelato, Denise Maria. Formação de professores em EJA.** (World Wide Web, Disponível em: [http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/niepeeja/pefjat/formacao\\_professores\\_eja.pdf](http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/niepeeja/pefjat/formacao_professores_eja.pdf) acesso em: 25/01/10).

**O Curioso Caso de Benjamin Button.** David Fincher

**DAVIES, Nicholas. Plano Nacional de Educação: muito discurso, nenhum recurso.** In: TEIXEIRA, Lucia Helena G. (org.). LDB e PNE: Desdobramentos na política educacional brasileira. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. 143 p. (Cadernos Anpae; Ano 1, n. 1, agosto de 2002).

**DEMO, Pedro. A nova LDB: ranços e avanços.** 19. ed. Campinas: Papirus, 2006.

**FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa.** 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

**FREIRE, A.M.A. Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo a ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Graças até os Severinos.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

**FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e terra, 2006.

**FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, A. M. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

HADDAD, Sérgio. **A educação continuada e as políticas públicas no Brasil**. (World Wide Web, Disponível em: <http://www.oei.es/noticias/spip.php?article985>. Acesso em 05/01/10.

LINDEMAN, Eduard. C. **The Meaning of Adult education**. New York, New republic, 1926.

LOPES, Selva Paraguassu; Sousa Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?**. (World Wide Web, Disponível em: [http://www.cereja.org.br/pdf/revista\\_v/Revista\\_SelvaPLopes.pdf](http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf). acesso em: 17/11/09).

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Rubens Alves; DUARTE, Márcia Maria Nascimento Baptista. **Políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos: construindo a educação para todos**. (World Wide Web Disponível em: [http://74.125.113.132/search?q=cache:f2OoJJgMPMYJ:www.ufscar.br/~crepa/ICREPA/formacao/POLITICAS\\_PUBLICAS\\_VOLTADAS\\_PARA\\_A\\_EDUCACAO.doc+politic+publicas+voltadas+para+a+eja+rubens+alves&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://74.125.113.132/search?q=cache:f2OoJJgMPMYJ:www.ufscar.br/~crepa/ICREPA/formacao/POLITICAS_PUBLICAS_VOLTADAS_PARA_A_EDUCACAO.doc+politic+publicas+voltadas+para+a+eja+rubens+alves&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br) acesso em: 12/12/09).

ROCHA, Halline Fialho da; KARL, Helena de Azevedo; VEIGA, Marise Schmidt; GUIMARÃES, Michele. **As práticas educativas na educação de jovens e adultos**. (World Wide Web, disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/jovens01.html>. acesso em: 18/10/09.

SANTOS, Edicleia Aparecida Alves dos; Stremel, Margareth Leonardi Kuhn; Oliveira, Rita de Cássia da Silva. **A necessidade de reinventar a história da educação de jovens e adultos no Brasil**. Disponível em:

[http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/edicleia\\_margareth\\_rita\\_necessidade\\_%20reinventar\\_eja.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/edicleia_margareth_rita_necessidade_%20reinventar_eja.pdf). Acesso em 09/01/10.

**SEQUEIROS, Leandro. Educar para a solidariedade: projeto didático para uma nova cultura de relações entre povos.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

**SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Cia das Letras, 2000.

**VIEIRA, Maria Clarisse. Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil.** Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

**Sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos. Vivendo e aprendendo para um futuro viável: o poder da aprendizagem e da educação de adultos.** Belém do Pará, Brasil 19-22 maio de 2009.

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

## Capítulo 13 - EDUCAÇÃO E LEITURA

*Prof. Rodrigo Avelar*

### INTRODUÇÃO

Durante o decorrer da história humana, o homem foi desenvolvendo de forma natural e gradual o desejo pela comunicação. Com a complexificação da estrutura da vida humana, o ato de comunicar passou não só a ser um caminho natural do desenvolvimento humano, mas também uma necessidade. Esse movimento resultou no advento da escrita, pois a linguagem oral não mais satisfazia as solicitações da sociedade em busca da informação, do conhecimento.

Por se constituir como uma habilidade primordial para o desenvolvimento contínuo da sociedade, o ato de comunicar é visto dentro do prisma da leitura, competência que se tornou indispensável para a mesma. Pode-se dizer que, nos dias de hoje, não há comunicação sem leitura, pois a forma escrita passou a ser o meio mais importante de obtenção de informações e conhecimentos, alcançando um maior número de pessoas, muito mais do que quando foi inventada, pois além dos livros,

jornais, revistas e outros impressos, existe hoje a divulgação de materiais escritos por meio eletrônico, sendo o mais responsável a rede mundial de computadores, a internet.

Depois de uma série de trabalhos que buscaram trazer a tona aspectos da leitura que são deixados de lado, como por exemplo, o principal responsável por ela existir, o próprio homem, reúnem-se aqui todos os pontos de vista a fim de confrontá-los com a atual prática educativa das escolas de nosso país.

Com isso, procura-se focar no processo de leitura em si, delineando os caminhos que são tomados a partir de um olhar que considera o homem dentro da estrutura do ato de ler. A partir disso, são denominados os vários aspectos que devem nortear o entendimento do processo de leitura, levando a sua definição à leitura crítica, que é considerada como o nível a ser alcançado pelo leitor para a excelência nessa competência.

Entendendo a leitura como uma habilidade que tem função social e tendo a escola o papel de desenvolvê-la em seu nascimento durante a formação do indivíduo, é necessário que se estabeleça a relação entre educação e o ato de ler de forma mais profunda. Por conta disso, efetua-se uma análise sobre o pensamento do profissional de educação sobre a leitura, estabelecendo relações com a formação, e, principalmente, com o indivíduo que exerce a função de educador, fato que acontece dessa forma para seguir a linha da variável do homem no processo.

### **13.1 - A leitura e a escola**

A escola, na concepção que se conhece, é tida como o espaço em que o indivíduo vai adquirir conhecimentos, sendo estes integrantes da cultura que circula dentro da sociedade. Lugar onde esta é formulada, seja como saberes populares, denominado como senso comum, e os saberes científicos, tendo em mente que esses dois ramos do saber dependem um do outro, isto é, possuem uma relação dialética.

O que acontece na escola, sendo traduzido como o objetivo principal da mesma, é o ato de educar. Tendo isso em mente, retoma-se o olhar que foi trabalhado em pesquisas anteriores, colocando a leitura como o caminho pelo qual o homem faz-se existir dentro da sociedade, justamente por essa relação dialética em que se baseia o mundo hoje.

Segundo o conceito colocado acima, tornando o indivíduo uma variante importantíssima no processo de leitura, e tendo esse mesmo como integrante da relação entre escola e leitura, é impossível pensar na estrutura leitura + escola = educação sem colocar o homem e o seu processo de existir, tornando a estrutura um pouco maior: homem + leitura + escola = educação.

Por isso, é importante analisar esse processo através de um olhar existencialista, buscando elucidar a importância dessa estrutura e o seu resultado final, que deve ser a educação. Ao pensar nisso, tem-se a educação como “o projeto de conscientização do mundo, de humanização, mesmo porque homem e mundo são elementos inseparáveis” (SILVA, 2005, p. 77).

Essa ideia de ter a educação como projeto é construída pela relação entre o ato de comunicar e o ato de ler, sendo através desta união que o indivíduo irá buscar sua existência, ou seja, em sua trajetória de vida ele estará constantemente buscando vir-a-ser, marcando sua existência por sua atitude de sujeito-leitor.

*O fenômeno da educação ocorre no interior do fenômeno da existência humana, pois a educação somente se concretiza no homem, pelo homem e para o homem que, através dos objetos de sua percepção, mostra (aponta para) um horizonte externo. Esclarecendo: a totalidade dos objetos da percepção está unida ao campo total de percepções e cada objeto surge como uma figura especial no horizonte de significados. A percepção real dos objetos inclui necessariamente, o seu horizonte. Dessa forma, há vários horizontes no mundo para o homem à medida em que vai percebendo os diferentes objetos da cultura (SILVA, 2005, p. 76-77).*

Ao analisar essa fala, tem-se presente aqui a visão fenomenológica, onde a educação é tida como um fenômeno que ocorre dentro do fenômeno da existência humana. Por isso, dá-se aqui uma pequena pausa no entendimento do ato de ler dentro da educação para melhor entender o que vem a ser o ato de educar dentro dessa perspectiva.

A educação, exposta aqui, ganha um sentido de “exercício da liberdade do homem para estruturar o seu projeto de existência” (SILVA, 2005, p. 77), o que traz à tona a necessidade de se pensar o que vem a ser a “liberdade” aqui colocada. Pode-se dizer que o indivíduo, na sua busca pela comunicação, vai acessar os conhecimentos que adquiriu e os outros que circulam pelo ambiente, procurar entendê-los usando seu ponto de vista, sua percepção, transformando e comunicando novos conceitos para outrem.

Desse pensamento, surge, permeando esse fenômeno da comunicação, a liberdade que se caracteriza nos acontecimentos como um todo. Isso se dá pelo fato do homem ter autonomia para construir essa relação de acordo com o seu olhar, isto é, sua perspectiva, que aqui são representadas pelos objetos de percepção. É evidente que a partir desse conceito, surgem vários horizontes diferentes, os significados, o que irá caracterizar esse movimento totalmente livre, permitindo a percepção de outros significados dentro de uma mesma cultura ou conhecimento, e, por conseguinte, esse fato se aplica a educação, pois o ato de comunicar está inserido na mesma.

*A existência humana se realiza através da dialética homem-mundo. Educação é o resultado dessa dialética; como tal evidencia-se como sendo um projeto através do qual o homem “apreende” os significados que estão em circulação no interior do seu mundo histórico e cultural. Esta “apreensão” é dialética por que o homem somente existe enquanto dialoga – no dialogo recorrente das várias épocas a verdade plena vai paulatinamente abrindo caminho através do choque de posições antagônicas [...] (MERLEAU-PONTY, 1972, apud SILVA, 2005, p.77, grifo do autor).*

Como já citado anteriormente e reforçado novamente, homem e mundo tem uma relação dialética, ou seja, para que o processo de existência se desenvolva de forma plena é necessário que esse diálogo aconteça. Partindo dessa interação, o indivíduo será capaz de apreender os vários significados presentes no ambiente em que vive, e a partir disso desmistificar as verdades existentes, possibilitando visões novas, outros caminhos que podem ser seguidos.

Com isso, se torna fundamental salientar o caráter de mundo a que esse pensamento se refere, sendo este um ambiente histórico e cultural. Esse modelo proporciona ao homem o revisitar, isto é, voltar no tempo e trabalhar com as verdades absolutas do seu ambiente e procurar entendê-las, considerando também os aspectos culturais de sua época, o que, sempre vai permitir a descoberta de outros significados para um mesmo significado. Muitas vezes, o diálogo que mais produzirá resultados serão aqueles em que as visões são antagônicas, gerando uma busca mais profunda e consistente sobre essas visões.

Por conta desses fatores, o homem é capaz de firmar sua existência, pois essa dialética homem-mundo possibilita o ato de comunicar, sendo assim que o indivíduo registra seus pensamentos e os transmite, fazendo com que outros pensem sobre o seu pensamento e formulem seus próprios conceitos.

*Mas homem e mundo sempre se configuram num contexto histórico e cultural; sendo assim "um" mundo que não esgota ou abarca todos os mundos, isto é, o mundo presente não é a única possibilidade. É por isto mesmo que educação é "projeto" (mais do que processo), pois recuperando os significados em circulação no contexto social, pode propor outros, abrindo perspectivas para novas formas de existência (SILVA, 2005, p. 77, grifo do autor).*

A noção de processo usada para a existência e para a educação nesse momento se descaracteriza, pois é possível notar que no olhar fenomenológico, há uma estrutura fenomenal, complexa, que vai interferir em vários aspectos da vida humana e social. Para que haja uma melhor adequação a esse conceito, vê-se a educação como um projeto, e,

conseqüentemente, a existência também. Isso se dá pelo que acontece dentro da estrutura, como já citado, onde o indivíduo vai propor novos caminhos a partir de outros já existentes na sociedade.

Essa constatação não elimina a noção de processo, pois ele está presente dentro desse projeto, mas é preciso ter uma visão maior, tendo em vista que não ocorre apenas um processo, mas sim vários, que fazem com que o projeto de existência flua de forma satisfatória.

Por conta disso, Silva (2005) não trata da educação como um mero descobrir, mas sim como a transformação do homem e do mundo. Nesse raciocínio também se emprega a libertação, pois o homem é obrigado a movimentar-se, dar um significado para o outro, no intuito de estabelecer o projeto de transformação.

*Realmente, se a educação for tomada como "projeto", a importância das mensagens escritas e do ato de ler torna-se bastante evidente. Uma mensagem escrita deixa de ser o mero conteúdo informativo para se transformar no "pretexto" (condição) para a formação da consciência crítica. Mais especificamente: o documento escrito deixa de ser o simples instrumento de produção que o professor fornece ao aluno, para transformar-se num "a partir de", veiculador da tradição histórica e cultural, passada e presente (Idem, ibidem, p. 78).*

Analisando essa ideia, a importância da leitura na educação, e, por conseguinte, a sua ligação, é totalmente elucidada. Se o ato de ler é o principal veículo de transmissão de pensamentos e ideias no mundo de hoje, estabelecendo o projeto existencial do autor, têm-se a ideia de que o mesmo caminho que foi percorrido pela pessoa que formulou seja seguido por quem está descobrindo essas ideias agora, como leitor. É através da educação que esse projeto se desenha, pois o indivíduo irá ler, pensar nos significados a partir de suas perspectivas, e após esse processo formular novos significados, o que acarretará em novos conceitos que se aplicam a sua realidade histórico-cultural.

Através da leitura, o homem exercita a dialética da libertação, podendo empregá-la no seu projeto existencial, que terá como consequência a

transformação do seu ambiente e de si próprio, o que pode ser traduzido como o ato de ler como condição para transmitir tradições culturais e históricas do passado e do presente.

*No diálogo educacional e, portanto, existencial, a mensagem escrita assume o papel de um horizonte cultural possível, tendo algo a dizer ou uma ideia significativa a propor. Representa, pois, o “ponto de partida” – a partir dele o professor e o aluno desenvolvem a reflexão para a conscientização. Funciona, metaforicamente falando, como um trampolim para o mergulho no conhecimento; e deixa de ser conhecimento dado ou “pronto-à-mão”, verdadeiro ou absoluto (o que poderia caracterizar ou gerar um tipo de leitura mecânica ou decorativa) (SILVA, 2005, p. 78, grifo do autor).*

Um ponto de contradição pode ser observado nas ações que ocorrem dentro do diálogo educacional. Para que a leitura seja efetiva e leve o leitor a um ato de transformar-se, e, conseqüentemente, transformar o meio, o modo de trabalhar o ato de ler, levando a reflexão para a conscientização deve ser incorporado ao trabalho do educador. Tendo isso em mente, e ao traçar um paralelo entre o que fazer e o que é feito na educação, estabelece-se uma relação antagônica, onde teoria e prática não se encontram, trazendo prejuízos para a formação do homem-leitor dentro do projeto de existência.

Esse pensamento vai de encontro ao que diz Andraus Junior e Santos (1999), afirmando que a escola não tem colaborado para o encaminhamento dos jovens para a leitura, pois priorizam os textos institucionalizados e acadêmicos, que pelas suas características não contribuem para transformar e prolongar essa atividade em algo prazeroso.

Ao tomar o ser humano como base para o desenvolvimento da leitura, no intuito de formar novos leitores, deve-se considerar as variáveis que serão envolvidas nisso, o que torna essa formação singular, isto é, cada um irá se tornar leitor por um caminho diferente, segundo a sua leitura sensorial, emocional e racional.

*Para que as palavras continuem dizendo cada vez coisas distintas, para que uma eternidade sem consolo abra o intervalo entre cada um de seus passos, para que o devir do que é o mesmo seja em sua volta a começar, de uma riqueza infinita, para que o porvir seja lido como o que nunca foi escrito... "Deve-se dar as palavras que recebemos" (LARROSA, 2003, p. 117, grifo nosso, tradução nossa<sup>1</sup>).*

Por conta desse pensamento, deve-se mudar a atitude do profissional que dirige a educação: o educador. Considerando esses fatores apresentados no decorrer desse trabalho, a leitura não é um caminho único, onde os leitores devem pensar e concluir a mesma coisa, mas sim pensar o que foi escrito e formular o seu próprio significado, o que vai delinear o seu perfil no que diz respeito ao projeto de existência. Nesse ponto o homem e o ato de ler se unem em um constante vir-a-ser através do pensamento.

Ao ver isso, percebe-se que a figura do educador atual se contrapõe a linha de pensamento desenvolvida, pois este é um impositor de ideias, ou seja, aquele que faz o caminho contrário ao projeto existencial, pelo simples fato de transmitir o significado tal e qual foi concebido por ele em seu projeto.

Esse comportamento é destacado por Avelar (2008) como desrespeito ao conhecimento do educando, uma vez que não percebe que todos têm uma bagagem originada de sua vivência diária em comunidade e em família. Pode-se ver que os atos do educador não estão condizentes com o projeto existencial, o que caracteriza um desrespeito ao que o educando já conhece.

*[...] Numa meditação que, em vez de "sentidos profundos" e de "erudição, exige apenas a coragem do simples, o que se*

---

<sup>1</sup> Para que las palabras duren diciendo cada vez cosas distintas, para que una eternidad sin consuelo abra el intervalo entre cada uno de sus pasos, para que el devenir de lo que es lo mismo sea, en su vuelta a comenzar, de una riqueza infinita, para que el porvenir sea leído como lo que nunca fue escrito... hay que dar las palabras que hemos recibido.

*mostra é que o homem, aquele que na sua essência "tem a palavra", perdeu a palavra de todas as palavras. E a perdeu porque diz sem pensar a palavra "ser" como o mais vazio de todos os vazios. sem, no entanto, conseguir jogá-la totalmente fora, porque para fazê-lo teria que perder a sua própria essência (HEIDEGGER, 2000, p. 96, grifo do autor).*

Com esse olhar, pode-se colocar esse desrespeito aos saberes do educando como um desrespeito ao projeto do outro. impedindo um indivíduo de marcar sua existência na sociedade, ou melhor, não permitindo que ele exista. Por analisar a escola e a leitura sob essa perspectiva, fica bem claro que, por todos os elementos da estrutura fenomenológica interagirem, influenciando um sobre o outro, as consequências não são apenas no âmbito escolar, mas sim sobre toda a vida do sujeito-leitor na sociedade. Pensar por outro vai contra todos os conceitos desse pensamento, que no seu âmago privilegia a total liberdade de expressão e de ressignificação de conceitos.

Por isso, há a necessidade de mudança dentro do ambiente escolar, para que as exigências da sociedade sejam cumpridas pelo formando, e também pelo próprio formador, que talvez não conheça a leitura a partir desta perspectiva.

### **13.1.1 - Leitura: uma nova ação educativa**

Fica constatado após reflexões contínuas sobre o ato de ler, o homem e a educação, que se faz urgente uma mudança de atitude do educador, que não privilegia em sua atuação no âmbito educacional a relação natural e dialética entre homem e mundo. Nesse mesmo caminho, fica ferida também a própria relação entre educador e mundo através de sua prática, já que segundo Freire (1996) a prática educativa deve ser crítica e envolve um pensar dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o que fazer.

Por conta disso, tem-se uma ligação íntima entre a prática educativa crítica e a educação, pois ambas caracterizam-se por uma estrutura complexa, que implica em relacionamentos, onde cada elemento funciona como variável para o outro.

Ao pensar nesse modo complexo de ver os elementos que levam o ser humano a delinear seu projeto de existência, inicia-se o processo de mudança por um lugar óbvio: a formação do educador.

*No geral, essa formação, de uma forma mais profunda, e tida nas universidades, que por sua vez, tem-se inculcado no pensamento como “o lugar onde o leitor se apresenta como uma figura constante: leitura em casa, leitura na sala de aula, leitura na biblioteca” (ANDRAUS JUNIOR; SANTOS, 1999, p. 48).*

Esse pensamento é uma verdade, ou até algo maior, uma necessidade do profissional em formação, pois o ato de ler se efetua através da necessidade pela busca de conhecimento para nortear a prática. Isso significa que desenvolver atitude de pesquisador é importante para que o profissional seja bem formado e logo após sua graduação passe a formar com qualidade.

Contudo, sabe-se que há algo mais a ser mudado no profissional, que é exatamente a mentalidade, ou melhor, o “pôr em prática” a prática educativa crítica, elemento que, talvez, não seja só despertado pela universidade, mas sim ao longo da vida escolar do educando.

Foca-se aqui na universidade pelo fato de ser o local responsável pela busca de conhecimento mais especializado, e, por conseguinte, ser o lugar de onde vêm as pessoas com capacidade crítica, ou com maior possibilidade de desenvolvê-la, e ter as ferramentas para a mudança de rumo em sua área de atuação.

*[...] O simples conhecimento “erudito” de seus conteúdos é tão destituído de história quanto a adaptação de seu conteúdo para as necessidades diárias. A posse bibliotecária dos escritos dos pensadores não garante que sejamos capazes, ou dotados, para seguir no pensamento que aí foi pensado. Mais essencial do que conservar e possuir integralmente o escrito do pensador é relacionar-se, mesmo que à distância, com o a-se-pensar no pensamento do pensador [...] (HEIDEGGER, 2000, p. 52, grifo do autor).*

É preciso colocar aqui o que vem a ser o conhecimento erudito, que nada mais é do que o saber científico que circula no curso superior. Contudo, o pensamento que permeia essa fala é algo bem maior, tendo profunda ligação com o projeto de existência dentro da leitura. Várias teorias são apresentadas no decorrer da vida acadêmica, mas é fato que para uma boa formação é necessária mais do que apoderar-se delas para a prática, mas sim dialogar com as ideias do autor, buscando o que ele quer dizer para assim poder transformar o a-se-pensar no pensamento do escritor em um vir-a-ser da prática profissional do educador.

Mas novamente se tem a figura da variável humana no projeto, que vai atender na busca profissional aquilo que se acha certo, seja isso bom para a sociedade ou não. Por isso, a mentalidade se torna, às vezes, mais importante que o conteúdo. Freire (1996) cita o comprometimento como fator primordial, pois não se pode exercer o magistério como se nada acontecesse ao indivíduo educador. Seguindo esse pensamento, não só ocorrem coisas com o educador, como também com o educando e com a sociedade.

Ao internalizar isso, o educador estará preparado para assumir as exigências que constituem no cumprimento de um novo papel da educação no que diz respeito à leitura. Estar preparado para uma mudança no olhar sobre o ato de ler exige esvaziamento e consideração ao olhar do educando, abrindo-se a múltiplas vertentes, tornado-se, como exalta Freire (1996), um educando, para vir-a-ser um educador.

*[...] Uma primeira diz respeito ao seu criador (emissor): o texto deve ser “expressivo” do diálogo existencial entre o seu criador e o mundo, isto é, “representativo” da sua caminhada para fora de si mesmo, da sua penetração em horizontes da cultura. Sendo expressivo, estará sendo “original”. Sendo representativo, estará sendo “relativo”: “um” homem, “um” ponto de vista (SILVA, 2005, p. 78, grifo do autor).*

Isso pode se traduzir como o respeito ao educando, e, conseqüentemente, a estrutura fenomenal de leitura e educação. Um pensamento nunca irá se tornar único se não for respeitada pelo educador

essa exigência. De acordo com Silva (2003), se o educador for adepto do lema que leitura é pura tradução da escrita do autor, ele irá privilegiar isso através de sua prática.

O educador deve se livrar de velhos paradigmas e ter a educação como um fator que influencia a sociedade, e, assim, privilegiar a leitura criativa, sendo esta que estabelecerá a relação homem-mundo através do processo de significação original, ou seja, única, e relativa, isto é, diversificada a partir do olhar do indivíduo que a originou.

*A segunda exigência diz respeito ao contexto no qual o documento escrito se insere. O contexto não é outro senão o mundo histórico, cultural e existencial. O documento deve objetivar esse mundo a fim de permitir a “observação” por parte do aluno-leitor; deve, em outras palavras, expressar o mundo em sua significação, simbolizando a sua estrutura (SILVA, 2005, p. 79, grifo do autor).*

Para que se entenda de forma plena o documento escrito, o educador deve propiciar ao educando todo um contexto histórico, o que dará as condições de ação por parte do indivíduo, a fim de tornar claras as significações escondidas nas entrelinhas. Todo documento tem conceitos camuflados que podem aparecer à medida que se conhece o que estava ocorrendo na sociedade quando o texto foi redigido, o que ele representou para a época.

Por isso, a leitura criativa é focada novamente em sua significação, onde o indivíduo que efetua o ato de ler “é aquele que interpreta um texto à luz do seu contexto, estabelecendo relações entre as ideias produzidas e a vida concretamente vivida em sociedade” (SILVA, 2003a, p. 41). Esse homem será capaz de visualizar situações na estrutura social, que, como já comentado acima, normalmente estão escamoteadas, o que torna possível que haja contradições na realidade social em curso.

*A terceira exigência da mensagem é que ela deve voltar-se ao aluno-leitor. Não basta ao documento escrito ser expressivo do ser-no-mundo, é necessário que ele se constitua numa “tentativa de comunicação com o outro”, pois o “texto” só se manifesta à*

*medida em que é lido. Comunicativo é, então, o documento que provoca, questiona, interpela e dá a sua palavra, levando em conta a presença do leitor em situação de aprendizagem (SILVA, 2005, p. 79, grifo do autor).*

Nesse caminho, um documento deve suprir as necessidades dos educandos, sendo esse tipo de texto que lhe atrairá e deixará motivado a continuar sua caminhada na busca pelo seu projeto existencial. O desinteresse vai acontecer a partir do momento em que o documento escrito não oferecer significado ao indivíduo, o que pode tornar a leitura improdutiva e, até, prejudicial. Entende-se o prejuízo numa visão micro, ou seja, para o indivíduo, e numa visão macro, para a sociedade, que não se beneficiará de outra significação para produzir o conhecimento.

Andraus Junior e Santos (1999) colocam que o leitor pode exercer o papel de sujeito ou objeto do ato de ler, tendo ligação com a postura crítica ou acrítica que venha a ter frente ao texto lido. Para que o indivíduo não se torne objeto da leitura é necessário que ele não apenas retenha as informações, mas sim as trabalhe para extrair os significados e enxergue se há conexão entre realidade e escrita, expressando-os a sociedade da forma que ele entenda como correta.

*A quarta exigência diz respeito à linguagem, código por excelência, através da qual veicula-se a mensagem escrita. Esta deve constituir-se, antes de mais nada, no “campo de compreensão” diálogo. Deve ser “criativa” para o emissor (isto é, permitindo-lhe expressividade máxima) e “simbólica” para o leitor, ou seja, permitindo-lhe a atribuição de significados. Estas são funções que cabem ao código somente por força de expressão, pois na verdade a língua é produzida pelo homem e somente existe através dele (SILVA, 2005, p. 79, grifo do autor).*

Retorna-se aqui a origem da escrita e seu principal objetivo para o seu criador, ou seja, o homem. Quando foi criada, a sua função principal era a de comunicar, tornando, assim, possível que os conhecimentos não se perdessem e possibilitassem que as outras gerações também se beneficiassem deles. Hoje não é diferente, e para tornar o olhar mais

complexo, a linguagem escrita não só se desenvolveu em sua estrutura como também nos meios de disseminar-se: tornam-se cada vez mais comuns a propagação de textos em modos eletrônicos, além do impresso.

Contudo, essa maior facilidade de comunicar não implicará em qualidade de leitura se o educador não mediar esse processo de maneira adequada. Silva (2003b) apresenta uma visão interessante, em que o profissional de educação deve se colocar como um ouvinte, orientando os educandos no intuito de aprofundamento, questionando e estimulando a produção de novas ideias partindo das significações obtidas pelo indivíduo.

Por conta disso, se torna mais importante o papel do educador, levando em consideração, na escolha dos textos, o que esse material transmite em seu código linguístico, isto é, se ele se comunica com eficácia e permite uma interpretação livre de vícios do emissor. Sua atitude de ouvinte deve estar presente na sala de aula, omitindo-se para melhor orientar, mas não deve omitir-se no momento de escolha, analisando os textos com atenção rigorosa em todos os aspectos.

*Uma quinta e última exigência diz respeito à própria participação ou presença da mensagem escrita no diálogo educacional. Ela deve ser ABERTA a fim de permitir a concretização do diálogo. Isto é: a presença do documento escrito, na situação em que o homem se coloca para atribuir significados, significa uma QUESTÃO ou DÚVIDA. Como toda questão existe para ser respondida, a resposta à mensagem escrita é o próprio ATO DE LER, o exercício do leitor no diálogo educacional (SILVA, 2005, p. 79).*

A leitura dentro do espaço educacional deve ser tratada como um ato de liberdade. Para que se obtenha uma resposta às significações atribuídas pelo autor, é necessário que se busque aquilo que irá satisfazer o leitor. Nesse caminho, o indivíduo participa do diálogo educacional, expressando seus pontos de vista e mostrando os caminhos que o levaram a ter esse posicionamento.

Por isso, Silva (2003a) coloca o dar liberdade aos leitores como o escutar os sentidos dados pelos mesmos e aproveitá-los pedagogicamente, buscando sempre a união entre os significados e a compreensão cada vez mais aprofundada e refinada da realidade em que está contextualizada.

Ao situar a liberdade no projeto de existência, não há possibilidade de cada indivíduo projetar seu vir-a-ser no mundo sem libertar-se dos significados pré-estabelecidos. Isso deve ser internalizado pelo educador, que em sua prática deverá libertar o indivíduo do papel de aluno, apenas recebendo informações e significados, para se tornar um educando, sujeito de sua própria ação educativa, e assim desenvolver seu projeto de existência original e único.

*Assumindo ser o ensino um processo diretivo sob a responsabilidade e autoridade do professor, temos que a qualidade das unidades de leitura depende diretamente do conjunto de decisões tomadas antes, durante e depois da implementação delas com o grupo de alunos a serem ensinados numa determinada escola, sob determinadas condições e num tempo curricular normatizado pela rede de ensino a qual essa escola pertence (SILVA, 2003b, p. 20).*

Constata-se aqui a importância do profissional de educação no processo de leitura, onde esse indivíduo deve ser capaz de organizar suas ações em benefício ao respeito devido ao educando, possibilitando que tudo o que fora desenvolvido nessas reflexões saia do quadro teórico para o prático.

O educador deve partir do princípio de análise de cada passo em sua prática, norteando suas ações em perguntas aparentemente simplórias, mas que vêm carregadas de significação do seu próprio “eu” e da sua visão como educador: “Por que do meu ensino de leitura?” “Para quem do meu ensino de leitura?” “O quê do meu ensino de leitura?” “O como do meu ensino de leitura?” “De que forma avaliar o meu ensino de leitura?”

*Para que as palavras durem dizendo cada vez coisas distintas, para que uma eternidade sem consolo abra o intervalo entre cada um de seus passos, para que o devir do que é o mesmo seja em*

*sua volta a começar, de uma riqueza infinita, para que o porvir seja lido como o que nunca foi escrito... “Deve-se dar as palavras” (LARROSA, 2003, p. 131, grifo nosso, tradução nossa<sup>2</sup>).*

Aqui surge a grande questão que envolve a leitura. O educador, tendo de respeitar e considerar várias etapas do ensino da leitura como deve ser feita, se vê, talvez, um pouco confuso sobre em que consiste o seu papel dentro da educação, se cada um tem de desenvolver seu projeto de existência e procurar caminhar com as próprias forças.

É justamente nesse momento que o profissional de educação tem de estar presente, não dando o significado pronto, mas sim, dando os caminhos para que cada um encontre o seu significado frente ao texto. Por conta disso, dar-se-ão as palavras, mas o sentido, só o leitor saberá, e assim, a leitura se caracteriza como a resposta aos questionamentos e dúvidas no caminho do indivíduo em busca de vir-a-ser dentro do mundo, e assim firmar sua existência dentro do mesmo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho serviu para constatar que o ato de ler, por ser um projeto de existência, pode ser considerado também um ato de compreensão da vida, onde a relação entre leitor e texto não ocorre mecanicamente e sistematicamente, mas sim de maneira consciente, onde o indivíduo se localiza dentro da leitura em busca de significados que o trarão a possibilidade de reconstrução do conhecimento, torna, assim, cada projeto único.

Por conta disso, coloca-se aqui o objetivo principal do presente estudo, que seria o da análise do trabalho do educador no desenvolvimento do ato de ler dos educandos, que, segundo foi constatado, deve, a princípio,

---

<sup>2</sup> Para que las palabras duren diciendo cada vez cosas distintas, para que una eternidad sin consuelo abra el intervalo entre cada uno de sus pasos, para que el devenir de lo que es lo mismo sea, en su vuelta a comenzar, de una riqueza infinita, para que el porvenir sea leído como lo que nunca fue escrito... hay que dar las palabras.

valorizar o ambiente social, refletindo-se nessa ação o respeito ao indivíduo como ser único e integrante de uma comunidade, que embora regida por leis e normas iguais tem suas características, o que dá a cada um essa singularidade.

Esse objetivo foi elaborado a partir da problematização e hipótese, referindo-se a atuação do educador perante a leitura no âmbito escolar. Foi constatado que os educadores, apesar de saberem da importância do ato de ler, pelo fato de terem passado pela universidade, tida como uma casa de leitores, a singularidade do indivíduo que se torna profissional de educação também interfere em sua área de atuação. A mentalidade dogmática prevalece em sua prática, o que não auxilia de forma alguma o desenvolvimento do educando em direção a leitura crítica e criativa, que são utilizadas frequentemente na universidade e na vida, momento onde se estabelecem os projetos de existência.

Fica comprovada a hipótese de que os educadores não têm dado o devido auxílio aos educandos no intuito de dá-los plena formação e domínio da habilidade de ler, tendo atitudes que levam a crer que há falta de comprometimento e respeito para com os discentes, que desenvolvem, a cada dia, seu vir-a-ser no mundo.

Por conta disso, é necessário que se efetue uma mudança de mentalidade, tornando a prática educativa mais adequada para esse fim, que é o de formar indivíduos que tenham competência no ato de ler para pensar, resignificar e reconstruir os conhecimentos que irão direcionar o seu projeto existencial, firmando sua existência no mundo, e, conseqüentemente, atuando de forma plena na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRAUS JUNIOR, Salim; SANTOS, Acácia A. Angeli dos. **Importância do desenvolvimento da leitura na formação profissional.** In: WITTER, Geraldina Porto. *Leitura: Textos e Pesquisas.* Campinas: Alínea, 1999, p. 37-53.
- AVELAR, Rodrigo. **Leitura e Autonomia na vida dos educadores e educandos.** *Revista Enfoque.* Nova Friburgo: v. 2, n. 2, p. 46-50, jan. / jul. 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. **Heráclito: a origem do pensamento ocidental. Lógica. A doutrina heraclítica do logos.** 2 ed. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2000.
- LARROSA, Jorge. **Dar a leer... quizá – Notas para una dialógica de la transmisión.** Trad. Rodrigo Avelar. In: OSWALD, Maria Luiza; YUNES, Eliana (orgs.). *A Experiência da Leitura.* São Paulo: Loyola, 2003, p. 117-131.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Trilogia Pedagógica - Leitura em curso.* Campinas/SP: Autores Associados, 2003a.
- \_\_\_\_\_. *Trilogia Pedagógica – Unidades de Leitura.* Campinas/SP: Autores Associados, 2003b.

## Capítulo 14 - EDUCAÇÃO ESPECIAL

*“Mais que uma descoberta e um aprendizado: Um desafio!”*

*Profa. Bianca Guidini Santaguitta*

*Profa. Adriana Soriano*

*Prof. Alexandre Vieira*

### INTRODUÇÃO

O dia a dia de uma escola especial é bastante diferente de um dia em uma escola regular. Estão envolvidos afazeres, atitudes e maneiras de condução de atividades que a torna diferente, mas que para aquela circunstância são tão naturais e corriqueiras que resultam na indagação: *“Alunos especiais com professores de grupos especiais ou professores especiais para alunos especiais?”*

Falar de pessoas especiais na educação é uma missão enriquecedora, pois faz perceber que a todo instante o que torna um educador especial

não são só as pessoas que tem alguma necessidade educativa especial ao redor e sim a maneira que ele, educador, tem de olhar a tudo que o rodeia.

Normalidade, diferenças individuais – difícil tarefa é definir os limites. A tendência do novo milênio parece realmente ser a de derrubar barreiras, sobrepor preconceitos ou desinformações. Cada vez mais instrumentos legais têm sido criados com o intuito de oferecer às crianças e jovens brasileiros oportunidades indistintas de acesso ao ensino regular, independente de possíveis restrições motoras, sensoriais ou até mesmo intelectuais.

No Decreto nº 3.298 de 1999 da legislação brasileira, encontramos o conceito de deficiência como *“toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”*. Nos últimos anos, muito se tem discutido sobre o movimento de inclusão que o Governo Federal vem tentando implementar nos estabelecimentos do sistema regular de ensino (BRASIL, Constituição Federal, 1988). Os professores, que até então encaravam crianças com deficiências como uma realidade muito distante, agora são obrigados a fazer cursos e a se atualizar para recebê-las.

Até pouco tempo atrás, acreditava-se que crianças e jovens com deficiências teriam melhores resultados caso fossem atendidos por um sistema especial de ensino, inclusive no que se refere à educação física. Considerava-se que, em função das limitações, estes estudantes não poderiam se engajar irrestritamente, de forma segura e com sucesso, em atividades vigorosas de um programa de educação física convencional. Exigia-se que houvesse mudanças ou ajustes de metas, objetivos e instruções. Tal preceito, nos dias de hoje, não é premissa para a implementação e implantação de programas, dada a tendência de convivência manifestada pela sociedade, com base no modelo de direitos humanos e direitos sociais. Assim, emerge a necessidade de modificações profundas no sistema educacional brasileiro, de forma que o processo de inclusão extrapole a esfera legal e mostre-se na prática um instrumento poderoso de formação da cidadania e inclusão social.

## **14.1 - A educação especial no Brasil – dimensões históricas e legais**

Durante muitos séculos pessoas com deficiência foram consideradas pessoas doentes, as quais não tinham serventia alguma perante a sociedade. Moussatché (1997) descreve que as leis de Esparta e da Antiga Roma os condenava à morte. Na Europa Medieval existia uma ambivalência de atitudes, que ora os considerava como enviados divino, ora os condenava ao exílio, à fogueira como se fossem pessoas estigmatizadas com pacto com o demônio.

Em oposição a esse tipo de prática veio a institucionalização da escolaridade obrigatória, porém, devido ao fato de as escolas não terem preparação para oferecer aprendizagem a todos de forma igualitária, vieram os meios segregados e assistencialistas de ensino.

Segundo Mantoan (2003) a educação especial no nosso país teve início no século XIX, inspirada em modelos norte-americanos e europeus, na forma de ações isoladas e não governamentais. Mazzota (2003) divide a história da educação especial em três fases, sendo a primeira de caráter assistencialista, com o intuito maior de proteção, a segunda com caráter médico-terapêutico, e a terceira com caráter de integração dividida em dois momentos, o primeiro com intervenção centrada no aluno e a segunda centrada na escola. Na intervenção centrada no aluno, as crianças eram agrupadas em categorias, segundo um diagnóstico. O apoio era prestado em salas específicas, de modo a não causar qualquer perturbação na sala regular. Já na intervenção centrada na escola, passa a caber a esta a necessidade de responder à individualidade e às necessidades educativas especiais de cada criança. Assim, a integração no sistema regular de ensino mostra o objetivo de “normalizar” o indivíduo, tanto em níveis físicos, como funcionais e sociais. O princípio da normalização tinha como pressuposto básico a ideia de que toda pessoa com deficiência tinha o direito de experimentar um estilo ou padrão de vida que seria comum ou normal à sua própria cultura.

Ainda segundo Mazzotta (2003), a evolução da educação especial no Brasil pode ser subdividida em dois períodos distintos: primeiro de 1854 a 1956, com iniciativas oficiais e particulares e segundo de 1957 em diante, com iniciativas oficiais de âmbito nacional. O primeiro período inicia-se em 12 de setembro de 1854, quando o imperador D. Pedro II fundou, na cidade do Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, posteriormente modificado para Instituto Benjamin Constant (IBC).

Já o segundo período inicia-se em 1957, quando o Governo Federal passa a criar campanhas voltadas especificamente para pessoas com deficiência. Foram criadas a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro em 1957 e a Campanha Nacional de Educação de Cegos em 1960.

Em 1994, a Conferência Mundial da UNESCO sobre Necessidades Educacionais Especiais (BRASIL, 1994) deixou claro que a exclusão nas escolas incentiva a discriminação, que a educação é questão de direitos humanos e que os indivíduos com deficiências devem frequentar as escolas, cabendo a elas modificarem-se para incluir a todos. A partir de então, com a aprovação da Declaração de Salamanca, diversos esforços começaram a ser movidos no sentido de tornar real o movimento de inclusão escolar no Brasil e em todo mundo. Esses movimentos iniciados na década de 90 têm avançado de forma acelerada especialmente em países desenvolvidos, constatando-se que a inclusão bem-sucedida de alunos com deficiências ou outras necessidades educacionais especiais requer um sistema educacional diferente do atualmente disponível. Um exemplo de país desenvolvido no qual a inclusão acontece na maior parte dos estabelecimentos de ensino é a Noruega, onde 99% das crianças estudam em sistema inclusivo.

Após a assinatura da Declaração de Salamanca em 1994, o Brasil atravessa um momento de grandes revisões na área do atendimento a crianças com deficiências e uma das maiores discussões diz respeito à formação dos professores. No entendimento de alguns educadores, não seria necessário formar professores especializados no ensino para crianças com deficiências, já que esta tarefa passaria a ser de todos os professores, em vista do movimento de inclusão.

A principal ideia da Declaração de Salamanca foi sua “orientação inclusivista”, considerando que as escolas regulares, ao atingirem a educação para todos, devem ser o ponto de partida para a criação de comunidades solidárias e de uma sociedade que seja capaz de incluir. Nesse novo conceito, a escola, ao invés de encarar as diferenças como dificuldades, considera-as como oportunidades para a criação de um ambiente educativo mais rico para todos.

## **14.2 - Aspectos legais da educação especial no Brasil**

Há alguns anos o Governo Federal vem tentando implementar um movimento inclusivo nos estabelecimentos do sistema regular de ensino. Em 1948 foi preconizado, legalmente, pela Declaração Mundial dos Direitos Humanos, o direito de toda pessoa à inclusão, atendendo às necessidades de negros, índios, pobres e todos aqueles comumente excluídos da sociedade ao direito de ter uma educação igualitária, assim como pessoas com deficiência.

A Lei de Diretrizes e Bases – LDB fundamentou em 1961 na Lei nº 4.024 (MEC/SEESP, 2007) o atendimento educacional às pessoas com deficiência, apontando o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino. Já a Lei nº 5.692 artigo 9º, veio alterar a LDB de 1961, preconizando que os alunos que apresentassem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrassem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deveriam receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação”, o que acabou como “tratamento especial”, encaminhando esses alunos à classes e escolas especiais.

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) trouxe em seu artigo 3 inciso IV o dever do estado em “promover o bem de todos, sem preconceitos de

origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”, e garantiu no artigo 206 inciso I igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, e no artigo 208 inciso III: “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Nesse momento notou-se a necessidade de mudanças na legislação educacional brasileira, de forma a garantir que aqueles que tivessem a capacidade de acompanhar o ritmo de uma sala regular assim o fariam dentro de uma proposta inclusiva.

Também a lei 8069 (BRASIL, 1990), dispondo sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, determinava que todos tinham direito à educação, visando o pleno desenvolvimento da sua pessoa, com igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Ainda em 1994 foi publicada a Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994), que condicionava o acesso às classes de ensino regular àqueles que possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades programadas no mesmo ritmo dos alunos do ensino comum. Isto deixava clara a necessidade de conhecimento por parte dos educadores, pois a adaptação no ensino não deveria ser feita somente em seu conteúdo.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN nº 9394 (BRASIL, 1996) tratou em seu 5º capítulo somente sobre educação especial, o que foi um resultado do crescimento das pesquisas nessa área. Este capítulo resumidamente determina a necessidade de que os alunos da educação especial sempre que possível se matriculem em classes regulares, definindo ainda treinamento aos professores de classe regular e especial para que estejam preparados para a inclusão quando necessário e apoio multidisciplinar. Em seu capítulo 60, estabelece que “o poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo”.

Em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs foram elaborados levando em conta estratégias para a educação de alunos com

necessidades educacionais especiais e adaptações curriculares nacionais, respeitando a diversidade dos estudantes do país e construindo referências nacionais comuns ao processo educativo de todas as escolas do Brasil (BRASIL, 1998).

O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001), ao analisar a situação da educação especial no Brasil, propõe uma série de diretrizes e ações progressivas para a melhora do atendimento educacional para as pessoas com necessidades educacionais especiais, incluindo-se neste grupo aquelas com deficiências. Segundo o PNE, essa política deveria abranger o âmbito social, reconhecendo todas as pessoas como cidadãos e o âmbito educacional, tanto nos aspectos administrativos (adaptação dos espaços e equipamentos), como na qualificação de professores e de todos os demais profissionais envolvidos, garantindo vagas no ensino regular para os diversos tipos e graus de deficiências. Entre outras ações, são colocadas as necessidades de se organizar em todos os municípios parcerias com as áreas de saúde e assistência, além do oferecimento de recursos materiais adequados para a aprendizagem de alunos com deficiências, da adaptação estrutural dos estabelecimentos de ensino a fim de facilitar o acesso de todos à escola, do aumento da quantidade da verba destinada para o propósito da inclusão nas escolas e do preparo contínuo dos professores para lidar de forma cada vez mais efetiva com esta nova realidade.

Em 2002 através da Lei nº 10.436 artigo 4º destacou-se que o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão e outros recursos de expressão a ela associados, porém no parágrafo único cita que a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. No decreto nº 5.626/05 que regulamenta essa lei é disposta a inclusão da Libras como disciplina curricular, sendo que professores, intérpretes e

instrutores devem se preparar, utilizando o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos.

Tratando especificamente das necessidades de alunos com deficiência visual, a Portaria nº 2.678/02 do MEC aprova diretrizes e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do sistema Braille em todas as modalidades de ensino, compreendendo o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e a recomendação para seu uso em todo o território nacional.

Na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que foi aprovada pela ONU em 2006 e da qual o Brasil é signatário, foi estabelecido que os Estados Partes se comprometem em adotar todas as medidas legislativas, administrativas e de qualquer outra natureza, necessárias para a realização dos direitos reconhecidos na presente Convenção. No artigo 24 que fala sobre a Educação ficou estabelecido que os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência à educação. Para realizar este direito sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades, os Estados Partes deverão:

1. Assegurar um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida, com um dos objetivos sendo o desenvolvimento máximo possível da personalidade e dos talentos e criatividade das pessoas com deficiência, assim de suas habilidades;
2. Assegurar que as pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob a alegação de deficiência;
3. Assegurar às pessoas com deficiência a possibilidade de aprender as habilidades necessárias à vida e ao desenvolvimento social, a fim de facilitar-lhes a plena e igual participação na educação e como membros da comunidade, para tanto, os Estados Partes deverão tomar medidas apropriadas;

4. A fim de contribuir para a realização deste direito, tomar medidas apropriadas para empregar professores, inclusive professores com deficiência, habilitados para o ensino da língua de sinais e/ou do braile, e para capacitar profissionais e equipes atuantes em todos os níveis de ensino. Esta capacitação deverá incorporar a conscientização da deficiência e a utilização de apropriados modos, meios e formatos de comunicação aumentativa e alternativa, técnicas e materiais pedagógicos, como apoios para pessoas com deficiência.
5. Os Estados Partes deverão assegurar que as pessoas com deficiência possam ter acesso à educação comum nas modalidades de: ensino superior, treinamento profissional, educação de jovens e adultos e aprendizado continuado, sem discriminação e em igualdade de condições com as demais pessoas. Para tanto, os Estados Partes deverão assegurar a provisão de adaptações razoáveis para pessoas com deficiência.

Como se pode observar, muitos são os mecanismos legais que asseguram o ingresso de todas as crianças, independentemente de condições especiais, no sistema brasileiro de educação. Não fica claro, no entanto, quais são as crianças que de fato caracterizam o grupo que pode ser “extraordinariamente” atendido pela educação especial e não pela regular. É preciso que estas informações sejam esclarecidas e amplamente divulgadas em todos os estabelecimentos de ensino do país, para que a teoria seja de fato posta em prática, o governo assuma definitivamente seu papel de provedor da educação e todos os ajustes necessários possam ser feitos.

### **14.3 - Condições necessárias para a inclusão nas escolas – Atendimento Educacional Especializado da Secretaria de Educação Especial do MEC (SEESP/SEED/MEC).**

Em 2003, foi implementado pelo MEC o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, com vistas a apoiar a transformação dos

sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, promovendo um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, à oferta do atendimento educacional especializado e à garantia da acessibilidade. Em 2007, diferentes autores montaram a cartilha do Atendimento Educacional Especializado abordando as deficiências visual, auditiva (surdez), intelectual e física. Alguns direcionamentos estão destacados nos subtítulos a seguir.

### **14.3.1 - Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência visual.**

Antes de abordar sobre os alunos com deficiência visual é preciso entender algumas classificações que se fazem necessárias, pois o resíduo visual que é o que sobra de uma visão após a sua perda, seja de forma congênita ou adquirida, é o que auxiliará bastante no aprendizado do dia-a-dia, nas tarefas de rotina oferecendo maior segurança, no aprendizado escolar, no convívio social, no aprendizado esportivo e em tantos outros aspectos.

Uma pessoa que apresente deficiência visual pode ter Baixa Visão ou ser Cega Total, isso quer dizer que pode ter ausência ou perda de visão em ambos os olhos ou um campo visual inferior a 0,1 grau no melhor olho, mesmo após tentativa de correção. A perda da visão pode ser congênita, quando a criança nasce com essa deficiência (período pré-natal e perinatal), ou adquirida, quando a criança fica deficiente após o nascimento (pós-natal). Dentro do aspecto educativo, a cegueira representa a perda total ou um resíduo baixo de visão que leve o aluno adquirir o aprendizado do Braille, criado em 1825 na França, por Louis Braille como código ou meio de leitura e escrita das pessoas cegas, conhecido universalmente para sua alfabetização, além de outros equipamentos e recursos que são utilizados promovendo uma maior independência da pessoa deficiente.

Baixa Visão ou Visão subnormal ocorre quando o indivíduo possui uma acuidade visual de 6/20 e 6/60 no melhor olho, após a correção máxima. Sob o enfoque educacional, Baixa Visão é o resíduo visual mais

elevado que possibilita que o educando faça o acompanhamento de materiais impressos em uma fonte maior facilitando a leitura e também se utilizando de softwares ampliadores de tela ou de caracteres que apresentam o recurso de variação de tamanho de fonte e de imagens e com combinações de cores.

Muitas vezes, infelizmente pela falta de preocupação e atenção do docente e da instituição ao seu aluno, ambos costumam confundir ou interpretar de maneira equivocada determinadas atitudes e condutas de alunos com baixa visão que oscilam entre o enxergar e o não enxergar.

Esses equívocos institucionais e de docentes fazem com que tais alunos manifestem algumas dificuldades de percepção em determinadas circunstâncias tais como: objetos colocados em ambientes com má iluminação, ambiente com muita claridade, objetos que não possuam contraste, percepção de formas complexas, dificuldades de representação de objetos tridimensionais e, por fim, impressos ou figuras que não condizem com o potencial da visão do aluno.

É importante que a motivação e o incentivo deste aluno em sala de aula seja o principal foco para progressão de seus estudos, sendo que as atividades realizadas devem proporcionar prazer, o que leva por consequência a iniciativa e a autonomia, que são os objetivos primordiais da estimulação visual.

Uma necessidade real na educação para cegos é possibilitar a coleta de informação por meio dos sentidos remanescentes (a audição, o tato, o paladar e o olfato), que são importantes canais ou porta de entrada de dados e informações que serão levados ao cérebro, para que o aprendizado seja completo e significativo.

Criar um ambiente que privilegia a convivência e a interação com diversos meios de acesso à leitura, à escrita e aos conteúdos escolares em geral são primordiais para a facilitação do sistema de ensino-aprendizagem deste aluno, sendo que a consequência dos mesmos, a falta de conhecimento, de estímulos, de condições e de recursos adequados pode reforçar o comportamento passivo, inibir o interesse e, assim, a

motivação. A escassez de informação restringe o conhecimento em relação ao ambiente.

Por isso, é necessário incentivar o aluno com deficiência visual a uma situação exploratória, ou seja, a observação e a experimentação como processo de conhecimento e interação global.

Além destes fatos, não há dúvidas que os educadores devem estabelecer um relacionamento aberto e cordial com a família dos alunos para conhecer melhor suas necessidades, hábitos e comportamentos, para que evitem determinadas atitudes como superproteção do aluno e assim a própria fragilização deste com docentes e amigos, combatendo atitudes de discriminação.

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j
·	·	·	·	·	·	·	·	·	·
k	l	m	n	o	p	q	r	s	t
·	·	·	·	·	·	·	·	·	·
u	v	x	y	z	ç	é	á	ê	û
·	·	·	·	·	·	·	·	·	·
â	ê	í	ô	û	à	ï	ü	õ	w
·	·	·	·	·	·	·	·	·	·
	ó	ã	·	·	—	·	·	·	·
·	·	·	·	·	·	·	·	·	·
·	·	·	·	·	·	·	·	·	·
·	·	·	·	·	·	·	·	·	·
1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
·	·	·	·	·	·	·	·	·	·

· · · ceta braille  
 · · · completa

1 4 numeração  
 2 5 convencional  
 3 6 dos pontos

### **14.3.2 - Atendimento Educacional Especializado para alunos com surdez.**

A deficiência auditiva consiste na perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz.

Pessoas com surdez enfrentam inúmeros problemas e dificuldades para participar da educação escolar, vistas a perda da audição e em consequência a este, da estrutura das propostas educacionais das escolas.

Diante deste problema, muitos alunos com problemas auditivos podem e muitas vezes são prejudicados pela ausência de estímulos adequados aos potenciais cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e político-cultural e assim ter perdas que realmente podem prejudicá-lo no desenvolvimento de sua aprendizagem.

Sobre os fatos expostos acima, quais seriam os processos curriculares e pedagógicos a serem modificados e/ou criados para atender essa diferença sendo que diante da Legislação Nacional, a escola é aberta para todos?

As polêmicas em torno da educação escolar para pessoas com surdez são inúmeras, sendo que a proposta de educação escolar inclusiva ainda é um desafio a ser combatido.

A necessidade de se realizar a inclusão do aluno com surdez no âmbito educacional é de extrema importância e deve acontecer desde a educação infantil até a educação superior, para que este possa, diante das inúmeras dificuldades existentes em sociedade, usufruir de seus direitos e deveres como cidadão, segundo os princípios constitucionais de nosso país.

O “oralismo” realizado nas escolas comuns ou especiais visam à capacitação e qualificação da pessoa com deficiência auditiva no sentido de que possa utilizar a linguagem da comunidade ouvinte na modalidade oral, como forma de possibilidade linguística, de modo que seja possível o uso da voz e da leitura labial, tanto nem sua vida social, como na instituição de ensino.

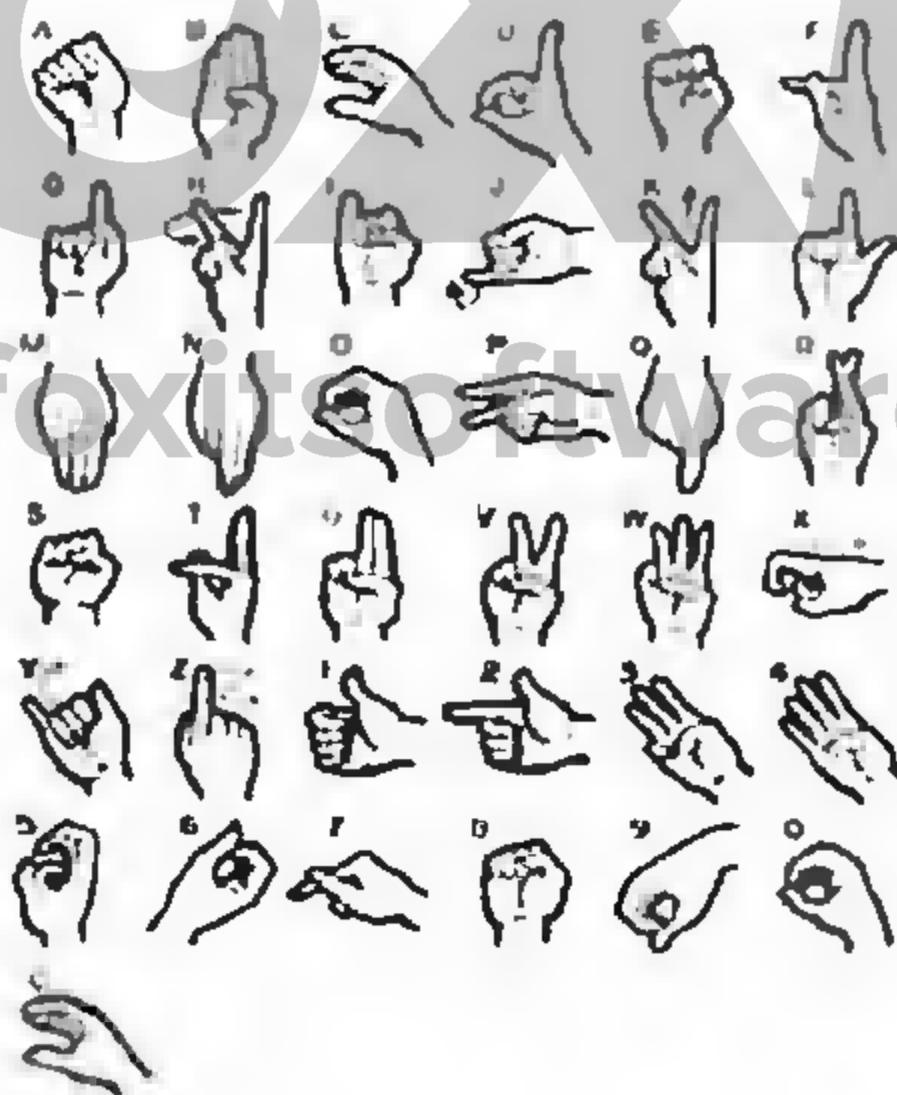
O meio de comunicação mais propício é a Língua de Sinais (LIBRAS), essencial para a realização do ensino-aprendizagem.

É importante que o professor que ministra aulas em Libras deve ser qualificado para realizar o atendimento das exigências básicas do ensino por meio destas comunicações, para não misturar a Libras e a Língua Portuguesa que são duas línguas de estruturas diferentes, chamada Bimodalismo.

Na escola regular ou comum, é necessário que se obtenham professores que realizem tal atendimento, sendo que os mesmos precisam ser formados para ser professor e ter pleno domínio da Língua de Sinais.

Não há dúvidas de que o Atendimento Educacional Especializado em Libras fornece a base conceitual dessa língua e do conteúdo curricular estudado na sala de aula, o que favorece ao aluno com surdez a compreensão desse conteúdo.

O atendimento nessa língua contribui enormemente para o avanço conceitual do aluno na classe comum.



<sup>40</sup> DICIONÁRIO DE LIBRAS (World Wide Web, disponível em: [http://www.dicionariolibras.com.br/website/conteudo.asp?cod=124&idi=1&moe=6&id\\_website\\_categoria\\_conteudo=32](http://www.dicionariolibras.com.br/website/conteudo.asp?cod=124&idi=1&moe=6&id_website_categoria_conteudo=32), acessado em 15/08/2010).

O Atendimento Educacional Especializado com o uso de Libras, ensina e enriquece os conteúdos curriculares promovendo a aprendizagem dos alunos com surdez na turma comum, mas é importante e indispensável que o ambiente educacional seja bilíngue, respeitando desta forma a estrutura da Libras e da Língua Portuguesa, mas para isso necessita-se de uma organização metodológica e didática especializada.

### **14.3.3 - Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência intelectual**

A deficiência intelectual, de acordo com a American Association on Intellectual and Development Disabilities (AAIDD), consiste em funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: um funcionamento mental significativamente abaixo da média, em relação ao período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa, ou da sociedade, nos seguintes aspectos: comunicação, cuidados especiais, habilidades sociais, desempenho na família e comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho.

A deficiência intelectual diferentemente das outras deficiências não abala tanto a escola comum, pois não toca no cerne e no motivo da sua urgente transformação que é a de considerar a aprendizagem e a construção do conhecimento acadêmico como uma conquista individual e intransferível do aprendiz, que não cabe em padrões e modelos idealizados de escolas que precisam se reorganizar para atender, indistintamente, a todos os alunos.

Essa necessidade de mudança já fez com que muitas escolas adaptassem ou modificassem seus currículos, atividades, avaliações e atendimentos, porém, idealizados de uma forma que atendessem somente alunos com deficiência intelectual, o que acabava sendo uma educação com foco especial ainda, não com foco inclusivo. Na concepção inclusiva,

a adaptação ao conteúdo escolar é realizada pelo próprio aluno que testemunha a sua emancipação intelectual. O próprio aluno regula sua aprendizagem, pois o mesmo assimila o novo conhecimento através das possibilidades de ajuste ao que já era conhecido por ele.

A avaliação dos alunos com deficiência intelectual visa ao conhecimento de seus avanços no entendimento dos conteúdos curriculares durante o ano letivo de trabalho, seja ele organizado por série ou ciclos, e isso vale para todos os alunos da sua turma, para que se respeite os princípios da inclusão escolar.

A educação especializada adaptativa/integrativa tradicional reforça a deficiência desses alunos, já possuindo um programa concreto idealizado para intervenção. Essa ideia de treino a partir do que é concreto é equivocada, pois o concreto não dá conta do que um objeto é em toda a sua extensão e dos significados que cada pessoa pode atribuir a esse objeto, em função de sua vivência e referências anteriores.

O Atendimento Educacional Especializado deve possibilitar aos alunos um tipo de ação que lhes possibilite selecionar e optar pelos meios que julguem mais convenientes para agir intelectualmente. Este atendimento deve privilegiar o desenvolvimento e a superação dos limites intelectuais desses alunos.

Diferentemente das crianças sem deficiência intelectual, que conseguem espontaneamente retirar informações do objeto e construir conceitos progressivamente, as crianças com deficiência intelectual precisam exercitar sua atividade cognitiva, de modo que consigam o mesmo, avanço ou uma aproximação, pois encontram inúmeras barreiras nas interações com o meio para assimilar as propriedades físicas do objeto de conhecimento, já que essas crianças apresentam prejuízos no funcionamento, na estruturação e na construção do conhecimento.

É necessário que se estimule o aluno com deficiência intelectual a avançar na sua compreensão, criando-lhe conflitos cognitivos e desafiando-o a enfrentá-los. Esse exercício intelectual implica em trabalhar a abstração, através da projeção das ações práticas em pensamento. Ambos são partes de um processo cognitivo que é natural nas

peessoas que não têm deficiência intelectual. Já para aqueles que têm essa passagem deve ser estimulada e provocada para que consigam interiorizar o conhecimento e fazer uso dele. É importante estar atento para as formas específicas de cada aluno se relacionar com o saber, mesmo que o ensino seja para grupos.

A prática escolar inclusiva provoca necessariamente a cooperação entre todos os alunos e o reconhecimento de que ensinar uma turma é, na verdade, trabalhar com um grande grupo e com todas as possibilidades de subdividi-lo. O maior engano do ser humano é pensar que a capacidade de aprendizagem através do meio é sempre mais baixa nas pessoas com deficiência intelectual, racionalizando o que deve ser ensinado dentro do que se supõe poder ser aprendido. O Atendimento Educacional Especializado propõe uma intervenção onde todos possam expressar-se de maneira particular construindo seu conhecimento e suas respostas para os problemas/estímulos oferecidos, mostrando, dentro de sua capacidade, seja ela pequena ou grande, o potencial de evolução existente em cada um deles. Cabe aos profissionais da educação oferecer a grande gama de oportunidades para que essas pessoas possam atuar nas diferentes maneiras que são possíveis a todos, com ou sem deficiência intelectual.

www.foxitsoftware.com

#### **14.3.4 - Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência física.**

O documento “Salas de Recursos Multifuncionais – Espaço do Atendimento Educacional Especializado” publicado pelo Ministério da Educação afirma que: *A deficiência física se refere ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema Osteoarticular, o Sistema Muscular e/ou o Sistema Nervoso. As doenças ou lesões que afetam quaisquer desses sistemas, isoladamente ou em conjunto, podem produzir grandes limitações físicas de grau e gravidades variáveis, segundo os segmentos corporais afetados e o tipo de lesão ocorrida (BRASIL, 2006, p. 28).*

Como a possibilidade de um professor encontrar diferentes diagnósticos é grande, torna-se importante a informação sobre quadros progressivos ou estáveis, alterações ou não da sensibilidade tátil, térmica ou dolorosa e ainda se existem outras complicações associadas como epilepsia ou problemas de saúde que requerem cuidados e medicações (respiratórios, cardiovasculares etc.). Essas informações auxiliarão o professor especializado a conduzir seu trabalho com o aluno e orientar o professor da classe comum sobre questões específicas de cuidados. Outro fator importante é que nem sempre a deficiência física aparece isolada, por isso é necessário o conhecimento de outras deficiências que podem estar associadas para poder, desta forma, realizar um atendimento melhor.

O Atendimento Educacional Especializado para pessoas com deficiência física pode fazer uso das diversas modalidades da Tecnologia Assistiva, visando à realização de tarefas acadêmicas além da adequação do espaço escolar através do uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa, que atende as necessidades dos educandos com dificuldades de fala e de escrita; da adequação dos materiais didático pedagógicos; do desenvolvimento de projetos em parceria com profissionais da arquitetura, engenharia, técnicos em edificações para promover a acessibilidade arquitetônica, pois mesmo não sendo responsabilidade dos professores especializados, são eles quem levantam as necessidades de acessibilidade arquitetônica do prédio escolar; da adequação de recursos da informática; do uso de mobiliário adequado que deve ser solicitado à Secretaria de Educação, bem como dos recursos de auxílio à mobilidade como cadeiras de rodas, andadores, entre outros, criando condições adequadas à locomoção, comunicação, conforto e segurança dos alunos.

Já os recursos humanos necessários ao Atendimento Educacional Especializado aos alunos com deficiência física são os professores especializados que devem ter a função, juntamente com a diretoria escolar, arquitetos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, entre outros, de prover a esses alunos os recursos necessários para o acesso ao conhecimento e ao ambiente escolar, preferencialmente de maneira independente. Se a independência do aluno em se locomover, se alimentar e utilizar aparelhos ou equipamentos médicos não for possível, faz-se

necessária a presença de um acompanhante no período em que este aluno frequenta a classe comum.

Com vontade de ver um país melhor e mais acessível e com a utilização desses recursos materiais e humanos, torna-se viável a inserção de alunos com deficiência física na rede regular de ensino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao falarmos de educação especial para crianças e adolescentes com deficiência, devemos pensar em possibilidades diferenciadas. Não podemos acreditar no êxito desta atividade se os profissionais que irão atuar com essa população não forem capazes de perceber os jovens que estão por trás das cadeiras de rodas, das bengalas, das muletas e dos aparelhos auditivos.

Embora as dificuldades de acessibilidade arquitetônica existam, e devam ser eliminadas, as barreiras impostas pela falta de informação e pelo preconceito conseguem ser ainda mais nocivas. De nada vão adiantar os instrumentos legais criados para garantir o acesso de todos os jovens ao lazer, educação, saúde e promoção social, se não tivermos profissionais aptos e seguros para lidar com esta realidade. Nenhuma política pública será frutífera se os profissionais responsáveis pela educação dos jovens não conseguirem enxergar naqueles com deficiência potenciais enormes a serem explorados.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

**BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil.** Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

- BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: UNESCO, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. ***Política Nacional de Educação Especial.*** Brasília: MEC/SEESP, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. ***Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.*** LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – adaptações curriculares.** Brasília: SEF/SEESP, 1998.
- BRASIL. ***Plano Nacional de Educação.*** Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. ***Lei Nº. 10.436,*** de 24 de abril de 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. ***Portaria Nº 2.678,*** de 24 de setembro de 2002. Disponível em: [ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes\\_2002/por2678\\_24092002.doc](ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes_2002/por2678_24092002.doc).
- GORGATTI, Márcia Greguol. COSTA, Roberto. **Atividade Física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.** São Paulo: Manole, 2008
- GREGUOL, Márcia. **Natação Adaptada: Em busca do movimento com autonomia.** São Paulo: Manole, 2010
- MANTOAN, M.T.E. **A hora e a vez da educação inclusiva.** *Educação e família* – Deficiências: a diversidade faz parte da vida. São Paulo, v.1, p.42-45, 2003.
- MAZZOTTA, M. J. S. ***Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas.*** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MEC/SEED/SEESP. ***Atendimento Educacional Especializado.*** Brasília, 2007. (World Wide Web, Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12625&Itemid=860](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12625&Itemid=860)).

**MEC/SEESP. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2007.

**MOUSSATCHÉ, A.H. Diversidade e processo de integração.** In: Mantoan, M.T.E. (et col.). *A integração de pessoas com deficiência; contribuições para uma reflexão sobre o tema* (pp.10-12). São Paulo: Memnon: Editora SENAC, 1997.

**ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência,** 2006.

**foxit**

**www.foxitsoftware.com**

## Aspectos Legais

O Autor e a Editora acreditam que todas as informações aqui apresentadas estão corretas e podem ser utilizadas para qualquer fim legal. No entanto, não existe qualquer garantia, seja implícita ou explícita, de que o uso de tais informações conduzirá ao resultado desejado. Os nomes de *sites*, empresas e marcas porventuras mencionados foram utilizados apenas para ilustrar os exemplos, não tendo nenhum vínculo com o livro, não garantindo a sua existência, nem divulgação.

**TODOS OS NOMES REGISTRADOS, MARCAS REGISTRADAS OU DIREITOS DE USO CITADOS NESTE LIVRO PERTENCEM AOS SEUS RESPECTIVOS PROPRIETÁRIOS.**

The image shows a large, semi-transparent watermark logo for Foxit software. The word "Foxit" is written in a bold, sans-serif font. The letter 'F' is particularly large and stylized, with a circular element inside it. The 'o' is a simple circle, and the 'x' is formed by two intersecting diagonal lines. The 'i' has a small square dot above it, and the 't' is a simple vertical bar with a horizontal crossbar.

[www.foxitsoftware.com](http://www.foxitsoftware.com)

# Como obter educação através do ensino?

*É do saber de todos que a Educação é fundamental na formação de crianças, jovens e adultos, principalmente para o quesito cidadania!*

*No livro "Como Obter Educação Através do Ensino? – Volume I", inúmeros foram os esforços para levar ao leitor todas as situações necessárias para obtenção da educação no cotidiano social e educacional, através de inúmeros temas.*

*São eles relacionados à Educação Especial, Educação e Psicologia, Educação e Infância, Processo Cultural, Violência, Família, Adolescência, Ensino Superior e Leitura.*

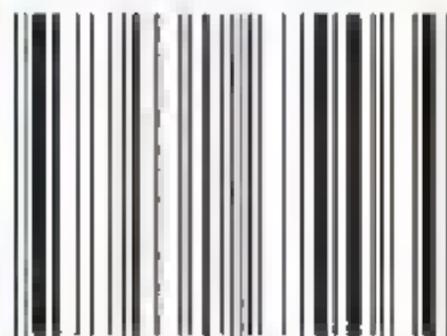
*Esses temas são considerados aplicáveis e plausíveis a todos que, direta e indiretamente, expressam seus ideais à sociedade, de maneira educacional ou cidadã, dizendo realmente o que consideram a respeito do ensino e da maneira pela qual é aplicada em nosso país.*

*Por meio destes aspectos a Sociedade deve compreender a importância da Educação, para que obtenhamos cidadãos justos, críticos e conscientes de suas atitudes no dia-a-dia.*



**FAROL  
DO FORTE**

ISBN 978-85-61679-06-4



9 788561 679064